

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Ronaldo de Oliveira Rodrigues

TV aberta no Marajó: usos e apropriações pelos moradores da
comunidade São Pedro em Breves-Pará-Amazônia

BELÉM- PARÁ
2012

Ronaldo de Oliveira Rodrigues

TV aberta no Marajó: usos e apropriações pelos moradores da
comunidade São Pedro em Breves-Pará-Amazônia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará,
como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Comunicação. Área de Concentração: Comunicação. Linha de
Pesquisa: Estratégias de Comunicação Midiática na Amazônia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Ataíde Malcher

BELÉM-PARÁ
2012

O46a RODRIGUES, Ronaldo de Oliveira

TV aberta no Marajó: usos e apropriações pelos moradores da comunidade São Pedro em Breves-Pará-Amazônia / Ronaldo de Oliveira Rodrigues. Belém: UFPA, 2012.

216f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

1. Processos comunicacionais 2. Meios de Comunicação
3. Amazônia. 4. TV aberta 5. Marajó

I. Título.

C.D.D. 302.2

Ronaldo de Oliveira Rodrigues



TV aberta no Marajó: usos e apropriações pelos moradores da comunidade São Pedro em Breves-Pará-Amazônia

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Mestrado em Ciências da Comunicação, para o Exame de Dissertação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Maria Ataíde Malcher

RESULTADO: (X) APROVADO () REPROVADO

Data: 25 de junho de 2012

Prof.^a Dr.^a Maria Ataíde Malcher – ILC-UFPA (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Netília Silva dos Anjos Seixas – ILC-UFPA (Membro Interno)

Prof.^a Dr.^a Jane Aparecida Marques – EACH - USP (Membro Externo)

À Professora e excepcional mulher,
Prof^a. Dr^a. Maria Ataíde Malcher,

Por ter me apresentado, sob outro ângulo,
o mundo do conhecimento.
Aquele em que a construção se dá a cada
instante e que a humildade de reconhecer
nossas limitações é o primeiro passo para
nos lançarmos ao que nos falta alcançar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, pelas bênçãos concedidas e por sua presença comigo em todos os momentos de minha vida.

Agradeço a todos os meus familiares, que sempre estiveram me estimulando nessa intensa jornada.

À Professora Doutora Maria Ataíde Malcher, que com seu rigor acadêmico e doçura humana, fez dos momentos de orientação, e do mestrado como um todo, encontros de provocação e estímulo pela busca incessante de novos saberes. Pela sua disposição em estudar, pesquisar e construir conhecimento. Com ela, aprendi o sentido da pesquisa acadêmica. São ensinamentos que levarei para toda a minha vida.

Aos Professores do Mestrado, e em especial à professora Netília Seixas que em cada aula conduziu a uma descoberta significativa no campo da pesquisa em comunicação.

Às Professoras Jane Marques e Netília Seixas, que participaram da banca de qualificação e trouxeram valiosas contribuições a este trabalho.

Aos colegas de trabalho da Universidade Federal do Pará – Campus de Breves, Faculdade de Educação e Ciências Humanas. Em especial ao colega, Professor Ms. Leonildo Guedes, pela força e pela companhia em muitas viagens de Breves-Belém-Breves e Prof. Carlos Élvio pelo apoio.

Aos alunos bolsistas e voluntários do Projeto de Extensão O Potencial Educativo da Internet: da rede para as salas de aula, coordenado por mim no Campus Universitário do Marajó-Breves. Obrigado por compreenderem minha ausência e levarem adiante a proposta do projeto. Em especial, agradeço a Michell Baia, meu ex-aluno e hoje grande amigo, que conduziu as atividades quando não pude estar presente.

Aos meus pais – Amadeu Rodrigues e Maria Rodeneia de Oliveira – que há cerca de três décadas, ainda antes de eu nascer, saíram da zona rural de Breves para estabelecer moradia na zona urbana, tendo como única razão, para isso, dar a oportunidade de estudar a todos os seus filhos. De uma família com mais onze irmãos – Rosinéia, Rozinha, Rosiete, Renize, Rosidalva, Rosiane, Rosinaldo, Risaldo, *Rafael*, *Anderson+*, Aldair – sou o primeiro a concluir um curso de Mestrado. Obrigado papai, mamãe e a todos os meus irmãos e irmãs!

Aos moradores da comunidade São Pedro. Pela confiança, colaboração com esta pesquisa e pelo bom tratamento que tive durante minha estada na comunidade. Muito obrigado!

[...] A TV, com suas múltiplas faces, não é um fenômeno que permite análises fáceis e definitivas. Como lembra Dahlgren, a televisão assemelha-se a um prisma do qual vemos e entendemos alguns lados, mas não são todos ao mesmo tempo (LEAL FILHO, 2006, p. 15-16).

RESUMO

O foco desta pesquisa foi investigar o papel dos meios massivos e suas produções nos processos comunicacionais, a partir da análise dos usos e apropriações dos conteúdos da TV aberta pelos moradores da comunidade São Pedro, em Breves-Marajó-Pará. A partir de estudo de recepção realizado durante três meses, além de visitas anteriores à data oficial das atividades em campo, foi constituído o *corpus* de análise, que reúne um conjunto de depoimentos dos moradores da comunidade, em que o registro foi feito ora explorando as “deixas simbólicas” a partir da técnica da observação etnográfica da comunicação, ora considerando técnicas como história oral ou grupo focal. Elegeram-se três grupos – crianças, adolescentes e adultos – para que se pudesse comparar e problematizar os resultados da pesquisa no que se refere aos usos e apropriações dos conteúdos dos programas televisivos. Identificou-se que a televisão assume importância religiosa em uma comunidade tradicional católica, mesmo considerando a forte presença de outras mediações. Além disso, os gêneros e formatos televisivos configuram, de forma determinante, os processos comunicacionais de cada grupo investigado. Verificou-se ainda que a telenovela é a programação que atua como elemento comunicacional aglutinador da família, dinamizando não somente o cotidiano dos moradores, mas, incidindo na recepção de outros produtos midiáticos, indicando questões significativas para compreensão do papel dos meios massivos nos processos de comunicação na Amazônia.

Palavras-chave: TV aberta. História da Mídia. Usos e apropriações. Processo comunicacional. Recepção. Telenovela. Programação de TV. Amazônia.

ABSTRACT

The focus of this research was to investigate the role of mass media and their production in communication processes from the analysis of the uses and appropriations of the content of network TV by residents of the São Pedro community (Breves-Marajó-Pará). From reception study carried out for three months, and previous visits to the official date of field activities, was formed the corpus, which includes a set of statements of community residents, in which the record was made either by exploiting "the cues symbolic" from the technique of ethnographic observation of communication, now considering techniques such as oral history or focus group. Elected to three groups - children, adolescents and adults - so that one could compare and discuss the research results regard to the uses and appropriations of the content of television programs. Identified that television takes on religious significance in a traditional catholic community, even considering the strong presence of other mediations. Furthermore, television formats and genres shape, decisively, the communication processes of each group investigated. It was also found that the telenovela is the programming that acts as an element of communication integrating family streamlining the daily lives of residents and focusing, including, the reception of other media products, indicating significant aspects for understanding the role of mass media in the communication processes in the Amazonia.

Keywords: Broadcast Television. History of Media. Uses and appropriations. Communication Process. Reception. Telenovela. Television programming. Amazonia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráficos, imagens e quadros

Gráfico 1: Telecomunicações no Estado do Pará (1996 – 2005)	46
Gráfico 2: Telefonia no Estado do Pará (1999 – 2006)	46
Gráfico 3: Evolução da quantidade de habitantes no município de Breves – PA	74
Gráfico 4: Densidade Demográfica no município de Breves – PA	75
Gráfico 5: Distribuição da população por zona (rural e urbana) em Breves	75
Imagem 1: Regiões de Integração do Pará	58
Imagem 2: Mesorregião do Marajó (IBGE)	60
Imagem 3: Mapa da Mesorregião do Marajó – Pará. Destaque: Breves	64
Imagem 4: Frente de Breves (Ano 2004)	66
Imagem 5: Frente de Breves (Ano 2012)	66
Imagem 6: Frente de Gurupá (Ano 2010)	67
Imagem 7: Casa localizada na PA 159 (1) – acesso à comunidade São Pedro	92
Imagem 8: Casa localizada na PA 159 (2) – acesso à comunidade São Pedro	93
Imagem 9: Casa localizada no Rio Jujuteua – acesso à comunidade São Pedro	93
Imagem 10: Prédio da TV Breves (2011)	104
Imagem 11: Prédio da TV RBA Breves (2011)	107
Imagem 12: Funcionário exibindo equipamento	107
Imagem 13: Equipe da TV RBA Breves (2011)	107
Imagem 14: Visão lateral da Igreja N. S. do P. Socorro	109
Imagem 15: Estúdio da TV Nazaré Breves	109
Imagem 16: Equipe de voluntários da TV Nazaré (2011)	109
Imagem 17: Prédio da TV Record Breves (2012)	110
Imagem 18: Capela da comunidade São Pedro	116
Imagem 19: Algumas casas da comunidade São Pedro	116
Imagem 20: Casas com novas estruturas na Comunidade São Pedro	117
Imagem 21: Visão lateral Escola São Pedro, Breves – PA	120
Imagem 22: Posto de Saúde da comunidade São Pedro	121
Imagem 23: Professor e alunos em atividade na Sala de Informática em São Pedro	121
Imagem 24: Crianças assistindo à TV em uma casa na comunidade São	

Pedro (1)	128
Imagem 25: Crianças assistindo à TV em uma casa na comunidade São Pedro (2)	153
Imagem 26: TV em uma casa na Comunidade São Pedro (1)	153
Imagem 27: Pessoas assistindo à TV em uma casa na Comunidade São Pedro	154
Imagem 28: TV em uma casa na comunidade São Pedro (2)	154
Imagem 29: Moradores assistindo ao desenho animado "Pica-Pau"	157
Imagem 30 - Crianças na janela da casa (também assistindo ao "pica-pau")	159
Imagem 31: Pai e Filho vendo TV	164
Imagem 32: Morador assistindo à TV de fora da sua casa (1)	164
Imagem 33: Crianças assistindo à TV (3)	165
Imagem 34: Morador assistindo à TV de fora da sua casa (2)	165
Quadro 1: Meios de comunicação no Estado do Pará – Capital	51
Quadro 2: Meios de comunicação em algumas cidades localizadas a até 200 km de distância de Belém	52
Quadro 3: Meios de comunicação em alguns municípios do interior do Estado do Pará	55
Quadro 4: Média do IDH nas regiões de integração do Pará	59
Quadro 5: Distâncias de Belém para os Municípios da Região Marajoara	62
Quadro 6: Número de Habitantes no Marajó	63
Quadro 7: Meios de comunicação de massa no Marajó das Florestas	70
Quadro 8: Meios de comunicação no Marajó dos Campos – Pará	84
Quadro 9: Chegada da TV nos municípios marajoaras	99
Quadro 10: Disponibilidade de emissoras nos municípios marajoaras	102
Quadro 11: Algumas fases do desenvolvimento humano	114
Quadro 12: Programas mais assistidos pelas crianças da Comunidade São Pedro	128
Quadro 13: Programas mais assistidos pelos adolescentes da Comunidade São Pedro	147
Quadro 14: Programas mais assistidos pelos adultos da Comunidade São Pedro	150

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Domicílios Particulares Permanentes e o Uso dos Serviços de Telefonia no Pará	48
Tabela 2: Distribuição de Linhas de Acesso Móvel no Pará (por operadora)	48
Tabela 3: Alguns Bens Duráveis Existentes no Pará – Domicílios Particulares Permanentes	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 TRILHAS METODOLÓGICAS: SITUANDO O OBJETO	17
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO	23
1.2 OBJETIVOS	27
1.2.1 Geral	28
1.2.2 Específicos	28
1.3 A ORIGEM DA PESQUISA	29
1.4 (DES) CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS	32
1.5 REFERENCIAL TEÓRICO	40
2 MIRADA SOBRE O CENÁRIO MIDIÁTICO DO PARÁ	45
2.1 CAPITAL	51
2.2 CIDADES SITUADAS ATÉ 200 KM DE DISTÂNCIA DE BELÉM	53
2.3 INTERIOR	55
2.3.1 Meios de Comunicação Massivos na Região do Marajó	57
2.3.1.1 Meios de Comunicação no Marajó das Florestas	70
2.3.1.2 Meios de Comunicação no Marajó dos Campos	83
2.4 PONTUAÇÕES SOBRE OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO MASSIVA NO MARAJÓ	91
3 TELEVISÃO ABERTA NO MARAJÓ	96
3.1 A CHEGADA DOS APARELHOS DE TELEVISÃO NO MARAJÓ	97
3.2 TVs LOCAIS NO MARAJÓ	104
3.3 TELEVISÃO NA COMUNIDADE SÃO PEDRO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	114
3.3.1 O lócus da pesquisa	117
3.3.2 A presença da TV no cotidiano dos moradores	123
3.3.3 A TV prejudica a vista, mas informa sobre o mundo	128
3.3.4 TV e consumo na comunidade	146
3.3.5 TV e Religião: a força dessas mediações na comunidade	150
3.3.6 Hehehehe! É hora do pica-pau!	157
4 PROGRAMAÇÃO LÍDER DE AUDIÊNCIA NA COMUNIDADE: A TELENOVELA	162
4.1 A “INTROSPECÇÃO” A PARTIR DA TELENOVELA	168
4.2 A TELENOVELA FOMENTADORA DE USOS E APROPRIAÇÕES	176
4.2.1 Cenário de observação: casa 1	177
4.2.2 Cenário de observação: casa 2	181
4.2.3 Cenário de observação: casa 3	186
4.2.4 Cenário de observação: casa 4	190
4.2.5 Cenário de observação: casa 5	194
4.3 O PAPEL DA TELENOVELA NA COMUNIDADE	196
CONCLUSÕES	199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS	207

INTRODUÇÃO

Considerando que as aulas no âmbito universitário são momentos instigadores a novas reflexões e estímulo à pesquisa, pode-se dizer que é nesse espaço que se encontra a gênese do estudo aqui realizado.

Em dezembro de 2008, no exercício¹ da disciplina Tecnologias e Mídias Educacionais para uma turma de Pedagogia da Faculdade Montenegro, o desabafo de um grupo de alunas, oriundas da zona rural, sobre a questão da televisão em espaços rurais, fomentou a curiosidade deste pesquisador em relação ao tema.

Em julho de 2009, no exercício da disciplina Tecnologias, Informática e Educação para alunos de Pedagogia do Campus Universitário do Marajó-Breves, uma das propostas lançadas, a ser desenvolvida como atividade na disciplina, foi justamente a de pesquisar os impactos dos meios de comunicação em uma comunidade da zona rural. A comunidade escolhida foi São Pedro, que além de pertencer ao município de Breves apresenta relativa proximidade com a sede municipal, em detrimento de outras comunidades que integram o município.

Os resultados do estudo feito pelos alunos surpreenderam este pesquisador. A concepção dos moradores sobre a televisão, considerando esta um objeto de banalização da religiosidade e responsável pela falta de momentos de maior integração entre eles próprios foi o ponto de partida para a sistematização de um anteprojeto de pesquisa apresentado ao processo seletivo do Programa Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), no ano de 2010.

Este pesquisador determinou-se então a organizar os dados e conhecer ainda mais a comunidade, já que possui alguns familiares que moram próximo ao *locus* da pesquisa e, por isso, já tinha um conhecimento (ainda que superficial) sobre a referida comunidade.

Nesse sentido, pode-se afirmar que três fatores, preponderantemente, foram determinantes para o interesse em relação ao presente objeto de investigação. O primeiro está relacionado à vida deste pesquisador, ou seja, o contato com o meio

¹ Este pesquisador é professor efetivo do corpo docente da Faculdade de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Marajó-Breves, sendo responsável por disciplinas que envolvem discussões sobre Tecnologia, tais como Tecnologias, Informática e Educação; Comunicação Docente e Diversidade Interlocutora; O computador como recurso didático; Mídias na educação. Algumas vezes também ministra disciplinas em outras faculdades.

rural: seja pelo fato de conhecer espaços com essas características, seja pelo fato de ter familiares que possuem residência nesses locais e, portanto, serem evidentes, para este pesquisador, as transformações causadas pela inserção da TV no cotidiano local, principalmente no que diz respeito ao tempo, ao espaço e aos hábitos das pessoas.

Em segundo lugar, sem obedecer a ordem ou grau de importância, está a experiência profissional deste pesquisador no exercício da docência. Faz parte do cotidiano profissional o trabalho com disciplinas que envolvem a relação entre tecnologias, informática e educação. Nesse exercício, é natural que haja a busca pelas discussões e estudos interligados à área da Comunicação (impactos do uso e dos meios e, ainda, um olhar crítico-reflexivo sobre eles).

Aliado a esses fatores está o terceiro fator determinante, que é a necessidade de compor um estudo com foco na discussão e análise dos fenômenos comunicacionais na região marajoara, pois não há como compreender a dinâmica dos processos comunicativos nesta região se estudos não forem realizados voltados para essa realidade.

O desejo inicial era literalmente acusar e “condenar” a TV (mesmo sabendo que o espaço acadêmico está abarrotado de estudos dessa natureza), ideia que se manteve até a conclusão do primeiro semestre do mestrado. Nesse momento, teve início uma pesquisa de campo mais profunda e, com auxílio das leituras bibliográficas, e de mundo, começaram a surgir os fios explicativos da temática investigada, os achados que alteraram significativamente a concepção previamente estabelecida sobre o papel dos meios massivos e suas produções no processo comunicacional daquela comunidade.

Compreendendo o município de Breves como parte do cenário que compõe a realidade amazônica e com o objetivo de realizar um estudo mais completo possível, houve necessidade de pesquisar e construir um mapa sobre as características do cenário midiático paraense, e, mais especificamente, do cenário marajoara, pois seria impossível compreender a dinâmica existente na comunidade sem entender os aspectos que a rodeiam.

A investigação sobre usos e apropriações dos moradores de São Pedro em relação aos programas televisivos foi o caminho encontrado para compreender a dinâmica comunicacional existente no que diz respeito ao hábito de assistir à televisão por moradores da zona rural.

A comunidade São Pedro é formada por cerca de 40 famílias e possui aproximadamente 160 moradores. Desse total, 30 famílias (pouco mais de 100 pessoas) moram no terreno da vila e as demais moram nas proximidades, cujo acesso se dá por meio de canoas ou barco de pequeno porte. Há casas pertencentes a membros da comunidade localizadas em seu entorno (acerca de cinco minutos do terreno base) e outras que chegam a ficar a até trinta minutos de distância.

Vale lembrar que oficialmente a população é contabilizada em função da comunidade religiosa cadastrada junto à Paróquia de Breves. Como são 30 as famílias cadastradas por esta (justamente o total que mora no terreno base), foi com esse universo que se trabalhou para a obtenção dos dados gerais sobre o cenário midiático do *locus* investigado.

No decorrer do trabalho, delimitou-se a pesquisa para 15 famílias (cujas informações constam no terceiro capítulo deste trabalho), tendo sido acompanhados um membro de cada uma delas, totalizando cinco crianças, cinco adolescentes e cinco adultos.

Em seguida (conforme constam informações no quarto capítulo) delimitou-se o campo de observação mais específica para cinco famílias, pois a verificação do processo da forma mais acurada possível demandou a necessidade de delimitar o universo para o aprofundamento na análise da recepção das mensagens e a relação existente entre os moradores e o produto midiático televisivo.

Destaca-se que as dificuldades em fazer análises contextualizadas sobre as mídias são imensas, pois no campo em que elas se inserem não basta apenas quantificar (a não ser para o campo da produção - mas até este não se preocupa só com quantidade), mas, acima de tudo, qualificar, pois as estatísticas contabilizam apenas *aquilo que é usado*, e não as *maneiras* de utilizá-lo, ou seja deve-se ir em busca da atividade do *fazer com* (CERTEAU, 2011). Por sua vez, as análises do *fazer com* demandam tempo, dedicação e uma capacidade de percepção incomum, principalmente a pesquisadores iniciantes. Análises dessa natureza demandam a investigação das práticas cotidianas de determinado grupo ou comunidade e, à medida que se avança na pesquisa, novas dificuldades podem vir a surgir. Complexidades que desafiaram este pesquisador iniciante.

Especificamente sobre a TV, é necessário considerar que desde seu surgimento ela tem enfrentado polêmicas. Até os dias atuais, elas continuam a gerar

debates. Há os que acreditam na naturalização desse objeto social e na sua utilidade; e os que o demonizam, considerando-o única e exclusivamente como agente do fortalecimento e de expansão de conteúdos mercantis (LOPES, L., 2005). Considerando esse panorama, é possível afirmar o quanto é necessário buscar a compreensão sobre esse meio de comunicação massiva.

É importante esclarecer que, com o objetivo de garantir a autoria dos depoimentos e, concomitantemente, resguardar a identidade dos seus enunciantes, decidiu-se adotar o seguinte critério para a exposição das falas (seguindo a sequência): iniciais dos nomes - idade - sexo; ou seja, as fontes serão expostas como no exemplo: ABC, 13-M. Acrescenta-se que os poucos casos em que consta o nome do colaborador da pesquisa, foi uma opção dada pelo próprio entrevistado a este pesquisador.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos, assim organizados: no capítulo 1, denominado **Trilhas metodológicas: situando o objeto**, faz-se a apresentação da construção da pesquisa, considerando a problematização, os objetivos, bem como o percurso metodológico e as indicações do referencial teórico que embasou todo o trabalho realizado.

No capítulo 2, intitulado **Mirada sobre o cenário midiático do Pará**, o objetivo foi propor uma discussão sobre a disposição do cenário midiático paraense, bem como verificar as relações existentes entre esse cenário e o da Amazônia, mais especificamente o da Ilha de Marajó. Fundamental, neste capítulo, foi a análise efetuada sobre o cenário midiático marajoara, que permitiu compreensão significativa para entender a realidade da comunidade pesquisada, tanto em relação aos meios de comunicação como em seus aspectos culturais, sociais e econômicos.

No capítulo 3, denominado **Televisão na Comunidade São Pedro: primeiras aproximações**, a intenção foi trazer as primeiras informações e análises específicas da pesquisa realizada na comunidade, pois era impossível verificar o processo de recepção dos conteúdos televisivos sem valorizar a questão histórica, cultural, religiosa, econômica, o sistema educacional, bem como a própria presença da televisão na vida dos moradores.

No capítulo 4, intitulado **Programação líder de audiência na comunidade: a telenovela**, o objetivo foi analisar o processo de recepção dos conteúdos da telenovela, a partir do acompanhamento específico de cinco das quinze famílias colaboradoras para a realização do trabalho. Vale lembrar que a construção deste

capítulo somente foi pensada a partir da etapa final da pesquisa de campo, quando se chegou à conclusão de que, pelo fato de a telenovela ser o produto de maior assistência percebido durante as observações *in loco*, seria impossível falar do processo de recepção na comunidade sem mencionar a relação dos moradores com esse gênero de programa televisivo.

Por fim, as considerações finais apresentam os principais resultados de toda a pesquisa realizada, apontando as reflexões possíveis e estabelecendo as relações percebidas durante o desenvolvimento do trabalho. Destaca-se que nesta parte não se poderia explorar os resultados sobre o processo de usos e apropriações da programação televisiva sem trazer considerações sobre a realidade do cenário midiático marajoara diante do contexto paraense, bem como o contexto da comunidade São Pedro diante da realidade brevense.

1 TRILHAS METODOLÓGICAS: SITUANDO O OBJETO

É difícil para o ser humano que vive na sociedade contemporânea manter distanciamento em relação à mídia eletrônica. Os produtos midiáticos estão presentes de maneira incalculável e diversa no cotidiano das pessoas. Nessa realidade a televisão se destaca.

A presença da TV nos lares brasileiros é um fato². Além de ser um fenômeno já consolidado, leva-se em conta que diante do processo de mudança do sistema de TV analógica para TV Digital, muito se tem discutido sobre seus usos, potencialidades, conteúdos e formatos, o que tem gerado novas ideias, debates, alertas, dúvidas e expectativas tanto no campo acadêmico, como nos campos social, político e econômico.

A inegável presença da televisão na Amazônia, independentemente de classe social ou de localidade, apresenta-se como um rico fenômeno comunicacional a ser estudado. Considerando a dinâmica provocada por esse fenômeno na região, torna-se bastante pertinente analisar o processo de recepção³ dos conteúdos televisivos.

Dadas as imensas proporções e especificidades da região amazônica, o estudo foi delimitado a uma comunidade rural da ilha de Marajó⁴, o que torna a análise distinta, já que se trata de uma comunidade tradicional⁵, analisada no marco da transição do padrão televisivo nacional do analógico para o digital.

Com a intenção de entender os fios explicativos relacionados à assistência da televisão no cenário amazônico e de saber quais usos e apropriações os moradores da comunidade fazem em relação à programação, foi preciso se aproximar o máximo possível de seu cotidiano, uma vez que é difícil entender os processos comunicacionais se o foco da análise não levar em conta o processo de recepção.

² De acordo com dados do IBGE, 24,1% dos domicílios brasileiros possuíam TV no ano de 1970. Este número cresceu para 56,1% em 1980; saltou para 87% no ano de 2000 e, de acordo com o Censo de 2010, atualmente 95% dos domicílios no país dispõem de aparelhos de televisão.

³ O conceito de recepção será aprofundado no referencial teórico (item 1.5 deste capítulo).

⁴ O nome tem origem indígena e vem da palavra "imbara-yo" que significa "barreira do mar". Porém, sua denominação foi estabelecida e generalizada pelo Governo Português no período colonial, quando do extermínio das populações indígenas (CRISTO et al., 2005, p.114). O segundo capítulo deste trabalho traz uma contextualização sobre o Arquipélago do Marajó.

⁵ O Decreto nº 6.040 de 07 de fevereiro de 2007 (BRASIL), que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), dispõe em seu Artigo 3º, Inciso I, que "são considerados Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição."

Nesse sentido foi necessário ao pesquisador aproximar-se de modo significativo do cotidiano dos espectadores, pois a recepção se dá no espaço e no tempo do dia a dia, na rotina, facilitando assim a investigação, permitindo maior visibilidade do foco receptivo.

Partindo da ideia de que uma das questões mais importantes para a compreensão do papel dos meios massivos no processo comunicacional contemporâneo são seus usos e apropriações – e não objetivamente os meios em si –, é preciso esclarecer que esses conceitos terão como principal referência Chartier (2001) e Certeau (2011). Além deles, Martín-Barbero (2004) e Jacks (1999) também trazem significativas contribuições.

Chartier, ao escrever sobre apropriação, menciona dois sentidos para o termo:

apropriar-se é estabelecer a propriedade sobre algo; e, desta maneira, o conceito de apropriação foi utilizado por Michel Foucault para descrever todos os dispositivos que tentam controlar a difusão e a circulação dos discursos, estabelecendo a propriedade de alguns sobre o discurso por meio de suas formas materiais. **E existe a apropriação no sentido da hermenêutica, que consiste no que os indivíduos fazem com o que recebem, e que é uma forma de invenção, de criação e de produção desde o momento em que se apoderam dos textos ou dos objetos recebidos.** Desta maneira, o conceito de apropriação pode misturar o controle e a invenção, pode articular a imposição de um sentido e a produção de novos sentidos (CHARTIER, 2001, p. 67, grifo nosso).

Para o trabalho aqui realizado, a dimensão hermenêutica é mais apropriada por ser a dimensão da invenção, ou da reinvenção, da produção de novos sentidos pelos receptores ao se apoderarem das mensagens recebidas. Já o conceito de uso, implícito na definição de Chartier, embora plausível de utilização para o que se quer estudar nesta pesquisa, está pautado entre o controle e a invenção.

Em relação a essa diferença, o controle está associado ao campo da produção; e a invenção, ao campo da recepção, portanto, quando se fala em uso, fala-se da leitura sobre a mensagem. Referindo-se à apropriação, busca-se a dimensão daquilo que o receptor faz – no sentido da resignificação – com a mensagem que recebe.

Martín-Barbero (2004) contribui para a compreensão do conceito de apropriação quando afirma que

A apropriação [...] se define pelo direito e capacidade de fazer nossos os modelos e as teorias, venham de onde venham, geográfica e ideologicamente. Isso implica não só a tarefa de ligar, mas também a mais arriscada e fecunda de redesenhar os modelos, para que caibam nossas diferentes realidades, com a conseqüente e inapelável necessidade de fazer leituras oblíquas desses modelos, leituras “fora de lugar”, a partir de um lugar diferente daquele no qual foram escritos (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 18-19).

Não distante dessa discussão, Jacks (1999) cita a “comunidade de apropriação” referindo-se aos vários grupos dos quais as pessoas participam para que o sentido da apropriação ganhe significado próprio, a partir das interferências das diferentes mediações cotidianas.

Por comunidade de apropriação se entende os diferentes âmbitos de significação através dos quais a mensagem televisiva transita dentro de uma mesma audiência, até que ganhe uma interpretação final, mas supostamente não definitiva. Isto é, o receptor leva a mensagem às diferentes comunidades a que pertence, nas quais esta vai ganhando ou perdendo sentido, gerando produção de novos significados ou a reprodução dos significados propostos. Em geral, a apropriação primária se dá no grupo familiar, cujas características serão definidoras da mediação (JACKS, 1999, p. 58).

Ao mencionar uso não se tende para o campo da produção, muito menos para o da recepção, pois o uso permeia e é permeado pelos dois e, ao mesmo tempo em que está entre os dois campos, não está para nenhum deles, o que significa dizer que o uso não é sinônimo de apropriação e tampouco pode ser concebido como elemento neutro, pois nele está a origem da dinâmica e relação estabelecida com o meio.

O que Certeau chama de usos está associado àquilo que gera as ações necessárias para que o ato de “apropriar-se” tenha sentido.

Essas operações de emprego [...] se multiplicam com a extensão dos fenômenos de aculturação, ou seja, com os deslocamentos que substituem maneiras ou “métodos” de transitar pela identificação com o lugar. Isso não impede que correspondam a uma arte muito antiga de “fazer com”. **Gosto de dar-lhes o nome de usos** (CERTEAU, 2011, p. 87, grifo nosso)

A partir do uso é que se tem a leitura sobre a cena, o texto ou a música. É em razão dessa leitura que se tem – ou não – determinada compreensão do conteúdo exibido. Ao ocorrer o deslocamento do significado do conteúdo exibido, tornando-o

concreto na vida cotidiana, tem-se a consequência do “fazer com”, que é a apropriação.

Como exemplos do processo de usos, ao qual se refere este trabalho, citam-se depoimentos como “– A novela ajuda a gente a ter mais ideias sobre como fazer muitas coisas” (PSJ, 17-F); “– O melhor da novela é que a gente tem oportunidade de conhecer vários locais do mundo, várias culturas e até dicas de como se comportar no nosso dia a dia” (ML, 39-F). Esses depoimentos representam exemplos de usos porque, embora exista uma leitura, mesmo que significativa, sobre o produto midiático, não há o deslocamento ou resignificação do conteúdo exibido que indiquem uma nova ação cotidiana do receptor.

Sobre apropriação, pode-se citar o exemplo da realização de uma brincadeira em que alguns meninos, ao correr ou ficarem estáticos, mencionavam frases como “– Estou em modo vermelho”, “– Agora eu estou cinza”, “– Estou branco”. Na verdade eles estavam brincando do que eles chamam de “pira-pega e ajuda”⁶, mas quando se procurou saber o que significavam as cores, constatou-se que elas são analogias feitas às cores do relógio do Bem, personagem principal do desenho animado *Ben 10*⁷. No desenho animado tais expressões indicam, respectivamente, a necessidade de um tempo para carregar, que se está em modo desativado ou transformado.

Essas incorporações à brincadeira alteram sensivelmente sua realização, pois tradicionalmente nela não se permite que os jogadores descansem, caso do “modo vermelho”; o que caracteriza a determinação de novas regras a partir da incorporação de elementos reconfigurados do desenho animado.

Um exemplo de uso e apropriação, considerando a existência de ambos os processos no mesmo depoimento, está na fala de AGFR (15-F):

Acho legal as novelas porque também elas mostram como é que muitas pessoas são de verdade. Essas coisas ruim, assim né [...] Muita gente maldosa, invejosa, egoísta. Ao mesmo tempo que a gente sabe que isso é ilusão, também é uma coisa que muitos adultos são na vida real e é bom a gente pensar pra quando ficar adulto, não ser assim igual a eles.

⁶ Brincadeira em que uma criança é responsável por alcançar as demais participantes, em fuga. À medida que as crianças são alcançadas, elas devem ajudar a alcançar as outras. A última a ser pega é a vencedora.

⁷ Desenho animado veiculado no Programa matinal Bom Dia & Cia, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

Nesse caso, a primeira parte do depoimento da adolescente permite compreender qual a leitura que ela faz sobre a telenovela, o que representa o “uso”. Ao deslocar o sentido da cena para a sua vida cotidiana, quando diz que não quer ser igual às pessoas – ou seja, personagens – de mau caráter da telenovela, a adolescente desloca o conteúdo exibido e torna-o referência para sua vida cotidiana, o que indica uma possível “apropriação” da mensagem.

Portanto, a partir dos exemplos citados, pode-se afirmar que tanto o uso quanto a apropriação podem ocorrer em momentos distintos, considerando um espaço de tempo maior, ou podem acontecer concomitantemente ao produto exibido ou ainda pouco tempo após a exibição do conteúdo – um processo bem mais complexo de ser verificado. Ou seja, o processo de recepção, que não pode ser analisado sob o prisma da linearidade, depende de diversas variáveis que são diferenciadas para cada pessoa, cada grupo, cada local.

Por exemplo, a apropriação que um adolescente faz dos conteúdos massivos pode passar por diversos grupos a que pertence, como os adolescentes da vizinhança, os colegas de escola, a turma do clube, resultando em confirmação de sua primeira apropriação ou em re-apropriações sugeridas pelos diferentes grupos (JACKS, 1999, p. 58).

Acresce que mesmo em uma família, em que todos os seus membros estão diante da TV, assistindo juntos à mesma programação, cada um poderá se apropriar da mensagem de maneira diferente.

É interessante considerar que somente se terá compreensão sobre tais usos ou apropriações a partir de estudos de cunho qualitativo. Em relação à ausência desse tipo de análise nas pesquisas realizadas, Certeau faz uma consistente crítica.

Dessa água regulada em princípio pelas redes institucionais que de fato ela vai aos poucos erodindo e deslocando, **as estatísticas não conhecem quase nada**. Não se trata, com efeito, de um líquido, circulando nos dispositivos do sólido, mas de movimentos diferentes, utilizando os elementos do terreno. Ora, **as estatísticas se contentam em classificar, calcular e tabular esses elementos** – unidades “léxicas”, palavras publicitárias, imagens televisivas, produtos manufaturados, lugares construídos etc. – e o fazem com categorias e segundo taxinomia conformes às da produção industrial ou administrativa. Por isso elas só captam o material utilizado pelas práticas de consumo – material que é evidentemente o que é a todos imposto pela produção – **e não a formalidade própria dessas práticas, seu “movimento” sub-reptício e astucioso, isso é, a atividade de “fazer com”** (CERTEAU, 2011, p. 92, grifo nosso).

A ausência de estudos de cunho qualitativo indica a necessidade de investigações que não se limitem unicamente à dimensão estatística. Embora os estudos quantitativos sejam necessários, há muito mais a se conhecer quando a pesquisa é baseada no enfoque qualitativo.

Nesse sentido, é importante considerar a distância existente entre os enfoques, quantitativo e qualitativo, atribuídos às pesquisas, quando no campo da comunicação se analisa o processo de recepção.

Seja como for, o consumidor não poderia ser identificado ou qualificado conforme os produtos jornalísticos ou comerciais que assimila: entre ele (que deles se serve) e esses produtos (indícios da ordem que lhe é imposta), existe o distanciamento mais ou menos grande do uso que faz deles (CERTEAU, 2011, p. 90).

O autor também indica a importância de estudar os processos de usos e apropriações ao afirmar que

a análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural “fabrica” durante essas horas e com essas imagens. O mesmo se diga no que diz respeito ao uso do espaço urbano, dos produtos comprados no supermercado ou dos relatos e legendas que o jornal distribui (CERTEAU, 2011, p. 38).

Considerando essas afirmações, acredita-se que somente é possível estudar os usos e apropriações nos processos comunicacionais, levando-se em conta as dimensões cultural, política, econômica e social dos meios de comunicação, quando acionados no contexto de existência do ser humano.

Em relação aos conceitos apresentados, a compreensão obtida, considerando Certeau (2011) e Chartier (2001), é que aquilo que o primeiro denomina de usos corresponde ao que o segundo considera apropriação. É certo que não é apenas uma questão de mudança de nomenclatura, mas sim de significados e de aplicação ao contexto a partir da leitura de ambos os autores.

É necessário, então, verificar as questões específicas inerentes às práticas comunicacionais, as “maneiras de fazer” a partir do “fazer com”, as formas, os mecanismos adotados pelos usuários que dão novos sentidos e estabelecem, assim, seus processos comunicacionais a partir das mensagens veiculadas pelos meios massivos, inicialmente impostas pelo campo da produção.

A proposta de análise das práticas comunicacionais é baseada em Braga (2001) ao elucidar a questão do objeto da comunicação a partir das interfaces que devem ser levadas em conta no processo interdisciplinar que envolve o campo da comunicação. Nesse sentido, práticas comunicacionais referem-se à conversação, às trocas culturais, à análise das mídias a partir da presença das diversas mediações que constituem a existência de um grupo social, de uma comunidade e são justamente as práticas ocorrentes a partir dessas análises que permitem olhar um objeto a partir do ângulo da comunicação.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

É inquestionável a forte presença dos meios de comunicação massiva na sociedade. A relação de reciprocidade entre globalização e midiaticização tem contribuído significativamente para que os meios cheguem a lugares dificilmente imaginados, os que são bem distantes dos grandes centros urbanos. Contudo, são poucas as análises relacionadas a estudos sobre usos e apropriações do conteúdo veiculado por esses meios em comunidades rurais.

A questão é ainda mais pertinente quando se pensa na televisão, principalmente ao fazer comparação com o rádio, já que são os dois meios de comunicação massiva mais presentes na vida da população brasileira. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são 95% os lares brasileiros que têm pelo menos um aparelho de TV, enquanto os que têm rádio equivalem a 81,4%. No Pará, 85,7% dos domicílios possuem televisão e 61,3% possuem rádio (IBGE, 2010). Esses dados permitem afirmar que a televisão é o meio de comunicação mais presente nos lares das famílias paraenses e brasileiras.

Três questionamentos, pelo menos, nortearam esta pesquisa: Quais as características do cenário midiático paraense, especialmente do Marajó? Qual a importância da TV no processo comunicacional da comunidade São Pedro? Que usos e/ou apropriações são feitos pelos moradores da comunidade São Pedro em relação aos produtos televisivos?

O problema central da pesquisa foi analisar quais usos e/ou apropriações são realizados pelos moradores de São Pedro, verificando como a programação da televisão se fazia presente ou não na configuração do processo comunicacional dessa comunidade rural ribeirinha na Amazônia.

Em relação ao conceito de comunidade rural ribeirinha, é importante notar que, até o século XVIII, o rural apresentava-se como um território de extrema importância para a sociedade, com maior concentração populacional se comparado ao meio urbano, e representava uma significativa contribuição para a economia em termos produtivos (PONTE, 2004).

No século XVIII, teve início uma redefinição em relação aos conceitos de rural e urbano. Segundo Pérez (2001 apud PONTE, 2004), iniciou-se um processo de transformação da sociedade, a partir do qual a ideia de progresso surgia como o caminho a ser trilhado pela humanidade, a fim de avançar do passado para o futuro, ou seja, passando do “atrasado” para o “moderno”, do rural para o urbano, da agricultura para a indústria.

Esse processo se configura no contexto da Revolução Industrial, no fim do século XVIII, e modificou significativamente as estruturas econômicas, políticas e sociais da sociedade. Com isso, houve uma aceleração nos setores industriais que tiveram crescimento tanto na produção, quanto na geração de empregos no meio urbano.

Conseqüentemente, a agricultura e o rural perderam espaço, diminuindo sua importância para a economia, pois já não proporcionavam a rentabilidade semelhante aos setores industriais urbanos. O rural começou a ser considerado como espaço periférico e atrasado; já o espaço urbano, onde se encontravam as indústrias, passou a ser visto como símbolo do moderno e do progresso (PÉREZ, 2001 apud PONTE, 2004).

O século XVIII é marcado pela dicotomia entre o rural e o urbano, em que o rural passa a ser visto como inferior. Ao se mencionar a região amazônica, há algumas especificidades a considerar.

Na Amazônia, esses

[...] dois grandes espaços sociais tradicionais de cultura são marcados por uma forte articulação mútua, que se processa em decorrência de procedimentos próprios ao desenvolvimento regional: o espaço da cultura urbana e o da cultura rural (PAES LOUREIRO, 2001, p. 65).

Entre as características urbanas, destaca-se o fato de as possibilidades de trocas culturais serem mais intensas, pois as cidades, em especial os centros urbanos, constituem pontos convergentes em que estão presentes características

das mais variadas localidades e, conseqüentemente, a oportunidade de visualizar elementos de outras culturas é bem mais facilitado.

Observa-se ainda que a velocidade das mudanças é bem maior, existem mais espaços estruturados para lazer e os próprios recursos – saúde, educação, trabalho – estão bem mais organizados no dinamismo urbano, o que atrai um número expressivo de pessoas da zona rural.

Ao mesmo tempo em que nesse dinamismo urbano estão presentes fortes características do desenvolvimento e do moderno, destacam-se os traços das “cidades-floresta”, em que a participação dos ribeirinhos⁸ é notável.

O conceito de cidade-floresta foi elaborado pelo professor Agenor Pacheco em suas pesquisas para elaboração de sua dissertação de mestrado. Ao trabalhar as memórias de moradores oriundos do espaço florestal do município de Melgaço, que migraram para a cidade em busca de melhores condições de vida, ele percebeu que as formas como esses migrantes abriram ruas, construíram habitações e quintais, sustentaram criações e plantações, bem como as ações no meio ambiente circundante, eram assentadas em saberes e experiências do mundo rural/florestal.

Assim, a cidade passou a ser vista não apenas como resultado das intervenções de técnicos da administração pública, também como ações dessas relações estabelecidas por populações ribeirinhas com o espaço urbano em construção (PACHECO, 2009).

Considere-se também que “no ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história” (PAES LOUREIRO, 2001, p. 65). Essa cultura ainda é bastante representativa do povo amazônico. Contudo, é muito importante entender que “a cultura do mundo ribeirinho se espraia pelo mundo urbano, assim como aquela é receptora das contribuições da cultura urbana” (Idem). Há, portanto, uma interpenetração de elementos.

Em relação ao uso do termo ribeirinho, e não caboclo⁹, de acordo com Pacheco (2011)¹⁰, a preferência pela utilização do primeiro ao invés do segundo,

⁸ O termo vem de ribeira (terreno às margens de um rio); logo, ribeirinho é aquele que vive às margens de um rio. Contudo, o uso do termo que se faz neste trabalho transcende o conceito e compactua com as ideias do professor Agenor Pacheco (2011).

⁹ De acordo com Pereira (1975 apud LIMA, 1999, p.9) “caboclo deriva do tupi *caa-boc*, que quer dizer o que vem da floresta”.

¹⁰ PACHECO, Agenor. Entrevista concedida, ao autor desta pesquisa, no dia 27/07/2011 (Local: Campus Universitário do Marajó-Breves).

tem uma justificativa que vai além das margens dos rios, pois o termo ribeirinho é um enunciado histórico, cultural, muito mais que unicamente geográfico, enquanto que o termo caboclo diz respeito ao olhar estereotipado do estrangeiro sobre o homem amazônida, que seria unicamente um homem da mata.

Para Lima (1999, p. 8),

O uso objetivo do termo caboclo pretende especificar uma categoria social à qual falta um termo próprio de autodenominação e aponta para o processo histórico de sua constituição. Embora o termo transmita um significado preciso aos leitores em potencial desses trabalhos acadêmicos, ele deixa uma pergunta a ser respondida: se é um termo de identificação do observador, qual é a identidade própria das pessoas às quais o termo se refere? Os chamados caboclos, isto é, os pequenos produtores rurais amazônicos, não têm uma identidade coletiva, nem um termo alternativo e abrangente de autodenominação. A única categoria de autodenominação comumente empregada por toda a população rural é a de “pobre”.

De certa forma, a afirmação corrobora aquilo que propõe Castro (2010) ao se referir à imagem compactuada pelo ribeirinho visto como caboclo. O fato é que mesmo não havendo interação ou concordância com essa imagem, o estereótipo já está constituído. Isso remonta à questão do vitalismo social¹¹, em que o povo amazônida em muito compactua com a imagem a ele atribuída, que é a de caboclo, mesmo que assim ele não se julgue. A questão é que, na conjuntura social que vive, o amazônida, em especial o ribeirinho, não tem forças para reverter tal condição e/ou imagem.

Superado o problema terminológico, optou-se pelo uso do termo ribeirinho ao invés de caboclo, pois o povo da comunidade São Pedro, inicialmente, identificava-se somente como ribeirinho. A abertura da estrada, dando acesso direto à cidade, fez com que boa parte dos moradores passasse a ter a sensação de que está bem mais próxima da cidade e por isso recomenda ser vista além dessa dimensão de ribeira, estando na fronteira, na posição intermediária, no intermezzo entre o urbano e o rural.

Contudo, o conjunto das questões estruturais, hábitos, tradições, realidade econômica e forma de vida em geral, além da questão geográfica, permite a afirmação de que a comunidade é rural e que a dinâmica de vida ainda tem sido movimentada mais pelos rios do que propriamente pela estrada, por isso ser considerada uma comunidade ribeirinha.

¹¹ “Um processo de envolvimento de indivíduos que não necessariamente interagem em comum, numa circunstância amplexa de colaboração indireta” (CASTRO, 2010, p.46).

Diante disso, é importante destacar que, ao se utilizar o termo ribeirinho, não se quer reduzir a imagem do homem amazônida, mas reafirmar que há uma importância vital desse homem para as formas de (sobre)vivência na Amazônia, pois ele possui diferentes saberes oriundos de suas práticas na vivência na floresta e seus ambientes peculiares. Segundo Pacheco (2011)¹², o ribeirinho da Amazônia e, em especial, do Marajó naturalmente leva para os centros urbanos alguns aspectos de sua vida cotidiana e isso perdura durante um longo tempo, contribuindo para sua existência e para sua dinâmica de vida na cidade.

Portanto, o termo ribeirinho, neste trabalho, está mencionado em referência a um tipo de homem da Amazônia que estabelece suas formas de vida protagonizando elos com o povo da cidade, com a floresta, com os rios, com as estradas, que descobre mecanismos para sustentar vidas e que contribui para a existência de pessoas tanto na zona rural quanto na zona urbana.

1.2 OBJETIVOS

De acordo com Thompson (2009, p. 13), “o uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e interação no mundo social, novos tipos de relações sociais [...]”. Desse modo, independentemente da localização e do tempo em que são utilizados esses meios, há uma redefinição no agir e no interagir das pessoas, seja consigo, seja com os outros.

A televisão tem um papel destacado por ser um meio que utiliza áudio e imagem em movimento, concomitantemente. Muito se discute a seu respeito, com argumentos que se estendem desde aqueles que a julgam como instrumento de manipulação da audiência, passando pela afirmação de mero entretenimento, até chegar aos que a defendem como mecanismo de contribuição para a compreensão de mundo e para novas formas de (inter)ações culturais.

A televisão continua conquistando e/ou reconquistando espaços ocupados por outra mídia ou outros modos de vida. Na sociedade “midiatizada”, o ato de ver TV deve ser compreendido em uma dimensão que não a reduza unicamente ao meio ou à (im)perfeição da mensagem, mas que proporcione interpretações que possam problematizar a natureza do conteúdo exibido.

¹² PACHECO, Agenor. Entrevista concedida, ao autor desta pesquisa, no dia 27/07/2011 (Local: Campus Universitário do Marajó-Breves).

O amplo alcance da TV contribui para que pessoas de todas as faixas etárias e classes sociais possam se “relacionar” com ela. Constatação que evidencia a notoriedade desse meio de comunicação massiva na sociedade, principalmente quando se sabe que boa parte da população brasileira não tem acesso, com regularidade, a outras fontes de informação.

Em razão das reflexões já levantadas e outras ainda não realizadas é que, a partir de sua consolidação, a TV tem sido alvo de inúmeros estudos já realizados no campo da pesquisa em comunicação. Baseando-se nessas considerações é que se apresentam os seguintes objetivos da pesquisa.

1.2.1 Geral

- Analisar os usos e/ou apropriações dos programas de televisão aberta em uma comunidade rural ribeirinha no Marajó, verificando como essa programação interferia ou não na configuração do processo comunicacional da comunidade.

1.2.2 Específicos

- Identificar e analisar o papel da televisão no processo comunicacional da comunidade São Pedro considerando as outras mediações existentes no lócus da pesquisa.

- Verificar as relações comunicacionais estabelecidas pelos moradores da comunidade a partir da programação de TV.

- Identificar e analisar as (res)significações presentes na comunidade, considerando as formas de sociabilidade, a partir do uso e/ou apropriação da programação da TV.

Em relação aos objetivos específicos, a diferença do segundo para o terceiro, embora ambos estejam interligados, é que, enquanto no segundo se quer compreender algo mais específico, verificando o comportamento dos moradores diante da cena exibida pela TV, no terceiro busca-se uma dimensão maior, no sentido de verificar pistas sobre a aplicação dos conteúdos midiáticos televisivos no cotidiano das pessoas, externamente a seus lares.

Inicialmente não houve escolha de um programa de televisão específico a ser analisado. De acordo com os resultados obtidos na pesquisa de campo, foram estabelecidas análises mais direcionadas à programação. Assim, a elaboração do quarto capítulo teve por base resultados encontrados na pesquisa *in loco*, em razão da constatação da audiência das telenovelas pelos integrantes da amostra pesquisada.

1.3 A ORIGEM DA PESQUISA

Da mesma maneira que habitantes de outras regiões do país, os amazônidas têm vivenciado novas formas de interação a partir de uma quantidade significativa de produtos midiáticos fornecidos pelos meios de comunicação, em especial pelas emissoras de televisão. Esse fenômeno traz consigo novas formas de agir, interagir, novos comportamentos e novas maneiras de se relacionar com as mídias, o que altera não somente o sentido de vida de seus habitantes, mas, conseqüentemente, o cenário amazônico como um todo.

A Amazônia está bem distante de ser homogênea. Nesse sentido, não é exagero dizer que existem várias amazônias na Amazônia. Aqui se fala de uma Amazônia de

múltiplas comunidades indígenas, caboclas, ribeirinhas, extrativistas, negras remanescentes de quilombos, de mulheres quebradeiras de coco de babaçu, de migrantes recém-chegados que, tal e qual o migrante de ontem, se vê desaparelhado culturalmente para viver com ecossistemas extremamente delicados e complexos a serem descobertos (GONÇALVES, 2010, p. 10).

É a “Amazônia entendida como espaço físico-geográfico e humano, que não constitui algo homogêneo nem um vazio” (DUTRA, 2009, p. 17). É esta Amazônia que tem não uma única cultura, mas várias, e que apresenta em seus desdobramentos ainda mais especificidades a conhecer, como as realidades dos Marajós¹³ (PACHECO, 2009).

¹³ Termo utilizado pelo professor Agenor Sarraf Pacheco para questionar a visão externa homogênea e reducionista sobre o Marajó, visão esta que não leva em conta as diferentes realidades físicas e culturais do arquipélago. Segundo Pacheco, o pluralizar de Marajó procura chamar a atenção do leitor à complexidade de realidades físicas, humanas, históricas e culturais existentes entre os municípios conformadores das regiões de campos e florestas. Essa perspectiva ainda questiona visões homogêneas e preconceituosas fabricadas pelos meios de comunicação, quando visualizam imagens de um Marajó desenhado tão somente por praias, búfalos e paisagens naturais ou por seu ilhamento físico e social (PACHECO, 2009b, p. 406-441).

A intenção deste estudo sobre o papel da televisão no Marajó, especificamente em uma comunidade rural do município de Breves, consistiu também na verificação de suas implicações para a cultura do público receptor – os moradores da comunidade –, bem como na verificação dos processos comunicacionais na comunidade de São Pedro, pois acredita-se que os produtos da mídia são, de alguma forma, compreendidos pelos sujeitos que os recebem – usos – que, em algum momento, acabam incorporando-os e externando-os em suas vivências – apropriações.

Para isso, percorreu-se um caminho que levou em consideração desde a historiografia da comunidade até chegar a variáveis e características que compõem o processo de recepção da mensagem.

Uma análise problematizadora desse meio de comunicação é fundamental para que se possa refletir acerca da televisão em uma realidade que é tão desconsiderada no cenário midiático nacional, ou, quando é objeto de foco da mídia, geralmente são destacadas suas mazelas, ou ainda a visão estereotipada do atraso da região¹⁴.

Para a comunidade, acredita-se que este estudo poderá contribuir no sentido de conhecer melhor sua história, seu contexto, suas relações com os meios de comunicação, com foco na TV, e ainda inteirar-se dos usos que fazem deles, bem como suas apropriações.

Para a Universidade, acredita-se que seja um importante mecanismo de sistematização acerca da realidade em que ela está inserida. A importância desse fator deve-se à necessidade de estudos acadêmicos sobre o contexto em que a instituição está situada, possibilitando a formulação de eixos norteadores que venham a orientar o desenvolvimento de ações específicas à comunidade.

O município de Breves apresenta traços característicos marcantes da cultura rural ribeirinha da Amazônia, entre os quais se mencionam os que vivem à beira dos rios, furos e igarapés, trabalhando na agricultura familiar, na pesca e na extração do açaí.

Em meio a essa realidade, a televisão tem uma posição de destaque, pois a sua chegada em uma comunidade rural no interior da Amazônia, de alguma maneira, confirma a afirmação de que “acreditava-se que somente os grupos de alto

¹⁴ Ver Joice Santos (2002) e Manuel Dutra (2009).

rendimento pudessem ser atraídos por ela. Essa crença, porém mostrou-se totalmente incorreta [...]” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 234).

Não é apenas o fato de a televisão ter chegado a essa localidade que chama atenção, mas as indagações em relação aos mecanismos de uso e às novas significações dadas pelos moradores da comunidade aos conteúdos veiculados pelo meio televisivo. Nesse caso, destaca-se a TV também como ponto convergente do lugar e do tempo dos acontecimentos, pois esse mundo conectado pela televisão já não é caracterizado pelas fronteiras antigas, principalmente as geográficas, em que as noções tradicionais de tempo e espaço imperavam.

Sobre isso, Cashmore argumenta:

A televisão fascina e assusta. Suas mensagens parecem querer ocupar todas as frestas e poros da sociedade. Os conceitos de tempo e espaço se relativizam, o mundo fica menor, o que era distante fica próximo [...] Isso é fascinante (CASHMORE, 1998, p. 7).

Os meios de comunicação de massa representam um importante agente de transformação, já que introduzem novas informações e configuram formas de comportamento, auxiliando na projeção de atuação diante da vida cotidiana (MALCHER, 2009). A televisão, em especial, gerando conflito ou não, se destaca diante dos aspectos mencionados. Na comunidade São Pedro, a TV é o meio de comunicação massiva mais utilizado pelos moradores, pois das 30 casas, está presente em 27, enquanto o rádio, segundo meio mais presente, está em 24 domicílios.

É pertinente também lembrar que uma região como o Marajó não pode ser vista apenas como um espaço folclórico, construído por lendas e mitos. É necessário mergulhar mais nesse espaço, estudá-lo por outros ângulos e com outros olhares, fazendo outras perguntas que extrapolem o senso comum, como os questionamentos que nortearam esta pesquisa.

Especificamente sobre a presença da TV em comunidades rurais, há dificuldade de encontrar material escrito, o que reforça a necessidade de uma investigação a fim de oferecer contribuições, o que pode abrir horizontes para estudos sistemáticos e pertinentes na área.

É válido ressaltar que

a partir do momento em que o amazônida, por meio televisivo, lê e interpreta cenários com sentidos construídos em outra cultura e começa orientar-se em relação a ela, tomando para si novas significações, ele começa também a modificar sua própria cultura. Desse modo, a contribuição da televisão para a cultura local é inquestionável, pois, à medida que novos sentidos sobrepõem-se aos sentidos construídos na cultura amazônica, a comunidade adquire novos pontos de vista e com essa aquisição há toda uma interferência no seu modo de vida e em seus valores culturais (AGRA; BERNO, 2000, p.14).

A análise explicitada por Agra e Berno é pertinente aos objetivos propostos nesta pesquisa. Note-se que, ao mesmo tempo em que é desafiador, é estimulante o fato de este pesquisador trabalhar e viver em uma região sobre a qual pouco se sabe e se produz cientificamente.

1.4 (DES) CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS

A pesquisa teve como lócus de investigação uma comunidade rural do município de Breves, situado no arquipélago do Marajó, Estado do Pará, Brasil. De acordo com o último censo do IBGE (2010), o município¹⁵ conta com uma população de 92.283 habitantes, sendo grande a concentração no meio rural.

Como alicerces metodológicos para a orientação da pesquisa de campo, percorreram-se caminhos que serão explicitados a seguir. Inicialmente, é importante destacar que os conceitos de *mediação* e *recepção*, fundamentais para este trabalho, são explorados no referencial teórico.

A orientação teórica para a realização desta pesquisa tem seu aporte nos Estudos Culturais que questionam a noção de passividade do sujeito, ou seja, de acordo com essa concepção, o cidadão é capaz de produzir significados e cultura, a partir das mensagens a ele ofertadas.

Os Estudos Culturais não surgiram como uma linha teórica para a análise do processo comunicacional. Segundo Escoteguy (2001, p.151),

os *mass media* e a cultura popular são recortes para refletir sobre a esfera cultural como um campo de relações estruturadas pelo poder e por diferenças sociais, sendo, portanto, um equívoco reduzir o projeto dos Estudos Culturais a um modelo de comunicação, pois os questionamentos propostos por essa tradição extrapolam o campo da comunicação.

¹⁵ O município de Breves tem uma área de 9.550 km² e os principais produtos de sua economia são: mandioca, madeira, látex, açaí, palmito, arroz (MIRANDA NETO, 2005). Informações mais específicas sobre o município serão apresentadas no capítulo dois.

Neste estudo a apropriação desse aporte teórico foi orientada para análise de um processo comunicacional no qual a recepção de conteúdos televisivos guiou toda a investigação.

Para efeito de desenvolvimento investigativo, adotou-se como enfoque metodológico a pesquisa qualitativa, que, de acordo com Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p.5) “utiliza coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aperfeiçoar questões de pesquisa e pode ou não provar hipóteses¹⁶ em seu processo de interpretação”. Dentre suas características, destaca-se o fato de tentar compreender o fenômeno, valorizando bastante o processo e não somente o resultado, pois “a ênfase não está em medir as variáveis envolvidas no fenômeno, mas entendê-lo” (Idem, p. 7).

Esses autores indicam a necessidade de observar eventos ordinários e atividades cotidianas tais como ocorrem em seus ambientes naturais, além de qualquer acontecimento incomum, pois a observação desses fatos é que permitirá ao pesquisador compreender a dinâmica de vivência no lócus da pesquisa.

Outro fator considerado é o envolvimento com as pessoas que são estudadas e com suas experiências pessoais, pois a aproximação com os membros que constituem o ambiente de investigação é fundamental para interferir o mínimo possível em seu cotidiano, bem como para ter a credibilidade necessária para o desenvolvimento da pesquisa.

Destaca-se ainda a produção de dados em forma de notas extensas, esquemas, mapas ou “quadros humanos” para gerar descrições bastante detalhadas. Considerando que é um estudo de cunho qualitativo, quanto mais completo for o quadro de informações e reflexões sobre os dados colhidos, maior será o potencial de colaboração da pesquisa.

A última característica a ser citada é o fato de se observar os processos sem alterar ou impor um ponto de vista externo, e sim tais como são percebidos pelos atores do sistema social. Quanto menor a interferência no lócus da pesquisa e maior a aproximação com os atores do processo, maiores serão as possibilidades de compreender seu ponto de vista.

É importante considerar que

¹⁶ Como é um enfoque que não necessariamente objetiva comprovar hipóteses, abandonou-se a hipótese, que foi destrinchada nos questionamentos norteadores deste trabalho.

Os estudos qualitativos não pretendem generalizar de maneira intrínseca os resultados para populações mais amplas, nem necessariamente obter amostras representativas (sob a lei da probabilidade), não pretendem nem mesmo que seus estudos sejam replicados (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2006, p.11).

Em razão das características apresentadas é que, assim como as hipóteses, também se abandonou a análise utilizando amostra representativa, que havia sido organizada e que ocupou boa parte do tempo no momento inicial de elaboração da proposta de estudo. Contudo, constituiu um momento bastante útil para que se pudesse pensar sobre os grupos com os quais se trabalharia.

Segundo Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p.252), a amostra em um trabalho de enfoque qualitativo é “uma unidade de análise ou conjunto de pessoas, contextos, eventos ou fatos sobre o qual se coletam os dados sem que necessariamente seja representativo do universo”.

Para este trabalho foram estabelecidos três grupos: crianças – a partir de 9 anos de idade, por se considerar que nessa idade já conseguem fazer distinção acerca de várias questões no contexto em que vivem – adolescentes e adultos; de cada um dos grupos foram acompanhados diretamente, com o intuito de verificação de usos e apropriações, cinco membros, contabilizando um total de 15 famílias. Para a elaboração do último capítulo, observou-se mais especificamente o caso de cinco famílias. Todas as famílias e membros acompanhados foram selecionados a partir de amostra intencional, dado que no primeiro momento da observação percebeu-se uma abertura e colaboração maior desses participantes em relação à presença deste pesquisador. A justificativa e estratégias adotadas para encaminhar a pesquisa a partir dos três grupos mencionados serão apresentadas no início do terceiro capítulo.

Vale lembrar que além dos três grupos citados anteriormente, estabeleceu-se contato com os professores que trabalham na escola da comunidade, com os dois líderes locais – religioso e político –, bem como com outros moradores da comunidade.

Para a composição do capítulo que trata sobre os meios de comunicação no Marajó, visitaram-se quinze dos dezesseis municípios do arquipélago marajoara e estabeleceu-se contato com alguns profissionais de órgãos vinculados ao governo municipal, tais como Secretaria de Administração e Educação.

Nos municípios visitados, a principal fonte de informação foi constituída pelos moradores e pela indicação que fizeram de outros moradores do local. A identificação e localização dessas pessoas não foram difíceis, pois são cidades pequenas e os moradores indicados eram bastante conhecidos.

Na pesquisa realizada, utilizou-se como método de abordagem o dialético e como método de procedimento o etnográfico. A pretensão em utilizar o primeiro deveu-se a acreditar que o objeto de pesquisa é dinâmico e que só pode ser compreendido se considerada a sua ação recíproca com o ambiente em que o mesmo é estudado, pois “o método dialético considera que nenhum fenômeno da natureza pode ser compreendido, quando encarado isoladamente, fora dos fenômenos circundantes” (STALIN apud LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 83).

O método etnográfico foi utilizado porque “refere-se à análise descritiva das sociedades humanas, primitivas ou ágrafas, rurais e urbanas, grupos étnicos, etc., de pequena escala [...] diz respeito a aspectos culturais” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 94) e ainda porque “o objetivo da etnografia é combinar o ponto de vista do observador interno com o externo e descrever e interpretar a cultura” (EISMAN et al. 1997, p. 258-261 apud LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 94).

É importante também lembrar que, para a realização de estudos dessa natureza,

[...] a etnografia faz parte do trabalho de campo do pesquisador. E é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas. Ela exige um “mergulho” do pesquisador, ou seja, não é um tipo de pesquisa que pode ser realizada em um período muito curto e sem preparo (TRAVANCAS, 2011, p. 100).

Ao todo, foram cerca de três meses vivenciados diretamente naquela comunidade, além das visitas realizadas antes da data oficial demarcada como início da pesquisa.

Os intervalos de tempo passados na comunidade foram de uma a duas semanas, cada período, buscando sempre uma alternância, ou seja, quando se passava uma semana presente na comunidade, passava-se a seguinte sem visitá-la. Essa foi uma alternativa encontrada para ter condições de conciliar a leitura do referencial teórico relacionando-o aos dados colhidos em campo.

Considerando que o método norteador deste trabalho foi o etnográfico, é preciso destacar que

Se na área da antropologia a investigação etnográfica está interessada em elaborar mapas descritivos dos modos de vida dos territórios estudados, composição familiar, suas rotinas e todas as demais dimensões da vida cotidiana e do mundo da cultura, **na área da comunicação ela tem sido usada para analisar os fenômenos comunicacionais, principalmente dos processos de recepção de mensagens dos meios de comunicação de massa** (PERUZZO, 2011, p. 135, grifo nosso).

De acordo com Travancas (2011), basicamente são três as etapas para a constituição de um estudo etnográfico: a primeira é o levantamento bibliográfico e a leitura do material coletado, a segunda é a elaboração de um diário ou caderno de campo e a terceira é a entrada no campo – e aí se encontra uma infinidade de possibilidades e variáveis.

Entre as possibilidades para a coleta de dados, há duas muito importantes: as entrevistas abertas, e em profundidade, e a observação participante. No início do trabalho, este autor relutou em adotar a observação participante; contudo, no decorrer das atividades, notou-se a impossibilidade de conhecer as maneiras de “fazer com”, dos moradores sem esse tipo de observação. Cuidou-se também para que não se tornasse uma “participação observante”.

De acordo com Peruzzo, “a pesquisa participante consiste na interação do pesquisador no *ambiente natural* de ocorrência do fenômeno e de sua *interação* com a situação investigada” (PERUZZO, 2011, p. 125). E a autora indica os usos específicos da etnografia nos estudos da área da comunicação. Ela diz que “nos anos recentes, a observação participante realizada para investigar fenômenos de comunicação em comunidades ou regiões tem sido chamada de etnografia de mídia, etnografia de audiência ou etnografia de recepção” (Idem, p. 135). Explicitando, a partir de Saperas, é

um tipo de pesquisa que consiste na observação participativa de segmentos do processo de comunicação de massas com a finalidade de descobrir os comportamentos, os usos e as interpretações que faz o público dos meios de comunicação social (SAPERAS, 1998, p. 163 apud PERUZZO, 2011, p. 135).

É oportuno registrar que “mesmo querendo fazer-se passar por outro, o pesquisador, sendo estranho ao ambiente pesquisado, nunca será idêntico aos observados, até porque sua própria história e o seu modo de ver o mundo serão diferentes” (PERUZZO, 2011, p. 127). Isso faz com que a necessidade de maturidade e vigilância para trabalhar com o objeto pesquisado seja ainda maior.

Dentre as três finalidades da pesquisa participante na área da Comunicação, citadas por Peruzzo (2011, p. 131), destacam-se duas. A primeira é a de que a realização de estudos de recepção de conteúdos da mídia ultrapassem os padrões então vigentes e possam enxergar os mecanismos de apropriação de mensagens partindo dos pressupostos de existência da participação de outras fontes na formação da representação da realidade. Tal perspectiva teórica se desenvolve rapidamente e passa a assumir os contornos atualmente delineados como *mediações* no processo de recepção.

A segunda é que os resultados da pesquisa possam retornar ao grupo pesquisado e serem utilizados em seu benefício, pois é fundamental que os dados sistematizados possam impactar de forma positiva, beneficiando a comunidade pesquisada.

No referente às técnicas, a partir da documentação indireta, a pesquisa documental foi feita em visitas aos arquivos públicos, especialmente bibliotecas municipais, e análise de resultados estatísticos, geralmente consultados pela internet.

Em relação à pesquisa bibliográfica, que é “o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia, até a apresentação de um texto sistematizado [...] acrescido de suas próprias ideias e opiniões” (STUMPF, 2011, p. 51), e tem por finalidade “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 166), o objetivo foi fazer o levantamento e leitura de bibliografias suficientes para dar sustentação teórica ao desenvolvimento da investigação.

Os eixos de pesquisa que nortearam os estudos realizados foram: processos comunicacionais, televisão, recepção, cultura e Amazônia. Para isso, buscaram-se tanto as produções bibliográficas – livros, teses, dissertações, pesquisas, etc., quanto os meios audiovisuais. Foram consultadas e analisadas as gravações das sessões plenárias do Congresso Nacional que versavam sobre comunicação massiva, especialmente as gravações dos debates sobre televisão.

No que diz respeito à documentação direta, a intenção em fazer pesquisa de campo consistiu em conseguir informações que somente o contato direto com a comunidade poderia oferecer. Para tanto, se enveredou pela pesquisa do tipo

exploratório, em função de esta oportunizar descrições tanto quantitativas quanto qualitativas sobre o fenômeno em estudo.

De maneira geral, uma técnica do método etnográfico que orientou as atividades de pesquisa foi a da observação etnográfica, uma vez que seu sentido está em “orientar a pesquisa do consumo dos meios, principalmente da televisão, para o seu contexto natural, ou seja, o cenário doméstico” (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 54).

A partir dessa técnica, com auxílio do diário de campo, houve condições para observar os aspectos temporal – rotina da família e tempo diante da televisão; subjetivo – o que os receptores pensavam sobre o exibido; e espacial – lugares das casas, dos objetos, e em especial, da TV; além das práticas exercidas pelos membros da família, focalizando a assistência aos programas televisivos.

Com o objetivo de ir além, outras técnicas foram utilizadas. A história oral ou história de vida foi investigada com os líderes da comunidade e com alguns moradores adultos da comunidade. A biografia ou história de vida é um “método no qual se solicita a um ou vários indivíduos que narrem suas experiências de maneira cronológica, em termos gerais, ou sobre um ou mais aspectos específicos” (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2006, p. 396), como trabalho, educação, sexualidade, vida conjugal, etc.

Utilizou-se também essa técnica com moradores para colher informações sobre as mídias massivas em seus respectivos municípios. Ressalta-se que para Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 59), “a técnica da história oral é também entrevista em profundidade”.

Com a biografia pretendeu-se obter relatos orais que pudessem facilitar a constituição da historicidade que se buscava em relação à presença da TV na comunidade, bem como situar temporalmente algumas mudanças no contexto de vida dos moradores.

A técnica do grupo focal, ou grupos de discussão, foi realizada com os professores que atuam na Escola São Pedro, na comunidade. Para Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p.389), “os grupos de discussão, ou de foco, consistem em reuniões de pequenos ou médios grupos [...] que conversam sobre um ou vários temas em ambiente descontraído e informal”.

O objetivo com os grupos de discussão foi deixar esses colaboradores da pesquisa mais à vontade para que pudessem falar abertamente de suas

experiências e de suas concepções acerca da TV, estabelecendo inclusive possíveis contrapontos à opinião do outro.

Em relação aos instrumentos de pesquisa a intenção inicial era fazer uso da entrevista padronizada, preferencialmente gravada, com todos os outros sujeitos da pesquisa. Contudo, após a prévia elaboração dos questionários e roteiros de entrevista, a realização do pré-teste e a versão final das perguntas, concluiu-se que já se tinha a maior parte das informações a partir das observações realizadas, faltando, então, sistematizá-las. Por isso, descartaram-se os questionários e roteiros e decidiu-se continuar com a observação etnográfica, aproveitando também as “deixas” – simbólicas – da observação realizada no local.

As observações sobre o cotidiano das pessoas dentro de suas casas, no contexto da comunidade, participação na escola e igreja foi a ordem adotada por este pesquisador para conhecimento dos processos comunicacionais que configuravam a realidade dos moradores. Portanto, o roteiro seguido para observação etnográfica privilegiou a observação de questões mais específicas como diálogos na igreja, na escola, brincadeiras, conversas de grupos pequenos e outros maiores e, principalmente, os momentos de assistência à televisão.

Considerando também que na realização do ofício de um fazer qualitativo não se pode desfazer dos equipamentos de pesquisa, utilizaram-se, em alguns momentos, o gravador e a câmera digital. Vale considerar que “o gravador hoje exerce uma função que anteriormente era exclusiva do caderno [de campo]: registrar entrevistas, eventos, conversas, músicas, liberando, em muitos aspectos, o olhar do pesquisador para o que está acontecendo ao redor” (TRAVANCAS, 2011, p. 101).

O segundo recurso material ajudou a ter uma visão mais apurada sobre o objeto, principalmente quando alguns diálogos estabelecidos foram registrados¹⁷, bem como quando se observam-se ou se reviam as fotografias registradas.

Em relação às fotografias, tentou-se registrá-las da maneira mais discreta possível, pois a preocupação era interferir o mínimo possível na dinâmica adotada pelos moradores no ato de assistir a televisão. Como consequência, em algumas fotos, obtiveram-se resultados aquém das expectativas, por ficarem embaçadas ou muito escuras, ou ainda com um ângulo não tão apropriado. Ainda assim, acredita-

¹⁷ É interessante comentar que alguns moradores faziam questão de serem filmados, já outros pediram que não fosse feito registro, nem mesmo em fotografia.

se que somente dessa maneira qualquer outra interferência¹⁸ na relação dos moradores com a televisão poderia ser evitada.

1.5 REFERENCIAL TEÓRICO

Para respaldar teoricamente a realização desta pesquisa buscaram-se alguns conceitos e/ou temáticas norteadoras, como os de usos e apropriações (Michel de Certeau, Roger Chartier, Martín-Barbero, Nilda Jacks); mediação, recepção e processos comunicacionais (Martín-Barbero, Garcia-Canclini, Orózco Gomez, Nilda Jacks e Ana Escosteguy); cultura amazônica (Paes Loureiro, Agenor Sarraf e Carlos Gonçalves); televisão (Sérgio Matos, Ellis Cashmore, Ana Paula Goulart Ribeiro e Dominique Wolton) e telenovela¹⁹ (Maria Malcher, Maria Lourdes Motter, Sílvia Borelli e Rui Barros Júnior).

Os autores que nortearam as discussões sobre mediação e recepção contribuíram principalmente para a elaboração dos capítulos três e quatro, que tratam especificamente sobre a pesquisa de campo na comunidade. Os que tratam de telenovela embasaram a construção do capítulo quatro. Os demais autores e respectivas temáticas norteadoras são explorados ao longo do trabalho, sem necessariamente concentrá-los em um único capítulo.

Para saber sobre os usos e apropriações, foi preciso se aproximar o máximo possível das vivências dos moradores na comunidade São Pedro, bem como suas relações como os meios de comunicação, especialmente a televisão.

Baseado nos estudos culturais foram utilizados como conceitos norteadores os de mediação e recepção. Sobre isso é necessário considerar que Martín-Barbero (1997) partiu da premissa de que a comunicação não se restringia apenas aos meios, trazendo, portanto, uma redefinição aos estudos da comunicação.

¹⁸ A presença deste pesquisador no local, mesmo já tendo uma boa afinidade com os moradores, em alguns momentos os deixava mais tímidos e mais cautelosos em fazer qualquer gesto e/ou comentário.

¹⁹ Conforme mencionado em momento anterior, o direcionamento para a temática telenovela emergiu como demanda da pesquisa de recepção na comunidade São Pedro.

O surgimento dos Estudos Culturais ocorreu na década de 1960²⁰, com a fundação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), em 1964, na Universidade de Birmingham, Inglaterra (ESCOSTEGUY, 2004). “Pode-se qualificar a emergência dos *Cultural Studies* como a de um paradigma, de um questionamento teórico coerente. Trata-se de considerar a cultura em sentido amplo” (MATELLART, NEVEU, 2010, p. 13).

A partir das orientações desse paradigma, “a pesquisa em Comunicação não deve ficar focada apenas nos meios, mas no espaço de um circuito composto por produção, circulação e consumo da cultura midiática” (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p.37-38). Lembrando ainda que o caráter interdisciplinar, enfocando o tripé mídia, comunicação e cultura é essencial aos estudos de recepção.

É o entendimento do processo comunicativo estabelecido a partir dos conteúdos televisivos o interesse maior deste estudo. Ou seja, são as relações entre a mídia e o cotidiano, cultura e comunicação, as teias de significações socioculturais e políticas construídas no dia a dia e seus vínculos com as práticas e pensamento dos receptores que interessaram para esta pesquisa.

É uma proposta que vê no processo de recepção dos produtos midiáticos uma forma de problematizar as variadas e múltiplas relações sociais e culturais que engendram os significados da mídia na vida cotidiana. É importante não limitar a pesquisa a uma descrição de audiência ou simplesmente constatar a passividade diante dos meios de comunicação.

Um dos marcos significativos dos estudos culturais que norteiam a proposta dos estudos de recepção é a problematização e redefinição do conceito de cultura. De acordo com a visão dessa escola, cultura não poderia ser pensada como algo homogêneo, mas sim como um corolário, construído a partir de discursos e representações variadas, no contexto em que estão inseridas (ESCOSTEGUY, 2001).

Segundo Martín-Barbero (2000, p.153) “[...] para a América Latina era muito mais importante estudar o que acontecia na igreja aos domingos, nos salões de baile, nos bares, no estádio de futebol”. Esta concepção é norteadora na análise dos processos comunicacionais no interior da sociedade, já que “não se pode entender o

²⁰ A investida inicial das teorizações sobre esse paradigma advinha de 1950, com a publicação de “As utilizações da Cultura” por Richard Hoggart e de “Cultura e Sociedade”, por Raymond Williams.

que o povo faz com o que ouve nas rádios, com o que vê na televisão, se não se entende a rede de comunicação cotidiana” (Idem).

Não é possível compreender a importância que os meios de comunicação massiva têm nos processos comunicacionais se o cotidiano das pessoas não for levado em consideração. Nesse sentido é que se entende o conceito de mediação como alicerce deste trabalho. “O que eu comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação, que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 154). Considera-se então que “mediação significa que entre estímulo e resposta há um espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana”. (Idem)

Em relação ao conceito de recepção, a proposta é a superação de uma visão fragmentada da comunicação, principalmente por não se prender à visão limitada dos efeitos da comunicação. É importante perceber o processo de recepção

entendido como um fenômeno contínuo, complexo e contraditório, que extrapola o ato de ver; como fator interativo e de negociação entre emissor e receptor; como processo multimediado por inúmeros agentes e situações; como um fator de produção de sentido por parte dos receptores a partir de seus próprios referenciais (JACKS, 1994, p. 212-213).

Embora a clareza do conceito pareça encerrar possíveis dúvidas sobre ele, a adoção do termo recepção gera inúmeros debates.

[...] é longa a discussão sobre a adequação ou não do termo – recepção – para nomear as relações das pessoas com os meios de comunicação, principalmente, que têm forte ligação com modelos teóricos que consideram os membros da audiência como receptáculos passivos das mensagens midiáticas (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 14).

Para Orozco Gómez (2001, p. 23 apud BOAVENTURA, 2009, p. 105), “recepção não pode ser compreendida como mero recebimento, mas sim como interação, sempre mediada por diversas fontes e contextualizada material, cognitiva e emocionalmente²¹”, ou seja, existe a preocupação em verificar o processo de circulação de mensagens dentro da dinâmica cultural do(s) grupo(s) que a(s)

²¹ Tradução deste pesquisador para “recepción no puede entenderse como mero recibimiento, sino como una interacción, siempre mediada desde diversas fuentes y contextualizada material, cognitiva y emocionalmente”.

recebe(m). Portanto, a circulação, os usos e as apropriações dessas mensagens por parte do público são essenciais aos estudos de recepção.

É necessário entender que o termo “receptor”, neste trabalho, requer a compreensão do telespectador como sujeito capaz de interpretar e ressignificar, a partir de seu repertório cultural, as mensagens veiculadas pela televisão.

De acordo com Orózco-Gomez (1990 apud JACKS, 1999), há quatro principais fontes de mediação que atuam sobre o processo de recepção: **a mediação individual** diz respeito à história de vida do sujeito, idade, etnia, gênero; **a mediação situacional** está relacionada aos cenários nos quais ocorrem as situações de processamento entre a mídia e seu receptor; **a mediação institucional** diz respeito ao papel das instituições e/ou organizações sociais de que o indivíduo faz parte, igreja, família, escola, grupos sociais em geral; e **a mediação tecnológica** que trata das linguagens e técnicas características dos meios que atraem a o receptor.

Embora no decorrer deste trabalho não sejam usados os termos conceituais de Orozco-Gómez sobre mediações, é certo que os elementos de cada um deles estão intensamente presentes ao longo das discussões aqui realizadas, já que todas as indicadas mediações têm fundamental importância para o esforço de compreensão das maneiras de “fazer com” e seus desdobramentos em relação aos espectadores e a programação televisiva.

Outro teórico fundamental para este trabalho foi Dominique Wolton, que embasou as discussões sobre comunicação e processos sociais, principalmente porque esta é uma relação que permeia toda a realização do trabalho. As leituras das obras de Wolton trouxeram importantes reflexões sobre a TV e possibilitaram ponderações que sustentaram a discussão sobre muitos achados da pesquisa.

As reflexões sobre televisão que ocorrem ao longo de todo o trabalho foram sustentadas principalmente em estudiosos como Ana Paula Goulart Ribeiro, Sérgio Matos e Elis Cashmore. Suas contribuições ajudaram na busca pela historicidade da televisão no Brasil e seus mecanismos de propagação diante do público brasileiro, bem como o de contribuir para reflexões gerais sobre TV.

Rui Coelho Barros Júnior, Silvia Borelli, Maria Lourdes Motter e Maria Ataíde Malcher, foram essenciais para que se tivesse uma base teórica significativa sobre telenovela, o que também foi bastante útil para a compreensão da participação dessa ficção televisiva no cotidiano dos pesquisados.

No que diz respeito à proposta de conhecer um pouco mais o debate sobre cultura amazônica, autores como Paes Loureiro, Agenor Sarraf e Carlos Gonçalves foram fundamentais. Pretendeu-se, a partir deles, apresentar debates sobre o conceito de Amazônia e reflexões sobre os amazônidas e seu processo de identidade/identificação com a região.

Outros autores são citados ao longo do trabalho, considerando a necessidade de estabelecer reflexões paralelas e que não poderiam ficar sem problematização, dada a pertinência das discussões.

2 MIRADA SOBRE O CENÁRIO MIDIÁTICO DO PARÁ

Necessário se faz, antes de uma mirada sobre o cenário midiático do Pará, um olhar panorâmico sobre o estado paraense. Dos imemoriais tempos das capitânicas hereditárias – Capitania do Maranhão e Grão-Pará, Estado do Pará e Rio Negro – até finalmente, em 1808 passar a reportar-se diretamente à capital do Reino, a cidade do Rio de Janeiro, à época de D. João VI, o Pará teve e tem presença significativa na história brasileira.

O Pará está situado no centro leste da Região Norte do Brasil. O estado é o segundo do país em superfície – o maior é o Amazonas – o que representa mais de duas vezes o território da França. A importância do Pará na Amazônia não se dá somente em termos populacionais, já que é o mais populoso dos estados da Região Norte, ou pela sua extensão territorial, mas principalmente por sua dimensão histórico-cultural.

Não é possível escrever a história do Pará sem se referir à Amazônia. Assim como não é possível escrever a história da Amazônia sem conhecer a história do Pará. Isto porque até o século XVIII, o Estado do Pará incluía todo o território amazônico, descoberto e conquistado da foz do Amazonas até o extremo-oeste, não respeitando a linha imaginária do Tratado de Tordesilhas (MONTEIRO, 2006, p. 10).

No Pará, o Censo IBGE (2010) aponta que os municípios mais populosos são: Belém (1.351.618), Ananindeua (456.316), Santarém (291.122), Marabá (224.014) e Castanhal (168.559), e os menos populosos são Bannach (3.409), Sapucaia (5.047) e São João da Ponta (5.265).

O Pará é dividido em seis grandes regiões: Baixo Amazonas, Marajó, Região Metropolitana de Belém, Nordeste Paraense, Sudoeste Paraense e Sudeste Paraense. Dessas mesorregiões, em termos territoriais, o Sudoeste Paraense é a maior, ocupando 415.775,90 Km², e a menor é a Região Metropolitana de Belém, ocupando 6.875,50 Km² (IBGE).

Nesse cenário múltiplo e diverso se insere a mídia sobre a qual trataremos a seguir, fazendo notar que, em certas circunstâncias, para explorar os dados sobre ela no Pará²², será necessário compará-los com outros estados da Região Amazônica e, em alguns casos, com estados do Brasil.

²² No desenvolvimento da pesquisa para esta dissertação foi realizado também estudo exaustivo, não conclusivo, sobre o cenário midiático amazônico. No entanto, no processo de finalização da dissertação, optou-se por enviar o resultado dessa pesquisa para publicação como capítulo de livro,

Na Região Norte, o Pará é referência histórica em relação à utilização das mídias como instrumento de comunicação massiva. No que se refere a essa temática, o jornal “O Paraense” (1822) é o marco inaugural, embora tenha sido curto seu período de circulação, de maio de 1822 a fevereiro de 1823.

O jornal foi a primeira mídia a ocupar a Amazônia brasileira, com a impressão da Gazeta do Pará (sua primeira edição data de janeiro de 1821). Editado e impresso em Portugal com características áulicas: valorizava as notícias da Corte Portuguesa e era distribuído em igrejas e alfândegas de Belém. **Em 22 de maio de 1822, surgiu o jornal que serve de marco inaugural à imprensa livre do Norte do país: O Paraense.** Após esse histórico jornal, vários outros grandes jornais vêm ocupando espaços na Amazônia brasileira (AGRA, 2011, p. 2-3, grifo nosso).

Pouco mais de um século do advento do jornal impresso no Pará²³, outro grande meio de comunicação massiva inicia sua existência no estado: o rádio. O início das atividades e/ou experiências radiofônicas ocorreu no ano de 1928. “[...] As primeiras emissoras se organizaram como clubes, de certo modo, com sócios que pagavam taxas ao Estado para usar as ondas. Em Belém surgiu uma dessas pioneiras, a PRC-5 Rádio Clube do Pará, em 1928” (ALVES, 2002, p. 13).

Sobre as peculiaridades dessa mídia em contextos mais recentes, destaca-se que

Uma característica marcante do panorama das rádios de Belém no final da década de 90 é a grande transitoriedade das emissoras. Em 1999, Belém contava com as seguintes emissoras na faixa FM: Liberal, Marajoara FM, Jovem Pan 2, Rauland, Cultura, Diário, Nazaré, 99 FM, Liberdade e 98FM. Nos últimos dez anos também já existiram a Rádio Jovem, a Rádio Cidade, a Província FM, além da Transamérica e da Jovem Pan 2, transmitidas via satélite. No caso da AM, manteve-se a tradição de rádios antigas, que já têm um público cativo, como a Liberal AM, a Marajoara, a Rádio Clube e, mais recentemente, a rádio evangélica Novo Tempo (COSTA, L., 2000, p.2).

Por sua vez, o marco inaugural da televisão no Estado do Pará²⁴ é a entrada em funcionamento, em 30/09/1961, da TV Marajoara, afiliada da TV Tupi, esta a primeira emissora de televisão no Brasil.

denominado “Mirada sobre o Cenário Midiático Amazônico”, parte integrante da obra História, Comunicação e Biodiversidade na Amazônia lançado pela editora Aquarello em 2012.

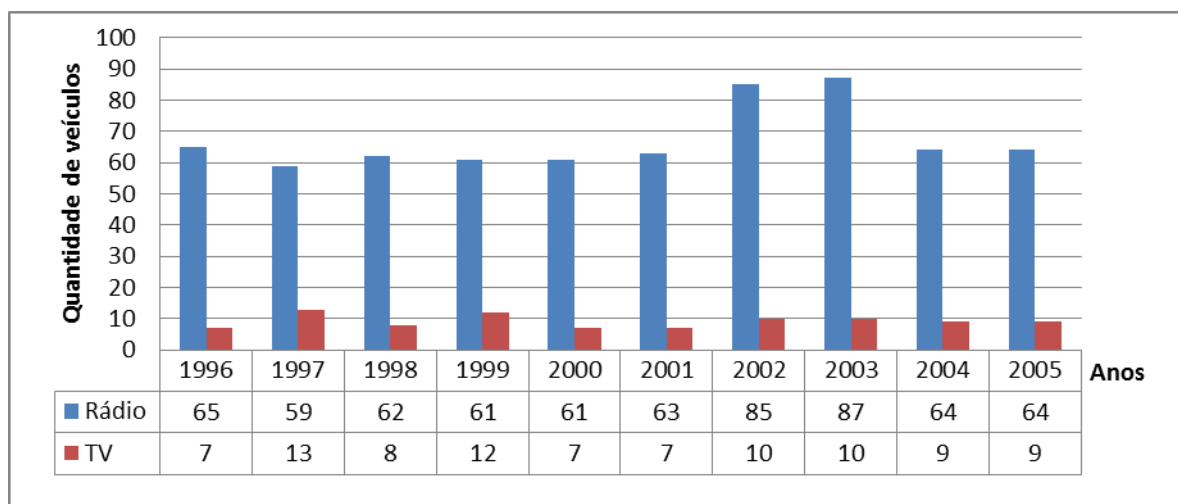
²³ Estudos sobre o tema têm sido realizados por Netília Silva dos Anjos Seixas, professora doutora e pesquisadora integrante do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) e da Faculdade de Comunicação (FACOM), ambos da Universidade Federal do Pará (UFPA).

²⁴ Sobre a historicidade da televisão no Pará ver Pereira (2002) e Malcher; Lima; Vidal (2010).

Para uma melhor compreensão do cenário midiático paraense, é importante fazer algumas considerações que problematizam não somente os dados quantitativos, mas que procuram compreender a dinâmica desse cenário.

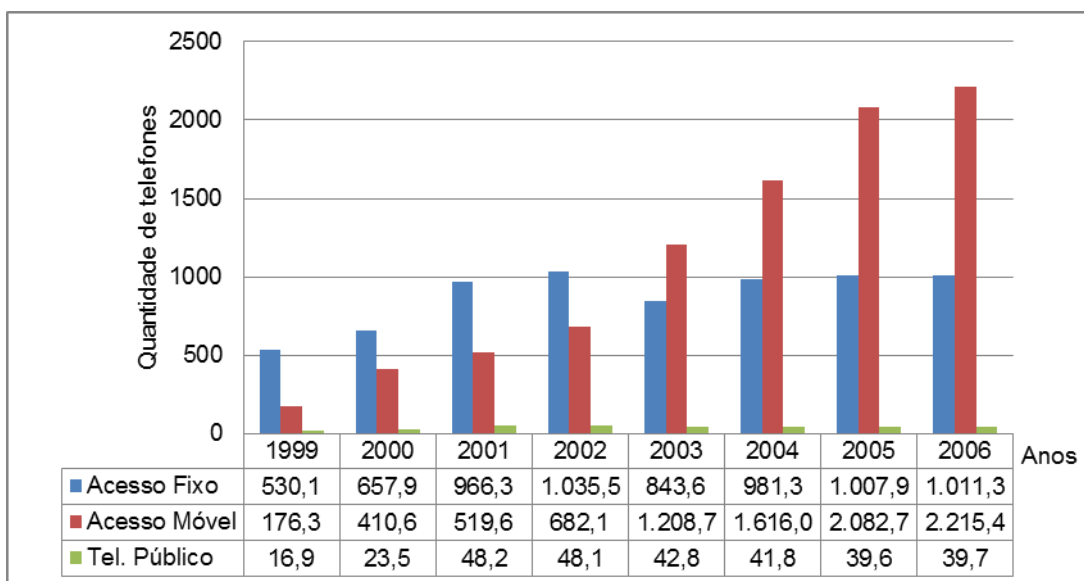
De acordo com o Relatório Pará em Números, organizado no ano de 2008 (atualizado em 2011) pelo Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará (IDESP), vinculado à Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças (SEPOF) do Governo do Estado do Pará, tem-se um breve cenário das telecomunicações no estado.

Gráfico 1 - Telecomunicações no Estado do Pará (1996-2005)



Nota: Valores em um
Fonte: Pará em Números (2008) – IDESP/SEPOF-PA

Gráfico 2 - Telefonia no Estado do Pará (1999-2006)



Nota: Valores em 1000
Fonte: Pará em Números (2008) – IDESP/SEPOF-PA

Acrescenta-se que em abril de 2012 eram cerca de 8.385.000 celulares registrados no Pará, o que equivale a uma densidade de 108,39²⁵. A partir dessa informação, constata-se que, em nível nacional, em termos de densidade, o Pará fica à frente somente dos estados do Piauí – densidade de 108,37 – e do Maranhão – densidade de 85,39 –, embora em termos de quantidade de aparelhos celulares ocupe a décima posição no cenário nacional (TELECO, 2012).

No Pará, considerando a população de 7.581.051 habitantes (IBGE 2010), a quantidade de celulares registrados leva a pensar que seria mais de um celular por pessoa – mas sabe-se que essa não é a verdadeira distribuição. Seria um dado bastante positivo por considerar que todas as pessoas teriam acesso a esse meio de comunicação, principalmente levando em conta que no interior desse estado ainda existem milhares de pessoas que morrem porque não conseguem, em tempo, contato para acionar o órgão/instituição competente para primeiros atendimentos de emergência e urgência. Muitas pessoas ficam impossibilitadas de solicitar ajuda justamente porque não há um serviço de telefonia que possa facilitar o contato com outras pessoas, o que poderia ajudar na locomoção a um local mais adequado para os primeiros socorros, evitando assim maiores problemas.

Essa pode ser uma realidade em todo o Brasil, mas em relação à Região Norte, é uma marca muito forte. Questões como essa balizam a afirmação que nessa região, principalmente em áreas como a do Marajó, os meios de comunicação, muito mais que mecanismos técnicos, muito mais que contribuir para a composição de um novo cenário geográfico, constituem instrumentos auxiliares, e paradoxalmente essenciais, na dinâmica de vida cotidiana de seus habitantes.

As informações apresentadas no gráfico 2 possibilitam pelo menos duas reflexões. A primeira está relacionada ao setor de telefonia móvel, cujo crescimento, no Estado do Pará, corresponde àquilo que ocorre no cenário nacional, pois é um setor bastante competitivo no país e em plena ampliação.

Para exemplificar tal crescimento no Brasil, basta considerar que o número de assinantes cresceu de 20 milhões, em 1999, para 86 milhões, em fins de 2005 (TELECO, 2006). Dados mais atuais, da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), indicam que o Brasil terminou abril de 2012 com mais de 252 milhões de aparelhos celulares e uma densidade de 129,01 cel/100 hab. Deste total, 81,79 %

²⁵ Considera-se densidade a projeção do número de celulares por 100 habitantes (TELECO, 2012).

corresponde a linhas pré-pagas. No Pará, essas linhas correspondem a 91,90% (ANATEL, 2012).

De acordo com os dados sobre telefonia móvel no Estado do Pará, no ano de 2003 o número de usuários do serviço ultrapassou o número de assinantes do serviço de telefonia fixa, o que aconteceu de forma geral no Brasil em meados de 2001. Percebe-se ainda que no Pará, no ano de 2006, o número de assinantes do serviço de telefonia fixa já era menos da metade do número de assinantes de telefonia móvel.

Outra questão está ligada ao fato de o acesso a esse meio de comunicação ocorrer tanto nos grandes centros urbanos quanto nas mais distantes localidades. A diferença é que, para funcionar em locais de difícil acesso no interior, muitos moradores providenciam seu próprio sistema de recebimento de sinal, em geral instalando uma antena por conta própria.

De acordo com o relatório consolidado de participação no mercado por Unidade da Federação, da Anatel, referente a abril de 2012, há 8.385.041 celulares registrados no Pará, sendo 7.705.856 de linhas pré-pagas e 679.185 de linhas pós-pagas. Em seu total de linhas esses dados equivalem a 3,3% do mercado nacional e 45,1% do mercado da Região Norte²⁶.

A seguir, observa-se a distribuição das linhas, tanto de acesso móvel, quanto de telefone fixo, com base nos domicílios pesquisados pelo IBGE (2010) e em dados da Anatel (2012), em relação ao Estado do Pará.

Tabela 1: Domicílios Particulares Permanentes e o Uso dos Serviços de Telefonia no Pará

Total de Domicílios pesquisados: 1.858.681		Percentual (%)
Somente telefone celular	1.058.262	57
Somente telefone fixo	31.222	1,5
Telefone fixo e celular	296.541	16
Não tinham	472.413	25
Sem declaração	243	Menos de 1%

Nota: Dados percentuais organizados por este pesquisador

Fonte: IBGE/Estados (2010) - Pará

Tabela 2: Distribuição de Linhas de Acesso Móvel no Pará (por operadora)

OPERADORA	ACESSO			% do Mercado no estado
	PRÉ-PAGO	PÓS-PAGO	TOTAL	
Vivo	2.923.539	261.341	3.184.880	37,98
Tim	2.920.954	206.417	3.127.371	37,29
Oi	1.280.471	116.923	1.397.394	16,67
Claro	580.892	94.504	675.396	8,05

Fonte: Anatel / Anatel Dados - Relatórios Consolidados - Telefonia Móvel (Abril/2012)

²⁶ Dados organizados por este pesquisador.

Os dados anteriores permitem considerar o crescimento significativo da telefonia móvel no Estado do Pará, bem como o uso imensamente superior do acesso pré-pago. É importante ter essa dimensão até mesmo para esclarecer que não apenas a TV tem apresentado expressivo crescimento nos lares brasileiros e paraenses, mas há um aumento considerável de vários meios de comunicação massiva entre pessoas de variadas classes sociais.

Ao tratar do “mais importante artefato do século [XX] em sua capacidade de marcar a vida diária” (CASHMORE, 1998, p.7), ou seja, a televisão, vale fazer duas considerações: a primeira é a de que o número de domicílios que possui TV é superior ao de domicílios que possuem outros bens duráveis; a segunda é a de que o aumento, em termos percentuais, de domicílios paraenses com televisão cresceu exponencialmente – 237,9% no período de tempo de 1991 a 2000. A título de comparação, o aumento do número de aparelhos de rádio, nesse mesmo período, foi de 112,47%, (IDESP/SEPOF, 2008), ou seja, pouco menos da metade, comparando-se com o aumento dos aparelhos de televisão.

Os dados divulgados pelo IBGE (2010), considerando o quantitativo de bens duráveis, apontam para a significativa presença da TV.

Tabela 3: Alguns Bens Duráveis Existentes no Pará – Domicílios Particulares Permanentes

Total de Domicílios pesquisados: 1.858.681		Percentual (%)
Televisão	1.594.513	85,6
Geladeira	1.484.606	79,8
Rádio	1.140.856	61,3
Máquina de lavar roupa	444.094	23,8
Microcomputador	349.645	18,8
Microcomputador - com acesso à Internet	231.089	1,4
Outros (motocicletas e automóveis)	648.476	34,8

Nota: Dados percentuais organizados por este pesquisador

Fonte: IBGE/Estados (2010) - Pará

A televisão se tornou um meio massivo extremamente presente nos lares paraenses. Porém, é necessário destacar que ela não pode ser considerada um mero eletrodoméstico, uma vez que suas funções não se restringem a uma prestação de serviço, ela envolve informação, interação, troca emocional e cognitiva, comunicação enfim extrapolam em muito as atividades mecânicas comuns a outros eletrodomésticos.

É pertinente lembrar que, assim como nos outros estados da Região Norte, a televisão no Pará foi tida, em seus anos iniciais, como sinônimo de progresso.

E nas plagas distantes, neste Brasil imenso, ninguém mais poderá menosprezar a nossa cultura e nosso desenvolvimento, porque, quando alguém apoucar-nos, logo redarguiremos com orgulho que somos uma cidade em tão franco progresso que até televisão já possuímos [...] Está inaugurada no Pará a era da televisão (PEREIRA, J., 2002, p. 25).

Com o intuito de compreender a disposição dos meios de comunicação no Pará, considerando a distribuição das emissoras/repetidoras de TV em alguns municípios paraenses, é que se apresentam no próximo item algumas características sobre o cenário midiático paraense. Reconhece-se que o quadro pode não ser completo, mas é significativo para auxiliar a compreensão da temática em discussão e estimular pesquisas similares.

Ressalte-se que as informações basearam-se, em sua maioria, no Anuário de Mídia (2011), Mídia Dados (2006), em *sites* como guiademidia.com.br, radio.com.br, netpapers.com, e em contatos com profissionais da área da comunicação.

Um fator diferencial para a configuração do cenário midiático no interior do estado foi o contato deste pesquisador com pessoas dos mais variados ramos da comunicação, principalmente por meio da Internet. Na maioria dos casos, a consulta ao *site* (do jornal, rádio ou TV) foi realizada com o intuito de confirmar a veracidade da existência do meio de comunicação em determinado município²⁷.

2.1 CAPITAL

Em relação às outras capitais dos estados da Região Norte, o município de Belém apresenta um dos cenários mais completos no que diz respeito ao oferecimento de opções de meios massivos, embora fique aquém na oferta quantitativa de jornais impressos.

Em relação aos dados, optou-se, nesse momento, por fazer breves considerações sobre o jornal impresso e sobre a TV. Sobre o rádio, acredita-se que a discussão a ser feita pouco acrescentaria o que se encontrou produzido sobre o tema²⁸.

A disposição dos meios apresenta-se da seguinte forma:

²⁷ A consulta ao *site* da mídia pesquisada (jornal, rádio ou TV) permitiu acesso ao conteúdo do material produzido. Em algumas oportunidades acompanhou-se a programação da rádio *online*. No caso da TV, foram capturados trechos de transmissões. Em outros casos, foi possível somente entrar em contato com profissional vinculado à empresa sobre a qual se buscava informação.

²⁸ Estudos sobre o tema têm sido realizados por Luciana Miranda Costa, professora doutora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) e da Faculdade de Comunicação (FACOM), ambos da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Quadro 1: Meios de comunicação no Estado do Pará - Capital

Meios	Identificação	Total
	Diário do Pará; Jornal Amazônia; O Liberal	3
	98 FM - 98,5; 99 FM - 99,9; 94 FM - 94,3; Belém FM - 104,9; Tabajara FM - 106,1; Clube do Pará AM - 690; Liberal CBN AM - 900; Cultura - 93,7; Diário FM - 92,9; Jovem Pan - 102,3; Liberal AM - 1330; Liberal FM - 97,5; Super Marajoara AM - 1130; Marajoara FM - 100,9; Nazaré FM - 91,3	15
	Liberal - Canal 7 (Globo); RBA - Canal 13 (Band); Record Belém - Canal 10, Record News - Canal 23 (Record); SBT Belém - Canal 5 (SBT); TV Cultura - Canal 2; TV Rauland - Canal 14 (Gazeta); TV Nazaré - Canal 30; Boas Novas Belém - Canal 4 (Boas Novas); TV Metropolitana - Canal 17 (Esporte Interativo); MTV Belém - Canal 25 (MTV); TV Livre - Canal 47 (Rede TV!)	12

Considerando a tiragem média dos jornais²⁹, o jornal impresso na capital alcança, em média, diariamente, um público de 85.000 a 90.000 habitantes e aos domingos, somente na capital, projeta-se a tiragem de 165.000. Esses jornais também chegam a alguns municípios do interior³⁰ e estão presentes na Região Metropolitana de Belém, o que permite um dado potencial de leitores, de segunda-feira a sábado, de pouco mais de 100.000 habitantes.

Sobre isso vale citar que, de acordo com uma pesquisa organizada pela Faculdade de Educação do Campus Universitário do Marajó-Breves como demanda da disciplina Tecnologias, Informática e Educação³¹, no município de Breves, em junho de 2011, os consumidores de jornal impresso estão acima de 30 anos de idade e o de maior aceitação ou mais procurado é o jornal O Liberal.

Levando em conta a idade dos leitores, os dados coincidem com o perfil dos usuários do jornal, de acordo com pesquisa em âmbito nacional³². O maior percentual de leitores de O Liberal (35%) encontra-se na faixa etária de 25-39 anos, enquanto o menor percentual (10%) está na faixa etária de 10-14 anos. Essa mesma

²⁹ Diário do Pará - TM: 30.000 e aos domingos 45.000; Jornal Amazônia - TM: 13.000 e aos domingos 21.000; O liberal - TM: 44.000 e aos domingos: 100.000 (ANUÁRIO DE MÍDIA, 2011).

³⁰ Um exemplo a ser citado é o caso do Jornal O Liberal. De acordo com consulta feita no site <http://www.orm.com.br/projetos/comercial/oliberal_abrangencia.html>, ao todo, a abrangência desse jornal é de 66 municípios do interior paraense e seis capitais no Brasil inteiro, incluindo Belém. Em relação ao arquipélago marajoara, Breves e Soure são os únicos municípios a recebê-los oficialmente por meio da empresa.

³¹ A disciplina foi ministrada por este pesquisador para alunos de Licenciatura em Pedagogia. Com a pesquisa, tentou-se verificar o perfil do leitor brevesense em relação aos jornais que chegam da capital paraense (O Liberal e o Diário do Pará).

³² Ipsos: Estudos Marplan/EGM – 3º tri/2007 – Grande Belém. Dados sobre o Jornal O Liberal. Disponível em <<http://www.orm.com.br/projetos/comercial/oliberal.html>>. Acesso em 06 jun. 2011.




pesquisa considerou ainda as seguintes faixas etárias: 15-24 anos: 29%; 40-49 anos: 15%; e mais de 50 anos: 14%.

Esses dados possibilitam a reflexão sobre a importância e/ou grau de aceitação que os mais jovens dão a esse tipo de mídia. De acordo com Alfonso Sánchez-Taberner, “quem tem menos de 30 anos gosta de sensações, mensagens instantâneas. Para isso, a Internet é imbatível. Mas há quem queira entender o mundo”. Para esses, “deve existir leitura reflexiva, a grande reportagem, a fortaleza do jornal não é dar notícia, é se adiantar e investir em análise, interpretação e se valer de sua credibilidade” (SÁNCHEZ-TABERNEIRO, 2011).

2.2 CIDADES SITUADAS ATÉ 200 KM DE DISTÂNCIA DE BELÉM

São vários os municípios do interior que ficam localizados até 200 km de distância da capital, mas os de maior expressão, considerando principalmente os dados populacionais, são Abaetetuba, Bragança, Cametá e Castanhal. Vale lembrar que a existência de pelo menos duas repetidoras locais de TV nos municípios pesquisados foi essencial para a busca de informações sobre outros meios de comunicação massiva e, conseqüentemente, para a composição de seu quadro midiático.

Quadro 2: Meios de comunicação em algumas cidades localizadas até 200 km de distância de Belém

Município	Meios/Identificação		
			
Abaetetuba	O Cidadão (semanal)	Comunitária Maranhense FM Metropolitana FM Conceição FM Guarany FM	TV Açai (Band) TV Abaetetuba (SBT) TV Conceição (TV Nazaré) TV Record Abaetetuba (Record)
Cametá	-	Transjovem FM Tocantins AM Aldeia FM	TV Tocantina (Band) TV Nazaré Cametá (TV Nazaré)
Bragança	Correio Bragantino (online)	Pérola FM 92,1 Rádio Educadora	RTP Bragança - Canal 4 (SBT) TV Mania - Canal 22 (Record)
Castanhal	Jornal CICS Jornal Expresso (online)	Liberal FM - 94,1 Atlântico FM 105,1 Apeú FM 105,9	RTP TV Castanhal - Canal 3 (SBT) Liberal Castanhal - Canal 11 (Globo) TV Marajoara - Canal 46 (Record)
Total	4	12	11

Embora não se faça referência aos municípios que compõem a Região Metropolitana de Belém – localizou-se uma repetidora de TV local no município de Ananindeua –, levanta-se a hipótese de que, em razão de os jornais impressos e as emissoras de TV da capital paraense frequentemente tratarem de problemas e temas inerentes aos municípios da área metropolitana, não há motivações tão evidentes para iniciativa de pessoas e/ou empresas no sentido de criar um novo jornal ou uma nova repetidora de televisão.

Destaca-se, então, a Internet como elemento fundamental para a tentativa de aproximação em relação ao público local, pois a rede configura uma fonte de informação – senão a maior – entre todos os meios, e a facilidade de seu uso possibilita desde a busca de informação até a criação de um blogue, tornando-a uma alternativa bastante explorada pelos municípios do interior. Ela muitas vezes se apresenta como única opção de informações mais específicas sobre o município.

A título de exemplo, é pertinente fazer uma comparação com a TV. Para existir em determinado local, qualquer emissora/repetidora deverá reunir condições básicas de infraestrutura, de investimento e de pessoas com um mínimo de conhecimento para operar e manter a televisão no ar. Essa dificuldade também é semelhante, embora em menor proporção, em se tratando de uma emissora de rádio.

Já no caso da Internet, o funcionamento e utilização parecem ser mais simples. A princípio, seria necessário apenas um computador com acesso à rede mundial de computadores, criatividade e capacidade de organização para dispor conteúdos na rede. O blogue é o exemplo mais pertinente dessa afirmação.

Sobre essa questão, vale citar o caso do Jornal Regional Paraense, de Ananindeua, que, no ano de 2011, passou também a ter sua versão *online*. A versão impressa é quinzenal e custa R\$ 1,00 o exemplar. Talvez pelos custos do investimento necessário para funcionamento e manutenção de um jornal impresso, ou pela concorrência que deveria travar com os jornais da capital, a estratégia seja a de manter a estrutura atual. Fato é que, de acordo com o próprio *site* do jornal, fundado em maio/2011, no mês subsequente, ele recebeu 478 visitas e em agosto de 2011, apenas na primeira semana, 460 visitas, o que demonstra que cada vez mais as pessoas estão acessando o endereço virtual.

Observe-se que, assim como as pessoas da cidade podem acessar o *site*, as pessoas de qualquer outro local do mundo também podem fazê-lo, o que dá uma dinâmica diferente à informação.

Esse mesmo jornal também circula nos municípios de Marituba, Benevides, Santa Bárbara, Santa Izabel, Bujaru, Mãe do Rio, São Domingos do Capim, Concórdia, Acará, Tomé-Açu, Moju, Tailândia, Igarapé-Mirim, Cametá, Mocajuba e Baião. Sua tiragem quinzenal é de 10.000 exemplares.

Em Bragança, o tempo de existência da Rádio Educadora chama a atenção, pois sua fundação data de 12 de novembro de 1960. Isso permite considerar que a credibilidade que a população dá a ela é algo fundamental, pois em todo o Pará são apenas sete rádios que funcionam como emissoras educativas, como a de Bragança. Na capital são duas e as demais estão localizadas em outras cidades (RELATÓRIO DE RÁDIO E TV, 2011).

Em Abaetetuba, é importante destacar o número de repetidoras com transmissão local (quatro), a despeito da já mencionada dificuldade de “fazer TV”, principalmente fora das capitais.


2.3 INTERIOR

Essa parte do trabalho é dedicada à descrição do cenário midiático de alguns municípios do interior do estado paraense, independentemente da distância em relação à capital.

É pertinente considerar que, posteriormente à apresentação e considerações sobre o próximo quadro, tratar-se-á de forma mais específica dos municípios que compõem a mesorregião marajoara, dada a necessidade de conhecer sua realidade, o que resultará em um significativo preâmbulo para a contextualização do lócus desta pesquisa.

Para a elaboração do quadro seguinte, optou-se por incluir somente os municípios em que se identificou serviço de TV local com pelos menos três repetidoras, pois, devido ao elevado número de municípios no Pará, seria muito extensivo mencionar todos os que possuem serviço de pelo menos uma ou duas TVs locais.

Quadro 3: Meios de comunicação em alguns municípios do interior do Estado do Pará

Município	Meios / Identificação		
			
Altamira	-	Vale do Xingu FM 93,1 Cidade FM 104,9 Transamazônica FM Rádio Rural	TV Liberal Altamira - Canal 13 (Globo) Vale do Xingú - Canal 10 (SBT) TV Altamira - Canal 6 (TV Cultura)
Itaituba	-	Alternativa 104 FM Liberal FM Comunitária FM Itaituba AM Rádio Clube	Itaituba - Canal 2 (Record) Tapajoara - Canal 7 (SBT) TV Cidade Dourada - Canal 4 (Rede TV!) TV Eldorado - Canal 6 (Band) TV Liberal Itaituba - Canal 13 (Globo)
Marabá	Correio do Tocantins Opinião	Clube Marabá - AM 770 FM 91 - 90,9 Itacaiunas AM - 850 Liberal FM - 93,9	TV Eldorado - Canal 7 (SBT) TV Liberal Marabá - Canal 5 (Globo) TV Fox Marabá - Canal 50 (Record) TV Tocantins - Canal 10 (Band) TV Marabá - Canal 13 (Boas Novas)
Parauapebas	Carajás Jornal Correio do Pará	87,9 FM Arara Azul 96,9 FM Liberdade FM	SBT Parauapebas - Canal 5 (SBT) Liberal Parauapebas - Canal 12 - Globo TV Norte Carajás - Canal 2 (Record)
Paragominas	-	Cidade FM 93,3 Jarana FM 101,1 Rádio Clube Difusora FM	Liberal Paragominas - Canal 8 (Globo) Ouro Verde - Canal 13 (SBT) TV Paragominas - Canal 10 (Record) Rede TV! Paragominas - Canal 12 (Rede TV!)
Redenção	A notícia Folha de Carajás	Você FM 92,1	TV Cidade - Canal 7 (SBT) Liberal Redenção - Canal 9 (Globo) TV Carajás - Canal 3 (Record)
Santarém	Gazeta de Santarém O Estado do Tapajós O Impacto Jornal de Santarém	Guarany FM - 100,3 Ponta Negra - 890 Rural de Santarém - 710 Tapajós FM - 94,1 Tropical AM - 650	TV Ponta Negra - Canal 5 (SBT) TV Santarém - Canal 12 (Band) TV Tapajós - Canal 4 (Globo) TV Guarany - Canal 15 (Record) TV Amazônia - Canal 7 (Rede TV!)
Tucuruí	-	Floresta AM - 1500 Floresta FM - 104,7	TV Floresta - Canal 12 (SBT) TV Tucuruí - Canal 6 (Band, SBT) TV Tocantins - Canal 2 (Record)
Total	10	31	36

Em Marabá, Parauapebas e Redenção, os jornais também são *online*. Uma situação muito particular encontrada em todos os jornais consultados, evidentemente *online*, foi o fato de não tratarem apenas de sua especificidade local.

Geralmente há informações sobre temas de ordem nacional e regional, além das notícias locais.

Em relação ao cenário midiático paraense, pode-se dizer que, principalmente, nas pequenas cidades, o rádio é um meio indispensável. Algo particular em relação a essas cidades é o fato de ser comum que pessoas vinculadas a alguma igreja acabem se tornando os profissionais da rádio, uma vez que é difícil encontrar pessoas habilitadas em cursos de comunicação, jornalismo ou afins para exercerem tal função.

A “profissionalização” provisionada desse tipo de mão-de-obra pode estar relacionada ao fato de que essas pessoas anteriormente ou ainda hoje cantam, fazem os comentários do ritual da missa ou do culto evangélico, ou ainda, de alguma maneira conseguem se expressar com boa fluência na linguagem oral diante do público.

Outra situação importante a se considerar é que, entre os municípios do interior, as mesorregiões do Baixo Amazonas e Sudeste Paraense apresentam um cenário midiático bem mais expressivo, quantitativamente, já que possuem o maior número de rádios e repetidoras de TV em relação às outras.

2.3.1 Meios de Comunicação Massivos na Região do Marajó

“Marajó. Tanta terra que nem parece ilha” (MIRANDA NETO, 2005, p. 15). Assim começa a introdução de Manoel José de Miranda Neto em uma das poucas obras atuais que tentam organizar informações sobre as características gerais do arquipélago do Marajó. Em seus mais de 50.000 km² é maior que Bélgica e Holanda juntas. O arquipélago conta com uma população de 487.010 habitantes (IBGE, 2010).

O clima de Marajó é equatorial úmido – quente e chuvoso – e para esta região a população diz conhecer apenas dois “períodos” climáticos: a seca e a cheia³³. Entre dezembro/janeiro e abril/maio concentram-se as fortes chuvas. Em junho/julho um intenso calor até chegar novamente o período das chuvas.

³³ O período das cheias é mais difícil, uma vez que é acompanhado das chuvas e torna mais árdua a vida de muitos habitantes, especialmente, da zona rural. Já o período de seca, embora bastante quente, é visto positivamente por permitir uma locomoção mais facilitada e também pelo fato de alguns produtos/alimentos típicos do local chegarem mais barato às mesas: o açaí e a farinha são exemplos disso.

O arquipélago marajoara tem uma realidade muito desigual no que diz respeito à qualidade de vida das pessoas, o que é confirmado pelo alto desemprego e pela falta de serviços básicos e operacionais necessários à sobrevivência da população.

De acordo com informações do IBGE (2010), mais de 56% da população marajoara habita em zona rural. De todos os municípios do arquipélago, apenas Breves, Salvaterra e Soure apresentam população urbana superior à da zona rural.

Na opinião deste pesquisador, são vários os motivos que contribuem para essa realidade, desde questões mais específicas, como o fato de que na zona rural se tem garantia de manutenção da rotina diária e da sobrevivência, até questões mais gerais, como a carência de infraestrutura e o alto índice de violência urbanas. Na cidade, o que essas pessoas fariam para manutenção de suas rotinas e dignidade? É um questionamento que envolve questões específicas e gerais, identificadas nos processos de deslocamento da população rural para o meio urbano.

Acredita-se que boa parte dessa realidade seja conhecida em nível nacional³⁴, mas somente há poucos anos, com o Plano de Desenvolvimento Territorial Sustentável do Arquipélago do Marajó³⁵ (2007) é que tais mazelas passaram a ser percebidas de maneira mais nítida. A sistematização do documento ora citado contribuiu e tem contribuído, de maneira significativa, para alertar sobre os principais problemas vivenciados pelo povo dessa região.

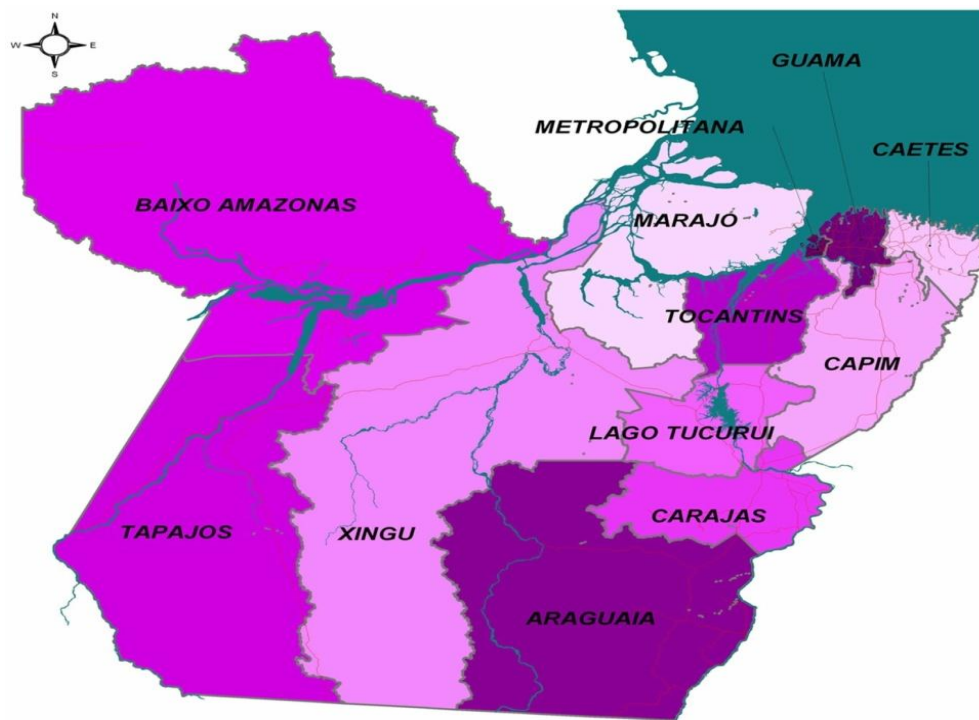
No caso do Arquipélago do Marajó, dada a dimensão das demandas de ordem social, sobretudo a carência estrutural de serviços básicos, como saneamento, saúde e educação, aliadas a um contexto de concentração e instabilidade fundiária e a precariedade e insuficiência da infraestrutura, resultando num dos mais baixos níveis de qualidade de vida do país, o Plano assume um caráter norteador, oferecendo diretrizes e ações governamentais para a implementação de um modelo de desenvolvimento construído em parceria com a sociedade local, capaz de mudar a face de atraso e pobreza em que se encontra a região (PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO MARAJÓ, 2007, p.8).

³⁴ Ora ou outra a grande mídia tem divulgado informações sobre as precárias condições de vida nos municípios marajoaras. Ressalte-se que estreou em 5 março de 2012, na Rede Globo, a telenovela Amor Eterno Amor, escrita por Elizabeth Jhin e direção geral de Pedro Vasconcelos. Essa produção tem como um de seus cenários principais a Ilha de Marajó e exibe as belezas naturais dessa região.

³⁵ Esse é um plano sub-regional, inserido nas estratégias do Plano Amazônia Sustentável (PAS) que, juntamente com o Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável do Nordeste (PDNE) e o Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável do Centro-Oeste (PDCO), são planos de desenvolvimento macrorregionais que o Governo Federal projetou/elaborou. Basicamente, eles visam promover o desenvolvimento de atividades produtivas para melhorar a qualidade de vida das pessoas em consonância com a conservação do meio ambiente.

Dados relevantes e esclarecedores, que contribuem para reforçar a afirmação apresentada, podem ser buscados no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)³⁶ em relação ao Marajó. Como os dados encontrados consideram as regiões de integração, de acordo com a Secretaria de Estado de Integração Regional, Desenvolvimento Urbano e Metropolitana (SEIDURB), do Estado do Pará, primeiramente vale situá-lo geograficamente, com demonstração do mapa abaixo.

Imagem 1: Regiões de Integração do Pará



Fonte: SEIDURB/PA, 2010

A seguir apresenta-se a média do IDH para cada região de integração do Pará.

³⁶ O Índice de Desenvolvimento Humano foi criado/desenvolvido em 1990 e, desde 1993, é usado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Seu maior objetivo é classificar o grau de desenvolvimento humano dos países integrantes das Organizações das Nações Unidas (ONU) para que políticas públicas sejam elaboradas no sentido de tentar equacionar os problemas relacionados a esse tema. Se o IDH estiver entre 0 e 0,49, ele é considerado baixo; se estiver entre 0,50 e 0,79, ele é considerado médio; se estiver de 0,80 a 1, é considerado alto.

Quadro 4: Média do IDH nas regiões de integração do Pará

REGIÕES	Média - IDH
Araguaia	0,69
Baixo Amazonas	0,68
Capim	0,66
Carajás	0,67
Lago Tucuruí	0,67
Marajó	0,63
Metropolitana	0,71
Tapajós	0,68
Tocantins	0,68
Xingu	0,66
Total	0,67

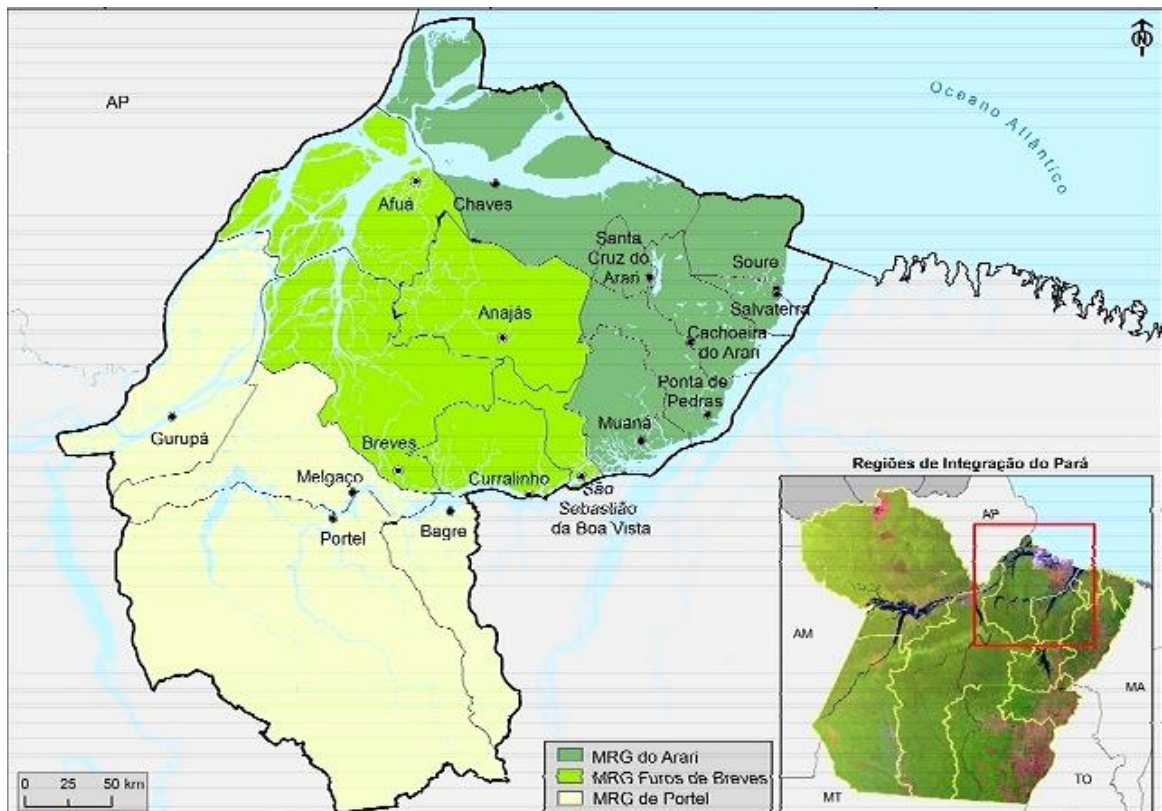
Fonte: PNUD/Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2000, grifo nosso.

Nota-se que, entre todas as regiões apresentadas, o mais baixo IDH é o do Marajó. Acrescenta-se que o município de Soure (IDH= 0,723) possui o alto IDH do Marajó, enquanto que Melgaço (IDH = 0,525) apresenta o mais baixo do Pará, além de ser um dos menores do Brasil. De acordo com dados da SEIDURB (2010), o Marajó é a região que apresenta a maior disparidade de IDH no estado.

Esse nível de desenvolvimento humano repercute explicitamente em todos os segmentos de vida do marajoara, o que é notável, por exemplo, no campo das comunicações – tema que será explorado mais adiante – e no fornecimento de energia elétrica, dimensão infraestrutural essencial às comunicações contemporâneas e que é bastante instável no arquipélago marajoara.

Em termos geográficos, de acordo com o IBGE, a Mesorregião Geográfica do Marajó é composta por 16 municípios e constituída de três microrregiões (MRG): Arari, Furos de Breves e Portel. Os municípios que fazem parte da microrregião do Arari são: Cachoeira do Arari, Chaves, Ponta de Pedras, Salvaterra, Santa Cruz do Arari e Soure; os que fazem parte da microrregião dos Furos de Breves são: Afuá, Anajás, Breves, Currealinho e São Sebastião da Boa Vista; os que fazem parte da microrregião de Portel são: Bagre, Gurupá, Melgaço e Portel.

Imagem 2: Mesorregião do Marajó (IBGE)



Fonte: SEIR/GeoPará, 2011

Mesmo que seja oportuno e importante reconhecer as variações dessas microrregiões, neste trabalho prefere-se adotar a divisão e classificação dos municípios conforme os estudos do professor Agenor Pacheco, com o uso das expressões “Marajó dos Campos” e “Marajó das Florestas”, que não deixam de estar atreladas ao conceito geográfico, mas que também envolvem questões histórico-culturais e que melhor se encaixam a esse trabalho.

A principal justificativa para essa decisão diz respeito, principalmente, à locomoção dentro do arquipélago e está mais relacionada à microrregião dos Furos de Breves e de Portel. Em termos práticos, considerando a distância e o transporte regular, é muito mais fácil e próximo ir de Bagre a Breves, localizadas em microrregiões diferentes, do que ir de Bagre a Portel que se encontram na mesma microrregião.

No caso das classificações Marajó dos Campos e Marajó das Florestas, as disparidades parecem ser menores e é essa classificação a que será utilizada para a descrição dos meios de comunicação no Arquipélago Marajoara.

A chamada ilha de Marajó, na foz do rio Amazonas, maior ilha flúvio-marinha do mundo, com mais de 50 mil quilômetros quadrados distribuídos em regiões de campos naturais, zonas de matas, praias, rios e mar. É conformada, geográfica e culturalmente pelo **Marajó dos Campos**, na parte oriental, que compreende os municípios de Soure, Salvaterra, Cachoeira do Arari, Santa Cruz do Arari, Ponta de Pedras e Muaná. Já o **Marajó das Florestas**, no lado ocidental, abarca os municípios de São Sebastião da Boa Vista, Curralinho, Bagre, Breves, Melgaço, Portel, Anajás, Gurupá e Afuá (PACHECO, 2009, p. 20, grifo nosso).

O arquipélago marajoara é um local que se destaca por sua biodiversidade, por seu cenário, que é marcado fortemente pelo encontro do antigo com o novo, e também por se destacar em termos de recursos hídricos. Tem uma história marcada por múltiplas faces em razão do povo e suas mais variadas crenças, costumes, educação e seus aspectos sociais e político-econômicos.

O Arquipélago Marajoara, em todos os seus municípios, tem realidades que em muitos aspectos convergem, desde a questão econômica da maior parte da população aos hábitos festivos, que geralmente têm no religioso sua maior expressão. Cidadãos-anfíbios, cidades-floresta, homem “rurbano”. Todas essas denominações (elaboradas pelo professor Agenor Pacheco) se aplicam bem à realidade da população marajoara.

O Marajó pode ser uma terra estrangeira para muitos paraenses, e até mesmo para muitos marajoaras, dada as dificuldades de acesso, locomoção e a própria grandiosidade do arquipélago, pois

A pluralidade de realidades físicas, humanas, sociais e espirituais que perfazem os dezesseis municípios do arquipélago, especialmente quem habita na parte florestal e precisa chegar aos campos, faz dos Marajós um país “estrangeiro” para seus próprios habitantes. Certamente, muitos marajoaras não conhecem os Marajós (PACHECO, 2009, p. 23).

Na concepção do autor deste trabalho, o acesso ao Marajó das Florestas é bem mais demorado e mais difícil, considerando a distância de seus municípios, em relação à capital do estado e entre eles próprios.

Para noção das distâncias e do tempo de acesso, em relação à capital, apresenta-se o quadro a seguir.

Quadro 5: Distâncias de Belém para os Municípios da Região Marajoara

Nº	Municípios	Rodoviário (Km)	Aéreo (Km)	Fluvial (Km)	Tempo ³⁷	
					Fluvial	Aéreo
1	Afuá	-	260	286	28 h	70 min
2	Anajás	-	161	512 ³⁸	28 h	60 min
3	Bagre	-	203	211	14 h	50 min
4	Breves	-	238	248	12 h	60 min
5	Cachoeira do Arari	-	66	68	8 h	35 min
6	Chaves	-	218	223	12 h	60 min
7	Curralinho	-	152	160	8 h	50 min
8	Gurupá	-	353	542	22 h	80 min
9	Melgaço	-	255	271	16 h	70 min
10	Muaná	-	82	99	7 h	30 min
11	Ponta de Pedras	-	43	43	3,5 h	25 min
12	Portel	-	264	274	16 h	70 min
13	Salvaterra	-	73	29	4 h	35 min
14	Santa Cruz do Arari	-	115	117	12 h	60 min
15	São Sebastião da Boa Vista	-	116	135	8 h	50 min
16	Soure	-	82	44	4,5 h	35 min

Fonte: Distâncias Rodoviárias – Seir/GeoPARÁ, 2010 (www.seir.pa.gov.br)

Nota: O tempo de acesso aos municípios foi determinado com base nas vivências deste próprio pesquisador no arquipélago e consultas às empresas que ofertam serviço marítimo e táxi aéreo na região, já que no site da consulta não havia essa informação.

Em relação principalmente ao acesso fluvial, essas distâncias são contadas em linha reta, o que se torna apenas uma referência e não uma distância exata, uma vez que os rios se apresentam numa sinuosidade difícil de fazer qualquer medição.

Os rios do Marajó são rios de marés, o que significa dizer que seu volume varia de acordo com o tempo e as correntezas influenciam de maneira significativa e direta a forma de viver dos moradores. Sobre essa questão, Miranda Neto (2005, p.35) afirma que “não raro, o verão na ilha é demasiado rigoroso. Escasseia a água até nas baixas. Os rios pequenos secam por completo e os maiores baixam acentuadamente de nível, tornando difícil e quase impraticável a navegação”.

Uma situação bastante clara e comum da influência das águas na vida dos habitantes marajoaras é a demarcação do tempo dependente das correntezas e sua influência na atividade de navegação, assim como das marés. Ora se aguarda a maré encher, ora vazar para o barco poder iniciar a viagem, conseqüentemente o tempo da viagem torna-se apenas uma projeção e não algo definido.

³⁷ Tempo médio de acesso ao local considerando a capital como origem. Vale lembrar que a maioria dos municípios não dispõe de linha aérea regular e o tempo gasto em transporte fluvial depende muito da maré.

³⁸ Dado acrescentado por este pesquisador com base na consulta ao site <www.museudomarajo.com>. Acesso em 10/08/2011.

Para efeito de exemplo, cita-se que há ocasiões em que uma viagem da capital paraense ao município de Breves pode durar 12 horas, em uma semana e 14 horas, ou mais, em outra, dependendo da correnteza e do movimento da maré. A mesma afirmação é verdadeira tomando como referencial todos os outros municípios do arquipélago.

Em relação aos números populacionais, é possível ter uma noção do quantitativo de habitantes a partir do quadro abaixo.

Quadro 6: Número de Habitantes no Marajó

Nº	MUNICÍPIO	POPULAÇÃO
01	Afuá	35.042
02	Anajás	24.759
03	Bagre	23.864
04	Breves	92.860
05	Cachoeira do Arari	20.443
06	Chaves	21.005
07	Currálinho	28.549
08	Gurupá	29.062
09	Melgaço	24.808
10	Muaná	34.204
11	Ponta de Pedras	25.999
12	Portel	52.172
13	Salvaterra	20.183
14	Santa Cruz do Arari	8.155
15	São Sebastião da Boa Vista	22.904
16	Soure	23.001
Total de habitantes		487.010 ³⁹

Fonte: Censo Demográfico 2010/IBGE

Acredita-se que a posição geográfica privilegiada de Breves dentro do arquipélago (ver Imagem 3), uma vez que o município se encontra no centro da mesorregião/ questões históricas, como o fato de ser um dos municípios mais antigos do Arquipélago do Marajó e a quantidade de órgãos/instituições públicas presentes no município, contribuem, significativamente, para que haja maior número de habitantes, tornando-se diferenciada em relação aos demais municípios.

³⁹ Desse total, de acordo com o IBGE(2010), 275.558 pessoas vivem fora das cidades, ou seja, são mais de 56% da população vivendo na zona rural.

Imagem 3: Mapa da Mesorregião do Marajó – Pará. Destaque: Breves



Fonte: www.dsr.inpe.br, 2009.

Os órgãos/instituições federais e estaduais presentes no município de Breves são a 13ª Unidade Regional de Educação, o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), o Hospital Regional do Marajó, a Delegacia Regional da Fazenda, o Campus Universitário do Marajó-Breves/UFPA, quatro escolas de Ensino Médio, agências dos Correios, Banco do Brasil, Banco do Estado do Pará, Caixa Econômica Federal e Banco Bradesco. A presença do Instituto Federal do Pará (IFPA), com seus cursos técnicos, desde 2009, alimenta as esperanças de ofertas futuras de outros cursos de nível superior no município.

De maneira geral, é interessante lembrar que, com a carência de recursos/serviços na região marajoara, a população não só de Breves, tende a sair em busca de melhores condições. “Em função de sua relativa proximidade, a maior parte da população migrante marajoara se direciona para Belém e sua área metropolitana” (PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO MARAJÓ, 2007, p.20).

Considerando as informações sobre meios de comunicação nessa região, uma observação que deve ser levada em conta, tanto para os municípios do Marajó das Florestas como do Marajó dos Campos, é a dificuldade de se trabalhar com

dados específicos e que sejam mais atuais sobre os municípios. Por isso é que em muitas situações, as afirmações estatísticas serão baseadas no Censo de 2000.

A maior justificativa para tal fato é que, considerando os dados do Censo do IBGE, ano de 2000, somente no ano de 2008 é que o IDESP/SEPOF, por meio do Governo do Estado do Pará, divulgou dados oficiais sobre cada município. Ressalta-se que em novembro de 2011 o IBGE publicou resultados oficiais definitivos sobre o Censo de 2010. Contudo, as informações específicas sobre bens duráveis em cada município marajoara não estão disponíveis, o que indica que, mais uma vez, levarão algum tempo para serem publicadas.

Outra notação importante a ser feita é que os dados sobre a taxa de urbanização de alguns municípios, que serão aqui apresentados, foram organizados por este pesquisador com base nos resultados do Censo do IBGE/2010.

É preciso ainda mencionar três situações. Primeiro, os serviços e meios de comunicação em funcionamento atualmente são muito recentes. Segundo, mesmo com o serviço ou meio disponíveis, a instabilidade é uma característica bastante comum das mídias nessa região, uma simples chuva pode fazer com que qualquer das operadoras de celular tenha seu sinal interrompido ou a própria Internet pode ter seu acesso suspenso⁴⁰. Terceiro, os dados gerais oficiais em relação ao Censo de 2000 apontam o rádio como principal eletrodoméstico na região marajoara.

De acordo com esses dados, somente o município de Ponta de Pedras apresentava um percentual de domicílios com televisão superior ao rádio. Outra questão que precisa ser mencionada é a instabilidade do serviço de energia elétrica em todo o arquipélago do Marajó.

Uma observação importante a se considerar refere-se à alteração da paisagem na Amazônia proporcionada pelas mídias e seus aparatos, o que tem sido bastante evidente nos municípios do Marajó. Quando os navios, barcos, canoas, “rabetas”, se aproximam das cidades, o que se vê de imediato são as altas antenas

⁴⁰ A título de exemplo, bastou entrar em uma rede social em que pessoas do Marajó estavam conectadas de suas cidades natais. No dia 27/08/2011 (sábado a noite), em menos de 30 minutos na Internet (sem este pesquisador desejar encontrar qualquer pista sobre o assunto) foram efetuadas pelo menos três postagens que indicam tal instabilidade. **A** (moradora de Soure): “*Gente, já estava enlouquecendo sem Internet desde os raios e trovões de 5ª feira. Emprestei um modem da vivo e nada. Depois de um bom tempo, finalmente conectada. Que alívio! Ufaa. Boa Tarde faces! Vocês não imaginam a saudade que estava de vocês*”. Após contato com a usuária, ela revelou que passou pouco menos de 48 horas sem Internet; **B** (moradora de Salvaterra): “*Aqui o face tá parece a Tim, saindo toda hora*”; **C** (morador de Portel) “*Oficialmente eu cheguei ao OFFLINE do poço com essa droga de modem, fica mais fora do que dentro*”.

instaladas com o intuito de ofertar algum serviço de meio massivo para a população, ou as torres das igrejas, conforme se percebe a partir das imagens a seguir.

Imagem 4: Frente de Breves (Ano 2004)



Imagem 5: Frente de Breves (Ano 2012)



Fonte das imagens 4 e 5: Acervo do Pesquisador

Por outro lado, há locais que mantêm um cenário paisagístico ainda com poucas marcas tecnológicas, sobressaindo-se as características tradicionais típicas, predominantemente, religiosas como se percebe na Imagem (6) a seguir.

Imagem 6: Frente de Gurupá (2010)



Fonte: Imagem cedida por Vitor Amaral - morador de Gurupá

Para efeito de esclarecimento, a breve introdução que será feita de cada município, antes da apresentação de seu quadro midiático, está baseada em conversas com alguns profissionais que atuam nos municípios, em entrevistas com moradores locais e nas observações realizadas.

É pertinente ainda considerar a pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) que, divulgada em junho de 2011⁴¹, organizou um estudo sobre a divisão das classes econômicas em diferentes cidades do país com base nos dados do Censo de 2010.

O levantamento mostra que o estado do Pará aparece com dez municípios entre os 50 mais pobres do país. Destes dez, cinco localizam-se no Marajó. Melgaço é o quarto município do Brasil em número de habitantes na classe E (69,1%). Além de Melgaço, estão na lista: Bagre, com apenas 13,8% das pessoas nas classes A, B e C; Santa Cruz do Arari (15,1%); Chaves (16,1%) e Afuá (16,3%). A pertinência de se evidenciar esses dados é que, de certa forma, eles apontam para uma imbricação com o contexto encontrado no atual cenário midiático da região.

Ratifique-se ainda certo estranhamento em relação aos documentos oficiais consultados sobre o Marajó, sejam livros, dissertações, artigos: nada nesses documentos faz referência aos meios de comunicação de massa, com exceção do

⁴¹ A pesquisa foi coordenada pelo economista Marcelo Meri, da FGV e divulgada no dia 26/06/2011. Disponível em <http://www.orm.com.br/2009/noticias/default.asp?id_modulo=19&id_noticia=540136>. Acesso em 28 jun. 2011.

Plano de Desenvolvimento do Marajó, que apresenta não mais que oito linhas sobre a área, o que pode ser comprovado na página 52 do referido documento.

Menciona-se essa questão em razão de sua importância para se entender a natureza da sociedade atual, em que é impossível não considerar a compreensão dos meios de comunicação e seus desdobramentos. Os meios são fatos presentes e atuantes nos mais variados locais e segmentos sociais, legitimando, portanto, uma força significativa na sociedade, considerando que “o lugar cada vez mais onnipresente dos meios de comunicação social costuma ser considerado um dos fatores determinantes da força que a comunicação tem vindo a adquirir no nosso tempo” (RODRIGUES, 2010, p. 14)

Em relação às datas de início do funcionamento de cada mídia massiva nos municípios, ressaltou-se que elas foram informadas com base, principalmente, em declarações dos próprios moradores das cidades ou em relatos de profissionais que trabalham no setor. O trabalho se deu dessa forma em razão da impossibilidade de contato com as empresas objetivando a obtenção de dados oficiais já que elas não responderam às solicitações do pesquisador.

Contudo, acredita-se que as informações fornecidas pelos moradores são tão válidas quanto às das empresas, já que os marajoaras geralmente ficam ansiosos com a possibilidade de oferta de um novo serviço na área de telecomunicações, na esperança de ter algo melhor, estando sempre atentos à sua concretização. Exemplo disso ocorreu em agosto de 2011 quando moradores de Chaves ansiavam pela finalização da construção da antena da operadora de telefonia celular Claro para oferta do serviço.

Sobre a televisão, as informações apresentadas consideram apenas as emissoras existentes no período da pesquisa. Por exemplo, no final da década de 1980, era possível assistir à Rede Manchete no município de Breves, mas, como não era cobertura oficial, segundo relato comum dos moradores dos demais municípios, resolveu-se tratar apenas das emissoras atualmente em funcionamento.

2.3.1.1 Meios de Comunicação no Marajó das Florestas

O Marajó das Florestas, na parte ocidental do arquipélago, engloba os municípios de Afuá, Anajás, Bagre, Breves, Currálinho, Gurupá, Melgaço, Portel e São Sebastião da Boa Vista (PACHECO, 2009).

Em termos de locomoção dentro do arquipélago, considerando o município de Breves como referência, há certa proximidade geográfica entre Bagre, Breves, Currálinho, Melgaço e Portel, o que não significa que o deslocamento entre eles seja rápido ou fácil, mas é bem menos complicado chegar a eles do que a municípios como Afuá, Anajás, Gurupá e São Sebastião da Boa Vista. Para estes, o deslocamento é um pouco mais demorado, até bem mais, pois há dificuldade em conseguir embarcações para o traslado.

É importante lembrar que os comentários acima, bem como as discussões que serão apresentadas sobre o cenário midiático do Marajó das Florestas tomam Breves como referência por sua extrema relevância no arquipélago. Portanto, os comentários sobre esse município serão mais longos.

Em todo o Marajó há apenas dois municípios que possuem repetidoras de TV local. Ambas são localizadas no Marajó das Florestas. As repetidoras estão nas cidades de Breves, que possui quatro locais (TV Breves SBT, canal 8; TV RBA Breves, canal 12; TV Nazaré Breves, canal 33; TV Record Breves, canal 6) e Portel, que possui uma (SBT Portel, canal 8).




No município de Breves, o serviço de TV local é bem mais antigo e a estabilidade da oferta do serviço data do final da década de 1990. É importante registrar que em algumas comunidades da zona rural do município é possível assistir em rede aberta ao canal retransmitido pela TV Nazaré-Breves, o que não é o caso da comunidade São Pedro. Quanto às outras retransmissoras, dada à baixa capacidade do aparelho transmissor, há dificuldade de visualização das imagens, até mesmo no perímetro urbano. Sobre isso, a TV Breves foi a única a declarar que está em processo de transição para ampliar sua capacidade de alcance de transmissão.

Em Portel o início das atividades da televisão data de meados do ano de 2010, ainda com bastante instabilidade. No ano de 2011, principalmente em razão da publicidade, a TV se consolidou e passou a levar ao ar um programa jornalístico, que é exibido diariamente de segunda a sexta, às 13 h.

Oficialmente, no Marajó das Florestas, o município de Breves é o único que recebe os dois grandes jornais impressos da capital paraense –O Liberal e Diário do Pará –, embora em outros municípios, como Melgaço e Portel, por exemplo, seja bastante comum encontrar tais periódicos.

O quadro midiático dos municípios que compõem o Marajó das Florestas apresenta-se disposto da seguinte maneira:

Quadro 7: Meios de comunicação de massa no Marajó das Florestas

Município	Meios / Identificação		
			
Afuá	Afuá FM 87,9	TV Liberal (Globo) SBT Bandeirantes Cultura	Vivo Claro* ⁴²
Anajás	-	TV Liberal (Globo) TV Cultura	Tim
Bagre	Breves FM	TV Globo SBT Bandeirantes Record TV Cultura	Vivo
Breves	Rádio Breves-FM Rádio Popular FM Rádio Santana Rádio Cidade FM	TV Liberal (Globo) TV Breves (SBT) TV Record Breves (Record) RBA Breves (Bandeirantes) TV Nazaré Breves (Nazaré) TV Cultura	Tim Vivo Oi Claro
Curralinho	São João FM Transvida FM	TV Liberal (Globo)	Vivo
Gurupá	Comunitária 87,9 102 FM	TV Liberal (Globo) TV Cultura	Tim
Melgaço	Rádio Comunitária Melgaço FM 87,9	TV Liberal (Globo) TV Cultura Record	Vivo Claro* Tim*
Portel	Arucará FM	TV Liberal (Globo) SBT Portel TV Cultura TV Bandeirantes	Tim Vivo*
São Sebastião da Boa Vista	Rural FM Magnífica FM	TV Liberal (Globo) SBT TV Cultura TV RBA (Band	Vivo
Total	15	31	12

Nota: A informação sobre jornal impresso não foi inserida em razão da escassez dessa mídia na região marajoara. Os raríssimos casos que se aproximam desse tipo de mídia serão comentados no decorrer do texto. A mesma observação vale para o Marajó dos Campos.

⁴² As operadoras cujos nomes estão seguidos de um asterisco indicam que a cobertura não é oficial ou que há antenas de recebimento de sinal em construção. Pode também representar que em alguns pontos do município que o serviço pode funcionar, mesmo sem cobertura oficial da operadora.



O nome do município é uma referência ao Rio Afuá. Muito próximo da cidade de Macapá (AP), Afuá é conhecido como “Veneza Marajoara”, graças às palafitas instaladas na cidade desde a sua criação. De acordo com a Secretaria de Turismo (2010), enchentes invadem algumas ruas do município a cada quatro anos. Enquanto Afuá está localizada a mais de 250 km de Belém, fica cerca de 100 km de Macapá.

O único meio de transporte disponível na cidade são as bicicletas. Carros e motos não são permitidos na cidade, até porque não há estrutura de solo segura para suportá-los. Talvez daí a criatividade dos moradores tenha levado ao surgimento do “bicitáxi”, bicicleta modificada, com quatro rodas, mas que funciona a pedal. Os barcos vêm em segundo lugar

Em Afuá todas as repetidoras de TV começaram a funcionar oficialmente depois do ano de 2002. A título de exemplo, a TV Cultura funciona há menos de três anos no município. A Rádio Afuá FM 87,9 está no ar há menos de dois anos. A única operadora de celular iniciou suas operações no município apenas em maio de 2009. Para o mês de julho de 2012 está prevista a conclusão da antena de uma segunda operadora de celular no município.

No campo da cultura, os eventos mais conhecidos em Afuá são a Festividade de Nossa Senhora da Conceição, que ocorre em dezembro e o Festival do Camarão, em julho. Uma das alternativas mais usadas pelos afuaenses para divulgar os eventos é a Internet. O acesso à Internet ocorre em *lan houses* ou pelo serviço da única operadora de celular na cidade. Há informações de que o acesso à Internet foi levado à população por Leonardo Bararuá, que fundou a primeira *lan house* na cidade em 2005. Antes disso, apenas a Prefeitura tinha acesso e algumas pessoas que arriscavam usar o serviço de Internet discada. Até a data de 15 de julho de 2011, havia três *lan houses* na cidade.

A cidade conta com um provedor de Internet via rádio. De acordo com conversas com alguns moradores, as tecnologias demoram a chegar em Afuá. Quando chegam, as pessoas apressadamente saem para comprar, já que não há como o dono de um estabelecimento comercial investir em grande volume de

compras. O risco previsto pelos comerciantes é oferecer algo que a demanda não tenha como consumir, o que ocasionaria prejuízo certo.



ANAJÁS

O nome do município “vem do tupi *ana’ya*, designando um povo indígena, hoje extinto, que habitou a Ilha de Marajó” (FERREIRA, 2003, p. 26). Em Anajás, o evento cultural mais importante é a festa religiosa do Menino Deus, padroeiro do município. Ela acontece na primeira semana de dezembro.

Anajás é uma das cidades do Marajó que tem gozado visibilidade na mídia. Infelizmente ela é conhecida por seus altos índices de casos de malária⁴³, um problema que se deve também a sua localização geográfica.

No início de 2010, a única rádio da cidade fechou por estar funcionando de maneira clandestina. Até a data da visita a este município (25/07/2011), havia possibilidade de regularização de uma nova rádio.

Em relação às repetidoras de TV, a disponibilização de sinal ocorreu a partir de meados de 2006. No ano de 2000, 43,8% dos domicílios possuíam rádio, 24% tinham aparelho de TV e menos de 1% dos domicílios possuíam microcomputador (IDESP/SEPOF, 2008).

Para se ter ideia da escassez dos recursos midiáticos nesse local, no ano de 2000 o número de domicílios com linhas telefônicas instaladas era de apenas 6 (IDESP/SEPOF, 2011) e ainda não havia serviço de telefonia móvel disponível.

A única operadora de celular hoje em funcionamento iniciou sua cobertura no primeiro semestre de 2009. O acesso à Internet ocorre em dois *cybers*, além do serviço de telefonia móvel. O recurso da Internet começou a ser mais conhecido a partir do uso de meios como celular e *smartphones*.

Algo bastante positivo para esse município é que no dia 25/11/2011, data em a cidade comemorou 125 anos, foi inaugurada a primeira agência bancária do município – Banpará –, que segundo os moradores deverá impulsionar a economia,

⁴³ Para se ter uma ideia desse problema no município, no ano de 2007 foram registrados 4.142 casos de malária, somente no período de janeiro a junho. O segundo maior registro no Marajó, em relação ao mesmo período, foi em Portel: 609 casos. (PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO MARAJÓ, 2007, p. 62).

já que eles não precisarão se deslocar a outros municípios para efetuarem transações bancárias. A chegada deste serviço para os moradores traz a ideia de desenvolvimento e associada a essa concepção alimentou a esperança do aumento do número de emissoras na TV aberta e Internet de melhor qualidade.



Na região marajoara, Bagre é bastante conhecida em razão do Festival do Açaí, realizado nos mês de setembro. De acordo com a Secretaria de Cultura, Turismo, Desporto e Lazer do município de Bagre, esse evento tem por objetivo propor aos visitantes o conhecimento sobre a riqueza natural do município, o açaí; assim como sua riqueza cultural materializada nas barracas em que são vendidos e comercializados peças de artesanato e artefatos de origem indígena, muitos dos quais são de uso comum dos moradores: cestos, paneiros, tipitis, matapis, etc.

No que diz respeito às mídias massivas, alguns moradores afirmam que a Rede Globo funciona normalmente, outros afirmam o contrário. De acordo com os bagrenses, essa situação depende da posse de uma antena mais elevada para receber o sinal e ainda assim, com bastante interferência. Alguns moradores chegam a afirmar que a recepção do sinal depende do tamanho da televisão, do tamanho da antena e até mesmo da sorte, o que indica que não há conceituações, ou percepção, claras sobre o fato.

Bagre é o único município do Marajó das Florestas que não recebe cobertura da TV Liberal. Por outro lado, recebe o sinal de outros canais que boa parte dos municípios marajoaras ainda não dispõem (Record e Bandeirantes). Em dezembro de 2009, o município passou a ser o sétimo do arquipélago marajoara a receber sinal da TV Cultura.

O único sinal de emissora de rádio que funciona é de outra cidade – Breves – e a operadora de celular entrou em funcionamento no final do ano 2008.



BREVES

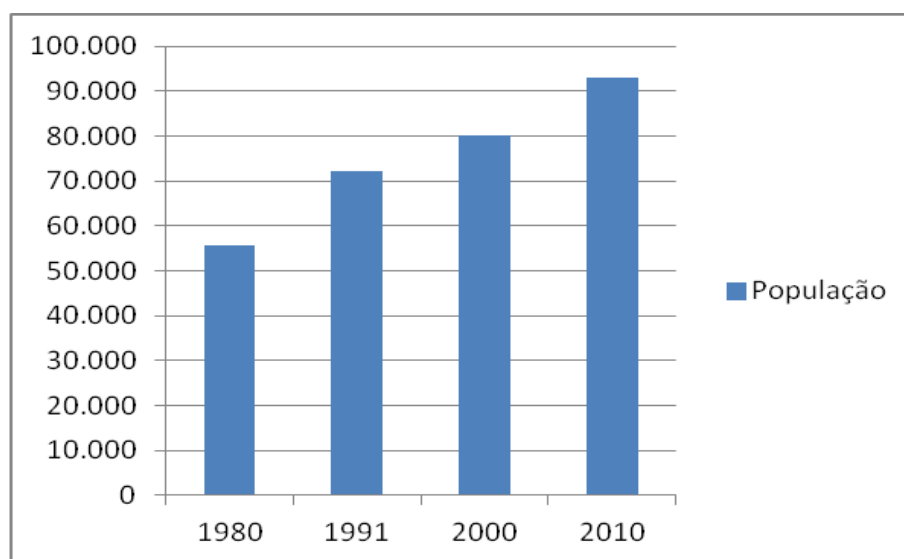
O município de Breves foi criado pela Resolução nº 200 de outubro de 1851, com a elevação da Freguesia de Nossa Senhora dos Breves à condição de Vila. Fazendo jus ao nome original, em Breves, a religiosidade também é um traço marcante para seus habitantes. Todas as festividades religiosas são comemoradas intensamente. A mais importante delas é em homenagem à santa padroeira da cidade, Nossa Senhora Santana, comemorada há mais de 100 anos e que ocorre no mês de julho.

Breves tem como limites geográficos: ao Norte, os municípios de Afuá e Anajás; ao Sul, Melgaço e Bagre; a Leste, Anajás, Currealinho e São Sebastião da Boa Vista; e a Oeste, Melgaço e Gurupá. O município é dividido em quatro distritos: Breves (sede), São Miguel dos Macacos, Antônio Lemos e Curumu.

É oportuno mencionar que a circulação de pessoas, dinheiro, mercadorias e produtos em geral é um fator que contribui significativamente para que o município de Breves se apresente com o *status* de mais desenvolvido economicamente na região.

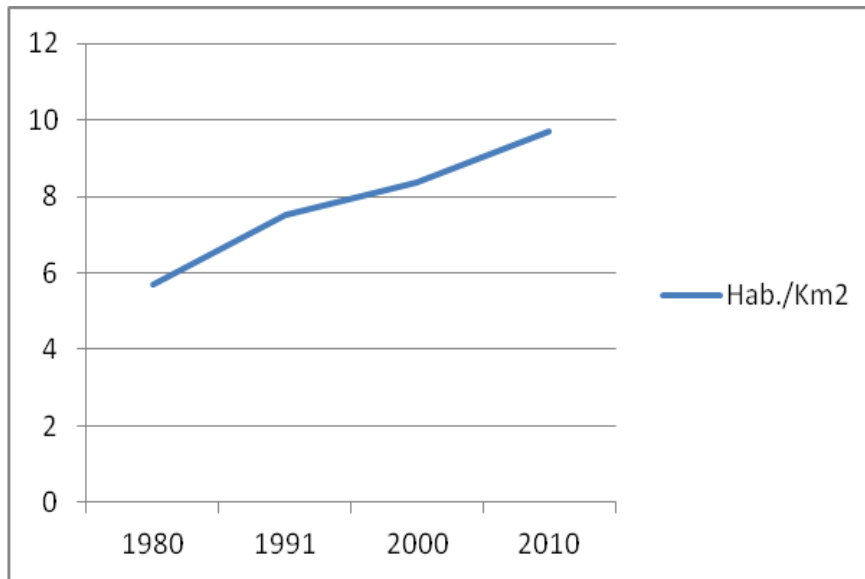
Como já mencionado, sua posição geográfica e os órgãos/instituições públicas presentes muito contribuem tanto para o número de habitantes quanto para o seu desenvolvimento econômico. Em relação à demografia brevesense, as últimas décadas apresentam os seguintes índices:

Gráfico 3: Evolução da quantidade de habitantes no município de Breves - PA



FONTE: Estatística Municipal – Breves; Idesp/Sepof - PA, (2008); IBGE (2010)

Gráfico 4: Densidade Demográfica no município de Breves - PA

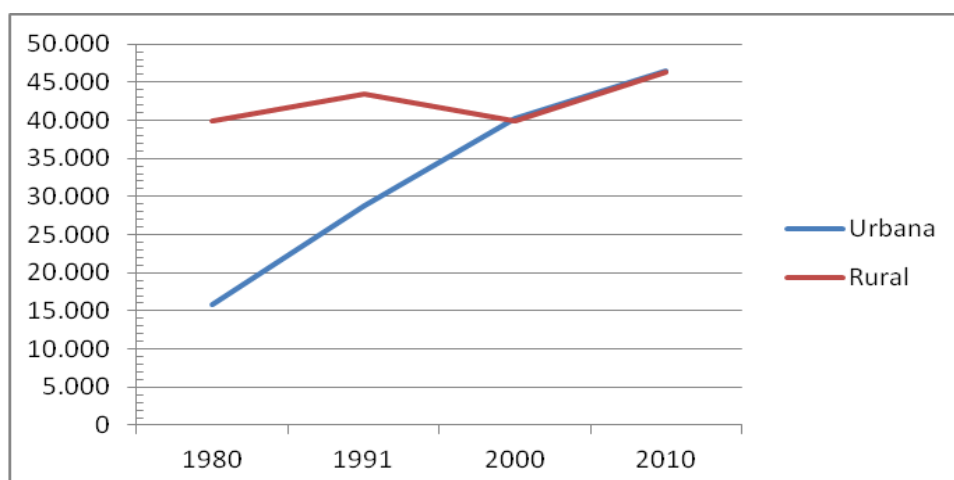


FONTE: Estatística Municipal – Breves; Idesp/Sepof - PA, (2008); IBGE (2010)

O crescimento demográfico do município não tem sido acompanhado de políticas públicas que possam sustentar uma organização de vida rural ou urbana com condições mínimas de vivência, o que acarreta problemas como violência, falta de saneamento e precariedade em todos os aspectos sociais de maneira geral, tal como o crescimento demográfico desordenado.

De acordo com o mesmo relatório de estatística municipal, tem-se a distribuição da população, por zona (rural e urbana).

Gráfico 5: Evolução da população por zona (rural e urbana) em Breves



FONTE: Estatística Municipal – Breves; Idesp/Sepof - PA, (2008); IBGE (2010)

É necessário considerar, diante das informações apresentadas, que no ano de 2000 a população urbana apresentava uma pequena superioridade numérica em relação à rural. Pelo desenvolvimento do cenário demográfico nacional, em 2010 essa diferença deveria ser mais expressiva, o que não ocorreu, conforme visualização do gráfico 5.

No que diz respeito à educação, os dados (IBGE, 2010) apontam que há 33 pré-escolas, 321 escolas de ensino fundamental e quatro de ensino médio, contabilizando um total de 3.045 alunos na pré-escola, 27.510 no ensino fundamental e 2.780 no ensino médio.

De acordo com dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)⁴⁴ 2009, entre as 2091 escolas públicas de Ensino Fundamental de 1ª até 4ª série (ou 1º até 5º ano) no Estado do Pará, Breves apresenta duas entre as 60 mais bem classificadas. Ressalte-se que ambas têm gestão religiosa, uma é dirigida pela Igreja Adventista e outra pelas Irmãs Agostinianas Missionárias.

O maior número de empregos está concentrado no setor público. Em seguida, vem a indústria de transformação, principalmente movelarias e metalúrgicas, todas de pequeno porte, e o comércio.

O IDH do município de Breves é 0,630, o que corresponde à média do arquipélago do Marajó, com o mesmo índice. Em comparação com outros municípios do Pará, destaca-se que Belém é o município mais bem posicionado, com IDH de 0,810. Por sua vez, como já comentado, o município de Melgaço apresenta o menor IDH do arquipélago, com 0,525, e está entre os mais baixos do estado.

Comparando esse dado diante do cenário nacional, destaca-se que a média brasileira é de 0,699. Esse índice dá ao Brasil a posição de número 73 entre 169 países (PNUD, 2010). Já o Estado do Pará apresenta média de 0,755, o que lhe dá a posição de número 16 entre os estados brasileiros e Distrito Federal (PNUD, 2005).

De todos os municípios do arquipélago, Breves é um dos mais completos no que diz respeito à disponibilização de recursos midiáticos. É também, assim como

⁴⁴ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi criado no ano de 2007 e avalia o fluxo escolar e médias de desempenho nas avaliações (ou seja, a aprendizagem). O índice é comparável nacionalmente, constituindo, de acordo com o MEC, um importante condutor de política pública em prol da qualidade da educação.

Soure, o município que há mais tempo recebe sinal de telefonia móvel e acessibilidade à Internet.

O acesso à Internet, que inicialmente ocorreu de maneira restrita, na Prefeitura, em 2001 passou a contar com um provedor de acesso com conexão discada, atualmente, via rádio, operando em *lan house*. Além dessa, duas outras empresas, via rádio, uma a partir de 2006 e outra desde 2011, ofertam serviços. Para a realidade econômica da região, é um luxo ter Internet em casa em razão dos custos e da falta de regularidade do serviço.

A primeira operadora de celular começou a funcionar em Breves em 1998. Depois de alguns anos, a empresa responsável foi vendida e o serviço parou de funcionar. Duas outras operadoras começaram a atuar no município nos anos de 2000 e 2002. Em julho de 2010 uma terceira empresa, que incorporou a primeira, iniciou seus serviços. A quarta operadora começou a funcionar no município, em janeiro de 2012.

A Rádio Marajó, a primeira do município, entrou em funcionamento no ano de 1987 e hoje já não está mais em funcionamento. O serviço de televisão local se consolidou na transição do século passado para o atual (XXI), embora desde a década de 1980 tivessem ocorrido iniciativas, que esbarraram em problemas de ordem política.

Em fevereiro de 2009, a TV Cultura inaugurou suas retransmissões em Breves⁴⁵. Já as outras emissoras têm mais tempo de funcionamento no município. A Rede Globo, que é a mais antiga, tem cobertura oficial na localidade desde o final da década de 1980. Por sua vez, o início da transmissão do sinal da TV Bandeirantes data do ano de 1995 e o da TV Liberal do início do ano 2000.

Os jornais impressos que chegam ao município, cerca de 22 anos, são da capital: O Liberal e Diário do Pará. Ressalte-se que, quando da chegada dos jornais da capital ao município, houve uma iniciativa local para a produção de um jornal impresso. Os senhores Raimundo Carlos Palheta e Davi Oliveira fundaram O Povo Marajoara, que teve vida curta, de fevereiro de 1992 até julho de 1993, em razão do rompimento da sociedade entre os dois. Ao todo, foram publicadas dez edições.

⁴⁵ Não somente em Breves como em vários municípios do Marajó, o início da retransmissão do sinal da TV Cultura foi protelado em razão de a TV Liberal ter ocupado durante 12 anos o canal destinado àquela, por meio de um convênio com a Funtelpa (informação baseada na palestra do professor doutor Fábio Castro, intitulada Oligopólios de Comunicação na Amazônia, ministrada na VII Conferência Brasileira – Mídia Cidadã, no dia 18/10/2011, em Belém-PA).

No ano de 1994, o senhor Raimundo Carlos Palheta criou o Correio do Marajó. Com 20 edições publicadas, o jornal não foi adiante, pois seu fundador aceitou o convite, em 1998, para trabalhar, como redator, naquela que seria o marco que inaugura uma sequência de TVs locais em Breves, sem interrupção, a TV Renascer (SBT).

No ano de 1998, Demétrio Gaia, que trabalhara na extinta Rádio Marajó, inaugurou o jornal A Voz do Marajó. Contudo, apenas três edições foram publicadas. Em 2009, Raimundo Carlos Palheta, alguns anos após sua saída da TV, fundou o Jornal Pararijós, sem período determinado para publicação, dado que sua versão impressa depende dos eventos e da quantidade de patrocinadores. Contudo sua versão *online* é atualizada diariamente.

As descrições feitas em relação ao município de Breves tornam-se referências para a compreensão da disposição dos meios massivos nos demais municípios em função de que dada a explícita escassez dos meios de comunicação massiva a questão política e/ou ideológica parece imperar de modo ainda mais forte nessas localidades.



CURREALINHO

Para quem faz a viagem Belém-Breves, a cidade de Currealinho, geralmente, é parada obrigatória. Em termos de eventos culturais, a Festividade de São João Batista, comemorada nas últimas semanas de junho, é o maior acontecimento no município.

No que diz respeito às mídias, a TV Liberal funciona há menos de quatro anos. A única operadora de celular em funcionamento começou seus serviços no ano de 2008. Em relação às rádios, os próprios nomes – São João FM e Transvida FM – refletem a ligação com o religioso. Uma rádio tem viés católico e outra, evangélico, ou seja, posições religiosas, de certa forma opostas, fornecem os serviços radiofônicos nesse local.

Como a questão é bastante evidente no município, é preciso considerar, ainda que brevemente, essa relação. Pedro Gomes, ao discutir a relação mídia e religião, afirma que para as igrejas cristãs

os fatos levantados estão confirmando a hipótese de que a comunicação não é vista como problemática, mas como solução. O importante não são os meios, mas a transmissão das mensagens [...] Estão convencidos de que não podem compreender o mandado do Senhor Jesus nos dias de hoje se não utilizarem os modernos meios de comunicação social (GOMES, 2008, p. 19).

Ressalte-se que a forte ligação com o religioso nos municípios do Marajó torna a região um terreno fértil para a alta quantidade de programas nas rádios religiosas, em especial das igrejas evangélicas. Por sua vez, os católicos também estão investindo fortemente nesse tipo de mídia.

De acordo com o IDESP/SEPOF (2011), até meados dos anos 2000, menos de 1% dos moradores do município tinham computador em casa. Os donos de aparelhos de rádio eram equivalentes a pouco mais de 50% e os de TV, pouco menos de 40%.

O acesso à Internet, fora de algumas instituições públicas, também é bastante limitado. Geralmente utilizam-se os serviços da operadora de celular ou dos *cybers*, dois na cidade. Não há provedor de Internet no município.



GURUPÁ

Na região, Gurupá destaca-se por suas comunidades quilombolas, no total são dez. O povo em geral ainda vive um cotidiano bastante comum aos municípios marajoaras, marcado por realidades bem específicas nas quais, por exemplo, a falta de energia elétrica é constante. Por outro lado, esse é um dos municípios que mais promove atendimento à saúde na zona rural em todo o Marajó. Configurações próprias das incoerências percebidas em um país desigual.

É o terceiro município menos urbanizado. São apenas 32,96% da população vivendo na cidade. O evento cultural mais conhecido em Gurupá é a Festividade de São Benedito, comemorada em dezembro e que coincide com o período natalino. Mais recentemente, tem se destacado o Festival da Dourada, que em 2011, foi realizado entre os dias 04 e 07 de setembro.

Em relação às mídias, a TV Liberal funciona no município há pouco mais de sete anos, já a TV Cultura iniciou seu funcionamento em dezembro de 2009, sendo Gurupá o décimo primeiro município do Marajó a receber o sinal dessa emissora.

O serviço de telefonia móvel começou a ser ofertado em setembro de 2009. A Internet, por sua vez, foi disponibilizada no município em meados de 2002, na Prefeitura Municipal. Hoje há dois *cybers* na cidade e o serviço disponibilizado funciona por meio da telefonia móvel.

É pertinente informar que no ano de 2007, houve uma operação do Sistema Integrado de Segurança Pública do Estado, denominada Paz nos Rios, que resultou na desativação de 11 estações de rádio clandestinas existentes em Gurupá. As investigações realizadas sinalizaram que as emissoras de rádio clandestinas estavam sendo utilizadas em prol de ações criminosas, como a negociação de mercadorias de origem ilícita.



MELGAÇO

Em Melgaço, nos meses de agosto e setembro, a festividade de São Miguel Arcanjo, com seus fiéis seguidores, torna a cidade mais conhecida na região. Esse município é constantemente pautado pela mídia por apresentar um dos menores IDH (0,525) do Brasil.

O município também apresenta a segunda menor taxa de urbanização de todo o Marajó. São 22% da população habitando na cidade, fato que deve contribuir para o baixo percentual de domicílios com TV, apenas 27,73% da população. Por sua vez, o percentual de domicílios com rádio é de 49,81% (IDESP/SEPOF, 2011).

Desde abril de 2009 a programação da TV Cultura passou a ser acompanhada também pelos melgacenses. Já o início da recepção do sinal da TV Liberal (Globo) data de meados de 2002.

Nesse município percebe-se uma especificidade um tanto inusitada. A única operadora que funciona efetivamente é a Vivo cujos serviços tiveram início em 2008. As duas outras operadoras funcionam dependendo da localização em que as pessoas estiverem. Relatos explicam, por exemplo, que em determinados locais, como nos altos da Prefeitura, é possível receber o sinal da Tim. Por outro lado, na área do hospital da cidade pode funcionar a Claro, bem como em outras áreas, que ainda estão sendo “descobertas” pelos moradores.

No sentido de exemplificar uma situação, infelizmente, ainda comum para a maioria dos municípios marajoaras, apresenta-se parte de uma reportagem sobre Melgaço:

Há dois meses, os moradores do município de Melgaço, na Ilha do Marajó, começaram a conviver com os problemas da falta de energia no município de 25 mil habitantes. Na semana passada, com a festividade do padroeiro São Miguel Arcanjo, a situação se agravou. O racionamento de energia é diário e já está afetando o comércio no município. A estação da Celpa em Melgaço tem quatro motores a diesel, mas segundo os técnicos, que não querem ser identificados, apenas dois estão operando.

O racionamento funciona da seguinte forma: durante o dia, a metade da cidade fica sem energia, quando chega à noite é a vez dos outros 50% do município e, assim, o racionamento segue por tempo indeterminado até que os outros dois motores sejam recuperados.

Os técnicos alegam que os motores já estão com mais de 30 anos de uso e isso vem dificultando a manutenção dos equipamentos. O proprietário de um supermercado e um hotel em Melgaço precisou comprar um gerador para não ficar sem energia. Outros comerciantes estão fazendo a mesma coisa. Durante a festividade, a prefeitura de Melgaço alugou um gerador por três dias no valor de R\$ 3 mil para que a festa realizada no ginásio municipal não ficasse comprometida (O LIBERAL, 03/10/2011)

O trecho apresentado remete à difícil realidade dos habitantes em relação ao usufruto de energia elétrica, evidenciando as fragilidades da oferta do serviço em um dos municípios de menor desenvolvimento humano do Brasil.



PORTEL

Em termos populacionais, Portel é o segundo município do arquipélago Marajoara. Considerando a taxa de urbanização, conclui-se que 52% da população vive na zona rural. Os eventos culturais mais importantes são os religiosos, entre os quais se destaca o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, realizado em agosto.

De acordo com dados do IDESP/SEPOF (2008), no ano de 2000, 52% da população possuía rádio em casa, enquanto que 42% possuía televisão. A única operadora de celular funciona na cidade desde 2006. A TV Liberal funciona desde o início de 2004 e a TV Cultura iniciou suas operações em 2009. O município conta ainda com uma retransmissora local, inaugurada no ano de 2010: a TV SBT Portel.

Para a realidade dos municípios marajoaras nota-se uma quantidade grande de *cybers*, seis, nessa localidade. Por outro lado, até meados dos anos 2000, somente 1,23% dos domicílios dispunham de microcomputador em casa (IDESP/SEPOF, 2008).

Registra-se que a rápida mudança no panorama do serviço radiofônico de Portel caracteriza a realidade dos municípios marajoaras, pois em meados de 2010 eram quatro as estações de rádios existentes no município, mas no início de 2012 os portelenses contavam com apenas uma.



SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA

É uma cidade cujos maiores atrativos também são religiosos. De 10 a 20 de janeiro é comemorada a Festividade de São Sebastião e no segundo domingo de outubro comemora-se o Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

De acordo com o IDESP/SEPOF (2011), até metade da década de 2000 o percentual de domicílios que dispunham de rádio era pouco mais de 50%, enquanto 42% dispunham de TV.

As rádios em operação surgiram a partir do ano de 2001. Faz-se uma observação em relação à Rádio Boa Vista – extinta no final da década de 1990 –, que teria sido a rádio local mais antiga do Marajó, fundada no final da década 1970 e que, de acordo com HM, 37 anos, morador do município, está prestes a voltar, com a mesma identificação e o mesmo formato de programação que a caracterizou como sucesso de audiência.

O serviço de Internet foi disponibilizado no início dos anos 2000 na Prefeitura Municipal, mas se estendeu à população somente quando as escolas começaram a ganhar laboratórios de informática e quando a telefonia móvel se consolidou no município, cuja operadora começou a funcionar no final de 2002.

2.3.1.2 Meios de Comunicação no Marajó dos Campos

O Marajó dos Campos, na parte oriental do arquipélago, compreende os municípios de Cachoeira do Arari, Chaves, Muaná, Ponta de Pedras, Santa Cruz do Arari, Salvaterra e Soure (PACHECO, 2009).

Em termos de locomoção nessa parte do Marajó, considerando o município de Soure como referência, é possível ir até Cachoeira do Arari e Salvaterra por via

rodoviária⁴⁶. São os únicos acessos possíveis por estrada e têm “pouca água para atravessar”. A distância para o primeiro município é 89,01 km e para o segundo é 5,90 km (SEIR/GeoPARÁ, 2010).

Nessa parte do Marajó fica difícil escolher um único município como referência, já que tanto Soure quanto Salvaterra têm bastante destaque, não apenas pela proximidade em relação à capital do estado ou importância turística, mas também pelo fato de serem os municípios que mais dispõem de meios de comunicação de massa, considerando essa sub-região do Marajó.

Sobre a questão turística, o próprio Plano de Desenvolvimento do Marajó aponta, em seu relatório, apenas três municípios marajoaras, entre os quais Soure e Salvaterra, como centrais para o desenvolvimento da atividade na região.

Dentre os vários municípios que constituem a referida região, destacam-se: **Soure, Salvaterra e Cachoeira do Arari** que possuem como principal fonte econômica a pecuária, com a criação de búfalos, a pesca e a agricultura com a produção de frutas variadas. Outros fatores relevantes para o desenvolvimento do turismo nesses municípios são a produção artesanal de artigos em couro (Curtume Marajó) em Soure, as ruínas da Igreja dos Jesuítas na vila de Joanes em Salvaterra e os atrativos histórico-culturais como o Museu do Marajó e os sítios arqueológicos no lago do Arari em Cachoeira do Arari. Segundo o Plano de Turismo do Estado do Pará, 74% dos pacotes oferecidos foram concentrados em Soure e Salvaterra, dos quais os pacotes oferecidos pelas operadoras representavam em 2001 cerca de 40%” (PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO MARAJÓ, 2007, p. 49, grifo nosso).

É importante fazer essa observação em relação ao turismo porque, ao lado de outros fatores considerados essenciais à rotina de vida, as questões de comunicação se apresentam como entraves ao desenvolvimento dessa atividade na região.

Apesar do notável potencial turístico da região, observa-se uma série de entraves que dificultam o desenvolvimento da atividade turística tais como: carência e/ou deficiência na infraestrutura, serviços de transportes, segurança pública, informações turísticas, qualificação de recursos humanos direcionados ao setor de turismo, **questões de comunicação**, qualificação e regulamentação do transporte fluvial, saneamento básico, energia (PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO MARAJÓ, 2007, p. 49, grifo nosso).

⁴⁶ Ressalta-se que a travessia de Soure para a “frente de Salvaterra”, o que acontece em cerca de 5 minutos, é feita em canoas (conhecidas como rabetas) ou balsas, e o trajeto de Salvaterra a Cachoeira do Arari também depende de uma travessia de balsa (menos de 5min.). Faz-se necessária uma observação em relação ao município de Santa Cruz do Arari. Com saída do Porto de Camará é possível chegar, por estrada, a Santa Cruz do Arari seguindo um percurso inicial de 11 km até a PA-154, que liga Salvaterra a Cachoeira do Arari, e mais 36 km até a estrada vicinal (aberta todos os anos no verão) que liga à Sede de Santa Cruz do Arari, totalizando 140 km em média. É possível também seguir pela PA-154 até a Sede de Cachoeira do Arari por via fluvial (Rio Arari).

Embora essa seja uma afirmação que no Plano de Desenvolvimento do Marajó é mais direcionada ao Marajó dos Campos, pode-se dizer que os problemas citados são típicos de todo o arquipélago.

Ao direcionar o foco para os meios de comunicação, o quadro midiático dos municípios que compõem o Marajó dos Campos, apresenta-se disposto da seguinte maneira:

Quadro 8: Meios de comunicação no Marajó dos Campos - Pará

Município	Meios / Identificação		
			
Cachoeira do Arari	Rádio Liberal FM (Belém) Rádio Boas Novas FM (Belém) AM Rádio Clube	TV Liberal (Globo) TV Cultura TV RBA (Band) TV Record	Claro
Chaves	-	TV Liberal (Globo) Bandeirantes	Tim
Muaná	Rádio Comunitária Muaná FM	TV Liberal (Globo) TV Cultura	Vivo
Ponta de Pedras	Rádio FM Educadora Itaguari	TV Liberal (Globo)	Claro
Salvaterra	Rádio Liberal FM (Soure) Guarani AM 830 (Soure) Sol do Marajó FM (Soure) Salvaterra FM 87,9	TV Liberal (Soure) TV Cultura (Soure)	Vivo Oi Tim Claro
Santa Cruz do Arari	Rádio Liberal FM	TV Liberal (Globo) TV Cultura SBT	Tim
Soure	Guarani do Marajó AM Tropical FM (Liberal/Belém) Sol do Marajó FM	TV Liberal (Globo) TV Cultura	Vivo Oi Tim Claro
Total	13	16	13



CACHOEIRA DO ARARI

A principal manifestação cultural de Cachoeira do Arari é a Festividade de Nossa Senhora da Conceição, que tem culminância no terceiro domingo de dezembro.

Nesse município, está localizado o Museu do Marajó, fundado em 1972, que expõe especificidades sobre a região do Marajó, como sua história, credices, curiosidades e também o artesanato local.

Até o ano de 2000, 31,7% da população possuía rádio em casa, enquanto os possuidores de televisão eram 17,6%. Esses dados permitem afirmar que, entre todos os municípios do Marajó, Cachoeira do Arari era, nesse período, o que apresentava o menor⁴⁷ percentual de domicílios com rádio (31,73) e o segundo menor percentual de domicílios com televisão. Um dado que também chamou atenção é que, do total de 3.117 domicílios, apenas quatro possuíam microcomputador (IDESP/SEPOF, 2011).

O serviço de telefonia celular somente foi disponibilizado em maio de 2009. Com exceção de alguns órgãos públicos, o serviço de Internet passou a funcionar a partir de 2009 para a maior parte da população, sendo ofertado pela mesma operadora de celular.

Uma observação sobre a telefonia móvel nesse município é que, desde 2004, a Vivo funcionou no município, cada usuário com sua antena (semelhante ao que ocorre hoje na zona rural dos municípios), mas depois da chegada da Claro, aquela primeira operadora perdeu muitos consumidores.



CHAVES

Chaves é o município mais próximo de Afuá. Dentro das especificidades da região é bastante conhecida pela dificuldade de acesso, uma vez que sua localização geográfica, como Afuá, é mais próxima de Macapá do que de outros municípios paraenses.

A festividade religiosa de Santo Antônio, padroeiro do município, que culmina no dia 13 de junho de cada ano, e a de São Sebastião de Arapixi, realizada em janeiro, são eventos que movimentam bastante a cidade.

Em relação às mídias, o serviço de telefonia móvel foi disponibilizado em meados de 2010 e a cidade conta apenas com uma *lan house*, conectada na rede via satélite. A expectativa em relação à telefonia móvel é a construção da antena de uma nova operadora, a Claro, no município com previsão para início de serviço em julho de 2012.

⁴⁷ Anajás apresentava o segundo menor percentual, tinha 43,85% dos domicílios com rádio. Por sua vez o menor percentual de domicílios com televisores era Chaves, com apenas 15,55% da população.

A cidade não tem provedor de Internet, então a maior parte da população acessa a *web* pelo celular e geralmente aproveita-se das promoções da única operadora no local. A *lan house* é o único lugar onde são vendidos celulares e, de acordo com o dono do estabelecimento, há semanas em que se vende até 30 celulares.

Em relação à rádio, não há emissora local. Às vezes, funciona o sinal de uma emissora de Soure e até mesmo de Macapá-AP. A fala de JCS (26-M), morador do município, demonstra a realidade desse tipo de mídia no município:

Não sei se chega a ser uma rádio, mas tem um rapaz aqui que montou um estúdio na casa dele; colocou umas caixas em alguns postes. Daí as pessoas pagam pra colocar informes. Não conseguimos sintonia nem em rádios e nem em celulares, então creio que não seja uma rádio.

Algo interessante a se notar nesse depoimento, além da realidade existente no local, é a percepção de integração e disponibilização da emissora de rádio a partir de celulares, o que configura uma nova forma de existência dessa mídia, embora ainda sem funcionamento oficial no local.



MUANÁ

O evento cultural que torna mais conhecido o município é a manifestação religiosa em homenagem ao padroeiro, São Francisco de Paula, celebrado no último domingo de julho. As comemorações consistem em procissão, novenas e arraial em torno da Igreja Matriz.

Ultimamente, o Festival do Camarão, realizado no mês de maio ou junho, tem sido destaque e a cidade tem recebido visita de pessoas dos mais variados locais do arquipélago e do Pará, mas, principalmente, de fora do estado.

Muaná é um dos locais da região que apresenta um percentual de domicílios com rádio e TV acima de 50%. Este é um dado significativo para um município que, até o ano de 2000, apresentava apenas 1% de seus domicílios com microcomputador (IDESP/SEPOF, 2011).

O sinal da única operadora de celular em Muaná somente começou a funcionar no ano de 2010. A TV Liberal funciona nesse município desde o fim da década de 1990, já o início da transmissão do sinal da TV cultura é de agosto de 2009.

A circulação de um informativo – Tribuna do Povo - Muaná Pede Socorro – é bastante comentada no município, uma vez que tenta trazer informações sobre a realidade vivenciada a partir da opinião de membros da população em geral.

Sobre a Internet, o depoimento de DSM (32-M), dono de um blogue bastante conhecido e acessado, explica bem a situação: “No ano de 1999, foram instaladas com a central da Oi, as primeiras linhas telefônicas. Desde essa época alguns usuários começaram a usar a Internet discada. No dia 01/11/2010, foi instalado no Município a Oi Velox. No ano de 2010, chegaram os *modems* da Vivo.”



PONTA DE PEDRAS

Ponta de Pedras é conhecida por suas praias e pela proximidade com Belém, em média 2 a 3 h de viagem fluvial. Sua festa religiosa mais importante é a de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município. Ela culmina no dia 8 de dezembro, com realização de missa e procissão, além do arraial.

Em relação aos meios de comunicação, nesse município, de acordo com dados do IDESP/SEPOF (2011), o percentual de domicílios com TV, em 2000, era de 69,25% e de rádio 68,27%. Deve-se considerar que, de acordo com os dados gerais consultados em relação ao ano de 2000, somente nesse município é que o número de domicílios com TV era superior ao de rádio. A TV Liberal (Globo) opera no município desde o final da década de 1990, enquanto o rádio transmite seus programas há mais de duas décadas

A única operadora de celular começou a funcionar no ano de 2008 e em relação a quantidade de *cybers*, há apenas dois.



SALVATERRA

Salvaterra é o menor município em extensão do arquipélago Marajoara, ocupando cerca de 2% do seu território. É o segundo menos populoso e apresenta a maior densidade demográfica (19,42) entre os dezesseis municípios (IBGE, 2010). É bastante conhecido principalmente por suas praias e por fazer parte do trajeto para Soure (via Camará), saindo de Belém. Destaca-se também por sua festividade religiosa, o Círio de Nossa Senhora da Conceição, realizado nas primeiras semanas de dezembro.

Ressalte-se que, dos veículos de comunicação de massa, as redes de TV Liberal e Cultura transmitem sinais a partir do município de Soure. Em algumas vilas, porém, é possível assistir a outros canais.

De acordo com dados do IDESP/SEPOF (2011), no ano de 2000 os dados percentuais sobre TV e rádio eram muito próximos. Um total de 63,75% dos domicílios possuíam TV e 66,54% possuíam rádio. Em relação às emissoras de rádio, das quatro que apresentam sintonia no município, apenas uma é local, as demais são de Soure.

DPS, morador do município de Salvaterra, e dono de um blogue bastante visitado por moradores de vários locais do arquipélago marajoara, faz uma observação muito interessante sobre o sinal da televisão em seu município.

As emissoras que cobrem a nossa cidade são a Cultura, com o sinal do canal 8, de Soure, e a TV Liberal, com o sinal do canal 34, também de Soure. Em algumas vilas é possível conectar outros canais como SBT Belém, Record Belém e até RBA Belém (DPS, 43-M).

A primeira operadora de celular no município começou a oferecer seus serviços no final da década de 1990. Hoje, já incorporada por outra operadora, é acompanhada pelas outras grandes operadoras de celular do Brasil, que se instalaram no município depois de 2002. Salvaterra é um dos três municípios do arquipélago que possuem serviço das quatro grandes operadoras de telefonia móvel do Brasil.



SANTA CRUZ DO ARARI

O que torna o município mais conhecido na região é o evento cultural realizado nas últimas semanas de novembro – o Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Santa Cruz do Arari é o município menos populoso de todo o arquipélago e o segundo menor em extensão territorial.

No que diz respeito aos meios de comunicação, os percentuais em relação ao uso de rádio e TV apresentam-se de maneira bastante equilibrada. Em 2000 (IDESP/SEPOF, 2011), 49,84% dos domicílios possuíam TV, enquanto 51% tinham rádio.

A TV Cultura funciona no município desde maio de 2009. Já a TV Liberal iniciou suas atividades no início do ano 2000. O uso descentralizado da Internet está associado ao serviço de telefonia móvel, que foi ofertado no município a partir do início de 2008, antes somente as instituições públicas tinham acesso.



SOURE

Soure é uma das cidades mais conhecidas do arquipélago marajoara. Um de seus fatores diferenciais é sua beleza natural e a forte presença de turistas. É, assim como Salvaterra, uma das cidades mais próximas da capital do estado – em média, uma viagem desde Belém dura de três a quatro horas, via fluvial.

Como já mencionado anteriormente, Soure apresenta o maior percentual de urbanização em todo o arquipélago, 91,37% da população vive na cidade. Outro dado que também merece destaque é relacionado aos meios de comunicação. Os percentuais de domicílios, tanto com rádios como aparelhos de TV, são os maiores em todo o Marajó. De acordo com os dados coletados (IDESP/SEPOF, 2011), em 2000, 70,23% dos domicílios possuíam televisão e 75,45% os domicílios tinham rádio.

Destaque-se que uma das rádios já está em funcionamento há mais de duas décadas. Em relação ao sinal de TV, ele é bastante recente. A TV Liberal tem transmitido sua programação ao município por menos de cinco anos (embora houvesse o sinal da Globo nacional). Por sua vez a TV Cultura passou a operar no município a partir de maio de 2009.

2.4 PONTUAÇÕES SOBRE OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO MASSIVA NO MARAJÓ

A instabilidade e a oferta recente dos serviços e meios de comunicação massiva no Marajó são características que sobressaem quando se faz referência ao campo da comunicação no arquipélago. Seja no Marajó dos Campos, seja no Marajó das Florestas, as dificuldades estabelecidas, inclusive de ordem da natureza, são determinantes para a escassez de recursos midiáticos.

Em razão das situações levantadas sobre cada município, vale tecer algumas considerações gerais no sentido de compreender as questões peculiares ao cenário midiático marajoara.

O quadro geral das mídias no Marajó aponta para uma elevada cobertura da Rede Globo, por meio de sua retransmissora, a TV Liberal, que está presente em quinze dos dezesseis municípios do arquipélago⁴⁸, bem como uma significativa presença da TV Cultura, presente em treze municípios. Por outro lado, a emissora Record está presente em apenas quatro municípios, menor índice de presença. A Rede Bandeirantes está em sete, e a SBT em seis municípios.

Quanto à telefonia móvel, não se encontrou pesquisas recentes que pudessem fundamentar, com dados estatísticos, a quantidade de pessoas com celular em cada um dos municípios, até porque, de acordo com o que consta nos dados oficiais (IDESP/SEPOF; 2008, 2011), essa informação não fez parte do Censo de 2000. O fato é que os municípios de Breves, Soure e Salvaterra são os únicos que oferecem serviço das quatro grandes operadoras de celular do Brasil, embora, como já indicado, com bastante precariedade.

O serviço de telefonia móvel menos presente é o da Oi, com cobertura em apenas três municípios. A Vivo está presente em dez municípios, sendo a que apresenta a maior cobertura em todo o arquipélago. A Claro está em cinco municípios e a Tim em oito.

A Internet surge vinculada ao serviço público, centralizada nas prefeituras. Pode-se dizer que somente após o ano de 2005 é que parte significativa da população marajoara passou a ter acesso à Internet comercial. Ressalte-se, ainda,

⁴⁸ Apenas o município de Bagre não recebe o sinal da Rede Globo. Talvez por isso as informações dos moradores; sobre o sinal da Rede Globo, neste município, sejam das mais inusitadas ouvidas durante a pesquisa.

que a chegada dos laboratórios de informática nas escolas e do serviço de telefonia móvel nos municípios foram fundamentais para a propagação e aumento do uso da rede, que, na verdade, ainda é baixo.

Acrescenta-se que é possível perceber o desânimo e/ou resistência de muitos marajoaras em relação ao uso da Internet principalmente em razão da precariedade do serviço na região.

Considere-se também que Salvaterra e Soure são os que apresentam a maior taxa de urbanização em todo o Marajó⁴⁹ e também os que possuem, proporcionalmente, os maiores índices de domicílios com rádio e TV⁵⁰.

Contudo, como que na contramão desse “desenvolvimento” observado no Marajó dos Campos e confirmando a disparidade dos Marajós, também nessa parte do arquipélago localiza-se o município que apresenta a menor taxa de urbanização entre os dezesseis municípios, Chaves, com percentual de apenas 11,95%.

Não por acaso, é nesse mesmo município que está o menor índice de domicílios com televisão em todo o Marajó. De acordo com os dados do IDESP/SEPOF (2011), no ano de 2000 apenas 15,55% da população possuía TV. Por outro lado, é um dos municípios que mais apresenta domicílios com aparelho de rádio (67,1%) o que possivelmente está ligado ao elevado percentual de pessoas vivendo na zona rural.

É também no Marajó dos Campos que está o único município em todo o arquipélago com percentual de domicílios com televisão superior ao de rádio, Ponta de Pedras⁵¹.

Em relação às rádios, o município de Chaves, no Marajó dos Campos, e o de Anajás, no Marajó das Florestas, até a data da pesquisa nos referidos municípios (Julho de 2011), não apresentavam nenhuma emissora em funcionamento. Em Chaves, os moradores sintonizam emissoras de Soure ou até mesmo de Macapá-AP. Não se pode esquecer que em todo o arquipélago há uma transitoriedade muito grande em relação às estações de rádio, pois elas abrem e fecham em um curto espaço de tempo.

É bom também lembrar que, mesmo falando de TV aberta, a quantidade de domicílios com serviço de TV a cabo tem crescido consideravelmente ao longo dos

⁴⁹ Soure apresenta taxa de urbanização de 91% e Salvaterra 63%.

⁵⁰ Soure, por exemplo, é o único município do Marajó que apresenta esses percentuais acima de 70% (IDESP/SEPOF, 2011).

⁵¹ Lembra-se que essa informação tem por base o Censo de 2000.

últimos anos. É bem verdade que é uma quantidade mínima de habitantes perto dos quase 490.000 marajoaras, mas basta andar pelas ruas das cidades e se perceberá a nova paisagem em razão da presença das antenas nos domicílios.

As antenas parabólicas se fazem tão presente nas casas dos marajoaras quanto as TVs. Na zona rural, como não há recebimento de sinal de emissora sem antena parabólica, salvo raras exceções, ela torna-se item obrigatório entre os elementos básicos para a vida cotidiana.

Imagem 7: Casa localizada na PA 159 (1) - acesso à comunidade São Pedro



Fonte: Acervo do Pesquisador

Imagem 8: Casa localizada na PA 159 (2) - acesso à comunidade São Pedro



Fonte: Acervo do Pesquisador

Imagem 9: Casa localizada no Rio Jujuteua - acesso à comunidade São Pedro



Fonte das imagens 8 e 9: Acervo do Pesquisador

Em relação ao serviço de TV local ofertado no Marajó, as dificuldades estão explícitas no depoimento do diretor da TV Breves (SBT).

Atualmente é impossível fazer um bom trabalho dentro do ramo da comunicação se não houver acesso a internet e se não tivermos bons profissionais atuando conosco [...]

Embora não tenhamos formação profissional na área, isso não impede que possamos realizar um bom trabalho, mas a dificuldade sem dúvida é muito grande porque a qualificação é algo que te permite fazer um trabalho diferenciado [...]

O problema em cobrir outro município é que só de viagem são pelo menos três a quatro horas para chegar a um local. Não teríamos tempo, nem dinheiro para suprir a ida de uma equipe nossa a outra cidade, cobrir algum evento, até porque o número de funcionários é mínimo (MF – Diretor da TV Breves).

O depoimento retrata de forma significativa algumas das inquietações e insatisfações daqueles que se arriscam a “fazer TV” em uma região como a do Marajó. Outro destaque a ser feito é que quase todas as TVs locais no Marajó, com exceção da TV Nazaré Breves, têm na publicidade o eixo motor de sua existência. A questão é que como há baixa compensação financeira pelo serviço, os profissionais das TVs procuram o maior número possível de empresários e comerciantes para fazer a divulgação dos produtos, o que aumenta a carga de trabalho.

Destaque-se ainda o sistema de radiofonia, que é fundamental no arquipélago, principalmente, por ser uma região de muitos rios. De acordo com moradores e profissionais do transporte marítimo na região, a comunicação oferecida por esse tipo de serviço costuma não falhar.

Por fim, vale destacar algo bastante evidente e não muito diferente da realidade dos meios de comunicação no Brasil, que é o controle dos meios pelos representantes políticos. Sejam prefeitos, deputados ou mesmo vereadores, a maioria das rádios e das TVs locais tem alguma ligação com o segmento político no Marajó.

Neste capítulo está registrada parte das observações realizadas por este pesquisador, percebidas como estratégicas para análise da realidade existente no complexo cenário midiático paraense. Evidentemente, para alguns leitores essa que, por vezes, cansativa contextualização poderia ser suprimida. Porém, para aproximação e compreensão do papel da televisão no processo comunicacional da comunidade de São Pedro, ela foi essencial. Nos próximos capítulos, considerando os resultados obtidos, espera-se que os motivos dessa opção fiquem esclarecidos.

3 TELEVISÃO ABERTA NO MARAJÓ

Televisão! Não importa o modelo, o tamanho e nem a marca, o que importa é ela “conectar”, ser o elo entre o receptor e o mundo que nele chega a partir desse meio. Importa mais ainda investigar os usos e as apropriações que os moradores fazem dos produtos midiáticos que até eles chegam a partir da TV.

Seu estudo não é dos mais simples, pois

[...] A TV, com suas múltiplas faces, não é um fenômeno que permite análises fáceis e definitivas. Como lembra Dahlgren, a televisão assemelha-se a um prisma do qual vemos e entendemos alguns lados, mas não são todos ao mesmo tempo (LEAL FILHO, 2006, p. 15-16).

A composição deste capítulo surgiu da necessidade de sistematizar estudos sobre a história e sobre o papel da televisão no arquipélago marajoara, em razão da ausência de registros sobre essa temática. Talvez isso aconteça porque “fala-se pouco das pequenas cidades, sobretudo as situadas nos países pobres e principalmente na periferia desses países” (OLIVEIRA, 2004, p. 1).

É pertinente considerar que não é raro encontrar famílias que possuem condições mínimas de sobrevivência, não tendo, muitas vezes, outro eletrodoméstico, como a geladeira, mas a televisão não pode faltar. Ela está lá, geralmente na sala das casas, proporcionando, então, a composição de um imaginário coletivo que culturalmente se reforça com a adoção de elementos repassados pela TV. Esse é um fenômeno constatável visto que, independentemente de classe, profissão ou idade, as pessoas acompanham diuturnamente a programação. Afinal,

O que há em comum em uma casa de quarto e sala de um município pequeno no interior do país e um apartamento moderno, recheado da mais avançada tecnologia? Ambas as residências devem ter ao menos um aparelho de televisão (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO; 2010, p.7).

Os problemas históricos que acompanham a trajetória de uma população excluída, como a marajoara, seja do ponto de vista social, econômico, político ou educacional, repercutem também no campo das telecomunicações, tanto em seus aspectos internos – empresariais, técnicos, artísticos, profissionais – como nos externos – concessões, questões socioeconômicas, tecnológicas –, etc.

No imbricamento dessas relações, a TV é um meio no qual esses aspectos constituem laços indissolúveis, que são fundamentais para tentar compreender o complexo processo que está atrás das imagens recebidas por meio dos aparelhos existentes nos lares.

O que se apresenta nesta parte do trabalho é um levantamento pioneiro de informações sobre a chegada da televisão no Marajó e, em especial, em Breves, que, como mencionado anteriormente, é um município estratégico dentro do arquipélago marajoara em razão de sua importância econômica e política na região onde está localizada a comunidade estudada.

Sobre a televisão no município de Breves, duas considerações são fundamentais. Para o levantamento histórico, foi realizada entrevista com o Sr. Manoel Jardim⁵², irmão de Paulo Jardim, já falecido, que foi o primeiro a possuir aparelho de TV e a captar sinal no município, ainda no ano de 1970. Buscou-se também informações com outros moradores e familiares que estiveram presentes naquele momento histórico. Já para a verificação da chegada da TV nos outros locais, foram realizadas entrevistas com os moradores envolvidos direta ou indiretamente com o fato.

3.1 A CHEGADA DOS APARELHOS DE TELEVISÃO NO MARAJÓ

Como dito anteriormente, no Marajó somente se chega às cidades atravessando águas, pois não há oferta regular de serviço aéreo, nem mesmo interligação por via rodoviária. São cidades bastante ligadas ao rio, à floresta; cidades pequenas que, aos poucos, começam a ganhar a dinâmica da vida urbana, que vem acompanhada pela evolução das tecnologias e, essencialmente, pela presença dos meios de comunicação nos municípios. Sua realidade não foge dos elementos que compõem a organização da vida na Amazônia, pois

Do ponto de vista da comunicação, o rio, como estrada líquida, foi outro fator preponderante quanto à fundação dos povoados. Com raras exceções, quase todas as cidades da Amazônia localizam-se às margens do Rio Amazonas e de seus tributários. Por esta razão, a navegação fluvial é de vital importância para toda a região, que conta a dedo as estradas de rodagem e vias férreas que possui e até mesmo os aeroportos (BARBOSA, 1980, p.33 apud TAVEIRA, 2003, p. 6).

⁵² Os nomes são citados pela importância dessas pessoas para a história da TV em Breves-PA

Comumente, aqueles que chegam às cidades marajoaras têm uma visão de um local inerte. Porém, é válido lembrar que a transformação vivida no campo das telecomunicações por essas cidades permite a compreensão de um movimento intenso que pode até não ser percebido pelos olhos do visitante, mas, para o cidadão local significa que a força do moderno chegou. Por isso é impossível ignorar os meios de comunicação diante do cenário midiático atual do arquipélago marajoara.

Sabe-se que os meios de comunicação não podem ser entendidos de maneira unilateral, por isso é preciso compreendê-los no bojo da dimensão social, cultural, política, discursiva, estética, tecnológica e, principalmente, no âmbito específico do campo da produção, ou seja, com base nos interesses que levam à produção de determinados conteúdos.

Dadas as dificuldades dessa compreensão, deve-se buscar os fios explicativos existentes em cada segmento – cultural, político, histórico, etc – para então articular os resultados e tentar compor esse complexo quebra-cabeça. Nesta parte do trabalho, a proposta foi trilhar o caminho da história do meio, do veículo televisão em terras marajoaras, o que não é fácil vista a complexidade do trabalho em si que demanda um tempo considerável, dependendo do cenário midiático de cada município, e que se vê aumentado face às dificuldades locais típicas da região: locomoção, distâncias, clima, especificidades sociais, etc.

A televisão foi o segundo grande meio de comunicação massiva a ser utilizado enfaticamente pelo povo marajoara. Ela perde somente para o rádio, do qual sua popularidade é devedora, pois deve-se às experiências iniciais com o meio sonoro acrescida à curiosidade de alguns habitantes o processo inicial de captação de sinais, que se inicia com investidas pessoais, confirmando o que, não raro, ocorreu em todo o Brasil.

[...] a radiodifusão despertou, ainda, as potencialidades inventivas de muitos que procuravam se aproximar do novo meio construindo, a partir dos mais diferentes artefatos, transmissores artesanais através dos quais escutavam sons do mundo. Muitos podiam ser (e eram) inventores de aparelhos que permitiam a recepção das ondas sonoras (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 16).

Sobre aspectos relacionados a tal afirmação, menciona-se parte do depoimento do Sr. Manoel Jardim:

O Paulo, quando ouviu falar em televisão, começou a enlouquecer para ver o que era. Lembro que um dia ele disse: “– Bom, se a gente conseguiu captar o sinal do rádio, quando chegar a televisão para cá, acho que a gente consegue também”. E começou a juntar dinheiro para comprar uma.

Nesse sentido é que se pode afirmar que “o rádio preparou o terreno para a televisão ao desenvolver um sistema rápido de comunicação de massa, nacional e internacional” (CASHMORE, 1998, p. 23). Sobre isso, menciona-se que,

ao contrário da televisão norte-americana, que se desenvolveu apoiando-se na forte indústria cinematográfica, a brasileira teve de se submeter à influência do rádio, utilizando inicialmente sua estrutura, o mesmo formato de programação, bem como seus técnicos e artistas (MATTOS, 2010, p. 53).

De acordo com as entrevistas realizadas, pode-se afirmar que somente após duas décadas da existência da televisão no Brasil é que a população do arquipélago marajoara começou, de fato, a ter acesso a esse meio de comunicação massiva.

A chegada dos aparelhos de televisão nas cidades marajoaras representou também, para os moradores, o sentimento de que a modernidade estava chegando à região, como relatou HMB (67-M), morador de São Sebastião da Boa Vista:

O melhor de ter a TV chegando em nossa casa era o que ela representava. Na época era coisa de gente rica e moderna. Eu adquiri uma televisão no ano de 1972 e lembro que demorou quase duas semanas para que a gente pudesse ver alguma coisa. Mas, mesmo assim, não me importava muito. Sabia que mais cedo ou mais tarde ela iria pegar. Além do mais, só o fato de ter um aparelho daquele já era muita coisa.

No Marajó, a chegada da televisão, além de representar o início do caminhar rumo à modernidade, também teria contribuído para que algumas pessoas fossem atraídas da zona rural para a urbana, pois, no final da década de 1970, embora fosse praticamente inexistente a diferença entre ambos os espaços (a não ser por alguns poucos recursos existentes somente na cidade, como escolas), os moradores tinham uma vaga ideia do tamanho da dificuldade que seria fazer aquele “elemento mágico” funcionar na zona rural. Como na cidade o seu funcionamento era algo certo, este fator se aliou a outras razões para o êxodo rural e tornou-se, de acordo com alguns moradores, “mais um bom motivo para sair do interior para a cidade” (JGR, 68-M, morador de Portel).

Enquanto equipamento, a chegada da televisão em cada município do arquipélago marajoara apresenta as seguintes referências temporais:

Quadro 9: Chegada da TV nos municípios marajoaras

Município	Mês/Ano de chegada da TV
Afuá	Julho/1978
Anajás	1979
Bagre	1972
Breves	Maio/1970
Cachoeira do Arari	1979
Chaves	1980
Curralinho	1979
Gurupá	1977
Melgaço	1977
Muaná	1975
Ponta de Pedras	1976
Portel	Julho/1972
Salvaterra	1974
Santa Cruz do Arari	1978
São Sebastião da Boa Vista	1969
Soure	Julho/1971

Note-se que, em todo o arquipélago, das quatro retransmissoras que produzem conteúdo local, três estão localizadas no município de Breves – TV Breves-SBT - canal 8; TV RBA Breves - canal 12; e TV Record Breves - canal 6) – e uma no município de Portel, a TV SBT Portel - canal 8. Em Breves, há ainda a TV Nazaré Breves - canal 33, que transmite ao vivo algumas celebrações de missa e eventos católicos, contudo não possui programa produzido localmente.

A chegada da TV ao município de Breves antecede em alguns dias a Copa do Mundo de Futebol realizada no México, em 1970. A partir das investidas do Sr. Paulo Jardim, algumas pessoas tiveram a oportunidade de acompanhar, mesmo com muitos ruídos e chiados, o jogo de abertura da competição.

As informações recebidas pelos moradores da cidade relativas àquele evento esportivo eram dadas pelo rádio, o que também, de alguma maneira, estimulava o desejo de querer assistir à TV. Frases como, “– Coisas que só na TV eu vou ver quando em casa chegar”, ou “– Será que foi assim? Só se eu tivesse uma TV para comprovar”, mostram como as pessoas estavam estimuladas à compra de um aparelho de TV para satisfazer o desejo de ver e ao mesmo tempo ‘comprovar’ o ouvido. Nota-se, então, que a formação de um imaginário – tecnológico – sobre televisão foi inevitável.

Muitas pessoas começaram a imaginar como era a televisão, até porque nesse período o acesso à capital [Breves-Belém], era em média de três dias no conhecido barco à vela e não eram muitas pessoas que viajavam. Era muito complicado mesmo viajar nessa época (AJS, 74-M, morador de Breves).

Assim, “a televisão, antes de ser materialidade povoou o imaginário da população, criando [...] uma imaginação televisual [...] Muitos já ouviam falar de televisão, mesmo antes de ver a televisão” (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 16)

Relatos indicam que o Sr. Paulo Jardim e mais alguns amigos, entre os quais seu irmão Manoel, depois de ter o aparelho de TV e perceber que ele não recebia o sinal, resolveram montar uma torre em estrutura de tubo galvanizado e madeira. No topo dela, instalaram uma antena comum, conhecida como espinha de peixe. Para o jogo Brasil x Tchecoslováquia era tudo o que eles precisavam para obter o sinal.

O jogo do Brasil era no dia três de junho, e no dia primeiro, a gente ainda estava fazendo testes [...]chegamos em 10, 20, 30, 40 metros, queríamos desistir, mas começamos a ouvir as vozes de alguém ali dentro da TV. Em 42 metros, conseguimos ver alguma coisa, com muitos chuviscos, é bem verdade, mas conseguimos assistir (Manoel Jardim).

A partir daí algumas pessoas começaram a repetir a ideia para tentar captar o sinal, porém as experiências não foram bem sucedidas. Considerando que não havia explicação para a situação, a razão encontrada foi religiosa.

Deus e os santos viram o nosso sacrifício e ajudaram para que a gente assistisse aos jogos. Acho que ele queria todo mundo junto ali torcendo pelo Brasil. Foi tanta gente que a sala da casa do Paulo foi ao chão [...] Lembro que depois da Copa, a TV não pegou de jeito nenhum. Somente depois de um bom tempo é que foi funcionar de novo (Manoel Jardim).

Verifica-se a força do elemento religioso como explicação satisfatória para a ocorrência do fato em relação à captura de sinal para assistir a TV. Sobre a imbricação da questão religiosa com aspectos identitários, menciona-se que

O diálogo com vozes, ações e vivências históricas sinalizadas em encontros, confrontos, negociações e sociabilidades culturais entre ribeirinhos e religiosos agostinianos nos “Marajós” vêm permitindo sondar processos de composições de identidades desses sujeitos históricos a partir de suas práticas e expressões religiosas católicas. Provenientes de matrizes culturais distintas (de um lado oral/devocional e, de outro, letrada/sacramental) ribeirinhos e religiosos reconfiguraram a cartografia das vivências na grande Ilha, imprimindo, na leitura do social, estratégias, táticas, artimanhas para fazer valer sua visão de mundo, projetos, interesses e perspectivas de sobrevivências de seus modos de vida (PACHECO, 2008, p. 16).

O estímulo inicial para possuir uma TV está relacionado ao evento esportivo da Copa do Mundo, a partir do qual as pessoas começavam a projetar sonhos para

adquirir o “aparelho mágico” e ver a seleção brasileira de futebol atuar nos gramados.

A sobrinha do Sr. Paulo Jardim diz:

Era uma alegria imensa ver tanta gente na frente de casa para ver os jogos. Lembro que até os chuviscos da TV, que não eram poucos, tornavam-se motivo de brincadeiras e piadas. Nessa época a nossa imaginação era bastante exigida, já que as imagens não eram tão claras (Socorro Jardim).

Outro morador antigo na cidade diz:

O Paulo era mesmo cheio de arte. De tudo ele inventava e sabia um pouco. Ele gostava mesmo de mexer nessas coisas. Eu fui ter TV no ano de 1980, quando ainda poucas pessoas em Breves tinham. Enquanto a minha TV era preto e branco, eu soube que ele já estava atrás de uma colorida (AMR, 64-M).

Uma curiosidade sobre a história inicial da televisão no município de Breves é relatada por Socorro Jardim:

Nossa primeira televisão era enorme. Lembro que era uma caixa grande mesmo. Com uma tela bem menor dentro daquela caixa. Não sei o que aconteceu um tempo porque meu tio fazia, e às vezes meu pai também [...] acendiam o fogão à lenha, colocavam a parte de trás da TV para esquentar. Lembro que diziam que era para esquentar a válvula. Depois disso, a televisão funcionava por um tempo. No outro dia era a mesma coisa. Até que eles compraram outra TV.

Os relatos dos moradores indicam que a partir das 17h as pessoas reuniam na casa do Sr. Paulo. Considerando que era este o horário que ele voltava do trabalho, o final da tarde era aguardado com bastante expectativa. “Bastava ele falar: – Já vou ligar lá, e pronto. Por volta de 18h já estava lotada a frente da casa” (OTC, 64-F).

Já era comum, nessa época, o racionamento de energia elétrica. Como não havia fornecimento regular garantido, as pessoas também organizavam suas tarefas para que pudessem assistir a televisão de acordo com o horário em que houvesse energia elétrica. Nessa época o fornecimento ocorria, no máximo, por 12 horas/dia. Na década de 1980, o fornecimento aumentou para 18 horas diárias.

Lembro que o Paulo ligava e às vezes entrava um canal que só aparecia a imagem de um indiozinho [...] Quando voltava a Globo era uma festa. Nesse tempo a novela era Meu Pedaco de Chão e depois passava Irmãos Coragem. Era todo mundo reunido para assistir. Pelo menos nesses horários a gente sabia que a energia não ia embora (AMR, 64-M).

Percebe-se, a partir desse depoimento, marcas bastante fortes no ato de assistência de TV por parte do marajoara. Pode-se dizer que ele herdou alguns hábitos desse período que se reproduzem atualmente, tais como assistir quase que unicamente a Rede Globo e, conseqüentemente, valorizar significativamente suas telenovelas.

Outra questão a considerar diz respeito à certeza de que o fornecimento de energia elétrica não seria interrompido em razão da importância da programação, o que permite compreender que a dinâmica de vida e organização da sociedade começava a levar em conta a televisão.

Em relação às emissoras disponíveis atualmente para a assistência do público, a maior parte delas entrou em operação a partir do ano de 2000 e, conforme quadro abaixo, metade dos municípios tem acesso a apenas duas emissoras.

Quadro 10: Disponibilidade de emissoras nos municípios marajoaras

Município	Emissoras	Total
Afuá	TV Liberal (Globo); Sbt; Band; Cultura	4
Anajás	TV Liberal (Globo); TV Cultura	2
Bagre	SBT; TV Bandeirantes; Record; TV Cultura	5
Breves	TV Liberal (Globo); TV Breves (SBT); TV Record; RBA Breves (RBA); TV Nazaré Breves; TV Cultura	6
Cachoeira do Arari	TV Liberal (Globo); TV Cultura; TV RBA (Bandeirantes); TV Record	4
Chaves	TV Liberal (Globo); TV Bandeirantes	2
Curralinho	TV Liberal (Globo)	1
Gurupá	TV Liberal (Globo); TV Cultura	2
Melgaço	TV Liberal (Globo); TV Cultura; TV Record	3
Muaná	TV Liberal (Globo); TV Cultura	2
Ponta de Pedras	TV Liberal (Globo)	1
Portel	TV Liberal (Globo); SBT Portel (SBT); TV Cultura; TV Bandeirantes	4
São Sebastião da Boa Vista	TV Liberal (Globo); SBT; TV Cultura; TV RBA (Band)	4
Salvaterra	TV Liberal (Soure); TV Cultura (Soure)	2
Santa Cruz do Arari	TV Liberal (Globo); TV Cultura; SBT	3
Soure	TV Liberal (Globo); TV Cultura	2

Obs.: Breves e Portel estão destacadas por apresentarem TV local.

3.2 TVs LOCAIS NO MARAJÓ

Neste tópico será dada ênfase à historicidade da TV local no município de Breves por ele concentrar três das quatro retransmissoras com produção local no Marajó, assim como pelo fato de ser o município à qual pertence a comunidade pesquisada.

As iniciativas para uma TV local no município começaram ainda na metade da década de 1980, quando o Sr. Adilson Almeida se juntou a um técnico em eletrônica, cujo nome não foi lembrado, que era de Manaus. Ambos fizeram as primeiras investidas, um financeiramente, e outro na parte técnica.

A TV Marajó, fundada em 1985, exibia dois programas: o “Jornal Marajó”, que veiculava questões do cotidiano brevesense; e o programa de auditório “Assim nasce um artista”, que era apresentado pelo próprio Adilson Almeida. Ela funcionou por apenas dois anos, pois enfrentou dificuldades com a burocracia para obter concessão no Ministério das Comunicações e, já que não apresentava a documentação exigida por lei – outorga e concessão – foi retirada do ar.

No ano de 1997, o então prefeito Gervásio Bandeira deu entrada, no Ministério das Comunicações, ao pedido de concessão para aquele que seria o primeiro canal de televisão legalizado no município. Ele colocou no ar, ao final do ano de 1999, a primeira televisão local, subsidiada pela Prefeitura – a TV Renascer-SBT, canal 08, afiliada ao SBT-Pará. Essa emissora só veio a funcionar totalmente legalizada no ano de 2010, quando foi definitivamente outorgada pelo Ministério das Comunicações.

Sobre as especificidades da televisão local é pertinente considerar que, no ano de 2000, a TV mudou de nome e passou a se chamar TV Breves. Isso ocorreu como consequência da derrota de Gervásio Bandeira para Luiz Furtado Rebelo nas eleições municipais. Este se tornou o novo administrador da TV.

Nas eleições de 2004, Luiz Rebelo foi reeleito e continuou à frente da TV. No ano de 2008, José Antônio Azevedo Leão venceu o candidato apoiado por Luiz Rebelo e tornou-se o gestor da televisão. O prefeito eleito manteve o nome da emissora.

Durante 2010 a emissora veiculou cinco programas, o maior número desde sua entrada no mercado: o da Igreja do Evangelho Quadrangular, que ia ao ar todos os sábados; o programa “Trânsito livre”, programa informativo e de diversão e

apresentado pelo diretor da TV, Sr. Marcelo Furtado, que assumira a função de diretor da TV em janeiro de 2009, veiculado nas tardes de sábado e que deixou de ir ao ar no primeiro semestre de 2011; o “Acontece”, programa de entrevistas apresentado por Flávio Pinheiro, aos sábados; o “Breves Notícias” apresentado por Pedro Júnior, de segunda a sexta-feira, às 19 h; e o telejornal “TVB Notícias” apresentado por Flávio Pinheiro, de segunda a sexta-feira às 13:30 h.

No final de 2011 a programação foi reduzida ao telejornalismo. Dois foram os principais motivos para que os programas deixassem de ir ao ar: primeiro, a questão dos recursos humanos, pois geralmente eram os mesmos profissionais que atuavam tanto nos dias úteis da semana quanto aos finais de semana; segundo, como o Jornal passou a ser ao vivo a partir do início de 2011, o cenário não podia mais ser alterado facilmente para adaptação a outros programas. Logo, o espaço foi o fator determinante para que não houvesse mais a apresentação de programas, como, por exemplo, o Trânsito Livre.

No segundo semestre de 2011, a programação contava com o TVB Notícias, apresentado ao vivo de 13h15 às 14h15, e com o TVB Notícias 2ª edição, uma segunda edição do telejornal, veiculado às 18h30.

Atualmente a capacidade do transmissor da emissora é de 100 watts e funciona a válvula, caracterizando uma deficiência em termos potenciais de alcance, restringindo-se, unicamente, à zona urbana do município.



Imagem 10: Prédio da TV Breves (2011)

A emissora tem 15 funcionários e o diretor afirma que a maioria acaba se desdobrando para exercer outras funções. Ele admite que é “impossível ser diretor de uma TV local no Marajó e não botar a mão na massa: “Hoje mesmo [07/12/11] estava resolvendo problema nos cabos de nossa energia elétrica que ficam no forro de nosso prédio”.

No que se refere ao controle da audiência, a TV Breves baseia-se nos telefonemas e nas mensagens de texto encaminhadas a um celular gerenciado pela

emissora. Algumas mensagens são selecionadas e colocadas no ar ao vivo. É uma forma de manter um contato real com o telespectador.

Em termos de perspectivas para futuro, a emissora projeta que, em pouco tempo, seja feita a mudança do transmissor de 100 para 300 watts e não vê distante a possibilidade de contratação de novos funcionários, bem como de adquirir outros equipamentos.

É significativo da situação o depoimento do diretor da TV Breves a seguir:

Quando cheguei para assumir a direção da TV, não havia nenhum computador por aqui, logo não havia Internet [...] Então perguntei a um dos rapazes daqui: “– Como é que vocês se viram por aqui sem internet? Vocês trabalham com comunicação” (MF – Diretor da TV Breves).

A primeira transmissão ao vivo da TV foi em 06/09/2009, porém, para que ela ocorresse, foi necessário quase um dia inteiro de trabalho, sem contar o emaranhado de fios em volta do estúdio. Hoje, diz o diretor, “em cinco minutos podemos colocar alguém no ar, de forma limpa”, ou seja, sem precisar de tantos cabos ou fios.

Entre os principais feitos da TV, destaca-se a transmissão ao vivo do carnaval e das comemorações de 5⁵³ e 7 de setembro, além da mudança técnica que vem acontecendo na emissora.

Eu sempre falo para o pessoal aqui: “– Nós, da TV Breves, não temos uma formação profissional, de uma faculdade, mas nós temos todo dia uma janela que está ensinando a gente, que é o jornalismo [...] A Record e a Globo são nossas inspirações [...] Na minha opinião, estamos mais pertos das TVs de Belém do que eles de São Paulo, por exemplo (MF – Diretor da TV Breves).

Ao falar sobre as dificuldades de realização do trabalho, o diretor afirma: “– Você acordar todo dia e ter um jornal, no meio do dia, para apresentar, sem muita coisa acontecendo na cidade é algo difícil de acreditar que vai acontecer”. Além disso, as dificuldades em lidar com os recursos humanos é um fator que pesa bastante, principalmente devido à baixíssima remuneração dos funcionários e por serem pessoas que ocupam parte do tempo com estudo ou com outra atividade remunerada.

⁵³ Dia da raça brasileira

Entre as especificidades históricas da TV local brevense, é pertinente considerar que, de acordo com o apresentador Flávio Pinheiro, Gervásio Bandeira, prefeito derrotado nas eleições de 2000, quando perdeu o controle da TV Breves para Luiz Rebelo, viajou para a capital do estado, onde conseguiu com Jader Fontenelle Barbalho (PMDB), diretor geral do grupo RBA (Rede Brasil Amazônia de Comunicação), uma outorga da própria RBA para constituir em Breves uma afiliada da RBA-Band. Foi então inaugurada a TV Açai Marajoara - canal 12 (TVA – canal 12), a segunda repetidora local no município.

A TV Açai passou por vários problemas técnicos e financeiros, estes pelo fato de a emissora se opor ao prefeito, o que gerou receio de grande parte dos empresários do município de sofrerem retaliação da prefeitura, o que fez com que eles não mais encomendassem a produção de comerciais de seus produtos.

A TV Açai conseguiu se estabelecer e conquistar audiência, vindo a favorecer, a partir de seu programa jornalístico, principalmente as pessoas mais carentes que procuravam a emissora para realizar apelos para a aquisição de remédios, alimentos, passagens em embarcações para tratamento médico na capital do estado, etc.

O principal programa da emissora era o Jornal Açai, que ia ao ar de segunda a sexta-feira às cinco da tarde. Essa emissora de televisão tinha contrato de uso do sinal da RBA pelo prazo de cinco anos (10 de julho de 2001 a 10 de julho de 2006).

Em 2006, a RBA Belém se manifestou contrária à renovação, o que obrigou a TV Açai a fechar suas portas. Tudo indica que esse fato tenha ocorrido em razão de Gervásio Bandeira, então presidente do PMDB de Breves, ter se desfilado do partido para pedir votos para Mário Couto, candidato a Senador e Almir Gabriel, candidato a governador do Estado, ambos pertencentes ao PSDB. Essa decisão de Gervásio teria descontentado o diretor do grupo RBA, Jader Barbalho – presidente do PMDB – que teria ficado insatisfeito com a desfiliação do antigo correligionário e não mais cedeu a concessão de funcionamento para a TV Açai. Naquele momento, a GB Comunicações e Turismo, empresa proprietária da marca TV Açai, encerrou suas atividades no município depois de já possuir o reconhecimento da comunidade brevense.

Contudo, a história da RBA em Breves continuaria sob a direção geral de outro empresário, que fora vice-prefeito na administração de Gervásio Bandeira. Em 2006, Carlos Alberto Custodio (Doth Custodio) saiu do Partido da Frente Liberal

(PFL) transferindo-se para o PMDB e, com sua filiação no novo partido, conseguiu um compromisso de Jáder Barbalho para a concessão da RBA para Breves.

A partir de 10 de dezembro de 2006, a TV Marajó teria o direito de retransmitir a programação da RBA em Breves pelo prazo de cinco anos. Na ocasião, a TV Marajó não tinha a infraestrutura necessária para operar, pois tanto o local onde estava instalada sua torre, quanto o estúdio de gravação eram de propriedade da TV Açai, o que dificultou bastante o funcionamento da TV Marajó em seus primeiros meses. Porém, mediante acordo entre a RBA e Gervásio Bandeira no ano de 2006, ele vendeu a parte de sua propriedade onde estava edificada a torre da RBA e a administração da torre passou finalmente para a TV Marajó. A TV Marajó RBA, então, entrou oficialmente no ar.



Imagem 11: Prédio da TV RBA Breves (2011)



Imagem 12: Funcionário exibindo equipamento



Imagem13: Equipe da TV RBA Breves (2011)

Há informações de que o contrato assinado garantiria 80% da arrecadação à matriz RBA- Belém enquanto que 20% seria destinado à filial. Esse acordo não teria sido cumprido e mais uma vez houve mudanças na direção da TV.

No ano de 2008, a direção da TV RBA passa a ser de responsabilidade do Sr. Carlos Estácio, ex-prefeito de Breves. Até o ano de 2010, ela exibia os programas RBA Notícia e Cara a Cara. Contudo, atualmente, a única certeza em sua programação é a publicidade, pois o programa Cara a Cara depende da vinda, a Breves, de Carlos Estácio, que mora na capital, o que só acontece em ocasiões especiais, geralmente de festejos no município.

Sobre a afirmação de que a certeza na TV é a publicidade é oportuno considerar que essa realidade não é algo desvinculado da realidade nacional, pois “o modelo brasileiro de televisão, além de ser dependente da importação de *software* e *hardware*, também é dependente do suporte publicitário, sua principal fonte de receita” (MATTOS, 2010, p. 61).

Atualmente a TV RBA Breves conta com oito funcionários. Entre as maiores dificuldades encontradas pela direção da televisão mencionam-se a gestão dos recursos humanos e, na parte técnica, o fato de possuir um transmissor de apenas 100 watts. A formação dos funcionários da TV em outras áreas que não a da comunicação também pesa negativamente no exercício das atividades.

De acordo com Thiago de Oliveira, funcionário mais antigo em exercício na TV RBA Breves, as perspectivas para o futuro abrangem a realização de um jornal local diário, programas culturais, a interação com o público e a valorização de pessoas da terra nos programas a serem criados.

Thiago destaca ainda algumas questões que considera problemáticas na TV em que ele trabalha: a imagem, que, por não ser de qualidade, acaba afastando alguns anunciantes; o valor já cotado para a publicidade é muito baixo; a manutenção dos equipamentos é difícil de ser realizada; a elaboração de um telejornal que para ser realizado precisa de credibilidade e não se resumir às notícias da prefeitura ou notas policiais; o tempo necessário para se elaborar um bom programa.

No ano de 2007, outra repetidora juntou-se às que já atuavam no município, a TV Nazaré Breves - canal 33, afiliada da TV Nazaré de Belém. Ela obteve autorização para funcionamento no dia 28 de junho de 2007, veiculando programação da capital paraense. Somente a partir do ano de 2009 é que eventos

do próprio município começaram a ser exibidos. Até então, improvisado e certo amadorismo caracterizaram a ação da TV Nazaré Breves, assim como a das outras retransmissoras brevenses. Essa maneira de ser ou de se fazer televisão remonta ao período inicial de implantação da TV no Brasil, pois “as improvisações e o famoso jeitinho brasileiro marcaram o início de nossa televisão” (MATTOS, 2010, p. 87).

Por ser uma TV católica, ela conta com a Pastoral da Comunicação⁵⁴ para sedimentar a base de seu trabalho.



Imagem 14: Visão lateral da Igreja N. S. do P. Socorro



Imagem 15: Estúdio da TV Nazaré Breves

Boa parte dos equipamentos foi adquirida a partir do apoio da Paróquia de Breves, Sant’Ana. Embora ainda haja muitas dificuldades, acredita-se que a TV Nazaré já conquistou definitivamente seu espaço no cenário das telecomunicações no município de Breves.

É importante considerar que, dentre todos os municípios do arquipélago marajoara, somente Breves retransmite o sinal da TV Nazaré. Contudo, o município de Anajás tem se mostrado bastante interessado em receber a transmissão do sinal, o que ainda está em fase de negociação.



Imagem 16: Equipe de voluntários da TV Nazaré (2011)

⁵⁴ Pastoral segundo a qual os meios de comunicação são importantes para a evangelização das pessoas. Seus membros atuam voluntariamente nos meios de comunicação dirigidos pela Igreja. No caso de Breves são pessoas que trabalham na Rádio Santana e na TV Nazaré.

Em termos locais, atualmente a grade de programação transmite momentos da festividade da Paróquia de Sant'Ana, além da celebração da missa das 6h30, aos domingos. Trabalham 30 voluntários na TV, o diretor é Rubenil Miranda e a vice-diretora, Socorro Sarges.

De acordo com Socorro Sarges, o objetivo da TV é “evangelizar, educar e fazer com que Jesus seja adorado e glorificado”. Atualmente a TV Nazaré tem uma permissão de até 4 horas diárias para transmitir o sinal do próprio município, porém não o faz por conta das dificuldades “de ordem humana e material”.

O estúdio da TV localiza-se nos fundos da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Com um transmissor de 500 watts, a TV Nazaré consegue cobrir a cidade de Breves e algumas áreas próximas.

Outra emissora recentemente inaugurada no município foi a afiliada à TV Record Belém, que é a TV Record Breves (Canal 6). Ela estreou suas transmissões no dia 12/03/2012 e está sob a direção de José Maria Acioli, ex-vereador no município de Breves por três mandatos. O diretor do jornal afirma que “o projeto da TV Record Breves visa levar informação ao público marajoara, em especial à comunidade brevesense”.

Imagem 17: Prédio da TV Record Breves (2012)



A TV Record Breves tem, como produção própria, o programa Jornal Marajó, cuja primeira edição é transmitida de segunda a sexta-feira, às 12 h e, às 18h30, vai ao ar a segunda edição, com duração de 20 minutos cada. Aos sábados vai ao ar, de 14h até 14h40 (ou 15 h), o programa Balanço Marajó.

No ano de 2009, houve uma experiência inicial com o canal ocupado pela Record Breves, com o nome de TV Amazônia, contudo a duração foi de apenas três meses. As justificativas para o curto período de funcionamento foram as dificuldades de recursos financeiros e, sobretudo, recursos humanos.

A outra TV local no Marajó fica no município de Portel. A SBT Portel - canal 15 começou suas atividades no final do primeiro semestre de 2010, sob a direção do Sr. Everaldo Gonçalves, que é empresário.

No ano de 2011, principalmente em consequência da publicidade, a TV se consolida e consegue levar ao ar um programa jornalístico, que é exibido de segunda à sexta-feira, às 13 h. É pertinente ressaltar que, no mês de agosto de 2011, a TV SBT, canal 15 de Portel, e o Jornal Pararíjos (JP), de Breves, juntaram-se numa parceria para noticiar os acontecimentos dos dois municípios, que são referências na região do Marajó.

Os diretores do SBT de Portel, Everaldo e Emerson, e Raimundo Palheta, do Jornal Pararíjos, fizeram um acordo, com a intenção de apresentar uma visão diferenciada sobre o Marajó em longo e médio prazos. O SBT Portel deve montar uma grade de programação local para divulgar os acontecimentos da região até o fim do ano de 2012, enquanto que o JP terá um novo *design*, com muitas novidades em seu *site* e, no jornal impresso, dando destaque aos fatos desses municípios.

Para finalizar a descrição aqui posta sobre TV local no Marajó, vale considerar a afirmação do diretor da TV Breves:

Lembro que esse ano [2011], quando teve um incêndio provocado pela população na Delegacia de São Sebastião da Boa Vista, o pessoal da TV de Belém ligou e disseram para a gente ir lá cobrir que eles queriam as imagens. Aí então eu falei para eles: “– Só tem um problema, daqui de Breves para São Sebastião da Boa Vista são pelo menos seis horas, porque a gente não tem voadeira e mesmo assim só tem embarcação direta daqui até Curralinho e só à noite”. Então eles desistiram porque eles já queriam aquelas imagens para a mesma tarde daquele dia (MF – Diretor da TV Breves).

Outra questão comentada pelo diretor foi que, mesmo se ele tivesse como mandar uma equipe, não ficaria pessoal para cobrir as notícias de Breves, dado o número reduzido de funcionários.

A partir dessas informações, considera-se que a televisão local no Marajó é um tema que precisa ser bastante discutido, em razão das peculiaridades da região

e da própria especificidade da relação da população com esse meio de comunicação.

É interessante ponderar que a representação da TV vai muito além de um modernismo técnico, estendendo-se para a dinâmica social de vida dos moradores. A própria chegada dos aparelhos de TV à região é um marco histórico também porque, a partir da exibição de programas à noite, havia um bom motivo para que não fosse interrompido o fornecimento de energia, pelo menos naquele horário.

A televisão como elemento de distinção social, de *status*, é um fator imperativo na história da chegada dos aparelhos. Essa afirmação pode ser confirmada com os relatos apresentados que, mesmo sem receber o sinal de qualquer emissora, somente o fato de ter um aparelho de televisão na sala já era bastante significativo.

Quando se trata da historicidade da TV no arquipélago marajoara é essencial perceber sua recente trajetória após mais de meio século da chegada da televisão no Brasil, pois enquanto muitos municípios do eixo sul-sudeste estão em plena transição do estágio tecnológico analógico para o digital, verifica-se que há municípios marajoaras que receberam a televisão analógica em suas casas há pouco tempo.

A convivência com os diferentes estágios tecnológicos no país é algo real, resta saber como se dará essa transição considerando essas realidades. Ou melhor, elas são conhecidas e consideradas no processo de transição? Da mesma forma para pesquisadores de televisão é interessante perceber o processo das televisões locais o que remete aos primeiros anos da chegada da televisão no sudeste do Brasil. Para os estudiosos do tema essas iniciativas tinham sido extintas com a implantação das redes. Com a pesquisa foi possível identificar o processo de produção televisiva que se dá em Breves, mesmo com os investimentos recentes e as várias dificuldades que pesam contra tal empreitada, para produção de conteúdo local, fortemente marcado pelo modo de fazer consagrado nacionalmente.

Não há dúvidas que são muitos os fatores que delimitam a ampliação e o alcance desses conteúdos como o baixo número de funcionários, sua formação em outras áreas que não a da comunicação, a baixa remuneração das pessoas envolvidas com a TV, a dificuldade de infraestrutura e as distâncias entre os municípios, o que impede maior investimento para a captura da notícia, pesando, portanto, para que não haja cobertura de outros locais, tendo a TV que se resumir às

notícias de seus municípios. Esses problemas são reflexos da configuração do sistema televisivo brasileiro estabelecido a partir da total inexistência de aporte político e econômico para tais iniciativas. No entanto, a mudança tecnológica aponta para necessidade de oferta de conteúdos locais o que traz inúmeros problemas ao sistema ainda vigente de televisão aberta brasileira.

3.3 TELEVISÃO NA COMUNIDADE SÃO PEDRO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Nesta parte da dissertação, a intenção é articular os resultados mais pertinentes da pesquisa de recepção com alguns estudos já realizados sobre televisão. Tão importante quanto essa articulação é atentar para informações diferenciadas sobre a televisão na zona rural, levando em conta aspectos como religião, consumo, audiência, tempo diante da TV e outros, que serão analisados no desenvolvimento do texto, não necessariamente de forma isolada, pois são temas que se entrecruzam durante as reflexões ao longo deste e do próximo capítulo.

As horas de observação passadas em cada casa – monitorando os gestos e movimentos corporais, os sorrisos, cada manifestação de aprovação ou desaprovação esboçada no rosto das pessoas – foram interessantes para perceber as maneiras de “fazer com” dos moradores diante dos conteúdos exibidos.

A tentativa de não interferir no comportamento das pessoas foi um grande desafio, pois, a partir do momento em que, de fato, os moradores se sentiram à vontade, vez ou outra vinham os questionamentos direcionados a este pesquisador, principalmente com dúvidas sobre a televisão (programas, horários, publicidade, etc.).

In loco, foi possível constatar que a televisão não é vista só como opção de lazer, pois o fato de já estar tão internalizada no cotidiano dos moradores faz com que eles a percebam como um elemento necessário na composição e dinâmica de suas vidas.

É importante esclarecer que a classificação da faixa etária dos grupos⁵⁵, aqui diferenciados em três, é feita com base nos estudos de Justin Pikunas (1991), que é considerado uma das maiores referências mundiais em estudos sobre fases do desenvolvimento humano. Esse autor considera que desde a fase pré-natal até a

⁵⁵ Como já indicado na introdução deste trabalho, serão utilizados de forma mais específica os depoimentos de cinco crianças, cinco adolescentes e cinco adultos.

senescência o ser humano vive 16 etapas de desenvolvimento, considerando, por exemplo, na infância três fases: primeira infância, fase intermediária e final da primeira infância.

Neste estudo interessa verificar os seguintes grupos: crianças, adolescentes e adultos. No sentido de esclarecer melhor a categorização adotada, parte da classificação de Pikunas (1991) é apresentada no quadro a seguir.

Quadro 11: Algumas fases do desenvolvimento humano

Segunda infância (Intermediária)	6 a 9 ou 10 anos
Fase final da 2a infância (pré-adolescência)	meninas de 9 a 11 ½ anos meninos de 10 a 12 ½ anos
Puberdade (início da adolescência)	meninas de 11 ½ a 14 anos meninos de 12 ½ a 15 ½ anos
Adolescência (intermediária)	meninas de 14 a 16 anos meninos de 15 ½ a 18 anos
Final da adolescência	moças de 16 a 20 anos rapazes de 18 a 22 anos
Início da fase adulta	mulheres de 20 a 30 anos homens de 22 a 35 anos
Fase adulta intermediária	mulheres de 30 a 45 anos homens de 35 a 50 anos

Nota: Para ter acesso às informações sobre todas as fases, consultar a obra de Pikunas (1991).

Segundo Pikunas (1991), a infância, principalmente em seu primeiro estágio, é uma fase em que a quantidade e a qualidade do cuidado materno são estimulantes e determinantes para o crescimento físico e o desenvolvimento do comportamento. A descoberta de muitos significados e as novas representações sobre a realidade marcam um período da vida em que também surgem as primeiras frustrações. Além disso, o final desse período biológico é marcado por explosões de temperamento, bem como a tipificação sexual e a necessidade de reconhecimento dos próprios limites.

Já a adolescência é considerada como um período de intensas descobertas, de frustrações e de sofrimento, durante o qual se intensificam conflitos e crises de ajustamento, sendo também um período de grandes sonhos e romances amorosos. A adolescência é o momento da vida que se situa entre a infância e a idade adulta. Inicia-se com as transformações da puberdade, por volta dos 12 anos, e termina com a entrada na vida adulta, por volta dos 20 anos, não estando o seu final claramente definido (PIKUNAS, 1991). É um período de transformações profundas no corpo e, para muitos, traz significativa mudança na forma de compreender o mundo, seja nas relações com os pais ou com outras pessoas de sua idade, seja

nas relações com outros adultos e na forma de encarar o futuro. Embora seja um período de dificuldades e conflitos relacionados a todas essas transformações, é também um período rico em ideias e experiências.

Não à toa, a adolescência é uma etapa da vida bastante difícil de ser definida, até porque sua classificação extrapola o aspecto biológico: realidades biológicas, papéis sociais e elaborações simbólicas se interpenetram na elaboração de conteúdos constantemente renovados. É uma fase de indefinição, constituição e muitas vezes de sedimentação de identidade, o que resulta de uma construção social e cultural. A criança que ainda vive e o adulto que ainda não se formou vivem em situações contextuais diferenciadas, em que o adolescente lida com conflitos naturais da idade (LEVI; SCHMITT, 1996).

Sobre a fase adulta, Pikunas (1991) esclarece que é uma fase caracterizada pela consolidação do progresso do desenvolvimento humano. Trabalho, casamento, criação de filhos, autonomia emocional, social e econômica, autoconfiança e senso de competência são algumas características marcantes desse período.

Sobre essas etapas de desenvolvimento humano, é importante ressaltar que há um conjunto de matizes que interfere diretamente na construção de vida de cada pessoa, influenciando consideravelmente na classificação. Logo, é uma classificação que não pode ser analisada de maneira isolada, sem compreender o papel de outros elementos intensamente presentes na vida do ser humano. São fatores culturais, emocionais, religiosos, sociais, psicológicos e outros que juntos constituem a definição de identidade do ser humano como tal. Sobre isso vale considerar que

[...] Assim como a relação com os pais nos primeiros anos de vida é determinante na construção da identidade (personalidade) individual, as primeiras vivências e socializações culturais são cruciais para a construção de identidades sociais, sejam étnicas, religiosas, regionais ou nacionais (OLIVEN, 1988, p. 90 apud JACKS, 1999, p.69).

Como não se tem o objetivo de fazer extenso estudo sobre a influência desses fatores para a definição da personalidade e identidade humana, a base em Pikunas é fundamental para o que se pretende em termos de classificação etária neste trabalho.

Inicialmente, como um prólogo às discussões sobre os achados da pesquisa de recepção, far-se-ão breves considerações sobre a história da comunidade. Para isso, a partir da aplicação da técnica de história oral, ouviram-se o primeiro morador da comunidade São Pedro e alguns de seus moradores mais antigos.

3.3.1 O lócus da pesquisa

Por volta de 1960, a comunidade São Pedro era apenas um pequeno terreno, envolvido pela floresta, às margens do rio Pararijós. Nessa época, aquele pedaço de terra pertencia à senhora Maria Antônia de Lima. A transferência da família do Sr. Antônio Juarez⁵⁶ de Anajás para o interior de Breves em pouco tempo permitiu o acesso àquele terreno. Logo depois da chegada da família, os pais do Sr. Antônio, adquiriram da Sra. Maria Antônia a propriedade. A partir daí, vários membros da família – cunhados, primos do Sr. Antônio e outros – migraram para esse espaço. Iniciou-se uma dinâmica familiar de trabalho nas terras. Juntos, iniciaram o trabalho na agricultura para garantir seu sustento e, ao mesmo tempo, fazer crescer a comunidade.

A história da comunidade, embora bastante vinculada à religião, tem, entretanto, um time de futebol como sua expressão inicial de organização e que recebeu o nome de Clube São Pedro. É importante considerar esse fato porque é o time de futebol, o clube, que possibilita a aproximação da recém-criada comunidade com outras da região.

O dia 12 de junho de 1974 marcou, de fato, a origem da comunidade com a celebração do culto que oficializou a fundação da capela e o início das atividades religiosas, para que, posteriormente, se organizasse a festividade. Em razão disso, é impossível compreender a comunidade São Pedro sem vinculá-la à religião, pois seu próprio nome já indica a relação.



Imagem 18: Capela da comunidade São Pedro



Imagem 19: Algumas casas da comunidade São Pedro

⁵⁶ Hoje é o líder da comunidade nos aspectos gerais. Há outra pessoa (BFC, 32-M), que atua como líder religioso no local, para cuidar somente dos assuntos referentes à Igreja.

A festividade de São Pedro, que começou a ser sistematizada a partir do início da década de 1980, é a maior manifestação cultural da comunidade, com grande participação de pessoas de outras comunidades e até mesmo da zona urbana. Geralmente a festividade inicia no dia 20/06 e sempre termina no dia 29/06. Conta com todos os elementos das festividades tradicionais: derruba de mastro, novena, bingo, candidatas da festa – colaboradoras que angariam fundos para a Igreja –, etc. No último dia da festividade, a presença do padre é indispensável para a celebração da missa e cerimônia de encerramento.

Imagem 20: Casas com novas estruturas na Comunidade São Pedro⁵⁷



As terras da comunidade são cadastradas no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e todo ano os tributos devem ser pagos. Aqueles que conseguem ter uma renda um pouco maior e têm melhores condições se reúnem para pagar os impostos. “Isto mostra o espírito de união e sentido da palavra comunidade, trabalhado intensamente pela liderança religiosa da comunidade” (BFC, 32 -M).

Em geral, as casas na comunidade têm dois cômodos, pequenas varandas ou simplesmente um pequeno espaço na frente da casa, antes da porta de entrada e, em sua maioria, foram construídas pelos próprios moradores com ajuda de vizinhos. Nesse espaço, encontram-se bancos de madeira, que antes da chegada da televisão eram muito utilizados para a roda de conversas entre vizinhos,

⁵⁷ No início da pesquisa de campo, em janeiro de 2011, havia apenas uma casa sendo construída em estrutura diferente das outras, ou seja, com uma estrutura de dois andares. No mês de dezembro de 2011, ela estava praticamente concluída. Nesse intervalo, duas outras casas também começaram a ser construídas no mesmo formato.

principalmente ao cair da noite. Agora este fato ocorre mais entre moradores da mesma casa.

Esse aspecto apresenta uma indicação significativa da presença da TV na comunidade, sinalizando, para este pesquisador, mudança nas formas de sociabilidade. Se, por um lado, já não há mais tamanha aproximação por meio da “televizinhaça”, por outro há uma aproximação, mesmo que forçada, com os membros da família. Afirmação que pode ser constatada nas observações e discussões apresentadas neste trabalho.

Difícilmente há quintais nas casas. Sua disposição faz ou com que estejam sobre as águas ou de fundo para estas. Toda a alimentação, quando não conseguida por caça e pesca, é comprada na cidade. Há dois bares na comunidade, que funcionam nas próprias casas dos moradores. A justificativa para a existência dos bares é que ultimamente há um fluxo significativo de pessoas da cidade que visitam o local aos finais de semana e proporcionar atendimento ao visitante é obter complemento no orçamento.

Para as pessoas da cidade, a comunidade é um balneário, apenas um local de diversão. Para as pessoas da própria comunidade, há uma distinção que precisa ser feita, como se nota no depoimento do líder religioso da comunidade:

Muitas pessoas da cidade ainda não se deram conta de que esse espaço é o local de vivência de outras pessoas. A abertura da estrada foi muito bom inclusive para nós, mas de alguma maneira nos tirou a privacidade. Agora muitos moradores daqui já começaram a fazer cercados em volta de suas casas. Era uma coisa que antes era impensável e agora é aceitável porque muitas vezes quando vêm outras pessoas da cidade que a gente não conhece, geralmente tem gente daqui viajando. E aí fica difícil, né? (BFC, 32-M).

A construção de cercados nas casas, antes impensável para os moradores do local, tornou-se necessária, configurando-se como uma característica que representa proteção e isolamento, bem como demonstra uma semelhança com as estruturas das casas da cidade.

A abertura da estrada, ainda sem pavimentação, que dá acesso à comunidade e a chegada da energia elétrica ocorreram na transição do final da década de 1990 para o início do ano 2000, por obra da Prefeitura, após demanda dos moradores. A distância a ser percorrida entre o centro da cidade de Breves e a comunidade, pela estrada, é de cerca de 20 km. Se for considerado o acesso pelos

rios, a distância pode chegar a 100 km ou mais, segundo estimativas dos próprios moradores.

Percorrer a distância Breves-São Pedro ou vice-versa, provoca uma sensação de lonjura, pois as dificuldades aumentam o tempo dispendido. Por terra, no período quente, a areia densa se concentra em alguns lugares causando também o perigo das derrapagens; no inverno, as chuvas próprias do período causam o aparecimento de poças e até mesmo pequenos lagos no leito da estrada e boa parte do caminho torna-se bastante escorregadio. Por via fluvial, tanto no período das cheias quanto da seca, a dificuldade é o fato de, em vários trechos, os rios permitirem somente o tráfego de barcos pequenos, às vezes apenas uma tolda.

O padrão de renda é de um salário mínimo ou menos para a maioria das pessoas, o que se deve principalmente às bolsas do governo ou às pensões e/ou aposentadorias. Há aqueles que, mesmo com esses recursos, trabalham na fabricação de farinha, extraem madeira, açaí, caçam, pescam ou exercem outras atividades na cidade para garantir o aumento da renda.

De acordo com o líder comunitário (AJ, 63-M), a terceira geração começa a se estabelecer na comunidade. As crianças, em sua maioria, hoje apenas estudam. Há cerca de uma década, era comum pais levarem seus filhos para suas atividades braçais. Hoje, os que vão, principalmente adolescentes, já o fazem por vontade própria. Pela manhã bem cedo, os homens saem para seus afazeres, enquanto as mulheres providenciam o preparo dos alimentos. As crianças e adolescentes saem para estudar.

Nesse horário as mulheres, em geral, preferem o rádio à TV. Se há apenas uma ou duas crianças e/ou adolescentes em casa, as mães impõem facilmente sua vontade e os menores acabam acatando normalmente a decisão, ficando apenas circulando, brincando pela casa. Porém, quando há mais crianças e/ou adolescentes, acaba-se por ligar a TV, já que eles conseguem unir-se e reivindicar isso. Algumas vezes ficam ligados ao mesmo tempo rádio e televisão. Em outras ocasiões, as mães acabam desligando o rádio, por conta da tarifa de energia, que pode aumentar consideravelmente.

À tarde, geralmente com o homem já em casa, os adultos costumam dormir; algumas crianças e adolescentes vão para a escola. Os poucos que ficam de pé, geralmente os mais novos, aproveitam para assistir à TV. À noite, como será melhor comentado no próximo capítulo, as pessoas parecem seguir um ritual, segundo o

qual a maioria, senão todos, permanecem diante da TV, principalmente no horário das telenovelas. É o período de reunião da família para assistência da televisão.

Em raros momentos percebe-se todas as pessoas da mesma casa repousando ao mesmo tempo após o almoço, mas é muito comum que a maioria o faça.

Em geral, os diálogos estabelecidos pelos moradores durante o dia convergem para aquilo que se ouve no rádio e principalmente para o que é transmitido na TV. É comum alguns comentarem de dentro de suas próprias casas com os vizinhos, ao mesmo tempo em que fazem suas atividades rotineiras.

Antes da chegada da energia elétrica, dois geradores, forneciam energia à população da comunidade desde o início da década de 1980, sendo que havia um revezamento no funcionamento não oferecendo mais que 12 horas de uso de energia por dia. A água utilizada é retirada do rio e tratada pelos moradores para consumo. Algumas famílias consomem água mineral, comprada na cidade.

No que diz respeito ao aspecto educacional, a comunidade conta com uma escola com quatro salas de aula e toda a estrutura para o funcionamento – copa,

Imagem 21: Visão lateral Escola São Pedro, Breves-PA



banheiros, biblioteca, secretaria, sala de informática. A primeira escola, em madeira e com apenas duas salas de aula, foi fundada na comunidade em 29/06/1985. Hoje, com um novo prédio em alvenaria, (reinaugurado em 29/06/2010), conta também com uma residência para professor. Entretanto, durante o período de

pesquisa, não havia nenhum professor residente.

Pelo fato de ser uma escola polo⁵⁸, a escola da comunidade funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno, atendendo alunos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. No ano de 2011 contava com 146 alunos matriculados.

⁵⁸ DE acordo com a SEMED/Breves, Escola Polo é uma escola que apresenta estrutura física e organizacional adequada para o ensino, construída, geralmente, em alvenaria). Em se tratando de escola polo na zona rural, sua estrutura permite atender alunos de várias comunidades.

Os profissionais que atuam na escola são: três professores de Ensino Fundamental, um professor de Informática e um Coordenador Pedagógico, duas serventes e um zelador.

A comunidade conta ainda com um posto de saúde, em que também há estrutura para o profissional responsável morar, embora ele não o faça. O corpo profissional é constituído por um enfermeiro e um técnico em enfermagem.

Imagem 22: Posto de Saúde da comunidade São Pedro



Em relação às questões dos meios de comunicação, é possível afirmar que a existência da sala de informática possibilita comentários sobre computadores, Internet e as possíveis funções dessa tecnologia, embora ainda não esteja claro, para seus usuários, que boa parte do uso a que se destina a técnica só seja possível com a presença da Internet ainda indisponível tanto para a escola como para a comunidade.

Imagem 23: Professor e alunos em atividade na Sala de Informática em São Pedro



Há apenas duas casas que têm antena rural para funcionamento de celular. Uma da vivo e outra com serviço da tim, porém somente uma família possuía aparelho de celular no período em que foi realizada a pesquisa.

Das 30 casas, 27 possuem TV; 24, aparelhos de rádio; 23, geladeira; 12 têm aparelho de DVD e 24 possuem fogão a gás, mas geralmente não se abre mão do fogão a lenha. É importante notar que, antes mesmo da chegada da energia elétrica interligada, alguns moradores já acompanhavam a programação da TV por meio da energia fornecida pelos dois geradores que funcionavam no local.

A primeira fase de assistência à TV era comunitária. Todos se reuniam no barracão da comunidade para assistir. Quando a energia elétrica interligada chegou à comunidade, a compra de antenas parabólicas e de aparelhos televisores aconteceu em massa.

3.3.2 A presença da TV no cotidiano dos moradores

Foram evidentes algumas situações no cotidiano dos moradores diretamente relacionadas à presença da TV na comunidade São Pedro. Para perceber essas situações é preciso levar em conta que a televisão

[...] como uma instituição social, entra em competição com outras, como a família, a igreja e a escola, e a consequência disso é um jogo de forças no qual cada instituição quer fazer valer sua legitimidade, mas nenhuma instituição socializa o indivíduo “sozinha” (JACKS, 2008, p. 206).

Nesse sentido, não se pode considerar que somente uma mediação seja a responsável pela formação do repertório das pessoas. Exemplo dessa questão se aplica à mediação composta pelos meios de comunicação massiva, sobre os quais García-Canclini diz:

um bom número de estudos sobre comunicação de massa tem mostrado que a hegemonia cultural não se realiza mediante ações verticais, nas quais os dominadores capturariam os receptores: entre uns e outros se reconhecem *mediadores*, como a família o bairro e o grupo de trabalho [...] a comunicação não é eficaz se não inclui também interações de *colaboração* e *transação* entre uns e outros (GARCIA-CANCLINI, 2010, p. 59-60).

Na comunidade, uma situação a ser destacada é a associação de nomes e apelidos dos moradores da comunidade a personalidades da TV. Outra é o fato de a Rede Globo ser a emissora mais assistida. Nomes de crianças como Thaís, Ronaldo, Angélica, Eliana, Paulo, Jhenyfer apresentam ligação direta com as seguintes pessoas: Thaís Araújo (atriz), Ronaldo Nazário (ex-jogador de futebol), Angélica Ksyvickis e Eliana Bezerra (apresentadoras de programas de TV) Paulo Zulu (ator) e Jennifer Lopes (cantora e atriz).

Essa característica dos nomes das crianças reflete a forte presença da TV no cotidiano das pessoas. Considera-se que é uma questão relacionada à televisão por duas situações: a informação dos pais, que declaram ser a escolha dos nomes dos seus filhos vinculada a uma personagem televisiva que admiram, ou simplesmente ao fato de ser um nome bonito que ficam conhecendo a partir da televisão. Pode-se observar que adultos e os adolescentes acima de 15 anos, em sua maioria, não têm nomes relacionados com as celebridades da TV. Como a televisão está, de fato, presente nas casas das famílias da comunidade, a partir do início da década de 1990, então os elos são diretamente estabelecidos.

É pertinente lembrar que há uma associação dos nomes dos personagens da TV com os nomes tradicionais dos moradores mais antigos, ou de seus parentes, da comunidade, o que implica atribuir às crianças pelo menos dois nomes próprios, por exemplo: Paulo Antônio, Maria Thaís, Maria Jhenyfer, Angélica Maria, etc. Isso demonstra que o tradicional e o moderno, este representado pela televisão, unem-se e compõem novas formas de pensar, orientando ações e decisões cotidianas na vida dos moradores. Clara constatação do processo de negociação entre o que é próprio da cultura local com o conteúdo televisivo.

Os apelidos das crianças também estão associados a personalidades da TV: Conan, Faustão, Chaves, Quico, Vilgax, Ben, etc. Há alguns adultos que também têm apelidos de alguns personagens, como Teobaldo (personagem de José Mayer na novela “A indomada” - Globo - 1997), Cadeirudo (personagem de Lourdes Maria, o Cadeirudo na mesma novela citada na linha anterior) e Florentino (personagem Dante Florentino interpretado por Reynaldo Gianecchini na novela Sete Pecados - 2007). Essas associações indicam a permanência do que é veiculado para além do momento de exibição televisiva.

Alguns adolescentes também têm apelidos inspirados em personagens da TV, mas, de acordo com a observação e com o próprio relato de alguns deles, essa

característica é algo mais passageiro ou dinâmico, ou seja, costuma-se atribuir um apelido de acordo com algum programa, filme ou telenovela em determinado momento. Isso significa que o mesmo adolescente já teve ou pode ter vários apelidos em uma única semana, dependendo da capacidade de associação dos autores dos apelidos. Já nesse caso o efêmero é outro traço que marca os diferentes usos e apropriações do produtos midiáticos estabelecidos a partir do maior ou menor grau de identificação com o que é veiculado.

Considerando que o sinal da televisão na comunidade é captado por parabólica a programação assistida é única e exclusivamente a nacional, ficando de fora a oferta de qualquer conteúdo de televisão local. Outra situação a considerar é que a emissora mais assistida durante as manhãs é a SBT, enquanto à tarde e à noite é a Rede Globo. Essa característica está associada ao fato de que, geralmente, durante as manhãs, as mães estão cuidando das tarefas da casa, os pais não estão e há algumas crianças ou adolescentes “livres” procurando algo para fazer. A televisão acaba sendo sua única opção. Como geralmente a programação do SBT no período da manhã, é desenho animado, logo há uma identificação das crianças com essa emissora.

Por sua vez, no período da tarde e da noite, as mães já estão mais livres das tarefas de casa, os pais já estão presentes e os moradores, de modo geral, estão em casa, principalmente à noite. Nesses horários, além de não haver programação infantil na TV aberta, os filmes da Rede Globo, bem como as telenovelas da tarde e da noite são os programas que mais agradam aos moradores.

Durante o período da pesquisa, pouquíssimas pessoas foram observadas assistindo a programação da TV Bandeirantes, ou seja, a escolha, na maior parte das vezes, se dá entre Globo, SBT e Record, com ampla vantagem para a Rede Globo.

Considerando as 27 famílias que possuem TV em casa, a telenovela é o programa mais assistido entre os moradores da comunidade, que, em sua maioria assistem às da Rede Globo (cerca de 90% dos moradores), confirmando, então, a preferência por essa emissora nos períodos da tarde e da noite, já que são horários em que a emissora exhibe esse tipo de produto.

O telejornal mais assistido é o Jornal Nacional (JN) e, em 90% dos domicílios, os moradores assistem somente aos telejornais da Rede Globo. Observa-se que duas famílias preferem ver o telejornal na Record (20h30) porque acreditam que é

mais fácil de entender e que ele mostra mais a verdade, além de explorar mais coisas.

Outros programas muito assistidos na Rede Globo são: A Grande Família, Zorra Total e os programas de auditório aos domingos – Esquentando e Domingão do Faustão. Na Record, o Programa do Gugu, aos domingos, e o seriado Todo mundo odeia o Chris costumam ter muita audiência. No SBT, além dos desenhos animados, os filmes exibidos às terças-feiras à noite atraem audiência significativa. Na Bandeirantes, o CQC e os programas esportivos são assistidos, mas não regularmente.

De forma mais específica, observações precisam ser feitas em relação à recepção de alguns produtos midiáticos. Sobre as telenovelas, por exemplo, é pertinente considerar que em geral os capítulos são assistidos em silêncio quase total e o que se nota, nesses momentos, são sorrisos e expressões faciais que aprovam ou desaprovam a atuação dos personagens.

Observações precisam ser feitas ao modo como as pessoas assistem a telenovela, ou seja, como se comportam como espectadores. Geralmente assistem em silêncio quase total e o que se nota são sorrisos, expressões faciais que aprovam ou desaprovam as ações dos personagens. Esses gestos, porém, não chegam a incomodar a assistência. Também são frequentes momentos em que os espectadores tentam indicar o que os personagens devem fazer: “– Não, não faz isso”; “– Não vai lá”; “– Bate, bate nela/nele”; “– Isso, isso mesmo”; “– Ah! Isso não”.

As crianças e adolescentes acompanham normalmente as telenovelas com os adultos, mas respeitam bastante os momentos de diálogo entre eles e costumam não opinar ou pedir silêncio, diferentemente de quando estão apenas os mais jovens assistindo a telenovela, caso raro de acontecer.

Geralmente os diálogos durante as telenovelas acontecem quando há algum tema polêmico. Contudo, notou-se que, quando se trata de temas para os quais a Igreja Católica tem posicionamento tradicional definido, por exemplo, aborto ou homossexualidade, os adultos costumam silenciar.

Mesmo não conversando muito, há uma espécie de contrato entre os espectadores: “– Hoje, a gente não vai conversar muito, porque ontem a gente perdeu detalhes interessantes”. Há também, entre os mais jovens, um revezamento de funções durante as telenovelas, quando é necessário pegar algum objeto ou fazer alguma coisa a pedido de alguém de mais idade.

Em relação aos telejornais é preciso considerar que, geralmente, apenas adultos assistem, pois são raras as casas em que as crianças acompanham essa programação. Nos locais onde há crianças, e elas estão presentes na maioria das casas, fica difícil acompanhar o telejornal, pois geralmente há barulho, o que não ocorre, por exemplo, no horário de exibição das telenovelas.

É importante registrar o fato de que, se as crianças fazem barulho durante o telejornal, dificilmente elas são repreendidas. Contudo, se o mesmo comportamento ocorrer durante a telenovela, aí elas certamente são censuradas, o que, na verdade, é algo difícil de acontecer porque elas também assistem atentamente às telenovelas.

Durante a exibição dos telejornais é muito difícil ouvir qualquer diálogo, costuma-se comentar pouco sobre seu conteúdo e há muitos gestos e palavras curtas em concordância com o que é exibido. No intervalo as pessoas acabam conversando sobre a telenovela. Nessa conversa, fica explícita a ansiedade com que aguardam o próximo capítulo, bem como parece nítido o desejo de que aconteça tudo o que elas desejam no desenrolar da narrativa.

Os telejornais são vistos como algo extremamente real e verídico, um programa sério e que tem legitimidade para tratar sobre o conteúdo exibido, ou seja, se foi veiculado nesse tipo de programa então não há o que questionar. Talvez por isso, não se ocorram tantos diálogos durante a exibição, nem comentários sobre o conteúdo noticiado e mesmo quanto ao tipo de produção. O que indica a necessidade de se investigar mais acuradamente o papel dessa programação nos diferentes contextos brasileiros.

No que concerne aos filmes, observou-se que são as crianças e os adolescentes os que mais assistem a esse tipo de programação. Quando as sessões de filme são à noite, em geral somente os adolescentes assistem-na por completo, pois as crianças dormem logo após a telenovela ou alguns momentos depois do início do filme.

Embora os espectadores considerem-nos repetitivos, os filmes exibidos pelo programa Sessão da Tarde, da Rede Globo, são bastante assistidos. Durante a noite, costumam assistir a filmes em qualquer um dos canais (Globo, SBT ou Record), de acordo com os dias de exibição: as segundas assistem à Rede Globo; as terças, ao SBT; e as quartas, à Record. Contudo, as terças-feiras, observou-se preferência pelo canal SBT, ou seja, há um maior número de televisores ligados no SBT.

Contudo, em relação aos filmes, que vão ao ar as terças-feiras percebeu-se uma maior quantidade de televisores ligados no SBT do que em outras emissoras em outros dias. É interessante analisar este hábito, pois há indicação concreta da montagem de uma grade de programação pelos telespectadores, mesmo em um universo limitado de ofertas. Confirmando assim que o controle remoto e o envolvimento com as dinâmicas organizacionais televisivas não são desconhecidas do público.

3.3.3 A TV prejudica a vista, mas informa sobre o mundo

Ao longo de uma trajetória de pouco mais de seis décadas, muito já se discutiu sobre televisão. Concepções antagônicas que fundamentam os estudos existentes sobre esse meio estabelecem posições opostas em relação a sua compreensão. A própria forma de entender a televisão se desenvolveu a partir de entendimentos paradoxais.

A diferença é que os europeus falam em cultura, os norte-americanos em entretenimento – aqueles, em formação, estes, em informação – os primeiros, em desenvolvimento da pessoa, inclusive em termos de cidadania, os segundos em diversão, em descompromisso – e, enfim, a Europa pensa numa responsabilidade do setor público pelo acesso à cultura enquanto os Estados Unidos consideram que o acesso ao lazer deve depender, sobretudo, do mercado (RIBEIRO, 2004, p. 78).

Na comunidade São Pedro, o entendimento sobre a função da televisão também é bastante contraditório, a começar pela análise das crianças nos depoimentos a seguir. Deve-se esclarecer que a pergunta foi elaborada com base em uma conversa entre alguns adolescentes que falavam sobre o que a professora havia comentado na escola, em especial que a televisão ensina muitas coisas erradas e acaba por prejudicar o ser humano. Pelo fato de crer que seria algo interessante de saber, o questionamento inicialmente foi direcionado também às crianças.

- A televisão ajuda porque a gente sabe das notícias dos jornais, das coisas em todo lugar e a gente aprende várias coisas (AGMF, 11-F).
- Prejudica porque dá dor de cabeça e problema de vista e ela ensina muita besteira (PASS, 9-F).
- Prejudica porque não deixa a gente fazer o dever de casa, prejudica a vista e quando fica acordado até tarde pode faltar na aula, mas por um lado ajuda porque a gente fica informado com a televisão, a gente sabe das notícias do mundo (RNSB, 10-M).

- Ajuda porque é um passatempo, mas prejudica a nossa visão e os nossos estudos (MTJ, 9-F).
- Prejudica porque vicia e faz ficar com dor de olho e pode deixar até cego, mas tem coisa boa porque ela ajuda a mostrar o caso dos ladrões, os temporais, a previsão do tempo (MJSJ, 11-M).

Alguns esclarecimentos precisam ser feitos a respeito das crianças depoentes. Pertencem a famílias variadas; os diálogos foram estabelecidos em diferentes momentos e foram focalizados aqueles em que as crianças estavam sozinhas – assistindo a algum programa, tomando banho no rio ou mesmo flinando defronte da casa, longe dos olhares adultos.

Percebendo que muito do conteúdo das respostas das crianças está diretamente relacionado àquilo que elas assistem na televisão, é importante indicar o que elas mais acompanham, em termos de programação da televisão aberta, ou seja, quais os programas preferidos por elas.

Quadro 12: Programas mais assistidos pelas crianças da Comunidade São Pedro

Crianças	Programa 1	Programa 2	Programa 3 ⁵⁹
PASS (9-F)	Chaves	Telenovela / JN	Fantástico
RNSB (10-M)	Desenho (Liga da Justiça)	Telenovela	Programa do Gugu
MTJ (9-F)	Desenho (Ben 10)	Telenovela	Domingão do Faustão
MSJS (11-M)	Video Show	Chaves	Programa do Gugu
AGMF (11-F)	Telenovela / JN	Desenho (Ben 10)	Fantástico

Imagem 24: Crianças assistindo à TV em uma casa na comunidade São Pedro(1)⁶⁰



⁵⁹ Somente aos domingos.

⁶⁰ Neste momento, as crianças assistiam ao desenho animado Ben 10.

A análise dos depoimentos torna-se uma estratégia para a compreensão do tema trabalhado. As respostas das crianças apontam para a TV como meio prejudicial, muito embora elas próprias tenham argumentos que demonstrem uma avaliação ponderada, que pesa significativamente no sentido de reconhecer que a televisão informa sobre “as coisas”.

Vale também lembrar que somente com algumas conversas a mais e depois de algum tempo em campo é que as crianças perderam a timidez e sentiram-se a vontade para falar, comentar sobre os programas a que mais assistem. Inicialmente os argumentos contra a televisão convergem para problemas de ordem física e/ou biológica, como “o prejuízo à visão”.

O argumento televisão “faz mal à visão” é encontrado em algumas das pesquisas acadêmicas mais citadas sobre televisão nos anos de 2010 e 2011. Estudos que apontam desde problemas de ordem biológica, como o estudo australiano que diz que “crianças que passam muito tempo em frente à TV têm vasos sanguíneos mais estreitos nos olhos” (BAKALAR, 2011), passando por aqueles de ordem psicológica, como o estudo britânico que conclui que “crianças que passam muito tempo na frente da televisão ou do computador têm mais problemas psicológicos” (O GLOBO, 2011) até os que afirmam que o mal desempenho na escola, e no aspecto cognitivo em geral, como o estudo canadense que diz que “assistir à televisão prejudica o desenvolvimento cognitivo” (BRANDÃO; MARIANO, 2011).

Uma inquietação que surge a partir de estudos como estes é: não devem as universidades e/ou seus núcleos de pesquisa sobre televisão realizar outros estudos que perpassem o apontamento das condições degradantes da TV?

É certo que a alegação sobre a má qualidade da televisão pode ter raízes anteriores à produção de seus programas, ou seja, ainda no processo de formação dos responsáveis por tal produção, pois “que espécie de análises sobre televisão poderíamos esperar de gerações profissionais formados com base apenas num pragmatismo desinformado e que nunca tiveram contato com produções qualitativas?” (MACHADO, 2000, p. 11).

Ao tecer suas críticas sobre o modelo concebido por Adorno em relação a televisão, Machado escreve:

Imagino que, sendo um pensador sofisticado, Adorno preferiu não “sujar as mãos” (ou olhos) vendo televisão e, nesse sentido, pediu para alguém recolher ‘amostras’ de programas para que ele as pudesse analisar. Como naquela época (1954) ainda não havia videoteipe, muito menos videocassete, o que lhe colocaram à disposição não foram exatamente cópias dos programas, mas ‘textos’ escritos, provavelmente roteiros ou resumos de argumentos. Ou seja: Adorno examina a televisão não a partir de uma observação sistemática do que esse meio efetivamente exhibe, menos ainda a partir de um critério de seleção tão rigoroso quanto o que ele próprio adotou, por exemplo, para a análise musical, mas a partir de uma “amostragem” escrita... Em síntese: Adorno dispara um ataque implacável à televisão sem de fato conhecer a televisão (MACHADO, 2000, p. 17-18).

Machado (2000) também tece críticas ao modelo de McLuhan, por considerá-lo com argumentos adversos aos de Adorno, mas também com uma análise meramente tecnológica. Comunga-se, então, da ideia de que o caminho indicado para análises sobre televisão deve transcender as análises e reflexões do campo unicamente prático para reflexões teóricas sobre esse meio de comunicação massiva e, melhor ainda, trazer como exemplos experiências bem-sucedidas. Afinal, a ideia (trivial) de que somente há conteúdo prejudicial na TV não precisa mais ser ratificada pela academia⁶¹.

Procurou-se saber de onde vinha a concepção das crianças, de certa forma tão definida. Não se podia mais perguntar a elas, visto a resposta “porque sim” já ter sido dada em momentos iniciais. Foi após participar de uma missa, no dia do aniversário da fundação da comunidade São Pedro e também da Festividade no local (29/06) e ouvir a fala do padre⁶², que as coisas começaram a ficar mais claras:

[...] É bom lembrar que nos tempos atuais vivemos com os perigos da modernidade. Então, mães e pais vamos ter cuidado com o que passa nas novelas. Jovens, vamos ter cuidado com os filmes, com a pornografia que se vende na televisão. Crianças, muito cuidado com tudo o que assistem na TV, pois pode ficar preguiçoso na escola e ainda ter problemas na vista. **Alguém lembra disso?** (grifo nosso).

O comentário ajudou a entender o porquê de os moradores, em especial as crianças, tecerem os comentários registrados sobre a TV. A pergunta com que o padre termina o trecho destacado implica a compreensão de que, em um momento

⁶¹ Ideia esta que os moradores da comunidade também, de certa forma, chegaram a legitimar, quando na primeira etapa da pesquisa foram questionados sobre o que mais assistiam. De imediato, principalmente dos adultos vinham respostas como “Jornal Nacional”, “Globo Repórter”, “Profissão Repórter”, “Domingo Espetacular”. Contudo, a realização da segunda etapa da pesquisa (quando, ao invés de perguntar, adotou-se o procedimento de observação) mostrou que não era bem assim, como será tratado ao longo deste capítulo e do próximo.

⁶² Geralmente os padres não vão frequentemente São Pedro, mas no dia mais importante da Festividade, a presença, de pelo menos um, para celebrar a missa é indispensável.

anterior, ele mesmo já havia mencionado algo semelhante ao conteúdo proferido naquele momento e ali mesmo.

No discurso do sacerdote está explícita a concepção de mercantilização e de banalidade que muitos têm sobre a TV, Afinal, “a paixão pela televisão é, em geral, interpretada como sintoma de ignorância, quando não de desequilíbrio mental” (MACHADO, 2000, p. 10).

Ao retomar o depoimento das crianças, três merecem destaque, a começar pelo de AGMF (11-F): “– A televisão ajuda porque a gente sabe das notícias dos jornais, das coisas em todo lugar e a gente aprende várias coisas”. É importante esclarecer inicialmente que, das cinco crianças acompanhadas no período de observação, somente duas assistem a algum telejornal, geralmente, não por completo). As demais, algumas vezes, acompanham o programa Fantástico.

A criança que deu a resposta anterior frequenta bastante a igreja. Em razão de sua resposta, surgiu um “problema” a ser pesquisado. Justamente por ela frequentar com regularidade a igreja é que se acreditava que sua resposta deveria “acusar” a TV. Porém as observações registradas levaram à conclusão de que sua opinião está ligada ao desempenho na escola. Com boas notas e com bom desempenho escolar, o depoimento da professora sobre a aluna é o seguinte:

É uma criança participativa, que sempre quando pergunto sobre as coisas ela gosta de responder. Nos ditados, ela sempre escreve a maior parte das palavras de maneira correta. Chamam atenção suas respostas pelo fato de ela sempre estar bem informada. Acho que é porque ela assiste muito ao jornal na TV (que é a única coisa que ainda presta na TV) [...] Acho que é porque as imagens ajudam a compreender as coisas e sem elas seria difícil entender o mundo⁶³ (ASP, 32-F). M

Começavam então a surgir os fios explicativos para o início da compreensão sobre a concepção das crianças em relação à função da TV na sociedade atual. Com essas primeiras pistas, ficou claro que seria preciso investigar o papel das outras mediações, bem como passar um tempo um pouco maior na comunidade para entender a dinâmica da relação com a televisão, pois

⁶³ Sobre a questão das imagens, há alguns autores que tecem ferrenhas críticas ao “mundo dominado por elas”. Baudrillard (1978) afirma que estamos imersos em um mundo de imagens flutuantes, que são lançadas no mundo virtual, atrás das quais não existe nada de concreto. As imagens mascaram a realidade e seriam apenas simulacros. Por sua vez Morley (apud PAIXÃO, 2007) fala da cultura dos três minutos, ou seja, não há necessidade de prestar grande atenção às coisas em um mundo em que as imagens explicam tudo e os discursos e as “informações” desaparecem em frações de segundos.

O processo de recepção é visto como algo que não se dá apenas no momento de interação com os meios de comunicação, mas começa bem antes e termina bem depois, fundindo-se com as práticas cotidianas dos receptores, ação onde ganha sentido ou não, através da negociação com os significados propostos pela família, escola religião, partido político, empresa etc. (JACKS, 1993, p. 48-49 apud JACKS, 2008, p. 11).

O depoimento da criança AGMF (11-F), apresentado na página anterior, fomenta pelo menos um questionamento: sob que perspectiva as crianças valorizam o telejornalismo? Considera-se um contexto onde nem mesmo a maioria dos adultos da comunidade assistem a telejornais e em um país em que culturalmente esse hábito não é tão comum entre os mais jovens. Duas podem ser as respostas a essas indicações na comunidade São Pedro. Como 90% das casas na comunidade tem apenas um televisor, é natural que os que são mais novos acompanhem a mesma opção de programação escolhida pelos adultos. Por outro lado, há uma mudança histórica e considerável no teor da informação repassada pelos telejornais, que beira a oscilação entre informação e entretenimento, o que não ocorre por acaso, pois “num país que não lê, ou que lê pouco, a informação veiculada pela TV, a assumir a centralidade do campo jornalístico, aí comparece com tons melodramáticos e um andamento típico de entretenimento” (BUCCI, 2007, p. 17). Tal mudança tende a prender um pouco mais a atenção das pessoas, inclusive a dos mais jovens.

O certo é que, mesmo não gostando, o público infantil e adolescente assiste ao telejornal e “os dez programas mais vistos pelas crianças da última década⁶⁴ foram telenovelas do horário nobre, jornalísticos e atrações noturnas. O Jornal Nacional (Globo) é frequentemente um dos cinco mais vistos pelos telespectadores mirins” (ROSENBERG, 2008, p. 141).

As motivações pessoais, o desejo de “ser visto”, de ser percebido, constituem motivos evidentes para que a criança AGMF possa estar começando a se interessar pelo telejornal. Ela afirma: “– Na verdade, eu também assisto porque, quando a professora faz perguntas na sala, eu gosto de responder primeiro que os meus colegas”. Ou seja, não apenas a curiosidade ou o gênero movem o desejo de assistir a tal programa, mas também a intenção de transpor a invisibilidade existente, até mesmo em função da própria localidade em que essas crianças moram, pois nesse caso as imagens televisivas servem, de certa forma, para amenizar um

⁶⁴ A autora faz referência ao período de 1997 a 2007.

sentimento de anonimato e/ou solidão, principalmente quando elas trazem ao receptor a pauta norteadora de seu diálogo com outras pessoas.

No caso das crianças, essa característica é ainda mais notável, dado que o próprio momento biológico, psicológico e social que estão vivendo demanda uma necessidade de visibilidade e elas utilizam-se dos mais variados mecanismos para (auto)afirmar sua condição visível.

Quando AGMF (11-F) foi questionada sobre que tipo de informação ela obteve, ou sobre o que ela sente que aprendeu, sua resposta foi: “– A gente vê como que nas cidades tem violência e pessoas malvadas; como tem muitas pessoas pobres; mas também como tem muitas coisas bonitas, prédios grandes, muitos carros e lugares para viajar”. Nota-se, então, a construção do imaginário a partir do telejornal.

Outro depoimento que merece atenção é o da criança RNSB (10-M), que diz: “– Prejudica porque não deixa a gente fazer o dever de casa, prejudica a vista e quando fica acordado até tarde pode faltar na aula, mas por um lado ajuda porque a gente fica informado, com a televisão, a gente sabe das notícias do mundo”. Na comunidade, poucos pais conseguem dar apoio necessário ao desenvolvimento das crianças na escola, devido às dificuldades que têm em relação aos atos de leitura e escrita, ou seja, boa parte não conclui nem mesmo o primeiro nível do Ensino Fundamental. O caso de RNSB é um desses.

Além disso, o forte envolvimento da família de RNSB com as atividades da igreja é algo notável, o que já a tendência para uma concepção avessa à TV, de acordo com o já explicitado anteriormente. É interessante destacar a menção, na fala dessa criança, sobre ficar acordado até tarde, pois, principalmente para moradores da zona rural, é inevitável que a dinâmica e/ou rotina de vida continue a mesma após a existência de um meio como a televisão dentro de casa.

Em relação a esta questão é pertinente considerar que, em muito, é verdade que “a TV pauta nossas conversas, dita nossa hora de dormir, a decoração de nossas casas, a qualidade do que comemos e sabemos (PEREIRA JÚNIOR, 2005, p. 15). Porém, muitas vezes não é percebida a dimensão que isso verdadeiramente ocupa no cotidiano das pessoas.

No caso da comunidade, as características apontadas acima são bastante visíveis. Um exemplo a ser citado é que, quando a TV chegou, ocorreu uma mudança de hábitos em relação ao horário de dormir de muitos homens. Em

conversa com este pesquisador, muitas mães de família admitiram a repreensão a seus maridos em razão de que o fato de dormir mais tarde estaria comprometendo o horário de levantar para dar início às atividades diárias.

Quando da chegada da TV, boa parte das famílias ainda vivia bastante da pesca e da caça. O homem da casa, o marido, se atrasava para o início de suas atividades diárias de trabalho, o que passou a comprometer o bom relacionamento familiar. Contudo, atualmente os próprios moradores admitem lidar muito bem com essas questões, já que reconhecem a importância do respeito aos horários das atividades diárias.

Outro ponto relevante de observação é o momento do jogo de futebol entre os moradores da comunidade e de áreas próximas. Alguns moradores admitem que, quando há um filme interessante no período da tarde ou mesmo uma partida de futebol transmitida pela TV, já se sabe que não haverá futebol (“pelada”) na comunidade. Por outro lado, percebe-se que o que é tratado na TV relacionado ao futebol está bastante presente no comportamento dos moradores; quando da realização de suas brincadeiras, como, por exemplo, as comemorações estilo “João Sorrisão”, bem como o fato de quem fizer três gols ter a prerrogativa de pedir uma música, ou ainda de simplesmente avaliar quem faz a melhor comemoração⁶⁵. Isso traz mais diversão à partida de futebol local.

Quando perguntado sobre essa inserção de novos elementos da programação televisiva ao jogo de futebol, o morador JPS (30-M) diz: “– Essas coisas da televisão que a gente faz aqui serve para trazer mais descontração e tira um pouco do jogo duro que a gente era acostumado a fazer [...] Há alguns anos atrás teve briga feia por causa de um jogo nosso”.

Nesse caso, percebe-se que, embora tenha havido uma redução no hábito de jogar futebol pelos moradores, há novos elementos, baseados na assistência dos conteúdos televisivos, que alteram a dinâmica do lazer, trazendo momentos mais descontraídos, fomentando formas diferenciadas de relacionamento entre eles que, no momento de uma partida de futebol, são adversários).

Há, então, exemplo de usos dos modelos oferecidos pela TV, bem como de apropriação, pois, ao incorporar esses elementos, os moradores utilizam novas formas de interação. Nessa nova dinâmica, está presente um diferenciado tipo de

⁶⁵ Os três exemplos apresentados são baseados em quadros de programas da Rede Globo (programas Fantástico e Globo Esporte).

relação a partir da incorporação de elementos da TV, como mencionado anteriormente.

De acordo com relatos, em anos passados a televisão foi também considerada a responsável pela diminuição de pessoas presentes nos cultos dominicais na capela da comunidade. Ainda hoje, acredita-se nessa hipótese, pois não é raro ver pessoas assistindo a TV coletivamente, aos domingos pela manhã, no horário do culto.

Sobre isso, o líder religioso afirmou:

Não acredito que seja culpa da televisão. A pessoa que realmente acredita em Deus e quer servi-lo não pode deixar essas coisas mundanas interferir na sua fé. E se ficam na televisão, então são pessoas de pouca fé, até porque a TV tem toda dia e toda hora coisa para assistir e o culto é só um dia na semana e dura menos de duas horas (BFC, 32-M).

Retomando as considerações sobre a criança RNSB (10-M), a mãe dele faz a seguinte consideração em relação a outro irmão do menino:

Lembro que logo que compramos a televisão, só ligava ela à noite porque tínhamos medo de ela passar muito tempo ligada e escangalhar. No início era uma beleza, mas depois de uns meses, nosso filho mais velho, tinha 11 anos, se deixasse ele ficava olhando a televisão até tarde da noite. Até que demos uma boa surra nele para ele não ficar viciado, né? Agora, se a gente ficar até tarde (11 horas, meia-noite) na maioria das vezes o R... também fica, mas quando a gente vai dormir, ele vai também (MAS, 38-F).

Compreendeu-se, então, o porquê de RNSB falar dos perigos de ficar acordado até tarde diante da televisão, conforme apresentado em seu último depoimento – não somente em razão do que ouvia na igreja, mas porque, de fato, já havia perdido aula por ficar até mais tarde na frente da TV. Ou seja, há um indicativo para a criança avaliar a assistência televisiva como prejudicial à assiduidade na escola (afinal, a escola é supervalorizada pelos moradores), sem que realmente estivesse se sentindo prejudicado com aquilo que assistia na TV ou o fato de ficar até tarde vendo-a.

Os três professores que atuam na comunidade consideram a TV uma das grandes responsáveis pelo fracasso geral da educação no Brasil. Entre eles, há um consenso de que a televisão é um grande obstáculo para o processo educativo porque sua programação, em geral, é inapropriada para o processo de aprendizagem.

A professora ROM (26-F) diz:

Infelizmente não tem como tirar os televisores das casas das pessoas, mas acho que se fosse proibida em alguns horários, pelo menos para crianças e adolescentes, o fracasso na educação seria menor. Mesmo que eu fale para os meus alunos assistirem o menos possível televisão, eles fazem exatamente o contrário⁶⁶.

A concepção docente sobre a televisão, apesar de compreensível, desperta algumas preocupações, até porque “num país como o Brasil, em que a TV redefiniu o espaço público e reconfigurou a própria face da nacionalidade, a presença dos meios de comunicação é um fator incontornável” (BUCCI, 2003, p. 9).

Entre outras reflexões, pode-se questionar: É possível pensar o Brasil sem televisão? Crianças e adolescentes sem televisão? Não são as “antenas de brasilidade” que configuram e legitimam boa parte da identidade brasileira? Menciona-se que a concepção docente sobre a TV é compreensível porque é um pensamento ainda muito atrelado às concepções tradicionais dos elementos que constituem sua vivência, principalmente o considerável desconhecimento da importância de uma das mediações mais presentes no contemporâneo: os meios massivos de comunicação.

Nessa dimensão, a igreja é o espaço dos valores, do ligar-se com Deus, e tudo dela emanado é santo, adequado, e a recompensa será a salvação, a certeza de estar com Deus. A família é o espaço que complementa e vigia essa formação. A escola é o espaço que educa, que ensina. E a TV?

Por que a TV educaria se existe a escola para isso? Por que a TV trabalharia questões como valores, se estes são responsabilidades da igreja e da família? São as concepções tradicionais e culturais que fazem com que o fazer e o olhar sobre a televisão seja estereotipado. A televisão com seu potencial deve e pode auxiliar, mas não pode e não deve sozinha dar conta de todas as dimensões desses processos.

Os professores, não sem razão, argumentam sobre algo extremamente delicado, mas que tem sentido, pois o problema não está somente na comunidade São Pedro. Citam-se dois estudiosos, um do campo da educação e outro da comunicação, que auxiliam na compreensão sobre essa visão.

⁶⁶ Algo curioso que chamou atenção nesse depoimento (que muito se assemelha ao dos outros professores) é que, quando questionados sobre a que assistiam na televisão, as respostas foram jornais, programas informativos/educativos e algumas vezes telenovelas. Mas, quando questionados sobre seus personagens e/ou ídolos midiáticos, as respostas direcionavam a um forte conhecimento de outros programas.

Rubem Alves, no livro “Entre a Ciência e a Sapiência” apresenta uma carta elaborada por ele e enviada ao Sr. Roberto Marinho. Em determinado momento, ele escreve:

[...] Deus me livre, não estou sugerindo que o senhor encha os programas da TV Globo com programas educativos. Programas educativos são inteligentes, belos e inúteis. Somente os que já estão educados se interessam por eles. Quem não é educado, para ser engravidado⁶⁷, tem de ser seduzido (ALVES, 2009, p. 17-18).

Nilda Jacks aponta que os programas educativos não estão entre os preferidos dos alunos, e que

As dificuldades escolares dos adolescentes têm relação com a competição estabelecida entre a televisão e a escola porque eles passam quase o mesmo número de horas em contato com ambas e, frente à televisão, a escola parece monótona (BRANDÃO, 1997 apud JACKS, 2008, p. 179).

Os autores trazem discussões fundamentais para a compreensão da complexidade da relação escola/TV/educação. Nesse sentido, é importante considerar que não se pode pensar as mediações como elementos concorrentes – nesse caso mídia e escola –, pois cada uma delas tem uma contribuição significativa para o repertório de cada pessoa.

Uma questão diferencial acerca da TV que pesa de maneira significativa para a concepção dos professores que atuam na comunidade é o tempo em que as pessoas, especialmente crianças e adolescentes, passam diante do aparelho. Isso implica uma redefinição na própria organização do tempo. As crianças, em média⁶⁸, passam de quatro a cinco horas assistindo à TV, já os adolescentes apresentam uma média de três a quatro horas.

Em relação aos adultos, principalmente as mulheres, é difícil estabelecer qualquer média de tempo, dado que, mesmo não assistindo à programação, o formato das casas permite que elas ouçam grande parte do que está sendo transmitido, embora não vejam imagens continuamente. Algumas vezes, elas almoçam diante da TV, o que também contribui para a dificuldade de mensuração do

⁶⁷ Na sua carta, em um momento anterior, o autor comenta que a televisão tem um forte potencial para engravidar por palavra e imagem; e que o Roberto Marinho seria muito mais poderoso que qualquer anjo, porque enquanto anjos engravidam no varejo, ele poderia engravidar [uma nação inteira] no atacado.

⁶⁸ Duas delas (as crianças MTJ-9 anos-F; e MSJS-11 anos-M) chegam a passar 6 horas diárias em frente a TV.

tempo de assistência dos adultos. Por outro lado, a programação noturna torna possível verificar de forma mais concreta a contabilização do tempo diante da TV, o que permite indicar que o horário da telenovela das nove mais os programas esporádicos do dia contabilizam pelo menos duas horas e meia de programação diária e efetiva assistida pelos adultos. Considere-se que algumas pessoas são assíduas espectadoras do programa vespertino Vale a pena ver de novo. Aos finais de semana, o tempo de todos os grupos diante da TV é bem maior.

Há indicações de que durante o período chuvoso o tempo de exposição à TV costuma aumentar, dado que o acesso à cidade fica bem mais difícil e o próprio clima contribui para que as pessoas fiquem mais dentro de casa, além de que coincide com o período de férias das crianças.

Ainda em relação ao tempo diante da televisão, é importante considerar que “as crianças veem programas de adultos e é de se acreditar que em razão de estarem ao lado de adultos. Historicamente, uma em quatro crianças [...] diz o Ibope, se mantém diante da TV ligada entre 19 horas e meia-noite” (ROSENBERG, 2008, p. 141).

Ainda na década de 1950, a TV Tupi compartilhou com os pais a preocupação com o público infantil e passou a indicar às crianças a hora de dormir (por volta de 22 horas). O Indiozinho usava uma antena em vez de cocar. Ele dizia: “– Já é hora de dormir... Não espere a mamãe mandar. Um bom sono pra você e um alegre despertar!” Pendurava a antena na parede e dirigia-se para sua rede. Era o “Boa Noite!” para as crianças. Percebe-se, na televisão, o balizamento da própria emissora em relação à compreensão sobre o horário apropriado para a programação infantil (PEREIRA, R., 2006).

R. Pereira (2006) destaca ainda que a mesma mensagem⁶⁹, já em forma de publicidade, foi veiculada em outro canal na década de 1970, às 22 horas, com o patrocínio dos cobertores Parahyba.

⁶⁹ A título de informação, lembre-se que em países como Suécia, Irlanda, Bélgica, e Noruega, é proibido qualquer tipo de publicidade para menores de 12 anos. O caso da Suécia foi legitimado pela própria sociedade, em um plebiscito no qual 88% da população manifestou-se a favor do banimento da publicidade destinada às crianças (LEAL FILHO, 2006, p.170-171). No Brasil, de acordo com o jornal Folha de S. Paulo (online- 20/06/2011), o projeto que pretende a proibição de publicidade para crianças é de Luiz Carlos Hauly (PSDB-PR) e foi retomado no Congresso Nacional. Em junho de 2011, o projeto estava na Comissão de Ciência e Tecnologia. Há, como esperado, muita controvérsia a respeito da questão e o próprio Conselho de Auto-Regulamentação Publicitária (CONAR) considera que o Congresso não é o melhor lugar para se efetivar tal debate.

Sobre as classificações indicativas, cada país estabelece seu próprio critério para a determinação dos horários e faixa etária. No Brasil, o Ministério da Justiça⁷⁰, por meio do Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação indica e determina que as emissoras de TV obedecem aos seguintes critérios e horários: até 20 horas – programas livres; após 20 horas – programas para maiores de 12 anos; após 21 horas – programas para maiores de 14 anos; após 22 horas – programas para maiores de 16 anos; após 23 horas – programas para maiores de 18 anos.

De maneira diferente do imposto pela classificação indicativa, a vivência de campo deste pesquisador permite afirmar que da teoria à prática a distância é enorme. As crianças ficam expostas a uma programação fora do horário recomendado. Mesmo que esteja dentro do horário, muitas vezes o programa não atende ao critério imposto pelo Ministério da Justiça, por exemplo, um telejornal⁷¹ ou telenovela exibida no período da tarde.

Nesse imbricamento de vários processos, o conteúdo televisivo tem sido objeto de uso e apropriação com parâmetros diferenciados, parâmetros estes que ignoram, muitas vezes, os temas polêmicos ou aqueles que se prestam a dar origem a conversas controversas, divergentes. Na presença dos adultos a maioria das cenas que tratam de homossexualismo, aborto e pedofilia são acompanhadas em silêncio, contudo quando estão somente os mais jovens, geralmente há algum diálogo sobre o assunto tratado.

Retomando os depoimentos das crianças investigadas, outro importante a considerar é o de MSJS (11-M): “– Prejudica porque vicia e faz ficar com dor de olho e pode deixar até cego, mas tem coisa boa porque ela ajuda a mostrar o caso dos ladrões, os temporais, a previsão do tempo”. Como a primeira parte de seu depoimento já foi explorada anteriormente, em razão de convergir com o de outra criança, cabe fazer breves considerações sobre a segunda parte dele.

Imediatamente após a resposta perguntou-se por que era importante para ela saber sobre a previsão do tempo. A resposta dada foi: “ – Porque eu fico sabendo onde vai chover, onde não vai, mas é melhor para quem viaja para cidade grande, essas aí de fora, porque aí pode desistir de viajar, né?”. O relato indica que a criança tem discernimento de que o município dela não está presente na previsão do tempo.

⁷⁰O documento que regulamenta a classificação indicativa de obras audiovisuais destinadas à televisão e congêneres é a Portaria 1.220, de 11 de julho de 2007.

⁷¹ De acordo com o art. 5º, I, da Portaria 1.220, de 11 de julho de 2007, os programas jornalísticos ou noticiosos não se sujeitam à referida classificação indicativa.

Outra questão a ser considerada é a possibilidade de (re)conhecimento de muitas situações/locais do cotidiano a partir da tela da TV. Não haverá pessoas, no Brasil e nos mais diversos locais, cuja única possibilidade de conhecer sobre o mundo longínquo ocorre por meio da televisão?

Escámez (2005) considera que a criança inicia sua aprendizagem a partir da observação, experimentação e imitação. Nesse sentido, a televisão atua como instrumento de mediação e auxílio na interpretação da realidade, oferecendo às crianças e jovens modelos de comportamento e da realidade.

“[...] A televisão fascina, pois ela ajuda milhões de indivíduos a viver, se distrair e compreender o mundo” (WOLTON, 2007, p. 62). Muito dessa compreensão de mundo explícito na fala das crianças conduz as discussões para o telejornalismo, pois o que, além dele, poderia fornecer um resumo fácil de ser compreendido, abrangendo o mundo inteiro, condensado em 30 minutos? (CASHMORE, 1998).

Considere-se ainda que a maioria das pessoas, especialmente da zona rural, tem a televisão como forma diferenciada, e atraente, de acesso a informações dos mais variados locais, pois, embora o rádio trabalhe o imaginário dessas pessoas, “o ouvinte de rádio tem de se entregar a um certo exercício de imaginação para visualizar a mensagem transmitida” (SODRÉ, 1972, p. 58).

A seguir trechos de diálogos observados no ato de assistência aos programas jornalísticos.

- Jornal Bom Dia Brasil, da Rede Globo (01/12/2011)
(Reportagem sobre o presidiário Fernandinho Beira-Mar)

LSS (27-F): – Caramba! Ele tinha dezenove advogados.

MBS (63-F): – É muito dinheiro mesmo [...] Pra pagar tudo isso de gente.

LSS: – Eu acho que não devia ter advogados para esses caras, é por isso que eles continuam fazendo o que fazem.

MBS: – Também acho. O problema é que tem tanta lei para esses negócios, que essas gente estudam já é para aprender as coisas erradas, né?

LSS: – É, tá tudo errado nesse Brasil, mesmo. E quem paga somos nós, os pobres.

- Programa Profissão Repórter, da Rede Globo (22/11/2011)
(Cena: Adolescente de 14 anos, que já é mãe)

AGM (17-M): – Olha como o cara é velho pra ela, igual o F... dali do Rio J...

GGs (34-F): – Eu acho que esse negócio é pedofilia.

AGM: – Bom, mas se for, ele tinha que ser preso.

GGs: – A minha pena mesmo é dessas crianças [...] O engraçado é que todo dia a gente vê na televisão essas coisas pras meninas se cuidar pra não engravidar cedo. Informação tem para se cuidar.

- Programa Profissão Repórter, da Rede Globo (22/11/2011)

(Cena: Menina de 11 anos, grávida)

É importante observar que o relato acontece na mesma casa do diálogo anterior

OLM (34-M): – Olha só!

GGS: – Isso era normal no passado, os casamentos eram arrumados. A minha mãe até tentou arrumar um pra mim [...] Antes de ti, é claro [referindo-se ao marido].

OLM: – Mas assim não tem felicidade, não.

GGS: – Também acho, por isso que a R... (11 anos, filha deles) tem que prestar muita atenção nisso aí e aprender, porque se ela engravidar cedo é o futuro dela que acaba. Né, R...?

R fica calada e olha seriamente para a mãe.

OLM: – Olha aí. Um bebê para brincar, não? É muito cabeça de vento, né?

GGS: – Hoje pra ter filho tem que pensar muito na situação financeira. Ser parideira não é bonito, não, minha filha.

Nos diálogos apresentados, há exemplos significativos de usos atribuídos aos conteúdos exibidos, pois as temáticas levantam reflexões substanciais comentadas durante ou após a exibição do conteúdo. Destaca-se que, embora não se tenha percebido nitidamente exemplo de apropriações, considerando as ações das pessoas, o fato de, no caso do último diálogo, os pais terem a cena como exemplo de futuro para a filha, indica a existência da possibilidade do acionamento de um processo de apropriação, que acontece em um movimento contínuo.

É surpreendente o efeito espiral com que as temáticas são discutidas a partir da programação da televisão. Os estudos da *agenda-setting*⁷² já mencionavam que a TV pauta as conversas diárias e muitas pessoas simplesmente a assistem também para acompanhar as discussões do dia a dia, já que outros membros de seu grupo estão respaldados para conversar.

Pelo fato de a TV apresentar elementos tão próximos do cotidiano, ou mesmo elementos reais, há uma grande dificuldade por parte do receptor em ter discernimento sobre o conteúdo exibido. Algo que de certa forma pode prejudicar na construção do imaginário das crianças é a violência e, especialmente, os casos mais delicados em que crimes exibidos na TV são destaque. Esses fatos são comentados pelas crianças. Contudo, acredita-se que há certo discernimento em relação a essas

⁷² De acordo com Shaw (1979, p. 96 apud WOLF, 2008, p. 143), “a hipótese da *agenda-setting* não sustenta que a mídia tenta persuadir [...] Descrevendo e precisando a realidade externa, a mídia apresenta ao público uma lista de fatos a respeito dos quais se podem ter uma opinião e discutir [...] A asserção fundamental da *agenda-setting* é que a compreensão das pessoas em relação a grande parte da realidade social é modificada pelos meios de comunicação de massa”.

imagens, pois os usos e apropriações em relação aos produtos midiáticos dependerão das mediações que as configurarão.

Mesmo sabendo que muito do real é exibido na TV, percebe-se que há uma compreensão e distinção em relação ao conteúdo apresentado. Não é pelo fato de as crianças assistirem a determinado programa que elas vão fazer a mesma coisa. Pelo contrário, muitas delas utilizam as mensagens veiculadas como exemplo a não ser seguido.

as crianças assistem desenho animado e não saem estourando a casa e jogando o irmãozinho pela janela; não é uma questão de modelo e imitação e, se assim fosse, a nossa sociedade já teria se autodestruído, pois modelos de destruição é o que não falta na TV (KEHL, 2003, p. 134).

Embora haja um “convite à violência” em muitos programas televisivos, não se partilha da ideia que violência está no nível em que se encontra em consequência da TV, embora muitos defendam essa hipótese. O que é certo é que o imaginário das pessoas na contemporaneidade é permeado, em muito, pela violência, seja por meio da TV ou não.

O depoimento do adolescente AGM (17-M) também colabora na reflexão: “– A televisão ajuda a ser bandido, como fugir da delegacia, como não marcar para a polícia e também como arrumar assaltos”. Em contrapartida, a adolescente PSJ (17-F) diz “ – A televisão ajuda a não usar drogas, não ser malcriado. Não se meter em roubadas com certas amigas”.

Dada a dificuldade de tentar compreender a razão de tamanha discrepância entre as respostas, foi-se em busca de saber quais os programas mais assistidos por esses adolescentes⁷³. A adolescente PSJ assiste a *Malhação*, a outras novelas e ao Programa do Gugu (Record). Às vezes, também costuma assistir ao *Mais Você* (Rede Globo). Já o adolescente AGM costuma assistir a *Globo Esporte*, *CQC* e *Fantástico*. Faz-se a observação de que ele dificilmente perde um filme de ação.

É interessante perceber como a concepção das pessoas acerca da televisão está permeada por aquilo a que assistem na TV, e não propriamente pelo conjunto da programação existente nela. Muitos do entrevistados nem consideram a possibilidade de assistir a outros canais, como comentou ASB (33-F): “– Acho que ficar sem televisão seria um pouco pior do que ter televisão e não ter a Globo”. A

⁷³ O quadro com a descrição dos programas mais assistidos pelos cinco adolescentes será apresentado no item a seguir.

expressão de seriedade com a qual fala a mãe de duas crianças indica a credibilidade que é dada a essa emissora de TV.

Embora não se condene esse tipo de concepção sobre a mídia (afinal há questões históricas e culturais por trás dessa atividade) lembra-se que “um país não se faz só de homens e livros, mas também não se faz apenas com uma emissora e uma multidão de telespectadores” (BUCCI, 2007, p.17).

Para Escamez (2005), a televisão tem um poder de penetração significativo na vida das pessoas de todas as idades, embora o faça de modo muito especial na infância e adolescência, devido à vulnerabilidade do público exposto, dada a imaturidade deste em termos de formação ideológica, cultural e pessoal⁷⁴. Segundo a autora, a adolescência é um período de conflitos, com profundas transformações na personalidade. E o problema está em que para o adolescente, a televisão é considerada como fonte de informação básica, muitas vezes mais importante que os professores e os próprios pais.

Na zona rural este fato é ainda mais preponderante. Primeiro, pelo tempo que o espectador, especialmente o adolescente e a criança, passa diante da TV. Segundo, pela naturalização do meio, tido não somente como um eletrodoméstico, mas como algo que também divide espaço com o sagrado. Terceiro a reduzida oferta de outras fontes de informação e formas de interação com o exterior à comunidade.

Um hábito bastante forte na comunidade é o fato de as pessoas, especialmente crianças e adolescentes, tomarem as refeições diante da televisão. PASS (9-F), em média, almoça quatro vezes por semana saboreando, ao mesmo tempo, a programação da TV, em especial os desenhos animados (SBT). Por sua vez, MTJ (9-F) almoça diante da televisão todos os dias, exceção dos almoços domingueiros em que os pais exigem a presença de todos à mesa⁷⁵.

Esse fato pode ser associado à resposta de MTJ que, quando questionada há quanto tempo ela costuma fazer refeição diante da TV, diz que não lembra, mas reforça que, muitas vezes quando ela era menor, via os pais fazendo a mesma coisa. Então ela acredita não ser algo errado.

⁷⁴ Não que necessariamente se concorde com que todo adulto tem por completo essa maturidade, mas a possibilidade deste tê-la é bem maior que a dos adolescentes e crianças.

⁷⁵ A explicação para essa exigência está atrelada à compreensão do domingo como dia do Senhor Jesus e, por isso, os pais dessa criança veem como fundamental estarem juntos para compartilhar tal momento. Lembra-se que essa mesma situação não foi percebida como fator geral na comunidade e por isso não pode ser generalizada.

As questões apresentadas acabam ratificando que a TV, de fato, ressignifica formas de organização temporal na vida das pessoas, corroborando afirmações como a de Jacks: “a onipresença da televisão, tão naturalizada no cotidiano, chega a organizar a vida das famílias, administrando a hora do almoço, por exemplo” (JACKS, 2008, p. 175).

Geralmente os momentos solitários diante da TV são raríssimos. O indivíduo liga a TV, faz um *zapping*⁷⁶ e lá está o canal para seu deleite; chega o segundo, se estiver na mesma faixa etária, não muda de canal, e acompanha a programação. O terceiro espectador, se for de mais idade – mãe, pai, tio, etc. –, pode mudar de canal, depende de seu interesse imediato. Observou-se que durante as manhãs impera a vontade dos mais jovens, com o controle remoto na mão. Ao se instalar um conflito entre irmãos, geralmente prevalece a vontade do mais novo.

A TV é uma companhia “amigável” que se pode ignorar à hora que se desejar, afinal “seus usuários veem o controle remoto como um elemento libertador que permite um maior trânsito entre programas” (JACKS, 2008, p. 78). Exemplo desse fato é a mudança de canal por algumas pessoas durante a refeição diante da TV, por verem cenas violentas ou que consideram inapropriadas àquele momento.

O processo de “humanização” da televisão enquanto meio que ultrapassa sua funcionalidade tecnológica é perceptível na fala de SJS (38-M): “–Falar da importância da TV [...] eu costumo brincar dizendo que dá para ficar uma noite sem dormir com a esposa, mas não dá para ficar sem ver TV. Seria uma tortura”.

O local em que está instalado e cuidados que se tem com o aparelho transmissor, são, de fato, algo surpreendente. O espaço é escolhido com cuidado, os móveis e objetos da sala estão dispostos levando em consideração o televisor, como que compondo um cenário em que ele possa se destacar.

Na maioria das casas, não é qualquer um que pode ligá-la. Geralmente essa função cabe aos de mais idade ou, se os mais novos, adolescentes e crianças, quiserem ligar, é pedida permissão aos adultos, que geralmente assentem.

As pessoas, independentemente da idade, parecem buscar a melhor posição possível para poder desfrutar das imagens exibidas. Ora sentadas, ora deitadas, vão contornando seus corpos, na medida certa para chegar à posição mais confortável.

⁷⁶ Ato do espectador mudar de canal a qualquer pretexto, em função, sobretudo, da queda do ritmo do programa ou de seu interesse no produto audiovisual exibido (INTERCOM, 2010, p. 1233).

3.3.4 TV e consumo na comunidade

Pelo altíssimo índice de presença nas casas das pessoas, por seu caráter “modelador”, uma das ideias que predominam hoje, não sem razão, é a de que a televisão é uma das grandes responsáveis pelo comportamento das novas gerações.

Sabe-se que os meios de comunicação de massa, mais especificamente a televisão, veiculam modos de ação. Muitos desses modos são simplesmente internalizados ou podem ser apropriados de diferentes maneiras pelos receptores.

No que diz respeito à compra de produtos veiculados pela publicidade na TV, somente MTJ (9-F) admitiu já ter pedido algo: “– No início desse ano [2011] eu pedi que eu ganhasse de Natal uma boneca da Barbie, mas o papai falou que é muito caro”. Por outro lado, é interessante notar que outras crianças, como MSJS (11-M), fizeram comentários como: “– Nunca pedi nada para mim, mas minha mãe sempre compra coisas que passam na TV, como Nescau e sabão Omo”. AGMF (11-F), quando questionada porque nunca pediu, respondeu: “ – É muito caro e às vezes tu pode ter uma coisa igual e mais barato. Uma boneca da Barbie é mais caro só porque é da Barbie, mas tem muita boneca igual a ela que é mais barato”. De certa forma, essa resposta surpreendeu o pesquisador e, quando investigou-se mais a fundo, a conclusão foi de que são os próprios pais que fazem comentários dessa natureza.

S. Pereira (1999) diz que há variadas maneiras de ver televisão, formas diferenciadas de mediação e de situações específicas que tendem a favorecer o maior ou menor consumo, admitindo igualmente que este pode ser influenciado pela posição socioeconômica da família, pela zona de residência, estilos educativos parentais, idade, sexo, etc. A autora considera, ainda, que crianças e jovens desde muito cedo tendem a ver os mesmos programas que os seus pais, fato constatado na comunidade São Pedro.

Ainda em relação ao consumo, LOR (14-M) respondeu: “– A única coisa que compro é Coca-Cola, mas não é porque passa na TV e sim porque realmente acho melhor que as outras”. Por outro lado AGFR (15-F) menciona seus desejos em relação aos produtos exibidos na televisão: “– Na verdade não compro porque não tenho dinheiro, mas quando eu tiver vou querer ter quase tudo, as coisas boas, né?”. Quando questionada sobre o que seriam as coisas boas da TV, ela diz: “– As roupas

de algumas atrizes. Por exemplo, acho as roupas da Teodora [Fina Estampa] muito bonitas”.

Nas respostas dadas, o diferencial está no fator financeiro, que sem dúvida é o essencial, porque indispensável, e não pode ser descartado ao se analisar hábitos de consumo de produtos veiculados na televisão.

O imaginário também está repleto de algumas celebridades da TV, em especial femininas: “– Talvez um dia eu compre alguma roupa parecida com a da Patrícia Poeta ou da Teodora” (PSJ, 17-F); “– As roupas da Helen Ganzaroli, Eliana e da Paula Fernandes me chamam atenção e se eu tivesse dinheiro eu compraria” (KGS, 16-F).

Sobre a questão do consumo é importante considerar que

[...] é, também, um veículo de narcisismos, por meio de seus estímulos estéticos, morais, sociais; e aparece como o grande fundamentalismo do nosso tempo, porque alcança e envolve toda a gente. Por isso, o entendimento de que o mundo passa pelo consumo e pela competitividade, ambos fundados no mesmo sistema da ideologia (SANTOS, 2001, p. 49).

Lembra-se ainda a dependência do modelo brasileiro de televisão em relação ao suporte publicitário, pois “aqui ela surgiu como um empreendimento comercial, balizado pelos interesses de empresas privadas que vislumbraram na nova tecnologia a possibilidade de uma frente de expansão dos seus negócios” (LEAL FILHO, 2006, p. 9). O suporte publicitário ligado ao consumo constitui matriz fundamental dentro do sistema capitalista e repercute de forma significativa no cotidiano das pessoas.

Dadas as proporções do ato ou desejo de consumo entre os jovens, é pertinente conhecer ao que os adolescentes mais assistem.

Quadro 13: Programas mais assistidos pelos adolescentes da comunidade São Pedro

Adolescentes	Programa 1	Programa 2	Programa 3 ⁷⁷
LOR (14-M)	Globo Esporte	Agora é Tarde	Fantástico
PSJ (17-F)	Malhação	Telenovela	Eliana
AGFR (15-F)	Telenovela	Telenovela	Programa do Gugu
AGM (17-M)	Globo Esporte	CQC/ Telenovela	Fantástico
KGS (16-F)	Telenovela	Todo mundo odeia o Chris	Fantástico

Todas as adolescentes, bem como uma das duas crianças (MTJ, 9-F), admitiram serem fortemente atraídas pelos produtos veiculados na mídia, assim

⁷⁷ Somente aos domingos.

como gostariam de comprar caso tivessem dinheiro para tal, porém reconhecem que são apenas desejos.

Esse desejo também pode estar atrelado ao fato de as meninas ficarem muito mais tempo dentro de casa, e conseqüentemente na frente da TV, uma vez que os meninos são mais arrojados e de vez em quando arriscam a aventurar-se em passeios por locais próximos da comunidade, seja pelo rio, seja pela estrada e são bastante atraídos pelo futebol, pela pelada no final da tarde, no campinho da comunidade.

É necessário considerar que o fato de não estar apto à posse do bem não significa que a pessoa tenha o seu desejo extinto, ou seja, mesmo no imaginário aquele produto tende a repercutir e gerar outras formas de comportamento. Assim, o consumismo torna-se “o modo que o imaginário econômico encontrou de se legitimar culturalmente” (COSTA, J., 2004, p. 77).

O mesmo autor enfatiza ainda que

[...] a atitude consumista não depende do nível de renda. É uma atitude diante da vida, e, por conseguinte, diante dos objetos que se pode possuir. No Brasil, a maioria tem uma renda pessoal ou familiar desprezível, mas mesmo assim, se comporta como se tivesse uma renda alta, quando se trata de usar objetos e coisas descartáveis (COSTA, J., 2004, p. 84).

A partir de García-Canclini, não é mais tão fácil lançar o olhar tradicional sobre ato de consumo, pois o

Consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Esta caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que simples exercícios de gostos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos moralistas, ou atitudes individuais, tal como costumam ser explorados pelas pesquisas de mercado (GARCIA-CANCLINI, 2010, p. 60).

O consumo também serve para pensar, afirma García-Canclini (2010). Ora a racionalidade econômica, ora a racionalidade sociopolítica interativa são manifestas no ato de consumir. “Consumir é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo” (GARCIA-CANCLINI, 2010, p. 62).

Pode-se dizer que, na comunidade, o consumo se dá muito mais de forma simbólica que material, ou seja, notam-se muito mais gírias, comportamentos, penteados, gestos, que propriamente bens materiais.

Considerando que na televisão também se encontram as matizes sobre a qual se formam as novas concepções de mundo, é natural que as representações por ela trabalhadas deixem de ser unicamente interpretativas e também se tornem criadoras de existência. É importante lembrar também que toda orientação para as atitudes das pessoas é fruto de seu repertório; logo, aquilo a que elas assistem na TV acaba somando-se a suas concepções prévias.

Cohen afirma que, se a imprensa “pode não conseguir, na maior parte do tempo, dizer às pessoas o que pensar, por outro lado ela se encontra surpreendentemente em condições de dizer aos próprios leitores sobre quais temas pensar alguma coisa” (COHEN, 1963, p. 13 apud WOLF, 2008, p. 143-144).

Muitas pessoas na comunidade relataram que começaram a pensar em algumas temáticas a partir do conteúdo transmitido pela televisão. ASB (28-F) diz que “na televisão a gente vê e ouve falar de coisas que a gente nem imaginava que existia e a gente sabe que tem muitas pessoas na mesma situação, assistindo e vendo aquilo pela TV”.

Quando motivada a dar um exemplo, ela afirma:

Eu não sabia como mais ou menos que funcionava por detrás das coisas que acontecem na novela. Se eu não assistisse o Globo Repórter⁷⁸ eu não iria saber das coisas, como o primeiro beijo na televisão, os atores e atrizes que fizeram as primeiras novelas. E engraçado que não passava todo dia. Já imaginou nos dias que não passava novela, o que as pessoas faziam? (ASB, 28-F)

Esses comentários indicam o caráter socializador da TV lembrado por Wolton (1996), que sinaliza para uma perspectiva diferente do que vinha, até então, sendo discutido sobre televisão. No prefácio à edição brasileira da obra *Elogio do grande público – Uma teoria crítica da televisão*, o autor comenta:

[...] Historicamente, a televisão é, até hoje, um instrumento na longa história da emancipação e da democracia. Devido ao seu próprio status: acessível a todos, gratuita, com possibilidade de oferecer mensagens de todas as naturezas, abertura para o mundo através das informações, dos documentários e dos filmes, ela é considerada por muitos, de direita e de esquerda, pelos liberais, pelos progressistas e por certos conservadores, como um instrumento de emancipação (WOLTON, 1996, p. 5).

⁷⁸ Ela faz referência ao programa exibido no dia 09/12/11, que tinha como tema “60 anos de telenovela no Brasil”.

Ainda de acordo com o autor, o laço social da TV apresenta dois sentidos. O primeiro está no fato de que um grande público anônimo assiste simultaneamente à televisão, consciente de que inúmeras pessoas estão naquele momento, fazendo o mesmo.

O segundo sentido está no papel de espelho da TV, uma representação da sociedade. “Ao fazer a sociedade refletir-se, a televisão cria não apenas uma imagem e uma representação, mas oferece um laço a todos aqueles que a assistem simultaneamente” (WOLTON, 1996, p. 124). Não distante dessa discussão está o depoimento de uma moradora, quando questionada sobre a função da TV. Ela disse: “– Sem TV, a gente ficaria isolado duas vezes” (NGL, 37-F).

A respeito do que os adultos mais assistem, foi obtido o seguinte quadro:

Quadro 14: Programas mais assistidos pelos adultos da Comunidade São Pedro

Adulto	Programa 1	Programa 2	Programa 3 ⁷⁹
LSS (27-F)	Telenovela	Telenovela	Programa do Gugu
SJS (38-M)	Novela/Jornais	Jornal Nacional	Fantástico
ASB (28-F)	Telenovela	Telenovela	Programa do Gugu
HSS (42-F)	Telenovela	Telenovela	Fantástico
ML (39- F)	Telenovela	Jornal Nacional	Fantástico

Vale ressaltar que, com exceção das novelas, os outros programas podem não ser assistidos por completo, ou seja, pode-se perder alguns momentos daquela programação e não parece existir a percepção de ter perdido algo importante. No caso das telenovelas, entretanto, a questão é bem diferente.

3.3.5 TV e Religião: a força dessas mediações na comunidade

Ainda como continuidade à discussão sobre consumo, três adultos admitiram já ter comprado algum produto religioso. “– Para falar a verdade, eu já cheguei a comprar um CD do Padre Marcelo Rossi e achei muito bom porque também tinha um terço que explicava como rezar os novos mistérios [luminosos]” (HSS,42-F). “Além da gente comprar uma coisa boa né, a gente também colabora com o projeto de evangelização da nossa Igreja” (ASB, 28-F).

Por outro lado, SJS (38-M) afirmou que compra “não somente porque passa na TV”. Ele diz que realmente procura se informar com outras pessoas familiarizadas

⁷⁹ Somente aos domingos.

com o assunto para depois realizar a compra, principalmente se o produto for um pouco mais caro.

O consumo de produtos midiáticos religiosos tem crescido cada vez mais no meio televisivo e foi um tipo de consumo muito observado na casa dos moradores da comunidade.

Nota-se que a principal estratégia do campo⁸⁰ religioso na tentativa de reverter um quadro de perda de fiéis (seja por desinteresse, concorrência com outras instituições ou grande oferta de outras religiões) é experimentar novas linguagens, mudar o modo de contato com os seus fiéis e passar a operar a partir de lógicas midiáticas (BORELLI, V., 2011, p. 1).

Nessa configuração a televisão tem sido um caminho inevitável. Ela colabora para uma significativa mudança de valores atribuídos, principalmente considerando a composição de novos significados sobre elementos tradicionais. É o sentimento do fiel religioso, por exemplo, que revigora forças a partir da TV, o que incide em todas as esferas da vida, e a Igreja já não mais se prende unicamente à lógica religiosa tradicional.

A midiáticação do campo religioso parece ter adquirido um novo fôlego e abriu novos caminhos para o projeto de evangelização das igrejas, pois

Há um reencantamento do mundo, nas palavras de Martín-Barbero (1995), já que as mídias cumprem um papel estratégico que acaba diminuindo a distância entre os símbolos do mundo da religião e os fiéis, pois conseguem recolocar as simbólicas do religioso no cotidiano (BORELLI, V., 2011, p. 3).

Considerando que Borelli (2011) chama de “simbólica do religioso” o conjunto de símbolos, tanto concretos quanto abstratos, que constituem a dinâmica de fidelidade e devoção de uma pessoa a uma religião, é inquestionável como a “materialização” de todo o simbolismo religioso se faz viva e está presente nas casas dos moradores. Esse fato incide diretamente no lugar em que a televisão fica posicionada. As imagens religiosas, sejam cartazes, sejam esculturas, geralmente localizam-se próximas ao aparelho de televisão. Acrescenta-se ainda que, em muitos casos, o televisor ocupa o lugar que antes era da imagem de uma santa.

Quando questionado sobre essa situação, SJS (38-M) respondeu: “– Na verdade, tudo aquilo que consideramos mais importante para nós está na sala e na

⁸⁰ A autora trabalha com o conceito de campo definido por Adriano Duarte Rodrigues, compreendido como a detenção de saber e domínio específico da experiência por parte de um campo e seus sujeitos que estão autorizados a falar em seu nome e o representarem.

parede dela. Nunca pensei por que deixamos próximos, apenas sei que é porque consideramos importante”. ML (39-F) respondeu: “– Eu sempre falo que é para a santinha abençoar mais as coisas que passam na TV”. No momento dessa resposta, outra pessoa, que também estava na sala, disse: “– mas as coisas que passam na TV são reais e causadas pelo homem, então a gente tem que rezar para a santinha abençoar as pessoas e não o televisor.

Esses depoimentos permitem perceber questões bastante interessantes: a primeira delas é a crença de que, sendo mantida próxima à TV, a imagem religiosa poderá ajudar em algo. Outra questão é a do sentido do religioso atravessando o percurso midiático. E ainda, a compreensão de que o conteúdo da televisão não é algo de ordem divina e sim criação da sociedade.

Uma comentário feito por ASB (28-F) evidencia outra dimensão entre o religioso e a TV.

Lembro que quando eu era criança (acho que tinha 10 anos) minha mãe falava que a gente não podia chamar palavrões e nem fazer coisas erradas perto da imagem da santa, porque senão seríamos castigados [...] Era engraçado quando minhas tias vinham para cá e às vezes elas falavam besteiras e minha mãe mandava eu colocar as mãos no ouvido da santa ou então colocar um pano sobre ela para que ela não estivesse vendo ou escutando aquilo. Quando chegou a televisão, no início era um pouco igual, mas depois, como tinha que fazer isso quase toda hora, minha mãe mudou a ideia e disse que quem sabe deixando a santa perto da TV as coisas que passam podiam ficar melhores. Cresci acreditando nisso, mas hoje sei que não é assim. Na minha casa elas ficam perto porque é aquilo que a gente tem de melhor para nós e para mostrar para os outros.

Percebe-se, então, que há um vínculo profundo entre religião e as demais mediações no cotidiano dos moradores em razão, principalmente, das crenças da primeira geração da comunidade. Desde o fato de não poder falar palavras de baixo calão estando próximo à imagem sacra até a concepção de divindade e humanismo das imagens dos santos, passando pela crença de que, deixando-as próximas, imagem e TV, há uma probabilidade de a primeira “purificar” o conteúdo da segunda.

Outra questão é o fato de estar claro o reconhecimento de que a televisão não seria o objeto próprio para deixar próximo da imagem religiosa se apenas a concepção tradicional embasada na igreja fosse mantida. Isto é perceptível quando se faz referência ao volume de sons inadequados emitidos pela TV, o que poderia fazer mal aos “ouvidos da imagem” da santa. Portanto, outra estratégia foi adotada, a função inversa, ou seja, a de deixar próximas imagem e santa para que a TV e o que é transmitido sejam abençoados pela imagem sacra.

Além disso, está claro, conforme o último depoimento anotado, que o local destinado à televisão deve ser público porque constitui algo que de melhor existe dentro da casa. Inicialmente era uma estratégia de convidar pessoas a assistir em conjunto, que remonta ao tempo dos geradores de energia, quando nem todas as pessoas possuíam o aparelho em casa. Contudo, após a chegada da energia elétrica e com todas as famílias (ou quase todas) com televisão dentro de suas próprias casas, o significado mudou.

Atualmente, além de tal convite, que já não é tão aceito, pois as pessoas preferem assistir nas suas próprias casas, o televisor na sala também é uma forma de dizer aos vizinhos que naquele lar também estão informados acerca das coisas que acontecem no mundo e que estão cientes do que de mais atual ocorre nele.

Exemplo da concepção da sala como espaço privilegiado da televisão pode ser conferido na imagem a seguir. No fundo, há uma outra televisão, que naquele momento não estava em funcionamento. Então questionou-se por que, mesmo sem funcionar, ela estava ali, exposta, e não em outro local. A dona da casa respondeu: “– Até tem outro lugar para colocar ela, mas lugar de TV é na sala né”.

Imagem 25: Crianças assistindo à TV em uma casa na Comunidade São Pedro (2)



Imagem 26: TV em uma casa na comunidade São Pedro (1)



Imagem 27⁸¹: Pessoas assistindo à TV em uma casa na Comunidade São Pedro



⁸¹ A imagem representa muito bem aquilo que se falou no decorrer deste capítulo sobre a arquitetura das casas, que permite que os adultos, em especial as mães, pelo menos ouçam a programação da TV. Pois, como se pode notar, há uma abertura na parte superior da parede que divide os cômodos da casa.

Imagem 28: TV em uma casa na comunidade São Pedro (2)



Todas as imagens exibidas anteriormente apresentam, ora em cima do aparelho, ora ao lado dele, símbolos religiosos, como cartazes, esculturas ou pequenos objetos como medalhas, alfinetes, chaveiros, etc. Considerando que em algumas casas havia espaço para que a imagem religiosa fosse colocada em baixo da TV, este pesquisador questionou sobre essa situação e obteve como resposta: “– Acho que se ficasse em baixo da televisão, seria um desrespeito com a igreja” (ML, 39-F); “– Quando a gente coloca no lado ou em cima significa que ela não é mais importante que a outras não é? Mas que de repente pode ter uma mesma importância... mas embaixo, aí eu acho que estaria cometendo uma falha contra a minha igreja” (HSS, 42-F).

Com essas informações pode-se compreender duas situações. Primeiro, que a mediação Igreja incide significativamente sobre o discurso dos moradores, contudo a televisão tem destaque por ser muito mais que um mero eletrodoméstico e por ser um objeto de valor simbólico para as pessoas. Nesse sentido, o valor atribuído a ela se equipara ao da imagem religiosa.

Sobre isso Martin-Barbero, referindo-se ao novo mapa das localidades rurais, afirma:

Os povos mostram [...] a centralidade que ainda ocupa a religião, mas ao mesmo tempo aparecem as transformações que introduzem a energia elétrica, o telefone, o trator, a motocicleta, o rádio, a **televisão** [...] mudanças que afetam não só o âmbito do trabalho ou da morada mas a da subjetividade, a afetividade [...] (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 285, grifo nosso).

Parte da vida dos moradores da comunidade está plenamente representada na sala. Não só por ser unicamente o espaço da televisão, mas por ser um espaço “público”, em que os elementos que o constituem são comuns aos das outras casas e não há segredos a serem guardados nesse espaço. Diferentemente da cozinha das casas, a qual raras vezes este pesquisador foi convidado a visitar e que contém elementos bastante particulares, pois lá estão os alimentos e os objetos pessoais que não podem ser expostos a pessoas que não frequentam com regularidade aquele espaço.

Interessante notar que no depoimento de alguns moradores, sobre qual objeto da sala abririam mão, foi constatado que poderiam se desfazer de vários outros elementos, mas a televisão seria o último que sairia: “– Se eu tivesse que tirar algo da minha sala por ordem de importância, eu tiraria primeiro os objetos de ornamentação, depois tiraria os cartazes dos políticos. Entre a imagem da santa e a TV eu sinceramente não sei quem eu tiraria” (ASB, 28-F); “– Eu tiraria esses enfeitezinhos. Depois acho que a cara desses políticos [...] e depois [...] eu sei que é pecado mas eu tiraria a imagem da minha santinha... É difícil ficar sem televisão não é?” (HSS, 42-F). Outras respostas foram mais rápidas e diretas: “Ah! a última coisa que eu tiraria seria a televisão” (SJS, 38-M).

A partir das declarações dos moradores e das situações presenciadas, considera-se que aquilo que mais pesa para o significado da sala como espaço público é a televisão e não os outros elementos, que na verdade estão dispostos para destacar esse elemento principal.

Como se pode perceber, tanto nos depoimentos dos moradores quanto em algumas imagens apresentadas ao longo deste capítulo, há uma forte presença dos cartazes de políticos, auxiliando na ornamentação do espaço, o que também assume uma dimensão privilegiada na casa dos moradores. A explicação para tal fato está relacionada ao sentido de cidadania e pertencimento a um grupo e que vive em uma sociedade democrática.

Contudo, nas mesmas respostas citadas anteriormente, os cartazes dos políticos foram considerados descartáveis sem que os moradores titubeassem, o que permite compreender que o sentimento de democracia, bem como o próprio pertencimento e reconhecimento do ser como cidadão político não são tão fortes como o campo religioso e o papel da TV na comunidade.

3.3.6 Hehehehehe! É hora do Pica-Pau!

Antes de finalizar esse capítulo, é interessante propor a leitura das imagens a seguir. Com exceção da telenovela da noite, somente aos domingos, em alguns momentos, percebeu-se a reunião de várias pessoas ao mesmo tempo diante do televisor. Por isso é fundamental mencionar tal fato.

Por mais que não se consiga fazer uma análise iconológica das imagens (e não é essa a intenção deste pesquisador), pretende-se propor algumas reflexões que possam contribuir para a compreensão do contexto que envolveu o registro, até porque as imagens são parte de toda uma cultura e não podem ser compreendidas sem um conhecimento desta (PANOFSKY, 2002).

Para Panofsky (2002, p. 52)

A descoberta e interpretação dos valores simbólicos (que muitas vezes, são desconhecidos pelo próprio artista e podem, até, diferir enfaticamente do que ele conscientemente tentou expressar) é o objeto do que se poderia designar por iconologia em oposição a iconografia.

“A identificação de imagens, histórias e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por iconografia” (Idem, p. 51). Quando se propõe ir além, interpretar os sentidos das imagens começa-se a navegar pelos caminhos da iconologia.

Vale ainda dizer que “para interpretar a mensagem, é necessário familiarizar-se com os códigos culturais” (BURKE, 2004, p. 46), pois “imagens são testemunhas mudas” (Idem, p. 18)

Imagem 29: Moradores assistindo desenho animado "Pica-Pau"



Passando em frente a uma casa da comunidade, havia algumas crianças debruçadas sobre suas duas janelas frontais e, de dentro da residência, foram ouvidos alguns risos e imitações das gargalhadas do personagem de desenho animado “Pica-Pau”. Resolveu-se então verificar a situação.

A cena, que era simplesmente fantástica, encantou ainda mais ao ser observado o seu desenrolar. Não havia somente o fato de várias pessoas estarem reunidas diante da TV, e sim uma inversão das regras de todo o fazer cultural do hábito de ver televisão na comunidade. Havia dois adultos, dos quais um aparece claramente na foto, acompanhados de crianças e adolescente assistindo a uma programação tipicamente infantil.

Nesse momento, quem “mandava no controle” não eram os adultos, mas os mais jovens. Eram eles que ditavam os comandos sobre o silêncio ou sobre a abertura de um diálogo. Nesse momento, eles pareciam estar bem mais à vontade.

Aquilo que se poderia definir como “um encontro das gerações diante da TV” é real, ainda existe. O “clique” foi feito para armazenar a foto e a espera foi de pouco mais de 15 minutos para que a sessão tivesse um intervalo e então se tivesse permissão para saber as idades dos que ali estavam: havia desde crianças, uma de 3 anos e meio, sentada ao chão; até adultos, uma senhora de 35 anos sentada na cadeira e um senhor de 37 deitado no sofá, próximo à janela. Compartilhavam o mesmo espaço, o mesmo momento, a mesma diversão, conferindo as peripécias da personagem.

É importante registrar que, embora esse desenho não tenha sido citado por nenhuma criança como de maior preferência, as imitações do personagem principal são bastantes presentes na comunidade.

A foto foi tirada em um domingo, por volta de 10h30 da manhã, horário em que outros moradores da comunidade estavam na igreja, participando do culto dominical.

Dos quatro garotos presentes na imagem anterior, dois possuem idade entre 9 e 14 anos e estão sentados no sofá; o que está em pé, com as mãos elevadas à cabeça, tem 10 anos e o que está deitado no chão tem 12 anos. Ressalta-se que, desses quatro, contou-se com a participação dos meninos de 9 e 10 anos para a continuidade das observações da pesquisa de campo deste trabalho.

Além da mulher de 35 anos e da menina de 3 anos e meio, já mencionadas, havia também uma garota de 11 anos, também sentada ao chão). Na foto, ainda está presente uma garota de 13 anos, visível apenas por sua cabeça no canto inferior direito. Das meninas presentes na fotografia, apenas essa última colaborou com as observações realizadas.

A única pessoa não visível na fotografia é um adulto de 37 anos que, no momento do registro da imagem, estava deitado no sofá, logo abaixo da janela que serviu de apoio para a câmera. Logo depois ele comentou “– Ainda bem que não saí na foto. O que vão pensar de um marmanjo assistindo desenho?”

Percebeu-se também a representação da sala, típica das casas da comunidade: geralmente um relógio de parede, um ou mais calendários, não necessariamente do ano corrente, imagem de santos (seja em cartaz ou escultura), algum quadro a mais (com uma paisagem, por exemplo) e a televisão (na maior parte das casas, com um local arquitetado somente para ela). Em algumas casas, o local onde fica o receptor também merece destaque.

Em pouquíssimas casas presenciou-se, por exemplo, a TV no mesmo local que o rádio. Geralmente o rádio fica situado na cozinha. A possível explicação para isso é que, como as donas de casa costumam passar bastante tempo nesse espaço, há uma proximidade maior para a possível troca de estação.

Algo também bastante comum nas casas é o espaço livre na sala, em que os mais jovens aproveitam para deitar ou sentar. Observa-se que são poucas as casas que possuem mobília na sala e mesmo quando existe são poucos objetos. Por isso o espaço vago continua existindo.

Imagem 30 - Crianças na janela da casa (também assistindo ao “Pica-pau”)



Em complemento ao discutido sobre a Imagem 29, é importante pontuar que ela foi registrada minutos antes do desenho terminar. Notam-se mais cinco crianças e dois adolescentes olhando pelas janelas da casa para também assistir à sessão exibida naquele momento (Imagem 30).

Na janela da esquerda, há um menino e uma menina de 9 e 10 anos de idade, respectivamente; na janela da direita, um menino de 12, uma menina de 9 e um garoto de 2 anos. Ainda olhando por esta janela, encontram-se uma adolescente de 14 anos e sua filha de um ano e cinco meses. Lembra-se que os que estão fora da casa moram em casas próximas ao terreno base.

A frente da casa é a representação típica das casas da comunidade, embora, como já mencionado, outros formatos tenham conquistado espaço e, aos poucos, tenham começado a mudar sua arquitetura e, conseqüentemente, sua paisagem.

Nota-se ainda a presença de um cartaz de um candidato a prefeito, ainda das eleições de 2008, que o dono da casa fazia questão de manter, por considerá-lo um bom prefeito quando governou.

A título de informação, alguns moradores, geralmente da mesma residência, costumam reunir-se para conversar em pequenos espaços em frente à casa, como na Imagem 30, enquanto aguardam o início da(s) telenovela(s). Essa reunião, porém, dura questão de minutos e não é rotina de todos.

As análises aqui apresentadas indicam o papel significativo da televisão na vida das famílias observadas e descortinam fragilidades existentes nas mediações essenciais em uma sociedade (que se quer em desenvolvimento). Em sociedades abertas e democráticas o papel da televisão deveria ter equilíbrio em relação às demais mediações culturais. O que foi observado na comunidade reforça as disparidades apresentadas nas ofertas de bens materiais e simbólicos no cenário paraense.

O próximo capítulo tratará sobre as peculiaridades da assistência da telenovela, enfatizando, principalmente, as leituras dos receptores sobre o conteúdo emitido por essa programação, capturando os elementos da realidade da comunidade que possam contribuir para a compreensão dos usos e apropriações em relação à programação mais assistida no lócus da pesquisa.

4 PROGRAMAÇÃO LÍDER DE AUDIÊNCIA NA COMUNIDADE: A TELENVELA

A telenovela é um dos principais produtos da televisão brasileira. É importante salientar que as percepções da pesquisa de campo reforçaram o captado, o notado em pesquisas anteriores: “a telenovela conquistou seu espaço no campo cultural e ganhou visibilidade no debate em torno da cultura brasileira” (BORELLI, S., 2001, p. 29).

A história da telenovela se confunde com a da televisão brasileira. Desde o sua instalação no Brasil, iniciaram-se as representações do que seria o embrião da telenovela atual. Primeiramente como adaptações de radionovelas e, no seu desenvolvimento, dialogando com o teatro, cinema, publicidade, até chegar ao que atualmente se reconhece como telenovela brasileira. É ela, programação de televisão aberta, que ocupa posição de grande sucesso e destaque na mídia nacional⁸².

A afirmação acima pode ser facilmente comprovada pelo registro das audiências da novela *Fina Estampa*⁸³ entre os meses de setembro e dezembro de 2011 que ultrapassou os 40 pontos de audiência conforme dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). Enquanto outros programas diariamente apresentam média de 10 a 20 pontos – alguns tendo pontuação bem inferior à média de 10 pontos – as telenovelas da Rede Globo mantêm um índice bem acima dos 20 pontos, como ocorreu com *Aquele Beijo*⁸⁴, que obteve média de 30 pontos. Mesmo com ampliação da oferta de produtos midiáticos, a telenovela continua mantendo audiência elevada em todo Brasil.

No contexto atual, em que a pulverização da audiência passa a ser um caminho natural, os pontos de audiência obtidos por essas obras de ficção televisiva são ainda objeto de análise para os que se dedicam aos estudos de televisão. Afinal, como uma produção de TV é capaz de reunir tanta gente, de diferentes idades, sintonizados na mesma emissora, ocupando o mesmo espaço para

⁸² Ver, por exemplo, Motter (2001); Malcher (2001 e 2009) e Borelli, S. (2001).

⁸³ Telenovela brasileira, produzida e exibida às 21 horas pela Rede Globo, de 22 de agosto de 2011 a 23 de março de 2012 (185 capítulos), tendo como principal escritor Aguinaldo Silva e direção geral de Wolf Maya.

⁸⁴ Telenovela brasileira, produzida e exibida às 19 horas pela Rede Globo, desde 17 de outubro de 2011 a 13 de abril de 2012 (155 capítulos). Escrita por Miguel Falabella, com direção geral de Cininha de Paula.

assistência dessa narrativa seriada? Na comunidade São Pedro, foi possível perceber algumas pistas para compreensão do processo de recepção da telenovela.

É importante considerar que a telenovela é acompanhada de maneira coletiva na comunidade. É o momento em que todas as gerações familiares se encontram diante da televisão. Ela é o programa da família, embora crianças e adolescentes quase não opinem quando, em companhia dos adultos, acompanham a programação. Ressalta-se que participaram da pesquisa de recepção cinco crianças, cinco adolescentes e cinco adultos.

Das cinco crianças observadas, somente uma não vê regularmente a telenovela. Entre os adolescentes apenas um não acompanha. Já entre os adultos, todos da mostra costumam acompanhar, com regularidade, esse tipo de produção. A novela *Fina Estampa* era a mais assistida na comunidade.

Em São Pedro, as pessoas organizam o horário do jantar, ou do lanche da noite, para que, no momento da telenovela, os familiares estejam disponíveis somente a essa programação.

Se a televisão não pode ser considerada um eletrodoméstico comum, a telenovela não pode ser vista simplesmente como um passatempo ou ainda ser analisada superficialmente, pois o papel exercido por esse produto midiático assumiu condição essencial para o desenvolvimento da televisão no Brasil, uma vez que atuou em grande escala para construção do hábito de assistir a TV (MALCHER, 2009).

Nesse sentido, é pertinente considerar que a telenovela

[...] é, para inúmeras pessoas, a única forma de viagem, de identificação, de conhecimento e reconhecimento dos diferentes *brasis* que compõem esse grande país [...] Pode-se perceber que a telenovela fala a todas as camadas da sociedade, em território rural e urbano (MALCHER, 2009, p. 162-163).

A televisão proporciona um encontro coletivo articulado principalmente pelo imaginário, construído culturalmente a partir de todas as mediações partilhadas em uma comunidade, local, nacional e globalmente.

Na comunidade pesquisada, a assistência à telenovela das nove cumpre um ritual. Os espectadores, ou seja, a família e convidados precisam estar de banho tomado e já devem ter jantado. É necessário também que todos estejam

completamente desocupados e sem preocupações⁸⁵. A cabeça precisa estar “limpa” para desfrutar da telenovela. Como parte do ritual, cada um deve saber e ocupar o lugar determinado tacitamente, geralmente o mesmo dos dias anteriores, no horário devido.

Nas casas, em geral, a TV fica a maior parte do dia ligada, mas sempre com alternância de pessoas assistindo. Já ao cair da noite, começa um movimento maior, um fluxo de pessoas na sala. Este fato indica a valorização dada ao horário nobre, e, especificamente, às telenovelas, o que diferencia esse período de assistência dos demais dedicados a outras programações veiculadas.

O horário considerado como o da novela das seis (18 h) geralmente coincide com o tempo destinado ao banho das pessoas, que se estende por parte do horário da novela das sete (19 h). Ainda no intervalo de tempo que envolve a novela das sete (19 h), os assíduos telespectadores jantam ou se preparam para o jantar.

No intervalo entre essa telenovela e a das nove (21 h), é exibido o telejornal, ao qual poucas pessoas assistem. Algumas estão simplesmente deitadas, costuram, ficam na frente de suas casas⁸⁶ ou simplesmente circulam pela casa. Ainda há aqueles que se unem para jogar dominó ou se dedicam a outro passatempo.

Em meio a todas essas alternâncias de atividades a TV não é desligada. Há sempre alguém assistindo, principalmente crianças e/ou adolescentes. O que ocorre no momento da novela das nove (21 h) é diferente: o movimento cessa e, se não todos, grande parte dos pesquisados reúnem-se diante da televisão. Cada um no seu lugar já previamente definido.

É interessante registrar a logística adotada para essa distribuição de lugares. Os melhores lugares pertencem aos mais velhos, especialmente os sofás, quando os há. Cadeiras e até as redes são considerados lugares especiais. No caso das crianças menores, elas conseguem desfrutar de tal privilégio e unem-se aos pais. Os outros ficam dispersos pelo chão da casa, mas parecem não se incomodar com essa distribuição.

⁸⁵ O ato de assistir a TV, principalmente, à noite é visto como um compromisso que demanda atendimento de alguns requisitos.

⁸⁶ Dificilmente ficam entre vizinhos, mas geralmente com membros da mesma família.

Imagem 31: Pai e Filho vendo TV



Imagem 32: Morador assistindo à TV de fora da sua casa (1)



Imagem 33: Crianças assistindo à TV (3)



Imagem 34: Morador assistindo à TV de fora da sua casa (2)



A exibição das fotografias apresentadas auxilia na compreensão dos seguintes fatores: o domínio exercido pelos adultos, pelo fato de estarem com o controle da TV nas mãos e os locais privilegiados ocupados por esse público.

A logística não inclui apenas o local de assistência, mas sim toda organização familiar. Cada papel é bem definido, o que pode ser percebido nas funções destinadas aos mais novos. Quando há necessidade de pegar alguma coisa, um objeto ou até mesmo água para um dos adultos, uma noite é uma criança, na noite seguinte já é outra a incumbida da tarefa, e elas mesmas se organizam para que a ordem tacitamente configurada não seja contrariada.

O que se observa na comunidade no horário da telenovela das nove (21 h) resgata lembranças dos tempos de chegada da televisão no eixo Sul-Sudeste, tempo em que os aparelhos eram raros em um bairro, tempos em que o controle remoto não existia, em que os “televizinhos” participavam da audiência com a família detentora do aparelho, que se reunia para assistir à televisão.

A esse respeito recupera-se um trecho do texto de Propaganda da General Electric anunciando a chegada dos aparelhos de televisão à casa dos brasileiros.

Faz anos que a General Electric vem construindo aparelhos transmissores de televisão para uso experimental [...] Depois da vitória, graças a experiência adquirida durante os anos de guerra, os receptores GE **permitirão V.S. convidar à sua casa seus amigos e parentes** para assistir uma ópera ou um filme cinematográfico transmitido por televisão (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO; 2010, p.24, grifo nosso).

Nesse sentido, a ideia de que a televisão deveria ocupar um lugar coletivo na casa, promovendo reunião de pessoas parece ser o imperativo que norteia a possibilidade receptiva desse meio. O que se registrou na comunidade em relação a essa característica remonta, de maneira bastante evidente, a esse momento inicial da TV ocorrido em outras regiões do Brasil.

Após as observações realizadas sobre a telenovela na comunidade, não há dúvida em se afirmar que é a partir dos conteúdos de telenovelas que muitas crianças da comunidade passam a entender o “mundo adulto” e ingressam no mundo, mesmo que imaginário, do consumo. É com a telenovela que muitos adolescentes começam a pensar nos segredos do namoro e desejam experimentar momentos semelhantes aos vividos pelos personagens na TV.

Além da questão financeira, a telenovela semeia modismos, configurando-se em fonte informal de aquisição de bagagem cultural, além de trazer questionamentos de opiniões e modificações expressivas em termos de comportamentos e atitudes (BARROS JR, 2000, p. 44).

É a partir dessas narrativas televisivas seriadas que muitos adultos se comunicam de maneira mais intensa, e séria, dado que os diálogos fluem em momento diferenciado e apropriado para que o debate aconteça. Um comentário, uma frase, um gesto de algum personagem motiva o telespectador a dar sua opinião, se impor, promover o diálogo ou simplesmente observar a reação dos demais companheiros de assistência.

Na telenovela, a comunidade de São Pedro encontra dicas que vão da decoração da casa até como pensar sobre as mais diversas temáticas. Isso indica o decisivo papel da telenovela e o grau de complexidade que envolve esse processo comunicacional massivo.

4.1 A “INTROSPECÇÃO” A PARTIR DA TELENVELA

São várias as questões que podem ser exploradas acerca do estudo de recepção sobre a telenovela na comunidade, porém a seleção de alguns elementos torna-se fundamental para conduzir a discussão em busca do conhecimento desse complexo processo.

Sobre o porquê de assistir telenovelas, algumas respostas merecem destaque:

- É porque ela mostra coisas que acontece na vida da gente [...] e também às vezes dá vontade de rir, de chorar e a gente acaba se envolvendo com a história (AGM, 16-F).
- Os acontecimentos da novela fazem a gente ficar viciado porque a gente quer saber o que vai acontecer no outro dia (MSJS, 11-M).
- O melhor da novela é que a gente tem oportunidade de conhecer vários locais do mundo, várias culturas e até dicas de como se comportar no nosso dia-a-dia (LSS, 27-F).

O fato de crianças também assistirem à telenovela chamou atenção, embora se tenha clareza de que não é de hoje que esse tipo de produção é muito assistido pelo público infantil. “Segundo dados do Ibope, em dezembro de 2005 a novela *Belíssima* estava no topo do *ranking* dos programas mais assistidos pelo público dessa faixa etária” (FISCHBERG, 2008, p. 108).

O primeiro depoimento, de AGM (16-F), suscita reflexões sobre a televisão, mas propriamente a telenovela, como elemento de introspecção. Em uma fase tão conturbada de descobertas e novidades, muitos adolescentes não conseguem desabafar e dialogar com seus pais. Na comunidade rural, o diálogo amplo entre as diferentes gerações não é algo natural. O conservadorismo é muito forte e os papéis de filhos e pais ainda estão baseados na concepção tradicional de família, segundo o qual as gerações tinham e obedeciam a regras rígidas de condutas. Logo, a telenovela ajuda a analisar a própria vida, pois

As telenovelas recarregam o telespectador [...] modificam de forma sutil, ou não, a maneira de interpretar sua vida presente e de compreender sua relação com o meio que o cerca. Dessa forma, permitem concretamente que suas experiências reais sejam “rearranjadas” num contexto ampliado (MALCHER, 2009, p. 161).

O envolvimento com a história narrada na telenovela provoca a transposição da realidade para ficção veiculada. A expectativa, o desejo, a euforia em ver cenas das mais variadas possíveis na telenovela alimenta o volume de experiências imaginárias dos adolescentes, que fazem questão de ratificar essa situação:

A novela ajuda a gente a ter mais ideias sobre como fazer muitas coisas [...] antes eu não gostava de assistir novelas, só que cansei de ficar muitas vezes sozinha porque quando dava esse horário era todo mundo na frente da televisão [...] aí foi o jeito eu gostar também, e agora é difícil eu perder um capítulo (PSJ, 17-F).

Esse depoimento também pode ser analisado a partir do papel de elemento de (re)integração que a TV, a partir da telenovela, exerce na família. Embora esse fenômeno seja limitado, o “estar junto” é possível, o que não se vê em nenhum outro momento do dia, a não ser, como já dito, aos domingos. Ainda assim, a televisão acaba sendo a ponte para o estabelecimento do ambiente favorável ao diálogo entre as gerações.

No depoimento de MSJS (11-M), quando ele admite “estar preso” à programação, querendo saber o que vai acontecer no outro dia, ele demonstra o envolvimento com a trama. Esta é uma reação natural, já que um dos elementos básicos desse tipo de narrativa seriada é a assistência continuada aos capítulos a cada dia. Essa é uma das estratégias que garante a audiência das boas tramas narradas em capítulos (MALCHER, 2009).

Os depoimentos apresentados estão associados ao conceito de uso adotado neste trabalho, pois está nítida a leitura sobre o produto midiático em questão, embora não haja aprofundamento. Percebe-se que não se utiliza, em momento algum, o conteúdo de forma que ele seja aplicado à vida cotidiana do receptor. Por isso, não se pode considerar como apropriação.

A expectativa criada pela telenovela promove repercussão significativa no cotidiano do telespectador. As tramas da telenovela passam a fazer parte da pauta diária dos debates sobre a telenovela e ganham destaques na rotina. Como, por exemplo, um comentário feito em um momento de brincadeira.

Quem fizer menos pontos será o Pereirão, mas não é o Pereirão do futuro, é o do passado, aquele que anda com roupa de homem, feia e que não tem dinheiro [...] Falar nisso eu acho que o filho da Griselda não deveria voltar para namorar de novo com a Teodora e vocês? Acho que hoje à noite vai ter alguma coisa disso (AGMF, 11-F).

Considerando que a apropriação visa a elaboração de uma história social dos usos e das interpretações (CHARTIER, 2001), neste depoimento está nítido um exemplo de apropriação. Além de fazer uso do conteúdo veiculado, quando cita a personagem da novela, em sua fala a criança transfere tal conteúdo para sua vida cotidiana, dando um novo significado ao mesmo.

Já no comentário de LSS (27-F), a TV, a partir da telenovela, é ratificada como a famosa janela para o mundo, em que se conhecem locais, culturas e também formas de comportar-se diante de várias situações no cotidiano das pessoas. Nesse sentido, é preciso considerar que

As telenovelas, fundamentos de uma nova ordem, aparecem como elementos capazes de ocasionar desordens até então inconcebíveis: invadem lares; alteram cotidianos; desenham novas imagens [...]; **propõem comportamentos** e consolidam um padrão de narrativa considerado dissonante, tanto para os modelos clássicos e cultos, quanto para as tradições populares (BORELLI, S., 2001, p. 30, grifo nosso).

É possível considerar que o sucesso da telenovela deve-se, sobretudo, às representações de temáticas e de situações do cotidiano. Mesmo que o telespectador tenha discernimento de que o exibido não é real, há uma forte aproximação entre a vida dele com o que é vivenciado pelos personagens da novela. Os vínculos psicológicos e emocionais se fortalecem, rompendo as fronteiras entre aquilo que é real e o que é ficção.

A ficção televisiva participa do nosso cotidiano como espaço de lazer. Entre as formas de preenchimento desse espaço está a que se efetiva como ficção seriada. Esta tem, nas séries brasileiras de longa duração, a telenovela, sua expressão maior (MOTTER, 2003, p. 30).

Os sonhos e projetos passam a ser transportados para os personagens e as “vitórias” destes passam a ser os êxitos do “cidadão comum” que assiste à telenovela. Sorrisos, lágrimas, alegria, euforia, insatisfação são sentimentos que surgem naturalmente no decorrer da exibição da trama das telenovelas. É nesse sentido que se afirma que a programação da televisão é capaz de despertar diferentes emoções em um público diversificado.

Quanto menor o acesso a bens culturais e midiáticos, mais a telenovela se firma como referencial para a população brasileira. Ou seja, o envolvimento com a telenovela é mais explícito nos grupos de menor renda, justamente porque eles têm nesse produto midiático (e na TV) um elemento diferenciado, embora já naturalizado.

Quando questionados sobre que programa e/ou personagens de televisão foram mais marcantes, a maior incidência de respostas indicaram as telenovelas, como destacado nos trechos de depoimentos a seguir:

- A personagem de Regina Duarte como viúva Porcina⁸⁷. No momento não me lembro o nome da novela [sei que via no Vale a Pena ver de Novo]. Porém, em meu entendimento, um exemplo de pessoa decidida que luta por seus objetivos, determinada, que sabe o que quer, quando deve agir por seus objetivos (ASB, 28-F).
- Laços de família⁸⁸, quando a mãe engravida novamente para doar a medula do cordão umbilical do bebê para a filha com leucemia (HSS, 42-F).
- A Bel, da 5ª temporada de Chiquititas⁸⁹ é minha favorita. Gostava do jeito dela (PASS, 9-M).
- Eu queria ser a Patrícia da novela Fina Estampa, porque ela é bonita e famosa (AGMF, 11-F).

Martín-Barbero considera a telenovela como “uma das mediações históricas mais expressivas de matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo da cultura popular” (2004, p. 27). Essas matrizes conduzem a telenovela a um *status* de elemento mediador entre o homem e a TV. Mais que isso, ela é um elemento mediador entre o homem e outras mediações – religião, família, escola, etc.

⁸⁷ Essa personagem foi vivida por Regina Duarte na novela Roque Santeiro.

⁸⁸ Telenovela das 20 h, produzida e exibida pela Rede Globo no período de 5/6/2000 a 2/2/2001. Foi escrita por Manoel Carlos e direção geral de Ricardo Waddington.

⁸⁹ Telenovela de origem argentina, adaptada à versão brasileira pelo SBT. A quinta temporada foi exibida no período de 16/04/2000 a 17/01/2001.

Sabe-se que a televisão é algo ainda recente na comunidade. Por isso, somente com o passar do tempo haverá possibilidade de aprofundamento maior dos estudos de questões relativas ao papel desempenhado pelas diferentes mediações em relação à TV. Porém, o estudo realizado permitiu uma significativa compreensão desses processos.

Essa posição cautelosa em relação às análises envolvendo a recepção da telenovela, bem como de outros programas, se dá pela configuração atual da comunidade estudada. Na visão deste pesquisador, os moradores da comunidade vivem um processo de transição no que diz respeito ao relacionamento com a televisão. A configuração tradicional da família e as diferenças entre as gerações assistentes da televisão sinalizam para uma modificação na organização social, já que foi possível perceber uma abertura muito maior ao diálogo entre as pessoas na faixa dos 30 anos de idade.

Isso não significa que temas polêmicos sejam frontalmente encarados por pessoas dessa faixa etária. No caso da comunidade observada, quando temas como homossexualismo são expostos na telenovela, se as crianças e/ou adolescentes estão na presença dos adultos, geralmente não há comentário algum, assim como quando estão somente os adultos; porém quando estão somente os mais jovens⁹⁰, no mínimo sorrisos são facilmente percebidos, ou até mesmo comentários do tipo “Ele desempenha muito bem o papel de gay” ou então “Ah! Ele é um gay muito exagerado”. Ou seja, já se começa a conversar sobre esse tipo de assunto.

Comunga-se da ideia de que

É falso dizer que o telespectador é enganado pelo que vê: quando o é, é porque assim quer [...] Assistir não significa forçosamente aderir ao que se vê. Lê-se um jornal, ouve-se o rádio, assiste-se à televisão, mas não se pensa menos. Para dizer de uma outra maneira, **o êxito popular persistente das mídias de massas deveria ter provocado muito antes uma reflexão sobre a complexidade da recepção, a inteligência dos públicos e a impossibilidade de reduzir a televisão, assim com o rádio e a imprensa escrita, a uma manipulação das consciências** (WOLTON, 2007, p. 63, grifo nosso).

De acordo com Barros Júnior (2000), as telenovelas e minisséries aproximam-se do gosto popular por explorar algumas situações que estão diretamente

⁹⁰ O que é muito raro no momento das novelas. Durante toda a pesquisa realizada, somente em dois dias foi percebido a presença apenas de jovens em duas casas diferentes. O motivo, possivelmente, é que esses dias coincidiam com festejos da comunidade.

vinculadas ao cotidiano das pessoas. Exemplos são as temáticas regionais, sátiras, críticas sociais, Literatura Brasileira, memória recente e temas políticos.

Essas características aliam-se a gêneros como drama, comédia, terror e outros que compõem a narrativa de roteiros que aproximam cada vez mais a telenovela da realidade dos telespectadores.

[...] os gêneros tornam-se instâncias decisivas nas construções dos textos midiáticos e elementos fundamentais no processo de comunicação [...] No caso da ficção televisiva observa-se a atuação do receptor sobre a condução da narrativa, principalmente em se tratando de um gênero ficcional como a telenovela que é uma obra em aberto e recebe influências de inúmeros discursos, dentre eles as do público que, ao gostar mais ou menos de um determinado núcleo, imprime diferentes caminhos para a narrativa (MALCHER, 2009, p. 158).

Nessa perspectiva, é importante destacar os seguintes trechos dos comentários dos indivíduos observados, quando questionados acerca do motivo por que preferiam as novelas da Globo.

- As novelas do SBT são até legais, mas elas são malfeitas, porque elas não nos deixam envolvidas com as histórias; já as da Globo parece que têm mais a ver com nosso cotidiano (PSJ, 17-F).
- As pessoas que fazem as novelas da Globo são mais bonitas (RNSB, 10-M).
- Só acho as novelas da Globo melhor... o resto é eu gosto tudo do SBT e da Record... os atores da Globo são melhores porque eles ajudam mais as pessoas carentes (AGMF, 11-F).
- Na verdade, desde que tivemos TV sempre assistimos mais à Rede Globo... Hoje, parece que não tem graça assistir outro canal. Mas uma coisa muito boa que acho nas novelas da Globo é que elas envolvem pessoas de todas as idades.. Um exemplo, na novela Chiquititas do SBT, só crianças e adolescentes assistiam porque aquelas coisas que passavam não interessavam aos adultos (HSS, 42-F).
- A imagem é mais clara e melhor (SJS, 38-M).

As respostas provocam pelo menos duas considerações. Primeiro destaca-se a ingenuidade da avaliação das crianças, considerando questões como a beleza dos personagens e a suposta generosidade deles para com as pessoas carentes. O que permite compreender, neste último caso, que a resposta pode estar diretamente ligada à realidade – de pobreza e carência – vivenciada por muitas crianças que residem na Comunidade São Pedro.

Segundo, as análises dos adolescentes e adultos são extremamente pertinentes para compreender as motivações que os fazem valorizar as telenovelas da Rede Globo. “Estar envolvido na história” e “interessar a todas as idades” são

elementos puramente individualizados, é claro, mas são comentários daqueles que acompanham diariamente a programação.

O envolvimento é tão grande que alguns adultos chegaram a afirmar que não se interessam tanto em frequentar as aulas da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), que funcionam à noite, porque nesse horário eles têm um ótimo motivo para ficar em casa, que é a televisão, ou seja, além da desmotivação natural já existente em iniciar e/ou continuar os estudos, a TV é uma companhia que “– Não traz perturbação à cabeça” (HSS, 42-F).

É necessário considerar o fato de os moradores perceberem, em sua avaliação, que a telenovela da emissora de preferência está ligada ao cotidiano deles. Sobre esse último aspecto, é importante considerar que

Suas personagens vão se afastando do mundo maravilhoso da pura fantasia rumo a um mergulho progressivo e gradual no mundo social concreto. Vivem num cotidiano tenso, perpassado de problemas, angústias, impotências. São vítimas de ciladas, de disputas entre agentes interessados no controle de sua percepção, opinião, gostos, preferências, necessidades. De sua liberdade e de sua vida. Os ambientes, as classes sociais perdem sua clara demarcação. Os diferentes se entrecruzam, misturam-se. Tendências se confrontam e esses conflitos passam para o primeiro plano. A trama ficcional discute o real sem perder seu poder de sedução narrativa. (MOTTER, 2003, p. 43).

Dessas características emerge a condição de agendamento, ampliando a possibilidade de repercussão das temáticas, o que traz ao receptor uma sensação consoladora diante das tensões de sua própria vida, o que acaba sendo o diferencial para que a telenovela não perca seu valor e importância no cotidiano da população.

No que diz respeito à aproximação com o cotidiano, como expressa PSJ (17-F), é importante lembrar que

A telenovela, tal como é produzida e exibida hoje, todos os dias da semana, no horário nobre (18 às 22 horas) surgiu em 1963. Seu período de consolidação como gênero ficcional tipicamente brasileiro vai se dar na segunda metade dessa década, quando as grandes inovações trazidas por algumas telenovelas se consolidam e se deixa de lado uma matriz mais folhetinesca, para aproximá-la cada vez mais da realidade quotidiana brasileira. Esse abasileiramento se dá no nível da linguagem televisiva, como também das temáticas que buscavam retratar um Brasil o mais real possível. Vai ser, entretanto, nos anos 70 que ela passou a ser a mania nacional e se consolida como o mais importante gênero da programação política brasileira há mais de 30 anos. (FADUL, 1998, p. 2 apud BARROS JR, 2000, p. 23).

Esse “abrasileiramento” atua no imaginário das pessoas, quando algumas chegaram a afirmar que gostam mais da Globo porque todos os atores são brasileiros ou simplesmente porque são mais bonitos. Pode-se dizer que essa visão também está relacionada a uma identidade autoral que busca cada vez mais identificação com o público receptor.

Algo interessante também a considerar é a telenovela como iniciação para compreensão do mundo adulto, tanto para crianças quanto para adolescentes. Sabe-se que, de uma forma ou de outra, ela ajuda a mostrar as trapaças, a inveja, o ódio, enfim os sentimentos avaliados como negativos à moral, mas também consegue trazer um novo sentido de compreensão da realidade.

A fala de AGFR (15-F) indica tal questão:

Acho legal as novelas porque também elas mostram como é que muitas pessoas são de verdade [...] essas coisas ruim assim, né muita gente maldosa, invejosa, egoísta ao mesmo tempo que a gente sabe que isso é ilusão, também é uma coisa que muitos adultos são na vida real e é bom a gente pensar pra, quando ficar adulto, não ser assim igual eles.

Em suas narrativas, a telenovela revela “segredos” antes não conhecidos e abre portas para que crianças e adolescentes adentrem o mundo adulto. Além da questão de construção do caráter indicado no trecho do depoimento anterior, outras temáticas são facilmente percebidas, como o consumo, as crises familiares e sociais, os relacionamentos amorosos e outros.

Como já explicitado, as novelas da Rede Globo encontram-se no topo da preferência pelas telenovelas. Essa preferência chega a influenciar a percepção sobre outra programação como evidencia a fala de RNSB (10-M): “Não gosto de assistir dia de quarta-feira, porque a novela termina mais rápido e assistir jogo cansa logo a gente”. É possível inferir da resposta que a telenovela não cansa.

Deve-se considerar que

caracterizar as crianças como audiências significa assumi-las por sua vez como consumidores e como cidadãos, como sujeitos que dedicam muitas horas a ver programas de televisão, e como atores sociais que elaboram com eles representações de si mesmos e sobre outros (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 405-406).

Ao lançar pistas sobre a preferência das crianças pela programação adulta, Martín-Barbero considera que, mais do que uma preocupação moralista, a preocupação cultural deve ser levada em conta, não esquecendo que

Ao autorizar as crianças a assistirem às guerras, aos enterros, aos jogos de sedução, aos interlúdios sexuais e às intrigas criminais, a telinha as expõe aos temas e aos comportamentos que os adultos se esforçaram para ocultar-lhes durante séculos (MEYROWITZ apud MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 408).

Considerando as tramas da telenovela, não seria ela um tipo de produção que integra todos esses elementos? Ao mesmo tempo em que se revela uma produção para os adultos, ela estimula e é acessível às crianças. Com a telenovela, o público infantil percebe precocemente muitas coisas “não autorizadas”. Este fato é algo que deveria fazer parte dos debates e ser considerado pelos que discutem ou fazem TV. Não a partir de posições *apocalípticas* ou *integradas* (ECO, 2008) sobre a telenovela, mas considerando a complexidade que forma todo o processo, desde a produção à recepção desse e de outros conteúdos televisivos.

4.2 A TELENOVELA FOMENTADORA DE USOS E APROPRIAÇÕES

Não é exagero dizer que os modos de pensar no Brasil são, em muito, originados pela televisão e especialmente pelas telenovelas. Seja concordando, seja discordando, há um posicionamento sobre as mensagens midiáticas expostas pela televisão.

A telenovela tem renovado seus laços com a sociedade. Os sucessos de muitas delas em tempos recentes são a maior prova disso. Os fracassos de outras também, pois o maior ou menor tempo de duração depende do grau de aceitação e da audiência alcançada. Certa é a existência de uma produção subsequente de um mesmo gênero, ora para vislumbrar o novo e até mesmo o inalcançado da trama anterior, ora para renovar a relação com o público.

Seja qual for a tendência, a sucessão de telenovelas faz parte do cotidiano da TV, que seleciona públicos de acordo com o horário, oferecendo em cada um o que poderíamos chamar de estilo, de modo a abranger diferentes cotidianos (como o dos jovens, por exemplo) e imprimir um hábito capaz de se manter, apesar de mudanças previsíveis (como a de interesse do jovem que se torna adulto), com uma simples migração para outro horário (das 19 para as 20 horas, por exemplo). Seis meses de convivência com as personagens e seus dramas tecidos diariamente criam uma espécie de intimidade que tende a integrá-los à vida dos telespectadores que, ao final, sofrem uma perda que a novela seguinte vai tentar repor (MOTTER, 2003, p.33).

Ao se envolver na trama, o receptor, na maioria das vezes, deixa de perceber aquele conteúdo exibido como uma representação e passa a vivenciá-lo de acordo com sua vida concreta e adota-o como parte de seu cotidiano. Isso ocorre pelo fato de a telenovela atuar como elemento que vem suprir algumas (ou várias) necessidades do telespectador. No entanto, é necessário considerar que quanto mais limitadas sejam as matrizes que dinamizam a cultura de um grupo, maior é a força que a televisão (e a telenovela) exerce.

Em países desenvolvidos, em que outras formas de comunicação e cultura são tradicionais, como o teatro, a música, a dança etc., a televisão é vista mais comumente como expressão socializadora da informação. Já países como o Brasil, onde não há fortes tradições culturais desses tipos, a televisão vem ocupando todos esses espaços, criando um lugar diferenciado na vida social e tornando-se o meio mais popular para a atualização e obtenção de informações sob forma de entretenimento, cultura e lazer (MALCHER, 2009, p. 163).

A televisão apresenta características que a tornam um forte meio para a construção e/ou (re)elaboração do imaginário de um povo. Muitas vezes, ela ajuda a construir realidades, já que (re)produz os produtos da sociedade. Dada essa dimensão altamente potencializadora, ela incide diretamente sobre modos de pensar da população. Ela não determina formas de pensamentos, mas abre possibilidades para eles.

Com o intuito de melhor compreender a discussão feita até aqui, a estratégia na parte seguinte do trabalho é descrever – a partir das falas, da configuração da família e dos ambientes familiares – o contexto de assistência a alguns programas. O significativo número de pessoas assistentes de telenovelas levou à escolha da programação telenovela, sendo *Fina Estampa* a selecionada.

4.2.1 Cenário de observação: casa 1

Na casa moram quatro pessoas. Um casal (AJS, 39-M e LSS, 27-F), MBS de 63 anos, mãe de LSS, e PASS, filha do casal, de 9 anos de idade. O casal tem outro filho, de 13 anos, que mora na cidade de Breves com parentes. A renda da família é em torno de R\$ 600,00 mensais.

AJS frequentou a escola por apenas dois anos, quando era adolescente, e hoje, com bastante dificuldade, consegue assinar um documento. LSS cursou até a 4ª série do Ensino Fundamental e consegue ler alguns textos mais simples.

Geralmente AJS sai de casa por volta de 5h30 da manhã. Às vezes volta antes das 11 h. Em outros dias, retorna somente no período da tarde. Ele normalmente faz farinha, caça e pesca. Quando retorna a casa, costuma dormir um pouco e em seguida vai assistir a TV.

Certo dia, AJS perguntou sobre a disposição e coragem deste pesquisador em conhecer os caminhos que ele percorria durante um dia de atividades cotidianas. Para isso seria necessário obedecer a determinadas regras. Não levar qualquer objeto de valor, como câmera digital ou gravador, pois o caminho a ser percorrido era de difícil mobilidade. O convite proposto a este pesquisador tinha a intenção de apresentar as incursões realizadas por esse chefe de família em busca do sustento familiar.

AJS marcou o início da caminhada para 6h30. Iniciado o percurso, antes mesmo de chegar à metade do caminho, este pesquisador não foi mais adiante, dadas as condições de clima e dificuldade de acesso ao local visado.

No pouco tempo juntos AJS comentou que, se tivesse estudado –como o pesquisador –, ele não estaria vivendo esse tipo de vida, por isso espera que PASS, que está no 3º ano, estude bastante para ser, “pelo menos, professora”.

AJS questionou este pesquisador sobre o motivo de se estudar televisão. Na concepção dele, na televisão não haveria muito o que estudar, já que as pessoas assistem apenas uma vez ao que é veiculado. Para ele, a única exceção são os filmes “que repetem bastante”. A resposta deste pesquisador foi que a proposta era saber se eles falavam muito sobre os programas de TV e o que falavam. AJS fez a seguinte consideração: “– Ah! O que tu vai ver e ouvir muito é sobre novela. Isso todo mundo sabe de cor”. À pergunta– Até você? E ele respondeu: “– É, não vou mentir não. Eu gosto de novela sim. Acompanha o nosso descanso”.

Essa é uma concepção sobre a telenovela partilhada pela maior parte dos homens na comunidade. A telenovela para eles está geralmente associada ao horário do descanso. Contudo, é possível notar que existem mais significados que esse no processo de recepção masculina. É uma relação que vai além do escape. “– Que ajuda a entender a própria cabeça das mulheres”, diz AJS posteriormente.

Na casa observada não há rádio e, além da TV, existe um aparelho de DVD. Tanto o lazer quanto os momentos de informação da família são compartilhados diante da televisão. A mulher e a filha dificilmente perdem qualquer das novelas da Globo, considerando o programa “Vale a pena ver de novo”, a novela das seis, das sete e das nove. A mãe de LSS costuma ver as novelas das sete e das nove. O pai costuma assistir “Vale a pena ver de novo”, quando está em casa, e a novela das nove.

No momento em que a cena abaixo é descrita, o dono da casa não se encontrava, já que viajara a cidade. Estavam assistindo à telenovela, a dona da casa, sua irmã adotiva, que estava visitando a família, e PASS.

Cena: Luana é humilhada e apanha de cliente na praia (13/09/2011)

- Três pessoas assistindo (duas mulheres e uma criança)

1. LSS (27 - F); 2. JDTC (23 - F); 3. PASS (menina - 9 anos)

OBS: os comentários são observados no decorrer da cena

LSS: – Esses homens são muito covardes mesmo.

JDTC: – É muita sacanagem. Um retrovisor de carro fez tudo isso. Será que a mulher está valendo muito não?

LSS: – Hum. Se a mulher que já é direitinha ainda apanha e não é valorizada, imagina uma igual a essa daí.

PASS: – Mãe, mas um dia, ano passado ainda, a professora falou que muitas dessas mulheres fazem isso porque não têm emprego.

LSS: – Se a tua professora falou isso eu não sei por que, mas que não é certo uma pessoa viver igual à Luana não é não minha filha. Isso é gente que não tem respeito.

JDTC: – É, minha sobrinha, cuida de estudar pra tu conseguir um bom emprego e viver de forma boa, porque tu estás vendo o que acontece com as pessoas que não estudam.

O que chama atenção nesse momento são as seguintes situações. Primeiro, o fato de livremente surgir um diálogo sobre a violência contra a mulher. Em outras oportunidades na mesma casa este pesquisador presenciou durante a exibição de outra novela, em dias diferentes, cenas semelhantes. Em uma delas, além das mesmas três pessoas do diálogo, estavam o marido e o filho, contudo nenhum comentário foi esboçado. Em outra cena também semelhante, estavam presentes o marido e a esposa e nenhum comentário foi feito.

Nas situações observadas foi possível perceber que a presença masculina de alguma forma inibe a fluência de diálogos que tratem do tema violência contra a mulher.

No trecho do diálogo fomentado pela cena veiculada, identifica-se a participação de uma mediação externa à família, que é a escola. Mesmo em desacordo com a mãe e a tia, a ideia veiculada faz parte do repertório da criança pois é a visão apresentada pela professora. Ainda que a criança, ao citar a professora, veja os argumentos daquela serem repudiados pelos familiares e seja orientada a pensar de maneira semelhante à mãe e à tia, as marcas da mediação escolar se fazem presente.

Posteriormente, quando a criança afirma que o fato de a personagem da telenovela vender seu corpo pode estar relacionado à necessidade de emprego, as duas mulheres acabam por ignorar tal argumento, utilizando o exemplo da própria imagem do personagem como a de uma pessoa infeliz, sem sucesso e que faz algo muito errado.

Quando JDTC diz “– É, minha sobrinha, cuida de estudar pra tu conseguir um bom emprego e viver de forma boa, porque tu estás vendo o que acontece com as pessoas que não estudam”, há dois fatores que precisam ser mencionados.

Primeiro, há um consenso na comunidade de que a escola é a única instância que possibilitará melhores condições de vida para as pessoas. Essa é uma questão frequentemente presente no discurso de muitas crianças e adolescentes:

Não sei o que vou ser no futuro, só sei que não quero ficar aqui para o resto da minha vida. Sei que a única chance que tenho para isso é se eu estudar [...] Quero ser professor de Matemática. Um dia passou um filme na Globo, chamado o Líder da Classe, que mostrava a história de um menino com um problema no cérebro, mas ele não desistiu. Foi para a cidade grande e depois de muito lutar, conseguiu ser professor. Essas coisas fazem a gente acreditar que um dia é possível a gente chegar lá (MJGC, 17-M).

Segundo, aproveita-se a mesma cena para que haja um importante estímulo ao ato de estudar e para isso utiliza-se a mídia televisiva como espelho da realidade, o que é bastante comum na comunidade. A esse respeito, Wolton (2007, p. 69) afirma “a televisão é o principal espelho da sociedade: é essencial, para a coesão social, que os componentes sociais e culturais da sociedade possam se ver e se referenciar na principal mídia”. Portanto, não há dúvida que há um caráter socializador que se propaga a partir da TV. É um fluxo contínuo, em que a cada dia a necessidade de assistir televisão é justificada por vários fatores, desde os mais simples até os mais complexos.

4.2.2 Cenário de observação: casa 2

Nessa casa moram oito pessoas. Um casal (FRJ, 36-M e MJ, 31-F), os filhos do casal: RSJ, de 11 anos, LSJ, de 9 anos, e PSJ, de 17 anos. Moram também JV, de 23 anos, irmã de MJ; e SV, de 3 anos, filha de JV. Por último, a senhora MJJ, de 61 anos, mãe de FRJ.

O dono da casa estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental, enquanto sua esposa parou de estudar quando estava cursando a 5ª série. A renda mensal da família é em torno de R\$ 900,00. Na casa, há, além da TV, um aparelho de som, também utilizado como rádio, um aparelho de DVD e uma antena de celular rural. Contudo, durante o tempo que este pesquisador esteve na comunidade, apenas uma vez, depois de várias tentativas, foi possível falar e com bastante interferência no sinal, a partir dessa instalação.

O pai possui ainda, em caráter exclusivo, um pequeno aparelho de rádio que o acompanha, por onde ele for. Por sua vez, a mãe costuma ligar o rádio do aparelho de som apenas quando nenhum dos filhos está em casa, o que é raro acontecer, pois eles preferem a TV.

Aos 31 anos de idade e com três filhos, MJ considera que a mulher deve ter como prioridade o cuidado com a casa e com os filhos. No caso dela, ainda há uma atenção especial a ser dada à sogra. Apesar de jovem, MJ aparenta ter bem mais idade do que seus 31 anos. Ela diz que não liga para a beleza. Isso seria “– uma preocupação de gente rica e que não que tem o que fazer, porque as pessoas que são ocupadas de verdade não têm muito tempo para ir a salão de beleza”.

No discurso de MJ, é preponderante a dimensão religiosa, principalmente quando ela diz “– ao casar na presença do padre, as mulheres passam a ter a responsabilidade dobrada, de cuidar da casa, do marido, e dos filhos. É uma grande missão”.

MJ considera que, gradativamente, a forma de vida na comunidade tem mudado, afirmando que apenas em poucos casos se percebe, de fato, o sentido de comunidade como era antes porque a influência da cidade é cada vez mais notada no espaço em que eles moram.

Ela diz ainda que, antes da televisão, o tempo passava bem mais devagar e que as pessoas costumavam conversar bastante à noite. Por sua vez, FRJ diz “– antes era muita gente reunida e muita conversa; hoje quando tem muita gente tem

pouca conversa e quanto tem muita conversa tem pouca gente”, constatando, assim, que muitas dessas mudanças estão relacionadas à TV, mas nem por isso as pessoas deixaram ou deixarão de assisti-la, pois “– quando se assiste televisão sempre tem alguma coisa para conversar”.

Antes da chegada da televisão à comunidade, é possível considerar que os diálogos aconteciam bastante em torno do conhecido, da presença do sujeito no local do fato para ele poder confirmar a verdade e as conversas limitavam-se a narrativas de fatos vividos ou presenciados pelos integrantes da comunidade, ou, ainda, em torno dos bons contadores de histórias ou dos conhecidos “causos”. Com a televisão, novas perspectivas de diálogo e novas “realidades” são acionadas, modificando e ampliando o repertório de discussões que, além de contarem com o arcabouço das vivências práticas, hoje contam com as referências exibidas pela televisão, em especial pela telenovela.

Cena: Griselda ganha na loteria / Novela Fina Estampa (07/10/11)

- Sete pessoas assistindo

1. JV (23 - F); 2. PSJ, (17 - F); 3. VSV (18-F); 4. TJR (28-M); 5. LOR (14-M); 6. LSJ (9 - M) e 7. RSJ (11 - F)

OBS: Os comentários sobre a exibição ocorrem no intervalo das cenas

JV: – Eu não gosto nem de pensar em tanto dinheiro assim.

LOR: – Rapaz, a primeira coisa que ia fazer era comprar um telão daqueles de 42” tela plana.

VSV: – Eu ia pagar era pra gente ter o sinal das TVs daqui de Breves... A gente tem que pensar meu irmão.

LOR: – Mas então, iria ser melhor ver as pessoas daqui em uma televisão maior,

TJR: – Eu ia era comprar uma casa na cidade

LOR: – Eu ia era sair do Pará... Ia pra Vinhedo.

JV: – Eu acho que eu ia fazer uma mansão pra mim aqui mesmo.

VSV: – Então ia ter que fazer pra todo mundo né.

Risos em geral

É interessante notar o primeiro comentário de LOR, que faz referência a um televisor de 42 polegadas, o que revela o consumo como elemento do imaginário. Observa-se que o rapaz é o mesmo citado no terceiro capítulo deste trabalho, quando disse que somente comprava Coca-Cola porque gostava e não porque era anunciada na TV.

O desejo de ter uma TV de 42 polegadas remete ao que diz Tajra (2007) sobre o imperativo tecnológico. Ao afirmar que o homem vive do imperativo tecnológico, a estudiosa apresenta a concepção de que a sociedade se submete humildemente a cada nova exigência da tecnologia e não questiona a utilidade do produto surgido. Por exemplo, por que uma TV com tantos recursos? Por que um aparelho de DVD com tantas funções? Por que um aparato tecnológico com inúmeras serventias, se na maioria das vezes apenas são utilizados os recursos básicos?

É interessante observar a questão levantada por VSV. Sua fala representa, em muito, um desejo da população da comunidade. Ou seja, o desejo de assistir às TVs locais, as retransmissoras do município de Breves.

Esse desejo é corroborado pela fala do líder político da comunidade, obtida em outro momento da pesquisa, na qual afirma: “– ainda não tivemos a bênção de ser agraciados com a programação da TV local, mas espero que um dia isso possa acontecer e, de preferência, quero estar vivo para isso” (AJ, 63-M).

É o desejo de se ver, de estar mais próximo das pessoas com as quais se identifica. É a necessidade de se encontrar em um lócus que parece não ser seu. Entre os moradores da comunidade há um consenso sobre a necessidade de acompanhar a programação das retransmissoras do município de Breves. No entanto, como explicitado anteriormente, a programação das TVs locais não é exibida na comunidade em função de que o transmissor não tem alcance suficiente para que o sinal seja captado na comunidade, o que impossibilita completamente o acesso a esse tipo de conteúdo.

A fala seguinte, de TJR, quando diz que compraria uma casa na cidade, também foi algo bastante recorrente nas conversas com os moradores. Mas a ideia não é necessariamente morar na cidade e sim ter apenas um local, na zona urbana, para passarem alguns dias, como eles sempre fazem.

A principal justificativa é a de que é muito difícil para eles concretizarem seus compromissos na cidade sem um ponto de referência. Contudo, o desejo não é de se mudar da comunidade. Sobre essa questão, é pertinente lembrar que durante algum tempo, e principalmente no início da década de 2000, muitos moradores chegaram a optar pela saída de São Pedro. Esse êxodo foi associado pela comunidade ao fato de elas se iludirem com as imagens veiculadas pela televisão, principalmente sobre a cidade. Isso, segundo os moradores, não mais acontece, já

que existe certa compreensão de que há muitas coisas na TV que são apenas para “ilustrar”.

A fala de LOR no diálogo despertou bastante interesse neste pesquisador, quando ele afirma que iria para Vinhedo. No dia anterior aos comentários aqui discutidos, em uma das reportagens do Jornal Nacional sobre desigualdade social, a cidade comentada era justamente Vinhedo. O rapaz estava assistindo ao noticiário na casa em que a observação estava sendo realizada.

Sobre essa questão, é importante destacar que durante todo o dia, na comunidade, muitos comentários foram efetuados tendo Vinhedo como tema. As pessoas comentavam sobre os salários e condições de vida dos habitantes daquela cidade e transferiam a realidade de Vinhedo para o local de origem, analisando como todos viveriam bem mais tranquilos financeiramente⁹¹.

Quando uma das pessoas fala do desejo de fazer uma mansão na própria localidade expressa o sonho da maioria dos moradores, ou seja, não sair da comunidade, construir melhores condições de vida justamente ali, onde cresceram.

Por fim, o sentido de comunidade presente nas falas dos moradores é perceptível. Quando VSV fala da “necessidade” de construir mansão para todos, não diz algo absurdo, mas remete a uma crítica ao pensamento individualizado, já que eles vivem em comunidade. A própria constituição das casas deve, ou deveria, obedecer a esse princípio.

A partir do diálogo analisado, é fundamental perceber que há forte impedimento na concretização de ideias em razão da falta de condições financeiras. Este fator transcende de certa forma a vivência cotidiana dos moradores, alcançando facilmente sua subjetividade. Os lugares ocupados pelos moradores e seus diálogos retratam de maneira bastante clara que há uma ligação com a classe social ocupada, ou seja, desejos controlados pela limitação financeira. Contudo, o certo é que existiriam outros desejos não fosse essa limitação.

Considerando que o Brasil é o terceiro país com o maior índice de desigualdade do mundo⁹², não levar em consideração a questão do pertencimento a

⁹¹ Vale considerar que as observações realizadas fizeram crer que a maioria dos moradores da comunidade vive em condições muito melhores que boa parte dos moradores da zona rural em outras localidades do município.

⁹² Pesquisa divulgada em 2010 pelo Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento (PNUD). Informe regional sobre desenvolvimento humano para América Latina e Caribe-2010. Resumo Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/pnud-brasil-tem-3-pior-desigualdade-do-mundo-2975390>>. Acesso em 13 set. 2011.

classes econômicas distintas quando se analisa a recepção midiática é ignorar ou não compreender que a produção midiática está intrinsecamente relacionada à existência do capitalismo, interferindo nas formas como a desigualdade é (re)produzida e na própria subjetividade das pessoas, quando se trata, por exemplo, do consumo imaginário.

Martín-Barbero considera a classe como uma dimensão significativa, no intuito de compreender o desenho midiático no cotidiano das pessoas. Para ele,

a diferença de classe, ainda que mediada pela multiplicidade de distinções introduzidas pela etnia, gênero e idade, entre outras, não é uma *diferença a mais*, mas sim aquela que articula as demais a partir de seu interior e se expressa por meio do *habitus*, capaz de entrelaçar os modos de possuir, de estar junto e os estilos de vida (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.14).

Como já comentado, na comunidade, o acesso aos bens culturais é bastante restrito. A TV se torna então o principal meio de informação e entretenimento. Das cinco crianças, por exemplo, até o início das atividades na sala de informática da escola, nenhuma havia sequer tocado em um computador. Dos cinco adolescentes, dois já tinham tido contato com computador de parentes que moram na cidade e os demais tiveram o primeiro contato com esse equipamento na escola. Os cinco adultos não tiveram tal contato, embora um relatasse que já “mexeu” em um computador.

VSV é filha de uma senhora que é coordenadora a Associação dos Moradores Rurais da área. Nota-se que sua opinião tem forte relação com o pensamento de sua mãe, ao considerar as questões mais necessárias aos moradores da comunidade.

Considerando que a discussão girou em torno da cena em que a personagem Griselda ganha na mega-sena, vale lembrar que muitos moradores, especialmente os adolescentes, comentavam, ora ou outra, sobre a necessidade de os pais apostarem no referido jogo, com a esperança de em algum momento serem contemplados.

Outra questão notada nos dias seguintes da transmissão dessa cena foram as aprovações orais feitas pelos receptores ao posicionamento de Griselda e sua decisão sobre como investir o dinheiro. Houve comentários do tipo “– Está vendo? É assim que se deve gastar um dinheiro desse”; “– Tem que pensar no futuro e no

bem das pessoas”; “– Eu também não ia parar de trabalhar, nem gastar logo o dinheiro”.

4.2.3 Cenário de observação: casa 3

Nessa casa moram quatro pessoas. Um casal (SJS, 38-M e MJ, 36-F), a filha AJS, de 16 anos, e o menino RAJS, de 11 anos. A renda mensal da família é em torno de R\$ 600,00. Em relação aos meios de comunicação massiva, há duas TVs e um aparelho de rádio na casa.

SJS estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental, enquanto sua esposa não frequentou escola até o ano de 2010. Atualmente ela é aluna do curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA) que funciona na comunidade, e está na 1ª Etapa. Contudo, ela fala sobre a dificuldade de estudar à noite porque a aula é muito curta, algumas vezes é de apenas 1 hora. Por outro lado, ela entende e não vê como algo tão ruim assim, porque ela tem tempo para assistir a telenovela.

Em determinado dia, MJ relatou que tinha uma grande mágoa sua mãe, porque elas teriam tido oportunidade de morar na cidade, mas a mãe rejeitou, dizendo que “o destino delas era naquele lugar”. Ela afirma que sua mãe a aconselhou a ser uma excelente dona de casa, que teria um bom marido.

A tristeza de MJ fica ainda mais evidente quando ela menciona que, na mesma época, a família de sua tia teve a mesma oportunidade. Neste caso, a família foi para a cidade. MJ: “– Hoje tenho uma prima que é vice-diretora de escola e os irmãos dela são todos bem empregados na cidade. Tem até professor universitário na família dela”.

É importante destacar que em uma oportunidade de diálogo com SJS, ele questionou o porquê de este pesquisador querer saber tantas coisas sobre a vida deles, surgindo a desconfiança de que, em algum momento, este pesquisador poderia usar os dados de alguém da família de maneira ilegal. Foi assegurado ao pesquisado que em hipótese alguma isso ocorreria, sendo esclarecidos, mais uma vez, os objetivos da investigação.

Durante toda a pesquisa, os momentos iniciais na casa de MS foram os mais difíceis, pois quando ele estava em casa parecia não se sentir à vontade sempre que este pesquisador estava presente. Porém, sua esposa, MJ, transmitia tranquilidade para o desenvolvimento da pesquisa. Após vários dias de visita, em

horários alternados, foi possível alcançar o que parecia difícil de acontecer: a participação de SJS em um diálogo com a esposa, quase que desconsiderando a presença do pesquisador.

Cena: O discurso de Wallace sobre o interesse financeiro de Teodora (19/11/11)

Cinco pessoas assistindo; Dois adultos, duas adolescentes e uma criança.

Obs: O discurso foi aplaudido pelos moradores da casa.

1. SJS⁹³ (38 anos - M); 2. MJ (36 anos - F); 3. AJS (16-F); 4. RAJS (11 anos - M) e
5. PRS (17 anos - F)

OBS: Os comentários acontecem no decorrer da cena

SJS: – Essa mulher não merece amor mesmo.

MJ: – O pior que não tá difícil encontrar mulher igual a ela e...

SJS: – Espera, espera, tá legal, vão dar porrada nela.

MJ: – Ah! Não vai salvar ela [Teodora iria ser linchada e Wallace foi “salvá-la”]

SJS: – Bate, bate, nessa desgr...

Na sequência da cena...

René: – Vou terminar de ver no meu *notebook* lá no meu quarto

E a conversa, rapidamente, muda de foco.

SJS: – Com *notebook* parece que dá pra ver novela na hora que quiser.

MJ: – Mas é só depois que o capítulo é passado na TV.

SJS: – Então como tem gente que sabe antes o que vai acontecer?

MJ – Ah! Eu não sei, mas não tem graça assistir na televisão depois que já tiver passado em outro lugar.

Nesse momento o pesquisador foi interrogado⁹⁴

Nesse diálogo, em sua primeira parte, é interessante destacar como as avaliações são feitas, de acordo com aquilo que os receptores acreditam ser a forma correta de tratar dos fatos e com as pessoas, fazendo até mesmo julgamentos – dos mais sinceros já presenciados por este pesquisador – sobre os personagens.

É comum que haja uma identificação com algum dos personagens e se passe a “detestar” outros, pois, a “defesa” ou “acusação” de qualquer um deles depende também das experiências vivenciadas pelos receptores, que têm elementos bastante particulares para a constituição de suas concepções em relação ao produto exibido.

⁹³ Apesar de ter observado especificamente uma pessoa do sexo masculino entre os adultos, pelo fato de não encontrá-los com tanta frequência em casa (como as mulheres), não é difícil encontrá-los diante da TV no horário da telenovela. Em termos históricos, no que se refere à telenovela, de acordo com Malcher (2009, p. 126), “*Irmãos Coragem* foi o grande álibi utilizado pelo público masculino para explicitação do gosto por essas produções. Os homens assumem, sem os rodeios costumeiros, um hábito até então ‘apropriado’ ao universo feminino”.

⁹⁴ O questionamento lançado foi sobre a possibilidade de assistir ao conteúdo da telenovela a partir da Internet.

O telespectador registrará de algum modo as histórias a que assiste diariamente no horário nobre com graus variáveis de nitidez **em razão da intensidade de seu envolvimento com as questões tratadas**, que podem dizer respeito à situação, ao ator, à personagem, enfim, à imensa variedade de fatores estruturais ou conjunturais imbricados na telenovela, **aí incluídos os seus, de caráter subjetivo, entre os quais suas próprias lembranças do passado**. Por exemplo, as músicas que marcaram a vida das personagens também reavivam as marcas pessoais do telespectador (MOTTER, 2001, p. 77, grifo nosso).

Logo no início do diálogo apresentado, surgiu troca de opiniões sobre a figura feminina, confirmando ser algo bastante novo – ou que, no mínimo, incomoda – os papéis de protagonistas representados por mulheres nas tramas televisivas. Essas representações destoam do papel tradicional atribuído à mulher na comunidade. Além disso, há uma confusão em relação ao discernimento entre pessoa – vida real – e personagem – telenovela –, o que fica evidente no depoimento de MJ⁹⁵, no dia seguinte à assistência da cena em discussão.

Lembra do cabeção, da Malhação⁹⁶? Em 2004 quando ele veio em Breves, em um carnaval, deu vontade de subir no palco e dá uns tapas nele, porque achava ele muito pateta para os outros que encenavam com ele. Ô carinha burro meu! Sempre sobrava para ele [...] Na verdade, antes eu assistia muito Malhação, porque acompanhava a minha filha. Depois que ela foi morar para Belém, parei de assistir e agora só assisto às novelas da noite.

Considerando a mesma perspectiva, é importante verificar o diálogo a seguir entre uma criança e um adolescente (A tem 13 anos e B tem 11).

A: – Assiste domingo no Domingão do Faustão. A Tereza⁹⁷ vai falar.
 B: – Eu não, eu não gosto dela, ela é muito invejosa e malvada.
 A: – Mas não é ela. É o papel que ela faz na novela
 B: – Mas mesmo assim eu não gosto.

Nesse sentido, os imaginários individual e coletivo são redimensionados, (re)configurados a partir do envolvimento do receptor com aquele produto midiático.

⁹⁵ Resguardadas as devidas especificidades, o depoimento apresentado faz recapitular uma leitura sobre a atriz Geórgia Gomide (1937-2011), que representou “Teresa”, a primeira personagem feminina principal como uma vilã na telenovela de mesmo nome, lançada em 11 de janeiro de 1965. De acordo com o site <<http://www.telehistoria.com.br>>, as donas de casa passaram a “odiar” a tal Teresa e uma delas, um dia, em plena Praça do Patriarca, no centro de São Paulo, não teve dúvidas em partir para cima da atriz Geórgia Gomide, que dava uma entrevista para uma rádio paulistana naquele momento. O resultado foi que a atriz levou uns tabefes, teve o rosto machucado e ainda ouviu poucas e boas da telespectadora, revoltada com o fato de ela, na novela, ter abandonado e rejeitado a família e o amigo de infância só por causa de dinheiro e poder. Disponível em <<http://www.telehistoria.com.br/noticias/imprimir.asp?id=13967>>. Acesso em 13 ago. 2011.

⁹⁶ Telenovela produzida e exibida pela Rede Globo está no ar desde 24/04/1995. Na Malhação “Cabeção” era Artur Malta, personagem de Sérgio Hondjakoff.

⁹⁷ A referência é a atriz Christiane Torloni.

Para Augé (1998, p.6), o acervo audiovisual produz “um novo regime de ficção, e esse regime se instaura afetando nossa vida social a ponto de nos fazer duvidar da realidade [...]”.

É mister considerar que a telenovela, além de válvula de escape, atua como elemento reforçador do sentimentalismo existente nas pessoas, já que permite uma grande troca de emoções, sentimentos, alegrias e tristezas. Mais que isso, talvez ela promova a reflexão sobre o pertencimento ou o sentido da justiça, de forma que as ações prejudiciais de alguns personagens a outros são vistas como incorretas e surge o desejo real de “corrigir” as coisas.

Independentemente do tempo, do marco histórico em que a telenovela foi produzida, é necessário que a atuação dos personagens e a intencionalidade do autor não sejam ignoradas, pois há uma concepção idealizada por trás de cada novo capítulo.

Retomando as reflexões sobre o diálogo estabelecido na casa 3, em sua segunda parte, chamam atenção os comentários sobre a questão tecnológica e a dúvida sobre a disponibilização do conteúdo da telenovela na Internet.

O *notebook* não parecia ser um elemento estranho ou novo àqueles moradores. É interessante destacar que os comentários de SJS faziam referência às possibilidades de se ter informação sobre o conteúdo da telenovela pelo *notebook*, sem refletir sobre as questões que envolvem o uso da tecnologia, como, por exemplo, a necessidade de haver tecnologia de acesso à Internet. Essa informação eles não tinham e, portanto, não consideraram no diálogo.

Por outro lado, é relevante perceber o fato de MJ, mesmo sem ter certeza ou ter conhecimento sobre a questão, considerar um aspecto extremamente pertinente em relação ao discutido, quando diz “[...] – não tem graça assistir na televisão depois que já tiver passado em outro lugar”. O que mostra que sua compreensão se aproxima bastante daquilo que, de fato, acontece.

No final do primeiro diálogo estabelecido, o questionamento a este pesquisador reforçou definitivamente a decisão tomada após a primeira etapa da pesquisa de campo, a de que seria necessário enveredar pelos caminhos da pesquisa participante.

4.2.4 Cenário de observação: casa 4

Nesta casa moram cinco pessoas. Um casal (ARR, 36-M e SSS, 33-F), o filho LGSR, de 11 anos. VSS (irmã de SSS), de 22 anos e o filho dela, DS, de 4 anos, moram na casa desde o final do ano de 2008.

Ressalte-se que essa casa, mesmo considerando que a arquitetura segue o padrão das outras da comunidade, é a única que apresenta o piso em estrutura de alvenaria, bem como é a única que tem banheiro no espaço interno da casa.

ARR parou de estudar quando estava na 4ª série do Ensino Fundamental. Sua esposa cursou até a 2ª série. SSS diz ser muito feliz em morar na comunidade. Sua única preocupação é com LGSR, que está terminando o primeiro nível do Ensino Fundamental, pois deseja levar o filho para estudar na cidade porque acha o ensino na comunidade muito fraco.

ARR relatou que, para fazer a reforma na casa, conseguiu um empréstimo por meio de uma cooperativa de moradores que trabalha com artesanato e com madeira. Hoje, com seus trabalhos extras – também trabalha como pintor na cidade –, consegue ter uma renda em torno de R\$ 850,00, suficiente para sustentar a família. Além disso, VSS também contribui para a renda da família, por receber uma pensão, já que seu marido faleceu a serviço da empresa em que trabalhava.

A residência conta com máquina de lavar, rádio, geladeira, fogão e dois televisores. Por isso, tem duas antenas parabólicas. O motivo é que muitas vezes DS quer assistir a um canal e LGSR quer sintonizar em outro. Então, VSS resolveu comprar outra antena parabólica.

Cena: diálogo entre Marcela e Esther

Oito pessoas na sala (Quatro adultos e quatro crianças)

1. ARR (36 - M); 2. SSS (33 - F); 3. VSS (22 - F); 4. LGSR (11 - M); 5. DS⁹⁸ (4 - M); 6. e MAPR (10 anos - F) e MSPR (13 - F). Estas últimas são sobrinhas de ARR e moram em outro local, mas foram passar uns dias na casa do tio.

OBS: Comentários no intervalo de cenas

⁹⁸ DS dormiu antes de 20 minutos da telenovela ter iniciado

ARR: – Olha, tem mulher que é muito covarde e safada mesmo. Destruiu o casamento da outra e ainda quer continuar perturbando eles.

SSS: – O pior que hoje não dá para saber quem é mais errado, se o homem ou a mulher.

VSS: – É, as coisas estão avançadas mesmo. Só não sei se é pra melhor.

SSS: – Na cidade as mulheres estão cada vez mais soltas e por isso acabam fazendo besteiras como essa.

ARR: – Agora com essa tal lei da Maria da Penha, as mulheres estão mais soltas e ficam mais péssimas.

Neste diálogo é interessante notar o fato de a avaliação sobre a figura feminina ser realizada tanto por homens quanto por mulheres de maneira bastante aberta, o que foi difícil de perceber durante toda a pesquisa.

É possível perceber a avaliação realizada, na qual se julgam inaceitáveis comportamentos femininos que saem do “padrão de normalidade” concebido histórica e culturalmente pela comunidade. A imagem da mulher é concebida como dona do lar, sensível e que deve se ocupar somente com coisas de dentro de casa, perfil muito forte na comunidade.

Chama atenção também o perfil imaginado da mulher urbana a partir de seu comportamento na cidade. São mulheres consideradas demasiadamente diferentes do padrão almejado, distante do padrão idealizado na comunidade.

Outra questão é a avaliação que um dos homens faz sobre a Lei Maria da Penha, considerando, inclusive, que essa lei é responsável por um possível comportamento inadequado da mulher, pois a culpa estaria na liberdade que as mulheres passaram a ter e da qual não sabem usufruir, chegando também a se corromper.

A partir do diálogo estabelecido, é nítido como o discurso da telenovela atua como elemento de ligação entre o homem e seu imaginário. Por que as mulheres da cidade teriam mais liberdade? Há um desejo – que não pode ser revelado – da parte das mulheres da zona rural de terem tal liberdade?

Destaque-se que o trabalho doméstico, o cuidado com as crianças, o cuidado com o marido, o não exercício de uma profissão, embora muitas delas trabalhem tanto em casa quanto na venda de algum produto quando se deslocam à cidade, retratam a realidade da maior parte das mulheres da comunidade e legitimam o atributo da feminilidade como uma dominação eufemizada por parte dos homens. Essas relações de gênero, como “construções sociais de formas de dominação e subordinação, resultam, historicamente, em experiências diferenciadas para homem e para mulher” (BRITTO DA MOTTA, 2006, p. 209).

Em um trabalho anterior realizado por este pesquisador, em que foram comparados depoimentos feitos por crianças da comunidade, sobre desenhos animados⁹⁹, as questões relacionadas a gênero foram fortemente percebidas.

Nos depoimentos tanto das crianças da zona rural quanto das crianças da zona urbana, fica claro que suas preferências televisivas a respeito do desenho animado têm a ver com a ideia de gênero transmitida pelas pessoas de mais idade, ou seja, é comum que os meninos gostem de desenhos com perfis masculinos e as meninas exatamente o contrário, porém na zona rural essa distinção entre os gêneros é ainda mais nítida.

Uma explicação possível seria justamente a de que na zona rural a ideia tradicional de gênero permanece fortemente arraigada à noção de sexo biológico. Com isso, a herança cultural de interpretação – que ainda conta de maneira sobrelevante – está atrelada ao fato de o homem ter que trabalhar, ser durão, resistente, e a mulher, por outro lado, cuidar das coisas de casa e ser mais sensível.

Ainda assim, é pertinente lembrar que as discussões trazidas pela própria televisão contribuem para que o gênero seja compreendido como um aspecto da identidade, construído social e culturalmente por meio de interações e práticas sociais (SEVERO, 2006). No entanto, a mensagem televisiva não é absorvida sem antes ser processada e ressignificada pelos receptores. Por isso, a concepção veiculada pela telenovela não é soberana.

A relação entre o tradicional conceito de gênero e o retratado pela telenovela convive no imaginário dos moradores. Contudo, ao que parece, o tradicional dá o tom na organização social.

Destaque-se que o cuidado com a casa e a domesticidade foram ensinamentos repassados intensamente à maior parte das mulheres que hoje são mães na comunidade. Elas, por sua vez, não pretendem reproduzir isso para suas filhas, pois a concepção é a de que não é uma situação tão agradável. Nesse sentido, a mulher é vulnerável, pois há uma condição de gênero imposta e perpetuada. Além disso, a condição social em que muitas vivem colabora para a legitimação do sentimento de submissão ao homem. Contudo, foi possível observar que o momento da telenovela auxilia, já que promove uma ambiência na qual elas,

⁹⁹ O que resultou na publicação do artigo: *Televisão e Infância: um breve estudo de recepção entre crianças do meio urbano e rural em Breves-Marajó-Pará*. Anais do Intercom-Recife, 2011.

mulheres, se sentem importantes. Elas podem, por exemplo, opinar e desabafar –ou pelo menos tentar – sobre o que bem entenderem.

O único aspecto positivo percebido nas falas das mulheres da comunidade sobre a questão de gênero é que há um consenso de que, para o homem, a chegada da velhice é mais difícil do que para a mulher porque a maioria delas atua em um ambiente doméstico e, ao envelhecerem, seu cotidiano não possui elementos tão diferenciados. No caso do homem, o processo é completamente diferente: ele “sai” de seu papel para acompanhar uma rotina doméstica antes desconhecida, domínio exclusivo das mulheres.

Outra questão pertinente a se explorar a partir do diálogo explicitado é a seguinte observação: “– É, as coisas estão avançadas mesmo. Só não sei se é pra melhor” (VSS). Reconhece-se um avanço em potencial, desde questões mais simples, como a do espaço geográfico, a outras, como a tecnológica.

Concomitantemente, revela-se a insegurança sobre se tantas mudanças assim, de fato, foram para melhor. No lócus pesquisado, ainda há aqueles que dariam muito para ter de volta a vida que tinham antes e há os que dizem que seria melhor nem ter conhecido tanto avanço assim.

Mas é nessa diversidade de opiniões que se sedimentam os vínculos dos moradores com os programas televisivos, em especial com as telenovelas, pois boa parte das transformações que se observam na comunidade, quando não vivenciadas por eles, são detalhadas pela tela da TV, por meio dessa programação específica.

A título de exemplo, algumas questões que demonstram essa realidade são comentários do tipo:

- “cada vez mais as atrizes usam de muita maquiagem”.
- “as roupas das atrizes estão cada vez mais mudadas, e mais bonitas”.
- “antes, ainda tinha muitas cenas que representavam as casas das pessoas, agora se fala mais dos apartamentos”.
- “cada novela mostra um lugar mais bonito que o outro”.
- “em toda novela sempre tem os ricos e os pobres, só muda a forma de vida que eles levam na novela”.
- “agora em toda novela da Globo tem que ter um gay”.
- “é bom assistir novela porque a gente vai vendo como as coisas mudam e também surgem [...] eu não sabia que tinha essa profissão de neurocientista”.

Os comentários, obtidos em diferentes momentos, carregam consigo comparações a outras telenovelas que foram acompanhadas há alguns anos atrás.

Mesmo sem aprofundamento no diálogo, está claro que a telenovela é parâmetro inclusive para contrariar algo já estabelecido pelo próprio gênero aqui discutido.

4.2.5 Cenário de observação: casa 5

Nesta casa moram seis pessoas. Um casal (OLM, 36-M e GGS, 34-F), AGM, de 17 anos, ALGM, de 13 anos, RIGM de 11 anos e MFLM, de 67 anos, mãe de OLM. A renda da família varia em torno de R\$ 800,00. Há na casa uma televisão e um aparelho de rádio.

OLM não chegou a frequentar escola. Ele afirmou que “– Naqueles tempos, tinha que ajudar mesmo a fazer roça, porque senão não comia”. GGS estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental e hoje frequenta as aulas da EJA, no período da noite, na escola da comunidade.

Em uma oportunidade de conversa na cozinha da casa, enquanto GGS preparava o almoço, ela disse que às vezes tinha vontade de trabalhar fora de casa, mas o destino dela não era esse. Contou também que chegou a frequentar outra igreja, em um momento de desespero, quando seu pai faleceu e seu filho ALGM estava bastante adoentado. Hoje ela pede perdão a Deus porque foi fraca e quase abandonou a verdadeira igreja, a católica, na opinião dela.

Cena: Sobre os candidatos a trabalharem na loja do filho de Griselda (23/11/2011)

Seis pessoas na sala

1. DFTES (28 - F); 2. GGS (34 - F); 3. OLM (36 - M); 4. RIGM (11 anos - F); 5. AGM (17 - M); 6. MAES (11 - F)

A personagem Vilma fala: Se você quiser resultado imediato agora é só anunciar na Internet.

OBS: Comentários observados no intervalo de cenas

DFTES: – Agora em tudo quanto é lugar só se fala em Internet. É tudo moderno.

GGS: – Um dia a gente vai ter aqui também.

OLM: – Ei pessoal, agora com a sala de informática aqui na escola, eu acho que não demora pra gente ter Internet.

GGS: – Mas é pra aluno e não pra gente.

OLM: – É só a gente que tem fazer coisa certa, todo dia a gente vê a quantidade de coisa errada que passa no Jornal Nacional e ninguém não tá nem ligando.

RIGM: – Hoje o professor falou que a nova moda da Internet é a rede social. Lá a gente tem amigo até do outro lado do mundo.

DFTES: – É essas coisas muito moderna que me dá medo.

Ainda no momento do intervalo

SJS: – Ei D..., vamos na casa do Roberto amanhã levar farinha, ele encomendou dois sacos.

DFTES: – Tá bom, mas a gente chega antes da noite? Tem jornal e novela, tu sabes, né?

SJS: – Chega sim.

As reflexões sobre esse diálogo são várias. Primeiro, os comentários sobre Internet, considerando que nos locais frequentados por eles, muito se fala dessa tecnologia. Há também refletido o desejo e a esperança de que um dia os moradores da comunidade também possam desfrutar da Internet.

A mídia, em suas variadas faces, representa, em muito, a configuração do moderno, do desenvolvido, o que permite caracterizá-la como potencial poder simbólico. Thompson (2009, p. 24) usou o termo “poder simbólico” para se referir “a esta capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas”.

Outra questão a ser considerada é o reconhecimento de que o uso da sala de informática por pessoas que não estudam na escola da comunidade seria uma ação, *a priori*, incorreta. Como consequência dessa afirmação, surge a reflexão sobre a questão da moralidade e o parâmetro para tal análise é o Jornal Nacional, uma vez que este telejornal exhibe todos os dias as injustiças cometidas por muitas pessoas, que continuam impunes.

Por sua vez, ainda com uma explicação bastante vaga, a adolescente RIGM fala das redes sociais. Como consequência desse depoimento, DFTES comenta que “as coisas da modernidade” preocupam. Este pesquisador poderia questionar o entendimento sobre a modernidade, porém estava explícito na fala da interlocutora: tudo o que é associado à tecnologia é visto como algo moderno e desenvolvido.

No que diz respeito à segunda parte do diálogo, é importante destacar a dimensão espaço-temporal, que na zona rural parece ainda mais (re)definida pela mídia, especialmente pela TV. Com ela são vencidos os limites da interação face a face, característica tradicional da vivência na zona rural.

Essa nova forma de organização consiste em “uma arena livre das limitações espaço-temporais da interação face a face e, dado o alcance da televisão em sua

expansão global, se torna cada vez mais acessível aos indivíduos em todo o mundo. (THOMPSON, 2009, p. 46).

Os contatos orais não se extinguiram, mas foram significativamente redefinidas onde há algum meio de comunicação massiva, pois novos elementos se inserem/integram o repertório das pessoas e constituem novas formas de interação.

4.3 O PAPEL DA TELENOVELA NA COMUNIDADE

Entre os programas que a TV apresenta, a telenovela cumpre função estratégica na comunidade São Pedro. É o único produto midiático que consegue reunir toda a família diante da televisão. Por isso, na zona rural ela é o programa da família. É a partir desse produto midiático que se pode comungar de momentos de diálogos em que opiniões opostas podem ser externadas sem maiores problemas.

A telenovela atua como estímulo de ingresso ao mundo adulto de forma precoce, pois crianças e adolescentes compartilham o mesmo espaço com adultos e acompanham as mesmas cenas exibidas durante essa programação. Essa precocidade não é percebida por este pesquisador como um aspecto negativo, pois é uma forma que tanto crianças quanto adolescentes têm de melhor vislumbrarem aspectos da realidade, já que há uma ingenuidade muito forte naturalizada no ambiente em que vivem.

A telenovela é o produto que melhor representa o redimensionamento de tempo/espaço no lócus pesquisado, pois a das nove tem um valor que se aproxima do sagrado. Já a reorganização do espaço, tanto da sala das casas, como da comunidade, está evidenciada na quantidade de pessoas e no silêncio predominante durante essa programação.

A telenovela permite refletir sobre o distanciamento geográfico e simbólico existente entre os moradores de zona rural e da zona urbana, bem como desses com os personagens da TV. É notável o (auto)julgamento sobre as condições de vida dos moradores rurais, estabelecendo, assim, contrapontos consideráveis às cenas apresentadas e que, de certa forma, demonstram a insatisfação deles com a situação vivenciada naquele lócus. É possível afirmar que, somente após a chegada da TV na comunidade é que tais reflexões começaram a ser feitas, pois antes os moradores não tinham elementos concretos para realizar tais comparações.

Por outro lado, a telenovela traz a sensação de nivelamento entre as pessoas, independentemente do local em que habitam. Ela ratifica a ideia de que todos os cidadãos fazem parte da mesma aldeia global, mesmo que estejam em locais distantes dos centros urbanos. Para as pessoas da zona rural, o próprio conceito de interior fica relegado ao imaginário. Falas como, “– Quando falta energia é que eu lembro que moro no interior”, ou “– Acho que em qualquer lugar desse nosso Brasil, a Teodora iria apanhar”, evidenciam que elementos como TV, especificamente a telenovela, dão aos moradores da zona rural o sentimento de cidadão global.

A telenovela é útil para reafirmar o sentimento de esperança e de que é possível mudar de vida, pois quando são exibidas cenas de personagens com dificuldades financeiras que conseguem melhores condições de vida – o caso de Griselda, na novela *Fina Estampa* –, as cenas acabam servindo de motivação e inspiração para que os receptores não desistam de seus sonhos de terem uma vida melhor.

A telenovela também rememora histórias de vida. Lembranças do passado são reconstruídas com auxílio do que é exibido. Além disso, reflexões e projeções sobre o futuro são realizadas, pois a telenovela trata da vida e muitas vezes a sua ficção é o real na vida do receptor e em outras o real da novela é apenas ficção para aquele.

A telenovela aciona enfaticamente a memória dos receptores – a memória de longo, médio e/ou curto prazo. Lembranças de um passado distante ou de dias atrás e lembranças daquele mesmo dia são constantemente recuperadas e expressas nas falas dos moradores.

Toda a complexidade da telenovela é simplificada pelos olhares, gestos, usos e apropriações dos moradores sobre esse produto. Quando do uso, há uma leitura sobre as cenas. Quando da apropriação, há uma (re)significação e/ou incorporação de falas, gestos e maneiras de comportar-se tal qual os personagens da telenovela.

Não se pode dizer que a telenovela é apenas uma distração, pois há uma intensa construção de significados que dinamizam sua audiência. Ela é interessante, inclusive, para a (re)integração das pessoas, principalmente as de uma mesma família. Além disso, ela cumpre um papel social, não somente por reunir as pessoas em um mesmo espaço, mas por possibilitar a elas diálogos sobre temáticas que não ocorre em nenhum outro momento.

O envolvimento com a telenovela é tamanho que, mesmo sem o lócus da comunidade e/ou o estilo de vida dos habitantes serem refletidos na e pela telenovela, sempre há formas de aproximação com aquilo que é exibido, citando locais ou pessoas que moram nas proximidades da comunidade.

Ao considerar esses aspectos sobre telenovela não se quer afirmar que ela seja o produto modelo para a elaboração de outros programas na televisão, muito menos que seu formato é o ideal para politizar ou integrar à sociedade aqueles que estão à margem dela. Contudo, pelo fato de ser a maior audiência da programação brasileira, ela contém elementos que devem ser explorados no intuito de encontrar o “saber-fazer” necessário para que a televisão seja objeto de estudos e pesquisas e supere o estereótipo, fundado sob o signo da negatividade, que a acompanha.

CONCLUSÕES

Sabe-se que a presença dos meios de comunicação massiva na sociedade constitui um processo sem volta e que eles gradativamente chegam a lugares dificilmente imaginados, como em locais de difícil acesso da zona rural amazônica.

Considerando o reduzido número de trabalhos relacionados aos estudos sobre televisão na zona rural, a proposta desta pesquisa foi investigar os processos de usos e apropriações levados a efeito pelos moradores da comunidade São Pedro, no município de Breves, precisamente no Arquipélago do Marajó, no Pará, em relação aos programas de televisão. Para tratar do referido lócus, foi necessário pesquisar as características do cenário midiático paraense, mais especificamente o marajoara, considerando que seria impossível ter clareza das práticas cotidianas na comunidade sem relacioná-las ao contexto midiático local.

Entender a historicidade do movimento que transforma a dinâmica social do rural para o urbano e sua importância foi essencial para perceber as variáveis que incidem na configuração do lócus da pesquisa, pois a invisibilidade do Marajó, em razão de suas características rurais, climáticas e de localização geográfica, é evidente na comunidade. De certa forma, essas condições se tornam motivação para que a assistência à televisão se constitua um ato de esperança de visibilidade, de sentimento de existência e de pertencimento ao ribeirão.

Os amazônidas brasileiros têm sido afetados pela quantidade significativa de produtos televisivos ao seu alcance. Esse fenômeno “naturalmente” traz como consequências novas formas de ação sobre o ambiente e de interações sociais.

Na comunidade São Pedro, a partir do momento em que a televisão se torna um bem de consumo, um eletrodoméstico, de uso particular das famílias, no início da década de 90, ocorreram consideráveis mudanças de hábitos, até mesmo o horário de recolhimento do pai de família, que passa a se deitar mais tarde.

Há ainda aqueles que dizem que hoje ela seja determinante para que adultos não mais se reúnam com tanta frequência para jogar futebol ou para que muitos faltem à celebração dos cultos religiosos aos domingos. Ademais, a televisão trouxe elementos que foram inseridos no repertório das pessoas, configurando uma nova dinâmica no relacionamento entre elas, seja em família, seja na comunidade como um todo.

Nesse aspecto há uma indicação significativa do papel da TV na comunidade, sinalizando mudança nas formas de sociabilidade. Se, por um lado, já não há mais tamanha aproximação por meio da “televizinhança”, embora a arquitetura e disposição das casas permitam diálogos sobre os conteúdos da TV sem que estes saiam de suas casas, por outro, há uma aproximação, mesmo que forçada, entre os membros da família.

Fatos como esses comprovam que a Amazônia vivencia de maneira significativa e controversa a presença da televisão, independentemente de classe social ou localidade. Na própria comunidade observaram-se as divergências que acompanham as discussões sobre televisão. O fato é que, em meio aos outros recursos, é ela que assume um papel diferenciado com o *status* de lazer, proporcionando entretenimento, informação, possibilitando novos modelos comportamentais e organizacionais.

Na zona rural, a TV supera a dimensão ocupada pelos demais eletrodomésticos, principalmente se comparada com os lares das cidades. Isso se deve às peculiaridades de uma realidade em que não há espaços e opções para realizar coisas diferenciadas em relação a um fazer comum que é tipicamente rural. Há escassez de ruas, praças, quadras esportivas, lojas, supermercados, etc.

Aliado a fatores como a baixa quantidade de horas das crianças e adolescentes na escola e a falta de alternativas de lazer também para os adultos, estão os momentos de *distração* ou mesmo de *forte compromisso* com a televisão. Sobre isso, é interessante notar que, para boa parte das pessoas na zona rural, inclusive para crianças, assistir à TV durante o dia constitui-se uma distração. Já no período da noite, torna-se um compromisso.

Ter empreendido um olhar para a composição do cenário midiático paraense foi essencial para conhecer a disposição dos meios de comunicação nas mesorregiões. O estudo do panorama midiático paraense indica de forma concreta as limitações e as desigualdades na distribuição desses e de outros serviços fundamentais na contemporaneidade. O contexto analisado apresenta indicativos que permitem compreender claramente o papel alcançado pela televisão na comunidade pesquisada.

A aproximação ao cenário midiático marajoara demonstrou a realidade de uma região onde muito se precisa fazer para oferta de serviços em maior e melhor qualidade, bem como, evidenciou a necessidade de superar as dificuldades

“naturais” de implantação dos sistemas de comunicação. Aliadas a essas questões, estão, as dificuldades financeiras e a baixa escolaridade da população. Porém, não se pode afirmar que esses são fatores impeditivos para os usos e/ou apropriações do conteúdo exibido pela TV, pois há um movimento dinâmico que age sobre tais processos e que advém das várias mediações existentes na comunidade São Pedro.

Na composição desse cenário, destacam-se a instabilidade e a oferta recente de serviços, como por exemplo, de telefonia, bem como foi possível sinalizar a escassez considerável de recursos, pois as dificuldades para sua implantação são enormes, considerando, inclusive, os aspectos naturais da região.

A alteração de paisagem é marca registrada no estudo dos meios de comunicação no Marajó. Primeiro, porque os meios e seus aparatos alteram consideravelmente o cenário geográfico. Segundo, porque na alteração de paisagem estão implícitas as novas formas de relações, como a visualização, por exemplo, de uma antena parabólica ou uma antena de celular rural, meios de comunicação externos ao local.

Muitos marajoaras têm na televisão a única forma de estar a par de situações que ocorrem mundo afora. Os programas de televisão representam o programa do dia, a aventura da semana e a verdadeira companhia dentro de casa (WOLTON, 2007), dinamizando o diálogo das pessoas. Essa reflexão é fundamental para que se possa entender a quantidade de horas que muitas pessoas passam diante da TV, como o caso de crianças na comunidade São Pedro que chegam a seis horas diárias diante do televisor.

A televisão, como sinônimo de progresso e como representação do moderno, é uma marca evidente na comunidade, o que, de certa forma, acompanha a visão histórica que se tem sobre a implantação da TV no Pará.

O “progresso” e a “modernidade” são variáveis recentes percebidas pela comunidade com a chegada da televisão. O que indica os diferentes estágios tecnológicos vividos no país. Esse processo evidencia a necessidade de estudos que analisem essas especificidades. No marco da transição do sistema analógico televisivo para o digital existem inúmeros “brasis” que tiveram sua iniciação tecnológica recentemente, a partir de um padrão que, segundo projeções, possui dias contados para deixar de existir. Haverá um salto de um padrão televisivo para outro, o que deve produzir um grande hiato em diferentes partes do Brasil.

Como o cenário midiático paraense e particularmente a comunidade estudada passarão por essa transição, considerando que o ato de assistir a televisão se estabelece como processo complexo de usos e apropriações de mensagem? Não é a capacidade de apertar botões que mais preocupa, esse é um problema menor em relação a todos os impactos culturais que essa transição trará. Quantas pessoas ficarão de fora? Como elas constituirão seus processos comunicacionais em uma sociedade globalizada e aberta? Como comunidades como a estudada serão inseridas nesse processo? Serão? Em quanto tempo?

A televisão analógica chegou na comunidade São Pedro faz apenas pouco mais de duas décadas e a assistência a conteúdos televisivos possui limitações, que vão da captura do sinal, que se dá somente por parabólica, ao número reduzido de emissoras acompanhadas pelos moradores. Não existe, com o sistema atual, qualquer possibilidade de assistência à programação local, mesmo que essa seja da capital do estado. Toda programação assistida na comunidade vem de rede nacional. O que é produzido localmente é restrito ao ambiente de sua produção e nesta pesquisa foi possível perceber as características “artesanais” que configuram o processo.

A história da chegada da televisão no Arquipélago do Marajó e as iniciativas de produção de conteúdos locais remontam há mais de meio século no Brasil. Além do descompasso tecnológico foi possível colher evidências de processos de produção de conteúdos – locais – considerados inexistentes a partir do estabelecimento das redes de televisão brasileiras. Mais uma indicação dos descompassos tecnológicos existentes nesse país e do restrito conhecimento das realidades que integram o contexto nacional.

Na realização da pesquisa em São Pedro foi fundamental a observação dos eventos e atividades cotidianas na forma de ocorrência em seus ambientes naturais. O envolvimento com os moradores também foi fundamental para a contextualização do objeto de pesquisa, pois seria impossível compreender a dinâmica de usos e apropriações na comunidade se o cotidiano das pessoas não fosse considerado.

O conceito de uso foi compreendido como o processo que gera o entendimento do conteúdo durante a assistência. É um processo que implica o ato de pensar sobre o conteúdo exibido. O conceito de apropriação foi entendido como aquele em que o receptor desloca o conteúdo assistido para a sua realidade, incorporando os elementos do discurso midiático à sua vida cotidiana.

É a partir da assistência ao conteúdo que se manifestam os mecanismos de usos. Embora não seja um ato neutro, ela, por si só, não se manifesta nem como um ato passivo, nem como um ato que dá novos significados ao conteúdo do produto veiculado.

As apropriações estão presentes a partir do momento em que os conteúdos são transportados para o cotidiano dos moradores, em que a incorporação dos elementos – já ressignificados pelo receptor – do produto midiático é visível.

Não é possível afirmar se ocorrem mais usos ou apropriações, porém pode-se concluir que há uma intensa ocorrência de ambos os processos na vida cotidiana dos moradores, sinalizando principalmente para as apropriações a partir das telenovelas e programas jornalísticos, enquanto os usos são mais percebidos na assistência aos programas de auditório, filmes e demais gêneros.

Os desenhos animados e filmes, por exemplo, costumam ser referenciados como momentos de entretenimento para crianças e adultos. Para os adolescentes, os filmes extrapolam a função de entretenimento e são momentos de “libertação da mente” (AGM, 17-M) em que também se adquire alguma informação sobre temas diversas.

Enquanto nova dinâmica de vida, a marca da TV no cotidiano dos moradores inicia pela organização do tempo. O horário da telenovela, por exemplo, se equipara à importância do sagrado. Há também o fato de mulheres, as mães de família, apressarem seus afazeres na parte da manhã para estarem livres nos horários do programa “Vale a Pena Ver de Novo” e das novelas da noite, especialmente a das nove (21h).

Em relação às telenovelas, embora sejam permitidos alguns diálogos, avaliados como interessantes pelos próprios moradores, reina o silêncio no momento de assistência à programação. A telenovela é o programa da família. É o momento da “socialização”: sorrisos e expressões faciais, gestos, gritos, que aprovam ou desaprovam a atuação dos personagens.

Essa característica da programação dinamiza os modos de interação entre adultos, crianças e adolescentes. No ato da assistência emerge a necessidade de comentar o que foi visto, o que se estende quando há concordância ou controvérsia em relação ao conteúdo exibido (CASHMORE, 1998).

A televisão na zona rural cumpre um papel social que propõe a percepção de que o ribeirinho é cidadão do mundo. Ela está além do agendamento (CASHMORE,

1998). Ela ajuda a confortá-lo em meio a uma realidade completamente desfavorável no que diz respeito à qualidade de serviços, como educação e saúde, e provoca reflexões críticas sobre essas questões. A TV atua, inclusive, no processo de identificação das pessoas.

Muitos nomes atribuídos às crianças também derivam de nomes de atores e atrizes famosos que fazem sucesso na televisão, especialmente nas telenovelas. Em relação a isso, apelidos adultos e adolescentes também representam essas referências. Deve-se considerar que os nomes atribuídos às crianças representam o tradicionalismo da comunidade dialogando com a “modernidade” inaugurada na comunidade com a chegada da televisão.

Os apelidos atribuídos aos adultos e adolescentes representam essa ligação direta com a TV, confirmando novas formas de relações estabelecidas entre os moradores. Em relação a essa questão, observa-se que os nomes atribuídos aos adultos são elaborados entre eles próprios, sendo que crianças e adolescentes não têm esse direito e não se arriscam a fazer quaisquer comparações entre os de mais idade e os personagens da TV. Isso demonstra que há uma autoridade significativa dos mais velhos sobre os mais novos.

Em relação aos apelidos das crianças também há uma identificação fixa, mas isso se dá em razão da não multiplicidade de atribuições e/ou comparações feitas, como o que acontece com os adolescentes.

Considerando os usos feitos pelos moradores em relação à programação da TV, existe a concepção de que a televisão prejudica a vista, mas ajuda a ficarem informados sobre o mundo. Também há uma indicação de que se tivessem dinheiro o consumo do que é oferecido em programas de televisão seria bem maior.

Por outro lado, as reflexões possibilitadas pela telenovela fazem com que ela se torne inspiração para novas formas de pensar proporcionando diversos diálogos. Fatos como esses conduzem às apropriações, que também estão na vivência das crianças em relação aos desenhos animados, nos momentos esportivos na comunidade, em que os moradores usufruem dos elementos midiáticos para dinamizar suas atividades.

É da manifestação dos usos que emerge o consumo imaginário presente na comunidade. Enquanto no processo de apropriação pode ser percebida claramente a relação entre imagem sacra e televisão, segundo a qual ambas são elevadas a

uma dimensão para além dos outros meios de comunicação ou demais elementos tradicionais que compõem a cultura da comunidade (ver Capítulo 3).

É a partir dos usos e apropriações dos telejornais, por exemplo, que se faz a leitura e se discute solução para os problemas sociais ou simplesmente chega-se a conclusão de que nada pode ser feito para alterar a realidade.

O telejornalismo atua como momento informativo por excelência, independentemente da idade dos telespectadores. As telenovelas costumam ser consideradas informativas pelas crianças e adolescentes. Para os adultos, ela atua mais como momento que acompanha o descanso, embora ela tenha, na verdade, *status* de compromisso.

Dos usos das telenovelas, é possível destacar o sentimento de coletividade, as informações sobre novas profissões, o conhecimento sobre diversas localidades do mundo. Já nas apropriações fomentadas pela narrativa ficcional televisiva, há uma esperança de visibilidade, de ter um bom emprego, de ter uma casa na cidade, de poder ajudar outras pessoas e acima de tudo de pertencimento ao seu lócus, embora ele não faça parte das narrativas das telenovelas.

Toda a complexidade de uma questão, em muitos casos bastante simplificada, é resumida facilmente na telenovela, o que contribui para que o receptor melhor compreenda o assunto em tela. Ora, a telenovela, além de ser a fonte para os modos de agir e pensar, também se alimenta de seus receptores para constituir sua narrativa, logo ela precisa falar a seu público e por ele ser entendida. A telenovela, portanto, faz da televisão brasileira a primeira televisão interativa do mundo (WOLTON, 1996). Essa afirmação refere-se à característica da TV como laço social, em que milhares de pessoas, das mais variadas localidades, assistem ao mesmo programa simultaneamente e interagem simbolicamente entre si.

Por isso, na comunidade estudada foi impossível compreender a dinâmica de relação com a TV sem considerar a assistência à telenovela. Seria reducionista afirmar que a telenovela e a televisão atuam somente como entretenimento ou somente como educação e cultura, pois há elementos bastante fortes em cada uma dessas esferas que fazem crer em um processo híbrido do papel da televisão (WOLTON, 1996), até porque a própria cultura não é uma essência inatingível, mas sofre alterações de sentido, de acordo com as épocas e, conseqüentemente, com os meios. A cultura, segundo a televisão, está pronta para assumir múltiplas formas (JOST, 2010).

Em relação a essa questão é preciso compreender que se deve apropriar o máximo possível das narrativas das telenovelas com o intuito de encontrar os mecanismos que constituam um saber fazer que alcance uma proposta de equilíbrio nos programas da televisão brasileira, que se construa livre dos estereótipos construídos sobre ela. Afinal, não se pode criticar aquilo que não se conhece, mas é possível aperfeiçoar as fragilidades existentes se houver conhecimento suficiente sobre o tema. A descoberta só é possível quando há disposição de compreender, analisar, reformular... São caminhos necessários para a academia e para a pesquisa científica.

Espera-se que este trabalho promova novas incursões a essas e outras realidades que tecem os complexos processos comunicacionais na Amazônia. Processos que demonstram de fato a diversidade brasileira muitas vezes ignorada pelo país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS

AGRA, Klondy; BERNO, Geovani. **A televisão na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento regional**. 2000. Disponível em <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 03 out. 2010.

AGRA, Klondy L. O. **A Mídia e o Sujeito Amazônico**. 2011. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/agra-klondy-a-midia-e-o-sujeito-amazonico.pdf>>. Acesso em 13 set. 2011.

ALVES, Regina. À procura da imagem perdida. In: PEREIRA, João C. **Memória da televisão paraense e 25 anos da TV Liberal**. Belém: SECULT, 2002.

ALVES, Rubem. **Entre a Ciência e a Sapiência: o dilema da educação**. 20 ed. São Paulo, Loyola, 2009.

ANATEL. **Relatório Consolidado de Participação no mercado por UF**. Abril/2012. Disponível em <<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalInternet.do>>. Acesso em 29 maio 2012.

ANUÁRIO DE MÍDIA. **Volume Regiões** (35 anos). Rio de Janeiro: Meio e Mensagem, 2011.

AUGÉ, Marc. **A guerra dos sonhos**. São Paulo: Papyrus, 1998.

BAKALAR, Nicholas. Criança que vê mais TV tem veias mais estreitas nos olhos. **Folha de S. Paulo** (*online*), 2011. Matéria original publicada no New York Times em 5/5/2011. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/911988-crianca-que-ve-mais-tv-tem-veias-mais-estreitas-nos-olhos.shtml>>. Acesso em 20 maio 2011.

BARROS JR, Rui Coelho. **Temáticas sociais em telenovela e cultura popular cuiabana: uma questão de negociação de sentidos**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), 2000.

BOAVENTURA, Katrine Tokarski. **Recepção e Estudos Culturais: uma relação pouco discutida**, 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília (UnB), 2009.

BORELLI, S. H. Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas: **São Paulo em Perspectiva**. n. 3, p. 29-36, 2001.

BORELLI, Viviane. Estratégias de oferta e consumo de produtos midiáticos/religiosos. **Anais do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011. COMPÓS, 2011.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. In: FAUSTO NETO, Antônio; PRADO, José Luiz; PORTO, Sérgio. **Campo da comunicação: caracterização, problematizações e perspectivas**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

BRANDÃO, Mônica; MARIANO, Nádia. **Televisão prejudica o desempenho escolar** (2011). Disponível em <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI79346-10541,00.html>>.

BRASIL. Casa Civil do. **Decreto nº 6.040 de 07 de fevereiro de 2007**: Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm> Acesso em 02 set. 2011.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg a internet. 2ed. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BRITTO DA MOTA, Alda. Chegando pra idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins (org.). **Velhice ou terceira idade?**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BUCCI, Eugênio. Introdução In: BUCCI, Eugênio (org.). **A TV aos 50**: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

_____. Prefácio. In: TRAVANCAS, Isabel. **Juventude e Televisão: um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CASHMORE, Ellis. **E a televisão se fez**. Tradução de Sônia Augusto. São Paulo: Summus, 1998.

CASTRO, Fábio. A encenação das identidades na Amazônia contemporânea In: CASTRO, Fábio; FILHO, Otacílio; SEIXAS, Netília. (orgs.). **Pesquisa em Comunicação na Amazônia**. Belém: FADESP, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de Fazer. Volume 1. 17ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHARTIER, Roger, **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos A. Anaya, Jesús A. Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

COSTA, L.M. O Rádio em Belém a Caminho do Novo Século. In: **Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação**, Manaus: Intercom, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

CRISTO, Ana Cláudia Peixoto *et al.* Educação rural ribeirinha marajoara: desafios no contexto das escolas multisseriadas. In: HAJE, Salomão Mufarrej (Org). **Educação do campo na Amazônia: retrato de realidades das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gráfica e Editora Ltda, 2005.

DUTRA, Manuel Sena. **A natureza da mídia**: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta. São Paulo: Anablume, 2009.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ESCAMEZ, Adhámína. **Los efectos de la televisión en niños y adolescentes**. On Libro electrónico del Congreso Hispanoluso de Comunicación y Educación «La Televisión que queremos». Huelva: Grupo Comunicar, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana C. Os Estudos Culturais. In: HOHLFELDT, A., MARTINO, L. C., FRANÇA, V. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ESCOSTEGUY, Ana C; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker, 2005.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Cidades do Pará**: origem e significado de seus nomes. Belém: Buriti, 2003.

FISCHBERG, Josy. Telenovela como porta de entrada para o mundo adulto. In: DUARTE, Rosália (org.). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez, 2008.

GARCÍA-CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos**. Tradução de Maurício Santana Dias. 8ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

GOMES, Pedro. O processo de midiatização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade: a relação mídia e religião *In* FAUSTO NETO, Antonio *et al* (orgs.). **Midiatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 3ed. São Paulo: Contexto, 2010.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E AMBIENTAL DO PARÁ/SECRETARIA DE ESTADO, PLANEJAMENTO ORÇAMENTO E FINANÇAS (IDESP/SEPOF). **Relatório Pará em Números**. Belém: 2008. Disponível em <http://www.sepof.pa.gov.br/seplan/Para_em_numeros/index.html>. Acesso em 01 maio 2011.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E AMBIENTAL DO PARÁ/SECRETARIA DE ESTADO, PLANEJAMENTO ORÇAMENTO E FINANÇAS (IDESP/SEPOF). **Relatório Pará em Números**. 2011. Disponível em <http://www.sepof.pa.gov.br/seplan/Para_em_numeros/index.html>. Acesso em 02 set. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). **Censo Demográfico**. 2010.

INTERCOM, Enciclopédia de comunicação. São Paulo: **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2010.

JACKS, Nilda. Televisão e identidade nos estudos de recepção. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Querência**: cultura regional como mediação simbólica - um estudo de recepção. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 1999.

_____. (org.). **Meios e audiências**: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JOST, François. Pode-se falar de televisão cultural? Tradução de Elizabeth Bastos Duarte. **Revista Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 23, p. 5-19, julho/dezembro, 2010.

KEHL, Maria Rita. Televisão e violência do imaginário. In: BUCCI, Eugênio (org.). **A TV aos 50**: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEAL FILHO, Laurindo. **A TV sob controle**: a resposta da sociedade ao poder da televisão. São Paulo: Summus, 2006.

LEVI, Giovanni; SCHMITT Jean-Claude (org.) **História dos Jovens**. Vol. 2. Tradução de Claudio Marcondes, Paulo Neves e Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Deborah de Magalhães. A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. **Novos Cadernos NAEA** vol. 2, nº 2 - dezembro 1999.

LOPES, Luís Carlos. Televisão e argumentação: episteme e métodos. **Ciberlegenda**, v. 15, 2005. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/lclop10>>. Acesso em 9 Abr. 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; BORELLI, Silva H.S.; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

MALCHER, Maria Ataíde. **Teledramaturgia**: agente estratégico na construção da tv aberta brasileira. São Paulo: Intercom, 2009.

MALCHER, Maria Ataíde; LIMA, Regina Lúcia Alves de; VIDAL, Marly Camargo. **60 anos de Televisão Aberta no Brasil**: relatório de gestão Funtelpa 2007-2010. Belém: FUNTELPA, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronaldo Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. Comunicação e mediações culturais. Entrevista a Claudia Barcellos. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Vol. XXIII, nº 1, janeiro/junho de 2000.

_____. Prefácio. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Tradução de Fidelina González. São Paulo: Loyola, 2004.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira**. 5ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2010.

MÍDIA DADOS. Grupo de Mídia de São Paulo. **Mídia dados**. São Paulo, 2006.

MIRANDA NETO, Manoel José de. **Marajó**: desafio da Amazônia – aspectos da reação a modelos exógenos de desenvolvimento. Belém: EDUFPA, 2005.

MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará**. Belém: Editora Amazônia, 2006.

MOTTER, Maria Lourdes. A telenovela: documento histórico e lugar de memória. **Revista da USP**, São Paulo, v. 48, p. 74-87, dez./fev. 2001.

_____. **Ficção e realidade**: a construção do cotidiano na telenovela. São Paulo: Alexa Cultural, 2003.

O GLOBO, Jornal. **Crianças que passam muito tempo na frente da televisão ou do computador têm mais problemas**. (2010). Disponível em

<<http://oglobo.globo.com/saude/criancas-que-passam-muito-tempo-na-frente-da-televisao-ou-do-computador-tem-mais-problemas-2941040>>. Acesso em 30 out. 2010.

O LIBERAL, Jornal. **Melgaço sofre com racionamento de energia**. 03/10/2011. Disponível em: <<http://www.orm.com.br/oliberal/interna/default.asp?modulo=247&codigo=556355>>. Acesso em 05 out. 2011.

OLIVEIRA, José Aldemir. A cultura nas (das) pequenas cidades da Amazônia Brasileira. **Anais do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: A questão social no novo milênio**. Portugal (Coimbra), 2004.

PACHECO, Agenor Sarraf. Oralidades e letras em encontros nos “marajós”: ribeirinhos e religiosos urdindo identidades culturais. **Revista Coletâneas do Nosso Tempo**. Ano VII - nº 7, Rondonópolis–MT, 2008.

_____. **En El Corazón de La Amazonía: identidades, saberes e religiosidades no Regime das Águas Marajoaras**, 2009. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica (PUC).

_____. História e literatura no regime das águas: Práticas culturais afroindígenas na Amazônia marajoara. **Revista Amazônica**. p.406-441, 2009b.

_____. **Agenor Pacheco: depoimento** [jul. 2011]. Entrevistador: Ronaldo de Oliveira Rodrigues. Breves-PA: Campus Universitário do Marajó-Breves. Entrevista concedida ao autor desta pesquisa.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras, 2001.

PAIXÃO, Tatiane Oliveira. **A comunicação das campanhas sociais na televisão: a leitura do jovem sobre o referendo da comercialização de armas de fogo e munição no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. UNESP, 2007.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 3ªed. Tradução de Maria Clara Kneese. São Paulo, Perspectiva: 2002.

PEREIRA, S. **A televisão na família: processos de mediação com crianças em idade pré-escolar**. Minho: Ed. Centro de Estudos da Criança, 1999.

PEREIRA, João C. **Memória da televisão paraense e 25 anos da TV Liberal**. Belém: SECULT, 2002.

PEREIRA, Rita Marise Ribes. O que é infantil nos programas infantis. In: Boletim: **Televisão, gêneros e linguagens**. Salto para o Futuro (TV Escola), SEED/MEC. Junho, 2006.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A vida com a Tv: o poder da televisão no cotidiano**. 2ed. São Paulo: Senac, 2005.

PERUZZO, Cícilia M. K. Observação participante e pesquisa-ação In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

PIKUNAS, J. **Desenvolvimento Humano**. São Paulo: MC Graw-Hill, 1991.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO MARAJÓ. **Plano de desenvolvimento Territorial Sustentável do Arquipélago do Marajó**. Casa Civil: Brasília, 2007.

PONTE, Karina. (Re)pensando o conceito do rural. **Revista Nera**, ano 7, nº4. Janeiro/Julho de 2004.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**, 2000.

_____. **Relatório do Desenvolvimento Humano Brasil: racismo, pobreza e violência**. 2005.

_____. **Relatório do Desenvolvimento Humano: A verdadeira riqueza das Nações - vias para o desenvolvimento Humano**, 2010.

RELATÓRIO DE RÁDIO E TV. Ministério das Comunicações/Brasil (2011). Disponível em: <http://www.mc.gov.br/images/dados-sobre-outorgas/educativas/Emissoras_Educativas_PA.pdf>. Acesso em 03 jun. 2011.

RIBEIRO, Renato J. **O afeto autoritário: televisão, ética e democracia**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

RIBEIRO, Ana Paula; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs.). **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura**: a experiência cultura na era da informação. 3ª ed. Lisboa(Portugal): Presença, 2010.

RODRIGUES, Ronaldo de O.; MALCHER, Maria A. Mirada sobre o cenário midiático amazônico. In: Maria Ataíde Malcher; Jane Aparecida Marques; Leandro Raphael de Paula. (Org.). **História, Comunicação e Biodiversidade na Amazônia**. Belém: Acquerello, 2012.

ROSENBERG, Bia. **A TV que se filho vê**: como usar a televisão no desenvolvimento da criança. 1ª ed. São Paulo: Panda Books, 2008.

SAMPIERI, Roberto; COLLADO, Carlos; LUCIO, Pilar. **Metodologia de Pesquisa**. 3ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SÁNCHEZ-TABERNERO. Jornal permite jornalismo de alta narrativa. **O Estado de S. Paulo**. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110531/not_imp725996,0.php>. Acesso em 04 jun. 2011.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Vanja J. B. **Leituras da floresta**: a construção da Amazônia na mídia impressa brasileira. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea UFBA/UFPA. Salvador: UFBA, 2002.

SECRETARIA DE ESTADO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL, DESENVOLVIMENTO URBANO E METROPOLITANO (SEIDURB). **Índice de Desenvolvimento Humano do Estado do Pará**. IDH, 2010. Disponível em <www.sedurb.pa.gov.br>. Acesso em 03 maio 2011.

SECRETARIA DE ESTADO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL (SEIR). **Distâncias Rodoviárias, Aérea e Fluvial**, 2010. Disponível em <www.seir.pa.gov.br/geopara> Acesso em 03 maio 2010.

SEVERO, Cristine Gorski. O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança. **Revista de Letras** (Curitiba), v. 8, p. 01-08, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A Comunicação do Grotesco**: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação**. 7ed. São Paulo: Érica, 2007.

TAVEIRA, Eula Dantas. História da Televisão Amazonense. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Audiovisual. **Anais do 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. 1-5 de junho. Rio de Janeiro, 2003.

TELECO. **Número de celulares no Brasil**, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/ncel.asp>>. Acesso em 14 jul. 2011.

_____. **Número de celulares no Brasil**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/ncel.asp>>. Acesso em 04 maio 2012.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. 11ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

WOLF, Mauro. 2008. **Teorias das comunicações de massa**. Tradução de Karina Jannini. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Tradução de Isabel Crossetti. 2ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.